corpo



125.–

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

(NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS)

POR

J. C. VIEIRA DE CASTRO

2.ª EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA,
PRECEDIDA DAS MELHORES CRITICAS PUBLICADAS ÁCERCA D'ESTA OBRA

PORTO:
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,
Cancella Velha, 62.

1863.

BIOGRAPHIA.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

(NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS)

POR

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

2.ª EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA,
PRECEDIDA DAS MELHORES CRITICAS PUBLICADAS ÁCERCA D'ESTE LIVRO.

PORTO:
TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,
Rua da Cancella Velha, 62.

1862.

A' Illma e Exc.^ma^ Snr.^a^

D. ANNA AUGUSTA PLACIDO,

ENCARCERADA NAS CADÊAS DO PORTO

Offerece

José Cardoso Vieira de Castro.

Paciencia e esperança...
(*Meditações*). A. A.

Meu amigo.

A pagina mais crivel e instructiva da minha biographia será aquella em que escreveres que a desgraça é a pedra de toque onde se aquilatam os amigos. Pódes dizer que eu perdi os muitos em quem me fiava, no dia em que a desgraça me deu o seu abraço mais apertado; mas diz tambem que vi em redor de mim aquelles com quem não contava. Olha se inventas palavras com que exprimas o nojo, que me fazem os primeiros, e nada escrevas em louvor dos outros, que a esses lhes basta a recompensa da sua consciencia.

Cadêa da Relação 10 d'Agosto de 1861.

Camillo Castello-Branco.

AO PUBLICO.

Tem esta Biographia uma pequena historia que se conta em poucas palavras. Prestára-me eu a escrevel-a para a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* por occasião da minha ida a Lisboa na primavera de 1860.

Estampar n'um desenho correcto o vulto perfeito de um dos mais insignes patricios da nossa republica litteraria era vasto ardimento para experimentado pulso de mestre, que não o meu. D'ahi o espantar-se muita gente do povo com a minha audacia.

O povo d'esta vez tinha razão.

Eu fôra o primeiro a tremer da responsabilidade que me corria de pôr hombros a tão pesado encargo. Fil-o por sacrificio extremo á historia contemporanea do meu paiz. O caso é assim.

O snr. Camillo Castello-Branco fôra de longo tempo instantemente rogado por illustrações distinctissimas a ceder os brilhantes apontamentos da sua vida, e a permittir que n'elles se batesse a effigie, que houvesse de represental-o na sala dos retratos do grande edificio das glorias patrias, e que devia de ser de mão prima a julgar dos excellentes attributos que exornavam todos de quem vinha o rôgo. O snr. Camillo Castello-Branco respondia sempre: « Nasci a 16 de Março de 1826. Não sei mais nada na minha vida que valha um átomo de tinta. »

O mimoso poeta, o engenhoso dramaturgo, o eminente romancista nada achava que valesse « um átomo de tinta! »

Os illustres directores da *Revista Contemporanea* eram mais que admiradores do snr. Camillo Castello-Branco; eram seus amigos.

Lardearam-n'o para lhe amollecerem a teima no animo rebelde. Sentia-se a modestia do author do « Homem de brios », e muitas vezes lhe custava o dobrar-se aos conselhos da sua finissima delicadeza para não recalcitrar descortezmente áquella insistencia tão louvavel para os amigos que se empenhavam n'ella. O snr. Camillo Castello-Branco era inflexivel.

Eu vivia então com o poeta. Eramos sós, ambos presos á dôr de cerrada adversidade, hospedes de uma senhora, de familia distincta, n'uma casa da rua de S. Julião, que se me está repetindo agora, com profunda magoa, na phantasia que precisa de recordar alguma hora de luz, para que o espirito não empedre á provação dolorosa, apavorado entre as paredes d'este tumulo onde

eu cahi de repente na noite immediata ao primeiro dia em que a minha tòla ambição se atrevera a sonhar com as mesmas glorias quinhoadas aos rapazes da minha idade.

Eu pensava sempre em armar ao meu desventurado amigo uma perdoavel traição, espreitando a opportunidade de lhe captivar a pertinacia. Foi na noite em que elle escrevera o ultimo acto das *Abençoadas lagrimas*. Camillo erguera-se da mesa de trabalho para cahir na cama com uma sezão violenta. As horas d'essa noite foram de amargo soffrimento.

N'um intervallo de allivio, Camillo exaltava os officios da minha pobre amisade, dizendo que não podia remunerarm'os.

« Pódes — redargui eu. — Has-de consentir na publicação da tua biographia, prestando elucidações ao que se honrar escrevendo-a. »

A resposta do meu amigo foi tornar-me o seguinte:

— Apontamentos da minha vida, não os dou a ninguem. Não sei que ha n'isso que me repugna. Vai em dous mezes que vivo comtigo, e crê que nas longas horas das minhas expansões não te omitti uma pagina d'ella. Se queres tu escrevel-a, mas só tu, aproveita do que sabes o que te pareça conveniente, e deixa o resto.

E, olhando para as persianas da janella, por onde coava a primeira claridade da manhã, concluiu estendendo-me a sua mão:

— Vamos dormir que já são horas. Essa luz não nasce para nós. Não vês o medo com que ella entra? Enganou-se na porta. O feliz que ella procura, é o algibebe que ahi mora defronte. —

Eis-ahi nas primeiras linhas a razão porque eu escrevi a biographia do author da « Vingança ».

Succedeu, porém, que a illustrada direcção da *Revista Contemporanea*, enguiçando n'alguns periodos d'este desambicioso escripto, exigisse o sequestro dos mesmos periodos para virem os outros a lume. Houve por parte da nobre direcção um modo de vêr differente do meu, e o desconhecido author da biographia perdeu as honras de subir á mesma tribuna, d'onde tem fallado os mais disertos pensadores da nossa terra. Quer-nos parecer que nada desaproveita o biographado, sahindo n'este ou n'aquelle lugar, de um ou de outro modo. E o pobre do signatario d'estas paginas, ganhará, e muito por ventura, não expondo a luz frouxa do seu discorrer de hombro a hombro com as mais illuminadas criações dos nossos dias.

. . . .

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

(NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS)

POR

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

(PROSPECTO FEITO PARA A PUBLICAÇÃO DA 1.ª EDIÇÃO.)

Annunciamos hoje a biographia do primeiro romancista portuguez, escripta pelo snr. Vieira de Castro, um dos mais celebrados talentos da nova geração litteraria.

Editando-a, satisfazemos a anciedade do publico que tem pedido este livro mais de uma vez. Foi o snr. Julio Cesar Machado quem disse já que havia n'elle a admirar a um tempo *a apreciação de um grande talento, e o talento de uma grande apreciação.*

E' uma dupla verdade. O author da *Vingança*, do *Homem de brios*, do *Ultimo acto*, *Onde está a felicidade?* e tantas outras obras de igual merito, tem o seu lugar entre as primeiras eminencias da litteratura portugueza. O snr. Vieira de Castro, sobre tudo excellente e primoroso estylista, soube elevar-se á altura do grande romancista, photographando-o n'um livro que ha-de firmar a sua reputação de escriptor, como tambem o disse o citado critico e folhetinista. Na biographia são iguaes os primores e as bellezas, ou historiando a vida litteraria do chronista dos *Mysterios de Lisboa*, ou desenhando os successos e aventuras da vida particular do author do *Livro Negro*.

A ultima quadra da existencia do snr. Camillo Castello-Branco, que ha mezes jaz encarcerado nas cadêas do Porto, essa sobre tudo tem paginas admiraveis no livro do snr. Vieira de Castro, e fórma, para assim dizer, a segunda parte da biographia. O snr. Vieira de Castro, ou chorando as

amarguras do poeta, ou amaldiçoando acremente a tyrannia dos seus algozes, é sempre do mesmo modo sublime. A estreita intimidade do snr. Vieira de Castro com o snr. Camillo Castello-Branco deu ança ao talento do primeiro para debuxar com variadissimas e verdadeiras côres as sympathicas feições da vida romanesca do author dos *Espinhos e flôres*. Ousamos asseverar que ninguem desenharia com maior pericia o vulto da mais bella imaginação d'esta terra: advertindo que o snr. Vieira de Castro não adula a amisade quando tem de apontar defeitos na *critica litteraria* das obras do snr. Camillo, já considerado este como poeta, já como romancista, quer como dramaturgo, quer como jornalista; — sempre lucido e exacto, e ou apreciando a imaginativa opulenta do escriptor dos *Annos de prosa*, ou o estro privilegiado do vate das *Inspirações*, assim pesando as excellencias do author das *Lagrimas abençoadas!* como as subidas qualidades do fecundo redactor da *Cruz*, e do *Christianismo*. E' verdade que, quando elogia, o antigo redactor do *Atheneu* soccorre-se ás mais bellas expressões da apotheose, inventa prodigios de locução, mas era necessaria toda essa força de tintas para o grande modêlo que o snr. Vieira de Castro tinha defronte quando desenhava.

E' superfluo dizer mais sobre o duplo valor do livro que editamos. Trasladamos apenas um periodo incisivo e energico de um escripto de Custodio José Vieira, em Dezembro de 1859, fazendo s. s.ª a apreciação d'aquelles dous escriptores, que então redigiam um periodico scientifico e litterario.

« Cada uma d'estas vocações, dizia o eloquente jornalis-
« ta, representa uma época differente na vida litteraria, e
« tem por isso tambem feições differentes. Vieira de Castro
« escreve com as pompas da ostentação, e as ambições que a
« estimulam. Camillo Castello-Branco redige com a severa
« consciencia da superioridade que repousa sobre os louros
« do triumpho. O segundo gosa tranquillo a segura e indis-
« putada posse da fama. O primeiro pretende altivo domi-
« nal-a. Parece-me porém que, em quanto a estylo, não ha
« no jornal senão um, o da escóla de Camillo, de quem o
« seu collega é discipulo, discipulo que não honra menos o
« mestre do que o mestre o honra a elle. Vieira de Castro
« é Camillo na segunda época da carreira litteraria d'este
« escriptor. »

O novo livro do snr. Vieira de Castro ha-de, cremos, augmentar-lhe os gabos. A biographia está no prelo, e sa-

hirá brevemente, tendo de ser logo traduzida para francez em folhetins da *Presse*, onde o livro do snr. Vieira de Castro servirá de prologo aos romances do snr. Camillo Castello-Branco, que serão publicados no primeiro jornal de França, como acaba de combinar-se entre o nosso eximio escriptor e um dos primeiros redactores d'aquella folha, Mr. Lendrim.

Em Lisboa, na casa dos snrs. Silvas, ao Rocio, e no Porto, na loja de livros de Mr. Moré, está patente uma assignatura. Podem para alli dirigir-se as pessoas das provincias que desejarem segurar alguns exemplares.

OS EDITORES.

CARTA AO AUTHOR

(PUBLICADA NO NACIONAL DE 30 DE AGOSTO DE 1861)

Meu bom e presado amigo. E' muito escabroso o caminho da alma superior fadada á nascença para gemer na melindrosa susceptibilidade que poucos lhe avaliam.

E' tão triste esta orphandade! Quando não fere, magôa; e dóe tanto!...

Quem se lembra de curar a estes privilegiados da dôr os golpes que os maceram! quem os lamenta, quem lhes dá mais que a esmola insultuosa de uma piedade aviltante, e escarnecedora?

Ai! meu amigo, é já tarde para salval-o da onda: arriscou-se de mais ao contacto de infelizes, e o seu espirito, onde brilha o fogo sagrado de uma poesia sublime, incendiou-se e levantou ao céo as brilhantes e invejadas labaredas que lhe são já sol na primavera, e luz esperançosa da velhice.

Sabe porém o que o mundo dirá? Longe está elle de aceitar-lhe bem a valentia, a intrepidez generosa que lhe incutiu a nossa velha amisade. Velha, sim, meu amigo. As horas de soffrimento são seculos na existencia; e em quantos d'estes o vi eu ao meu lado a carpir-me?

Lembra-se quando o fui encontrar em Coimbra, fugitiva, e perseguida já pelos ladridos da matilha esfomeada das minhas agonias?!...

O seu « oceano de amor » é a fé, é a esperança, e a amisade; e como elle é grande, meu amigo! — Concentre-se, refugie-se n'elle quanto possa, apanhe os seixinhos n'es-

sa praia milagrosa que me fugiu da vista; e saiba que se não posso remuneral-o com joia de igual preço, desperdiçou-a no entender de muitos, mas não no meu, que a aquilatei reconhecida.

Ainda assim é-me difficil satisfazer uma exigencia do seu espirito.

Pergunte ao céo por que se deixa carregar de nuvens pesadas; á natureza frigida de Dezembro porque não tem fragrancias nem sorrisos?

E' a decrepitude da alma que me faz assim pobre, meu amigo; é o som desesperador das minhas lamentadas illusões que já nem em relampago fugaz ou caprichoso me visita. Não se admire da correnteza em que se leva a instabilidade dolorosa das minhas expansões, afastando-me do assumpto principal.

O seu livro, esse trabalho acendrado com tanto carinho na sua intelligencia, tem um grave defeito aos olhos dos moralistas; e eu por modestia calo-me, meu amigo. Espera-se o voto das mulheres illustradas, mas eu desde já lhe prophetiso que lhe será adverso; basta que o meu nome ahi appareça para lhes acirrar os epigrammas espirituosos a que eu não curo mesmo de fugir. O senso commum e esclarecido da nossa boa terra é assim, meu amigo; pela altura da phrase, pelo vôo da ousadia, o seu livro vai ser causticado, porque é para os outros incomprehensivel!

Imite pois a minha coragem, e receba as ferroadas das vêspas com o seu mais rasgado e aberto sorriso.

Cadêa, 25 de Agosto de 1861.

Sua muito amiga

Anna Augusta Placido.

BIBLIOGRAPHIA

A BIOGRAPHIA DE CAMILLO CASTELLO-BRANCO

POR

VIEIRA DE CASTRO.

Eu não conheço realmente biographia de litterato contemporaneo mais ouriçada de melindres, mais travada de dissabores, do que esta agora aberta diante de mim.

Biographar um vivo é difficil. Mas biographar Camillo Castello-Branco, n'esta época, em Portugal, no Porto, e com o genio de Vieira de Castro, é em verdade arrojo. Não sei mesmo, se o bibliographo terá já a estas horas minacissima sobre as abas da sobrecasaca a fatal tesoura da maledicencia!

Embora. Não me argue a consciencia de vir dar noticia d'uma obra, alvorada de são talento, specimen de culto estylista, progresso d'esperançoso escriptor, anhelo de boa alma. Se incorrer nos estigmas, ahi está no fim um obscurissimo nome para inscreverem no livro dos anathemas.

Eu conheço Vieira de Castro desde os dourados tempos do collegio. Dourados, bem digo. De que é senão d'ouro a quadra mais ephemera, mais folgazã, mais florida da juventude, em que os versos de Virgilio se estudam descuidosamente por conta, e as horas de recreio são o cume dos pueris desejos?

Então — alli, ao soido gratissimo de mil harmonias, e á luz cambiante de mil illusões, sonham-se venturas, pedem-se á imaginação escandecida quadros aquecidos por

um sol meridional, presentem-se paixões que hão-de vir, adormece-se com os olhos fitos n'uma estrella, que fulge no firmamento, e acorda-se revendo com gosto um capitulo de Tito Livio.

Depois... depois olhem para Vieira de Castro. O grito da indignação justa levou-o aonde a subserviencia nunca o levaria. Roubaram-no ao abraço de amigos intimos, e cortaram-lhe o estadio, que elle ia juncando de flôres.

Mas não se pense que cortaram os vôos á phantasia, que se erguia esplendente no espirito do corajoso redactor do *Atheneu*. Ahi está elle com a biographia de Camillo Castello-Branco provando a sua maestria em tratar a lingua portugueza como legitima filha do seu estudar acurvado sobre os mananciaes de origem classica. Ahi está elle sacrificando tudo nas aras da amisade consagrada áquelles, para quem a estrella do valimento se sumiu envolta em plumbeas nuvens.

Oh! assim quero contemplar o moço generoso. N'este ponto nos encontramos nós, e muito. Recorde-se elle, se não foi no dia do seu ultimo revez universitario, que lhe apertei a mão mais affectuosamente, e lhe testemunhei o meu sentimento com mais effusão.

Appareça a descoberto, quem o increpe de se chegar para junto dos fulminados pela desgraça. Appareça, e mais tarde, longe do pernicioso ascendente do espectro das conveniencias, terá lavrado o epitaphio indecoroso d'aquelle infame Barreto, que fez comer ao nosso Camões o mais duro do pão do seu exilio.

Amo a franqueza. Não occulto, que o primeiro romancista portuguez foi sempre, depois que felizmente deixei de lêr os romances de Dumas e Sue, um dos meus favoritos authores. Conheço-o, como escriptor, desde os folhetins do *Ecco Popular*, isto é, desde o alvorecer da sua intelligencia. Os episodios, a que n'esse tempo deu lugar uma guerra ateada no palco entre duas *primas donnas*, lembram-nos perfeitamente, e a parte, que em alguns tomou o inquieto folhetinista, ainda hoje nos faz recordar com saudade da vida, que animava as platéas de 48.

Temos depois visto Camillo elevar-se em reputação, implantar entre nós o romance contemporaneo, trabalhar para dotar o paiz com uma collecção de livros portuguezes, e finalmente folhear com mão diurna e nocturna os bons modêlos de linguagem para o contarmos hoje como um dos mais correctos escriptores.

Para quem se dóe dos tormentos, que ahi dá á litteratura um enxame de estridulos zangões, este homem deve de ser querido. E eu que por estes sotãos da imprensa tenho soltado a minha jeremiada contra os maus tratos, que teem posto macilenta e rachitica a pobre, tinha de estimar sempre o que ia ministrando anodynos e fazendo emittir os lampejos da pristina luz.

Não me admira mesmo, que em tempos, em que os dias me corriam mais ociosos e o espirito se me narcisava na limpida corrente das crenças virgens, eu rabiscasse algum papel com os imperfeitos lineamentos da physionomia litteraria do romancista do *Homem de brios*, papel esse, que, se bem me recordo, estanceia lá por uma gaveta em Coimbra por meio d'um cahos de x e y, onde em breve vou atrophiar a imaginação.

Pouco se perdeu com o movito, que interrompeu a continuação do escripto. Vieira de Castro ergueu o assumpto ás honras de livro com as pompas do seu opulento phantasiar, e apresentou-nos o retrato com a mesma fidelidade da photographia de Horacio Aranha.

E' que elle sentia ainda tepidas as lagrimas do infortunio, que está stereotypado em traços indeleveis nas obras de Camillo C. Branco.

E' que elle vira hora por hora, minuto por minuto, as serpes que se enroscavam nas cordas da harpa do sceptico, transformarem-se gradualmente no incenso, que em suave effluvio ascendia ao Deus dos crentes, emanado d'uma alma, que comprehendera a dôr do poeta.

Corra-se um véo sobre uma ou outra demasia, em que labora o livro de Vieira de Castro. Muito sopeou o intelligente biographo os ardores da sua indole insoffrida. Se tomarmos sómente o texto da obra e não olharmos para as notas, que finalisam o volume, não vejo onde a sua penna aberrasse da boa trilha.

Não é só uma dicção castigada, que esmalta aquellas paginas. E' uma phantasia arraiada com capellas do mais delicioso aroma. E' um coração, que bate pressuroso ao pé do amigo, que lhe mostra nos vincos da face o vestigio das lagrimas. E' um espirito altivo, que se não curva em zumbaias burlescas diante dos idolos da época.

Aqui ou alli um vocabulo sesquipedal não empana o brilho da limada locução. O estudo reflecte-se no periodo, e aquelle caracter superficial dos antigos escriptos de Vieira

de Castro vai-se desvanecendo, como a ultima sombra da noite expellida pelo primeiro raio do sol.

A comparação, filha da leitura, depara-se a miudo, esparzindo luz e resurtindo elegancia. As paginas da Biblia são tão familiarissimas ao biographo de Camillo, que ninguem dará as referencias como de segunda mão. Hoje que a sciencia de livreiro é a mãi de tanto litterato da nossa terra, já é virtude nascer d'outra estirpe, e possuir outros pergaminhos.

Ha quem acha mau o que não entende. Bonissimo alvitre. A critica assim é um pouco facil. Supponha-se, por exemplo, o quadro da oração de Roldan, exposto na Bolsa; apresente-se a quem nunca imaginou mulheres senão entre os remoinhos d'uma *shottisch* ou com a mão calçada de pellica segurando um calix de champagne; que dirá esse tal? E' facil de calcular; não percebe, *logo* não é bom.

Conheço censores d'estes, que leram dous romances traduzidos, e sabem os nomes francezes de quatro iguarias do Hardy. Pois preparem-se os homens de letras para serem sempre malsinados n'aquella alfandega, cujos fiscaes são elles mesmos de contrabando. E' certo. Os inexoraveis zeladores estão no posto. E o *veredictum*, com razão em gripho, cahe sobre a victima.

Depois vem os applausos; porque os nescios admiramse reciprocamente. O index expurgatorio recebe mais um nome para o catalogo, e decretam o exterminio da obra tão de prompto, como se derribassem com o minimo a cinza accumulada na ponta do charuto.

Cremos, que n'este areopago se ha-de condemnar o livro de Vieira de Castro como aborto de linguagem e monstro de estylo. Folgue com a sentença o réo. Alguem lhe fará justiça, e os thesouros, que nos deixou vêr o ultimo fructo do seu talento, serão a base d'um nome litterario, que tem de surgir necessariamente.

Se chorou com os que viu chorar, e oppilou os ouvidos aos baldões do mundo; não se arrependa o nosso biographo. Se cuidou de dar o lugar que convinha ao perspicaz romancista da *Vingança;* não tenha remorsos, que só elogiou um dos primeiros vultos da nossa litteratura contemporanea.

Se alguma vez tomou o buril de Cham ou Gavarni, e figurou alguns dos interlocutores das suas anecdotas com feições nimiamente picarescas; sirva-lhe de justificação o cerrado e escuro céo, que lhe rematava o ultimo plano do quadro. A alma, para não desfallecer torturada de desgos-

tos, carecia d'um engano ledo, que a esquecesse por alguns momentos dos espinhos, sobre que tinha de caminhar.

Vieira de Castro fez innegavelmente um serviço ás letras patrias. Dar á posteridade a historia intima das composições do primeiro romancista portuguez é fornecer-lhe uma serie de elementos instructivos, que ella estimará como os seus livros.

Nos romances de Camillo ha typos, que se querem sejam copiados do natural. A Augusta, a baroneza de Amares, ha-de ficar inquestionavelmente como a criação mais delicadamente concebida de todas as que tem produzido tão aquilatado escriptor. Antes e depois outras teem vindo a lume, mas como aquella nenhuma.

Quando tenho algum amigo, que abre pela primeira vez o *Onde está a felicidade?* ou o *Homem de brios*, peço-lhe logo para me lêr alto alguns capitulos d'aquelles dous livros. Nada acho mais sublime, do que vêr as sensações, que a leitura vai despertando ao correr d'aquelle martyrio.

Eu sinto tanta paixão por este modêlo, como a que significa o biographo n'um dos melhores trechos da sua prosa poetica. Para mim a mulher, que soffre, a mulher, que chora, a mulher a quem comprimem as expansões do coração, é a martyr, que Deus quer redimir da ultima das suas culpas, se alguma teve. A violeta, que no sopé da montanha pende esmagada pelo pé do viandante, não eleva aos ares mais suspirosa queixa.

Foi justamente esta convicção, que aqueceu de sentimento as paginas de Vieira de Castro, e lhe magnificou a obra.

A. LUCIANO.

(Diario Mercantil — 9 de Setembro de 1861.)

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

POR

VIEIRA DE CASTRO.

Um volume, com retrato e authographo: á venda na livraria de Silva & C.ª, ao Rocio.

É preciso saudar antes de tudo o livro de Vieira de Castro, *Camillo Castello-Branco, noticia da sua vida e obras*, que eu tenho lido em jornada, e de que ainda hoje reli algumas paginas em Peniche, á beira do mar. É um livro sério e triste; um livro de lagrimas e dôres, de martyrios e saudades, de desesperações e gritos. É o hymno, que uma alma candida entoa a uma alma infeliz. Dolorosas queixas de um espirito enthusiasta, que nos demonstram ao menos que a amisade não existiu apenas na mythologia, e revelam toda a elevação de um caracter affectuoso, compassivo, adorador da grandeza esmagada, cantor da desgraça illustre!...

Tem-se fallado muito de Camillo Castello-Branco; tem-se escripto muito pouco a respeito d'elle. Existencia predestinada e fatal, uma estrella parece seguil-o para o perder. Ha já muitos annos que ao seu nome vive ligada uma curiosidade, uma attenção, um interesse, que a um povo indifferente e frivolo como o nosso, só um tão mysterioso destino podia inspirar. O que ha pois na sua vida de tão singular e estranho, que os labios esfriem ao dizer o seu nome? Que fez elle, ou que lhe fizeram? A amisade não é nunca a sua musa, nem elle lhe deveu em nenhuma hora a inspiração da sua penna. Quasi todos os seus livros me pa-

recem ser a continuação das suas conversações interrompidas. Dir-se-ia que uma questão suscitada de leve, uma phrase dita ao acaso, uma palavra a que elle não chegou a responder, o moveram depois no silencio da solidão a recordar-se, e a dar ao mundo as suas justificações.

Contam-se d'elle mil historias ao ouvido: ninguem sabe ao certo o que se tem passado na vida d'este homem, e quando a gente o encontra põe-se a fixal-o avidamente, na esperança de lhe adivinhar a alma, nos olhos, que devem ser espelho d'ella... Mas, baldada esperança! O rosto, frio e sereno, conserva-se impassivel, e nem o olhar nem o sorriso, essas duas supremas manifestações do homem, dizem nada d'elle. Nas situações mais difficeis, assim como nos dias serenos da sua existencia, contempla o mundo exterior com o mesmo eloquente desdem, que a experiencia dá. Em redor de si, na desgraça ou na alegria, passam na contradança da vida, os pares, que lhe formam *vis-a-vis;* aos felizes, dá-lhes um sorriso ás vezes; aos que soffrem, já não tem lagrimas que dar!

Porque?

Atirado na onda amarga em que a sociedade expelle de si os poetas, medrosa d'elles, a tristeza, que podia dar-lhe a morte, deu-lhe a ironia. Ha alguma cousa de satanico n'um epigramma seu, e são cheias de grandeza as ousadias da sua revolta. Podia a usurpação do seu orgulho vingar-se das suas decepções, na sociedade, na natureza, e em Deus; — não o faz; se não tem para com a virtude a deferencia da hypocrisia, sente ao menos a necessidade d'ella, admirando-a no infortunio, adorando-a no martyrio. Não se consola dos vicios do mundo pela idéa de que o podem fazer viver, servirem de assumpto aos seus livros, fundarem a sua reputação, tornarem-o necessario como o medico, a quem a doença chama. Não tem a voluptuosidade litteraria de engenhosos anathemas, que se parecem com o fogo d'artificio, que um tiro acompanha; ha maldições grandiosamente sinceras nos seus gritos; nunca foi d'estes romancistas experientes de pyrotechnia, que atiram o seu foguete para divertir o publico, e fazem correr a gente para receber a graciosa chuva d'estrellas, embora venha cahir-lhe a cana no chapéo.

Qual é, por fim de tudo, o grande defeito d'este homem? O amor! O dôce e abençoado defeito dos poetas, que se perdem á simples idéa de que o mel se encontra nos labios da mulher assim como no calix das flôres, e se pren-

dem áquellas como a estas a abelha!... E para quem escreve elle esses deliciosos romances da *Vingança*, de *Onde está a felicidade?* da *Filha do Arcediago*, das *Lagrimas abençoadas*, e dos *Annos de prosa*, senão para ellas, que sabem melhor que os homens apreciar o que ha de sentimento e de imaginação, o que ha de dedicação e de amor no mysterioso thesouro, que loucamente se dissipa na imprensa, para entreter o publico, que lhe quebra imprudentemente a chave!?

A mulher! Mas, Deus meu! pois existe alguma cousa além d'ella? Por ventura, todos os escriptores que se teem feito notar pela delicadeza do gosto, pela finura do espirito, e pela elegancia do estylo, não teem devido sempre estas qualidades á sociedade das senhoras? Não tem sido acaso o desejo de lhes agradar, que, em todos os seculos, criou as maravilhas da arte, produziu a epistola, a elegia, o epithalamio, o folhetim, o romance, e a canção, todo esse numero infinito de trabalhos apaixonados, monumentos immoredouros do poder da belleza?

Tenho visto Camillo em quatro épocas diversas. Da primeira vez que nos encontrámos, era elle um rapaz insinuante e delicado, de olhos vivos, dentes alvissimos, cabellos soltos ao vento, e sorriso aberto á alegria; era redactor da *Semana*, com João de Lemos, Ayres Pinto de Sousa, Gomes d'Abreu, Bruschy, e publicava n'essa occasião aquelle admiravel romance *Anathema*, em cujo titulo parece hoje ter havido uma vaga predestinação do seu futuro. Elle era feliz então, ou parecia-o. A sua physionomia indicava distinctamente as boas ou más impressões do seu espirito, e lia-se-lhe no rosto, como n'um livro aberto, a colera, a paciencia, a modestia, o orgulho, a sympathia.

Isto tinha de passar, e passou. Alguns annos depois vi outra vez Camillo em Lisboa, uma manhã de inverno, no passeio publico. Parecia abatido, pallido, e cançado: — tinha vivido. O seu olhar tão depressa era imperioso, como indeciso: os diversos movimentos do seu corpo, os gestos, as attitudes, o porte, o andar, e a fórma de fazer um comprimento, já tinham tomado n'elle um grande valor physionomico; tinha o modo grave dos espiritos serios, atraiçoado ás vezes pelos gestos vivos, multiplicados, impetuosos, dos caracteres irritaveis e violentos. Levava comsigo um cão da Terra Nova, que parecia estimar deveras; ia com uns poucos de homens de letras, conversando, mas não olhava se não para o cão. Deu-se n'esse tempo a sua peça do *Ul-*

timo acto, e avistei-o n'um camarote de segunda ordem com uma senhora; aquella peça era uma época da vida d'ambos, e elle assistia melancolico e triste ao drama da sua existencia. Estava louco d'amor e d'infortunio: — estava perdido.

Ha tres mezes, finalmente, e isso sabe-o já o leitor, fui encontral-o magro, doente, e afflicto, no quarto escuro e humido de uma prisão. Já não tinha o seu cão da Terra Nova, mas a senhora do camarote... estava n'um quarto fronteiro do carcere!...

A fatalidade havia vindo n'estes intervallos fazer-lhe a sua visita de desgraça. De degrau em degrau, trepára pela escada da gloria; de rochedo em rochedo, o despenharam nos agrestes destinos da vida social. Um amigo, que o admirára nos esplendores do triumpho, quiz dar-se a sorte de o amparar na queda; esse amigo, mancebo ao despontar da vida, cheio de crenças e de aspirações, abraçou-o quando o desamparavam, consolou-o quando o feriam; alma ardente, juvenil, e pura, ergueu á desdita o seu throno de gloria, e cantou-a invocando Deus! Esse mancebo, é Vieira de Castro.

O seu livro, se o heroe d'elle não vivesse ainda, mais se diria um romance do que um trabalho critico; da carreira aventurosa e interessante do biographado, assim como da natural poesia que em cada phrase do biographo se admira, nasce o tom romantico da obra. E' por esta fórma que o livro tornando-se um objecto de curiosidade e de attenção para os homens, sabe deleitar o espirito devaneador das senhoras, fallando-lhes á imaginação e ao sentimento.

Tem a *Noticia sobre a vida e obras de Camillo Castello-Branco* todas as requeridas condições pará um livro d'época; nenhum editor deveria assustar-se de emprehender a sua publicação; elle seria até um livro de escandalo, se o author o não houvesse tornado um bom livro! Paginas da melhor idade da vida, paginas eloquentes de paixão, de colorido e de força, a todo o momento encantam sob o aspecto variado de divagações tão depressa humoristicas, como ardentissimas de crença e de enthusiasmo! Embora a vehemencia das apostrophes, e o tom agreste de um ou outro quadro denunciem na alma do author o fel das desillusões e da invectiva, quando sacode, castiga, esmaga e destroe um objecto de sua aversão, logo porém volta, ao tratar dos que lhe são queridos, o ar affectuoso e meigo d'aquelle caracter tão abundante de impetos como de ex-

pansões e de ternuras. Gostaria eu de preferencia — para que occultar-lh'o? que se entregasse menos, em occasiões, ao desafogo por vezes intempestivo da sua colera, que apenas o estylo salva de cahir nas proporções brutaes da moderna polemica. Deixemos, aos que fazem officio da politica, o recreio de se insultarem na imprensa com a semceremonia ruidosa de um arreeiro offendido, já que o jornalismo renovou, não *dos gregos* mas... dos almocreves, a injuria, o doesto, a chufa e a praga, para dotes e attractivos dos seus entretimentos quotidianos. A escriptor tão aprimoradamente litterario como o snr. Vieira de Castro, convém sempre conservar n'um livro o tom mais delicado; os poetas são os fidalgos da intelligencia, e é bonito estar-lhe o estylo á altura aristocratica do talento.

Em uma nota, que eu agradeço do coração á desvelada amisade do author, que, a poder de estima por mim, me apresentou... como eu queria ser, accusa-me elle um poucochinho, e já se vê que me accusa com o ar affavel de um irmão, por eu não escovar de vez em quando a reputação dos collegas. Devo responder a isto uma palavra: é que eu supponho que o folhetim seja mais a obra de um poeta que de um critico, e que, como para mim ha apenas duas classes de escriptores, os que escrevem com o talento e os que escrevem com a mão, occupo-me dos primeiros e não me julgo responsavel perante o publico a medir todas as semanas até que ponto uma má cousa é má!... Para com os que principiam tenho a indulgencia, que não se teve em tempos para commigo; para com os que acabam... deixo-os morrer!...

Veja-se, por observação, quando é que a veia fluente e energica de Vieira de Castro mais se revela e resplandece no seu livro, se quando accusa, se quando abençôa? Veja-o elle mesmo, e dar-me-ha razão. O seu estylo, que é o mais portuguez e correcto de quantos se distinguem na nova geração litteraria, sente-se forcejar para conseguir as vehementes catilinarias com que açouta e chicotêa as victimas litterarias da sua indignação: pelo contrario, corre e se deleita gentilmente, sempre que procura interessar-nos pela existencia, condão, e destinos, do illustre escriptor, cuja glorificação emprehendeu, ou pela historia tristemente poetica da senhora, que vive hoje encarcerada, e que, centelha poderosa, aqueceu o estro do poeta em tempos de melhor fortuna, e ainda hoje lhe dá vida e luz, na desgraça que partilham ambos? Tudo que ha de excellente n'esta

obra, nasce do enthusiasmo; e o alcance do seu valor faz-se sentir, em não ser um trabalho destinado apenas a fartar a curiosidade do publico sobre um homem d'época e um assumpto de momento, mas um estudo o mais consciencioso e correcto, que tem de viver por muito tempo como pagina brilhantissima de um talento para admirar. Lêde-o, lêde-o, e direis depois commigo, encantados e em extasis: — Sim! E' um romance, este livro! romance de duas almas, que depois de se entenderem n'este mundo, na aspiração, no erro e na dôr, a esta hora se rehabilitam nas lagrimas, para poderem juntas apparecer a Deus!...

Julio Cesar Machado.

(Revolução de Setembro — 17 de Setembro de 1861.)

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

POR

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

Vimos dar tambem o nosso juizo ácerca d'um bom livro portuguez cuja publicação acaba de honrar n'este momento as letras patrias. Vacillamos antes de fazel-o, corridos da humildade do nosso posto n'estes lidados certames da imprensa; mas revigorisou-nos para o dever aquella augusta fraternidade litteraria que nos impõe, a todos quantos professamos n'esta escarnecida e maltratada ordem das nossas letras, o glorioso officio de apontar e corrigir, de exaltar e engrandecer tudo o que mereça uma cousa ou outra á luz de uma critica justa e verdadeira.

Se ao voltar a ultima pagina do livro do snr. Vieira de Castro nos perguntassem a nossa opinião sobre o seu merecimento, diriamos francamente e sem rebuço : « E' um bello livro ; são duzentas paginas invejaveis para todo o que sonhou uma vez com as altas glorias de escriptor ; e resume em si duas provas grandiosas, a de um brilhante e felicissimo talento, a de uma nobre e generosissima alma. » Isto julgando o livro no complexo de todas as suas apreciações. Abrindo-o, relendo-o, e demorando a critica n'alguns pontos d'elle, certo não lhe condemnariamos nunca falta de luz no seu esplendente discorrer mas por ventura poderiamos chamar á reflexão o espirito arrojado do biographo que é atrevido e audaz sobre tudo quando castiga e corta na sociedade o que a elle parece absurdo, iniquo, ou deshumano. Mal vai aos que tentam reagir, e tão ferozmente, contra a onda de uma plebe onde é caudilho obedecido o snr. Guerra Leal com a sua penna de rama em punho !

Abra-se o livro. Ha aqui paginas admiraveis! Glorie-se o snr. Vieira de Castro d'esta verdade que não podem triumphantemente contestar-lhe alguns pseudo-criticos que por ahi abundam á falta de lazareto para tanto enfermo que impunemente vem empestar as letras com o seu contagio. Permitta-se-nos já uma liberdade, e consideremos, juntando-as, na primeira e ultima pagina d'este livro. Póde dizer-se que o snr. Vieira de Castro o abriu e fechou como Bocage abria e fechava os seus sonetos. No principio é uma apostrophe soberba! O snr. Vieira de Castro põe diante de si o retrato do grande romancista, e devassando-lhe uma por uma as sombras que as lagrimas esculpiram lá, accusa-se de vir juntar um livro superfluo áquella physionomia melancolica que por si conta e mostra o quadro da sua vida inteira. A introducção fechou com seis periodos admiraveis, onde o snr. Vieira de Castro em phrase sublime nos diz o que é n'este mundo *ser poeta.* O final do livro é mais sublime ainda. E' uma das mais grandiosas imagens que conhecemos em lingua portugueza. O snr. Camillo Castello-Branco, *já cego, apegando-se ao bordão de... Homero, encostado como Ossian ao hombro da sua Malvina, e antes de pedir uma esmola como Milton, convidando os filhos da sua patria para que o vejam no fundo do seu carcere, e alli, postos os seus livros todos na travesseira do seu leito de ferro, elle no meio das suas reliquias exorando a Deus que o chame, e morrendo como o sol, a agonisar entre os raios da sua formosura...* divina e esplendida imagem!

A moldura do livro é pois bella, e tanto que o claro-escuro, se existe lá a afeiar-lhe o quadro, é tal que se desvanece na luz das primeiras tintas. Tinhamos exemplos de sobra. Paremos n'alguns. Aqui estamos a paginas 37; o author escreveu dez paginas para nos fallar da *gloria*, que elle define por fim: *fumum et opus.* N'esse ponto do livro invidou o snr. Vieira de Castro todas as suas forças. Pesou-as de erudição, e opulentou-as de estylo. São das melhores que o livro tem.

Quando nos falla do premeditado suicidio de Camillo Castello-Branco, do seu refugiar-se nas escólas theologicas do Paço, dos seus continuos sobresaltos, dos desalentos e esperanças que então luctavam no seu espirito, continua a admirar-se a pompa de estylo com que o snr. Vieira de Castro soube historiar. Cabe aqui dizer que o capitulo V é talvez o mais poetico de todo o livro. Aquelle romantico dia-

logo entre Camillo Castello-Branco e *Fanny Orven* é uma deliciosissima harmonia.

O leitor sente-se transportado ás varzeas poeticas de Villar do Paraizo, e ouve lá com Vieira de Castro a orchestra divina d'aquella natureza magnifica.

Saltando umas poucas de paginas, encontrámos o nome d'aquella *Augusta da rua dos Armenios*, que o leitor conheceu nos livros: *Onde está a felicidade?* e o *Homem de brios*. Aqui, o snr. Vieira de Castro escreveu como poeta. Aquellas linhas parecem gravadas com lagrimas.

Logo em seguida falla o snr. Vieira de Castro de uma filha que o snr. Camillo tem aqui no Porto, n'um convento d'esta cidade, e parece que dobrou o valor da sua tinta. Ha lá um periodo que diz assim:

« O anjo tem o mesmo juizo, a mesma soberania de espirito, a mesma grandeza de coração, e sobre tudo a mesma fatalidade das lagrimas.

« Era o dote que o pai podia dar-lhe; franqueou-lh'o todo. Amelia recolheu-se ao convento com as joias da esposa de Christo: *Pobreza*, *Obediencia* e *Castidade*.

« Aqui tens, filha, aqui estão as lagrimas que eu pude furtar ao famelico appetite dos maus. Se um dia tiveres sede, bebe-as, e abençôa o nome de teu pai que reservou os retalhos do seu coração esmagado, para as horas de prova em que o teu oscillará á mingoa de agua. — A gente pensa que elle devia dizer-lhe isto, quando vê e contempla a physionomia melancolica d'aquella menina. »

E' oriental o retrato que o snr. Vieira de Castro faz d'aquelle anjo: « tem uns olhos, negros como as trevas do paraizo perdido; os cabellos, da côr dos olhos; o rosto, alvo como o symbolo da fé; o corpo, soberbo e flexivel como a haste de um terebintho novo. »

Ha innegavelmente n'este livro soberbos trechos, que valeriam, cada um de per si, para consolidar o nome litterario do author. Vejamol-o aqui a pag. 116. Vieira de Castro figura o espirito redivivo de Torquato Tasso a fallar ao *poeta de Anna Augusta*, como elle diz. Isto só foi uma audacia, e grande! Para fallar na bocca do Tasso, era preciso pensar religiosamente em não offender a memoria de um dos primeiros poetas do mundo. O snr. Vieira de Castro, conseguiu-o, e elevou-se muito. Como nobre vingança de um poeta ultrajado, eu não sei de nada mais formoso, mais ideal, mais sublimemente poetico, do que aquellas palavras que o snr. Vieira de Castro põe na bocca do encarcerado de

Ferrara, ao lamentar-se dos ferinos tratos de Leonor. Dizem assim...

....

« E eu era mais contente que os miseraveis da terra, quando ao rasgar de cada ferida *me vingava*... beijando o rosto *d'ella* nos brilhantes do seu punhal... adorando Deus no *Orion* da sua face... e vendo brincar-lhe nas meninas dos olhos a gota das minhas chagas... »

Como é formoso sobre tudo o complemento d'esta imagem! Ousámos asseverar que o proprio Tasso se não envergonharia de havel-o escripto.

Fariamos uma traição ao editor do livro, se proseguissemos a trasladar para aqui a bella producção de Vieira de Castro.

Não tocamos de proposito na ultima parte do livro.

O snr. Vieira de Castro descreve ahi a ultima quadra da vida do romancista, e se aquellas paginas não podem lêr-se com alma desafogada, como escrever d'ellas? Alli nos conta o snr. Vieira de Castro de uma sua visita feita na cadêa á exc.ma snr.a D. Anna Augusta Placido. Que periodo aquelle! Não resisto ao empenho de trasladar aqui uma imagem que me fascinou:

« Era um corredor immenso, escuro, com a agua á rever nas pedras do muramento..........................

....

« Tinha ao fim, de um lado um piano levantado, defronte uma mesa de pinho com muitos livros, muitos manuscriptos incompletos, e uma Biblia aberta.

« A infeliz senhora sentada alli perto da mesa, com as suas mimosas faces levemente arrugadas na esteira fugace de agonias precoces, que parecia empenharem-se para a fazerem mais linda, e o filhinho do collo, rindo e brincando sempre com as mãosinhas irrequietas sobre as paginas do livro santo, — dir-se-ia ao fundo da nave de um templo escuro a antiga e veneranda imagem d'uma santa alumiada ao tremulo e crepitante clarão de um cirio novo. Sublime quadro e insondavel! » Sublime na verdade!

Temos a fazer tambem um reparo: Ha na biographia episodios picarescos, como aquelle duello entre Camillo e Passos Pimentel, a descripção dos presuntos d'aquelle frade do vapor, etc. O snr. Vieira de Castro fez-nos rir e muito, mas não nos parecem n'aquella altura em que a sua penna se apresenta quando quer commover. Gostamos mais do snr. Vieira de Castro quando chora do que quando ri. E

diremos isto como elogio á sua bella indole; eis o reparo.

Agora duas palavras sobre as notas. Parecem-nos tão curiosas como o texto da obra, e aconselhamos o author a que mude para alli algumas na segunda edição do seu livro. As notas L e V devem estar lá. Pedimos-lhe que corte a nota I. A nota BB foi escripta n'um momento de felicissima graça. A nota HH são tres paginas porque eu o felicito sinceramente. Deve ser muito melancolica a alma que escreveu aquillo. Ha de mais a mais uma triste poesia n'aquella espontaneidade com que o snr. Vieira de Castro só alli rematou, datando com a sua *quinta do Ermo.*

Paro aqui. O livro precisa lido para se vêr depois quão pouco eu disse d'elle.

JULIO DINIZ.

(Nacional — 25 de Setembro de 1861.)

CARTA

A J. C. VIEIRA DE CASTRO.

Meu caro. — Respondo tarde ao teu lisongeiro convite, porque só hoje recebi a tua carta regressando dos suburbios de Santo Thyrso, onde fui desfadigar por dous dias, *sub tegmine fagi*, a minha vida trabalhada.

Porque não prescindes tu d'esta desvaliosa opinião ácerca do teu livro? Não te diz o coração que ella te será adversa? Não t'o está reprégando a recordação d'aquellas nossas infantís divergencias, que, ha dezoito annos já, pareciam vaticinar o destino que nos separou mais tarde?

Não te lembras do como era differente e heterogenea a poesia sonhada no encantado alvorecer das nossas imaginações? Não recordas ainda como se repelliam até as nossas affeições positivas?

Eu adorava a flôr silvestre colhida pela sesta na margem d'um regatinho ignorado e modesto. Aprazia-me, arrobava-me, era o meu céo um horisonte pequenino e ridente, o fundo de um valle, a queda da agua n'uma levada, a afastada cantiga de uma esfolhada em noite de luar, o perfume inebriante das madresilvas, o suspiro de uma tutinegra, o fumosinho da paz domestica beijando o tecto de colmo de cabana obscura.

Tu despreciavas isto. Subias de quebrada em quebrada até o pico dos montes d'onde se avistava ao longe o oceano irrequieto como a tua alma, procuravas os despenhos aridos, solitarios, profundos; quantas vezes ao pôr do sol estendias tu os olhos avidos para o lugar onde lá adiante devia ficar a cidade auspiciosa, de outros gozos! O vulto do anjo que tu phantasiavas então a amimar-te a existencia apaixonada devia de ser a mulher arquejante da fadiga dos bailes, atirando-te aos pés o ramilhete esfolhado e a capella emmurchecida no calor da valsa, anteparando o languor dos membros nos coxins d'um sophá, cerrando languidamente os olhos negros, repousando a cabeça no teu hombro...

Era diversa a lente das mil côres por onde nós viamos

o appetecido mundo da nossa esperança, do nosso dilecto sonho.

Mas é que, meu amigo, nem já agora eu tenho esse prisma nem tu. O teu quebraram-t'o em Coimbra. Não maldigas por isso a universidade. Tinha de ser, havia de ser por força mais tarde ou mais cedo. A palpabilidade da visão dos teus sonhos esmagal-o-ia com o tacão de setim da sua botinha de baile com a mesma indifferença d'ella e muito mais magoa tua.

O meu, ai de mim! brincaram com elle algumas crianças descuidosas e alegres, como nós já fomos, e deixaram-m'o em lascas sobre a minha banca de professor. Eu vejo agora o mundo estupidamente... através d'uns oculos. Paciencia! Outra cousa me ficou, tão boa, talvez melhor e mais grata, a amada paz da minha consciencia, o amor á familia, o amor ao trabalho, e o estimulo para amar a vida tanto pelo menos como eu a amava ou desejava d'antes, quando nós embraçados procuravamos adivinhar no céo limpido a estrella do nosso futuro... Lembras-te da nossa infancia, Vieira de Castro?

Olha, meu querido, eu já nem faço folhetins nem faço criticas. Deixa-me conversar comtigo se me não queres violentar a ir alli harpoar alguns palavrões arrevesados e pantafaçudos ao meu Villemain e Saintebeuve para encambulhar depois longa reste de sentenças barrigudas e discretas a proposito do teu livro. Deixemos em paz os illustres pedagôgos. Dize-me antes se te recordas d'aquelle passado...

Deus do céo! Com que saudade eu desdobro a tela d'aquelles quadros! Como eram alegres e descuidosos e brincados os dias d'aquellas nossas férias grandes passadas na quinta de tua mãi em Moreira! Deixa-me pensar n'isto. E' uma consolação para os que não esperam recordarem-se ao menos. Eu fecho ainda agora os olhos e vejo surgirem-me cá dentro todos os vultos d'aquella época.

... Reuniamo-nos todos ao jantar. A' cabeceira da mesa ficava tua mãi, ao distincto de physionomia, tão gentil de maneiras, tão elegante de porte, e não direi tambem tão elegante de vestuario porque a não quero profanamente apparentar com as bacalhoeiras que largaram hontem os tamancos em casa de madame Ferin. A elegancia de vestuario é uma cousa ordinaria que anda adjudicada á tesoura das modistas. A elegancia de tua mãi era outra.

Ao lado direito d'ella ficava tua irmã, a Emilinha, que era a madrinha e o anjo protector de todos os rapazes e ra-

parigas pobres, da freguezia, ella, que passava os dias da semana a ageitar colletes e *roupinhas* de côr garrida, com que, no domingo seguinte, haviam de pimpar no adro com inveja de conhecidos e amigos a Joaquina da caseira, a Joanninha do moinho, os dous filhos da Luiza Lavadeira, e outros cujo nome me não lembra. Na igreja toda a rapaziada pequena se acercava d'ella, e tua irmã, de joelhos na lage, irreprehensivelmente trajada com o seu livro de veludo desabrochado na mão, era então a mais linda imagem da caridade, distribuindo o pão espiritual aos meninos que vestira, segredando uma oração a este, fazendo persignar aquelle que se pasmara para as calças novas ao começo do Evangelho, fazendo ajoelhar o outro que ao *orate frates* se abstrahira retorcendo o carapuço e contemplando as andorinhas que voejavam no côro.

Eu ficava defronte da Emilinha, e tinha-te ao meu lado esquerdo. Quantas vezes no meio das conspicuas fallas do padre reitor, que ia intermeando o seu café com estiradissimos gabos á *circumspecção dos meninos*, fervia cá por baixo da mesa o canelão petulante e pungente, e o murro surrateiro e surdo com que nós reciprocavamos a nossa adhesão aos cathegoricos dizeres do entendido clerigo.

Tu sabes como eu conheço aquelle teu *Carlos Magno*, onde tu repousavas o espirito exagitado pelas linguagens latinas, que eram então a amargura transcendental, o desgosto serio da nossa vida; sabes como são minhas conhecidas « a senhora D. Francisca, mestra de tua irmã, e a menina Libania, amiga d'ella » em que nos falla o teu livro.

Ainda me recordo que muito chorei eu uma vez por causa d'ella, da Libaninha, que teria vinte annos então, que eu tinha quatorze. Imagina que na minha despedida ella teve o capricho de me abraçar e beijar na testa. Tua mãi, que era tambem a minha pelos carinhos que me dava, crimina-me por a não abraçar tambem, a mim que só lhe beijava a mão.

As duas senhoras pareciam-me commovidas; não me disseram nada... Tua mãi abriu-me dos braços, e eu desci a longa escadaria da casa com a cabeça baixa e a cara escondida no boné! Isto foi para mim uma cousa tão meiga e tão enternecida que sahi d'alli com o coração afogado de soluços, e muito chorei, muito chorei eu depois pela estrada fóra a cavallo n'aquelle jumento russo do feitor, que se gabou n'esse dia de andar a passo pela primeira vez commigo

em cima. Quando cheguei ao collegio trazia os olhos como punhos.

Como tudo isso passou! como mudou tudo! Tua mãi e tua irmã, que eu não vejo ha quatro annos, vivem sós com a sua consciencia e com Deus na estreitura d'uma cella no convento da Ave-Maria. Já nem eu sei se tua mãi se lembra de mim e se me chamaria ainda como d'antes pelo diminuitivo do meu primeiro nome.

O teu livro acordou-me com tres palavras as queridas reminiscencias da nossa infancia que eu relembro sempre com saudade e amor. Fallando-te d'elle eu não poderia deixar de principiar por aqui.

Perdoa se o meu coração antepoz estas dôces e magoadas lembranças á minha justa e sincera admiração pelo incontestavel merito do teu livro, que denota um lavor assiduo, e um estudo pertinaz e afincado: — grande merecimento esse a encarecidos louvores! Deixa que isto peze aos invejosos e aos tolos: ha-de ir longe quem se applica assim.

Eu tinha-te agourado um escuro e apoucado futuro, quando nos teus primeiros tentamens litterarios te vi algemado áquella escóla miudinha e aparrada dos chamados *rapazes de habilidade*, designação feliz para encasar os tolos inoffensivos da imprensa, e os peralvilhos lampeiros intrusos em litteratos, que não sabem nada e escrevem babozices n'um folhetim.

Encontro-te felizmente mudado na tua recente obra. Vejo que te são familiares agora aquelles negregados livros de *papel pardo*, como tu chamavas d'antes aos nossos primorosos classicos. Refloriu a tua imaginação n'esse convicto dos grandes mestres, robusteceu a tua intelligencia abastecida de superiores cabedaes, que não tinha, e o teu espirito banhado no suavissimo influxo das leituras sagradas pairou alto, e aspirou as embalsamadas auras da poesia n'esse mundo melhor por onde rasgou o acertado vôo.

E' por isso que algumas paginas do teu livro abundam em delicadas imagens, embrincando o periodo, entretecendo suavemente o narrar, e alevantando o discurso, que aviventam e revigoram de continuo.

Se não foi o natural pendor da tua mais amadurecida consciencia de escriptor que te guiou a essa trilha, abençoada a mão que t'a apontou.

Não te esconderei, que por duas ou tres vezes, no decurso de uma só leitura que pude fazer da tua biographia, me pareceu que um estylo mais parcimonioso, ornamentan-

do menos, molduraria melhor a idéa, assim como reparei tambem que o emprego de alguns aticismos podéra ter sido melhor sopesado e mais bem cabido. O desperdicio de erudição por boa e sã que ella seja é sempre um vicio. Franca e rudemente o disse por que penso não ferir o teu melindre, apontando-te um senão, que de per si só bastaria para te estremar de um ignorante. Para esses é que está guardado o estylo inalteravelmente leve, immaculadamente leve, leve a não poder ser mais, « leve como um cão » como me disse o Julio Cesar Machado.

Já que entrei na aspera fieira dos reparos, releva-me que diga tudo: magoou-me por ti o vêr transcripto no fim do teu volume um folhetim publicado no « Nacional », onde é violentamente aggredido um escriptor que tu designas pelo pseudonymo de *João Lucio*. O exagerado favor que no mesmo escripto me dispensa a tua obsequiosa, e, n'este caso, verdadeiramente cega amisade, captivando o meu reconhecimento particular não póde confeitar o desgosto que profundamente sinto, vendo a par d'isso maculada a reputação de um homem com quem collaborei no « Jornal do Porto » quando tive a meu cargo a parte litteraria d'aquelle diario.

Algumas linhas de uma carta que te dirigi, quando me convidaste a escrever no *Atheneu* as revistas do Porto, vem alli intercaladas de fórma que não seria difficil acreditar-se que a minha indignação cahia, como a tua, sobre a cabeça de João Lucio. Ora isto é que eu não quero que se acredite de mim, porque isto seria vil. Se na redacção do *Jornal do Porto* alguem me tivesse offendido eu desforçar-me-ia pessoalmente, e tu farás ao meu caracter, que conheces, a boa justiça de acreditar que jámais o houvera feito a occultas nas minhas correspondencias particulares.

Eu não encontrei na redacção do *Jornal do Porto*, em quanto collaborei n'aquella folha, senão cavalheiros, e cavalheiros a quem eu ainda hoje me preso muito de apertar a mão. Se lá havia alguem que merecesse menos da minha verdade esse juro que o não conheci eu.

Restava-me ainda fallar-te da parte mais espinhosa do teu livro: — o assumpto. Consente n'este ponto o meu escrupuloso silencio. Camillo Castello-Branco está encarcerado nas cadêas da Relação do Porto. Não me cumpre a mim decidir o que elle é para a sociedade ou para a familia. Para o mundo sei que é um homem cujo futuro não póde ser indifferente a ninguem que saiba lêr. Para mim é um dos homens de mais talento que tem Portugal.

Criminar o infeliz que está debaixo da pressão da lei é villissima cobardia. Lamental-o tambem póde ser affronta. Respeitemol-o.

Ahi tens. Escrevi-te uma carta em vez de um « juizo critico ». Antes isso do que escrever-te um « juizo critico » em vez d'uma carta. Era peor.

Porto, 11 de Setembro de 1861.

J. D. Ramalho Ortigão.

(Jornal do Porto — 26 de Setembro de 1861.)

REVISTA DO PORTO.

Aguas passadas fazem moer o moinho. — Um assignante com o estomago na ponta da lingua. — Principio da grande obra da suppressão dos peccados mortaes... dá-se um golpe no quinto! — Defeitos da virtude, e virtude dos defeitos. — Um livrinho para a progenie do snr. Fulano. — Um annuncio a fazer de bugia. — Principio de prophecia. — Uma execução no meu quarto! — Procuro martyres na agua, e só os encontro no fogo. — Resuscito! — A biographia de Camillo Castello-Branco. — Vieira de Castro.

Ha-de haver tres mezes, escrevi eu aqui cinco columnas, e o principal d'ellas começava na quarta. Era um annuncio! mas um annuncio elegante, cortez, bem parecido, que produzia no folhetim o effeito d'um brilhante em annel d'esmalte preto, quando os annuncios poderão aspirar ao preto, mas nunca ao brilhante! No que era feitio dei-lhe o esmero que me foi possivel; mas aquelle seu resplendor não era mais que a luz reflectida da excellencia do assumpto.

Algum assignante, cujo trimestre comece agora, e que não me leu então, ao ouvir fallar em *excellencia do assumpto*, diz lá comsigo:

— Já sei o que era o annuncio.

— O que era, assignante?

— Caixas de dôce!

— Enganou-se, não é cousa de comer.

— Então... Johannisberg!

— Tambem não, e peço-lhe que não continue a martyrisar o folhetim com as idéas luminosas que lhe suggere a sua gula.

— Agradeço, mas não aceito o favor que me faz d'esse peccado mortal.

— Não blaspheme!... A gula metteram-na entre os peccados mortaes, por engano! O que é ella, senão a pratica das duas primeiras obras de misericordia, ou seja para comnosco, ou seja para com os outros, em abundancia? O excesso, quando se trata do estomago, longe de ser vicio, antes é previdencia para as necessidades futuras, e só resultado d'uma cabeça atinada. A profusão de manjares de

todas as especies, deve de certo ser mais agradavel aos olhos d'um virtuoso necessitado, que a parcimonia d'um ovo cozido!...

— Mas toda a virtude em excesso é defeito!

— É, se o excesso está na mesquinhez, na avareza, na recusa! Sendo no derramamento de beneficios, oxalá que todos fossem defeituosamente virtuosos!

— No derramamento de beneficios?...

— Sim. Eu exceptuo da minha regra os beneficios de theatro!

— Faz bem; mas não gosto do seu cavaco.

— Ah! esperava em mim um seguidor da doutrina d'aquelles authores, como diz Theophilo Gautier, que fazem livros só para provar que não se deve metter os dedos no nariz?... Aqui me tem! Para a semana mando-lhe um opusculo sobre os inconvenientes de metter o nariz nos dedos!

— Mande, que me serve para os pequenos. Mas o tal annuncio, que vossê pendurou na quarta columna do seu folhetim, á maneira de luminaria, para demonstrar o regosijo que ia lá por dentro da sua alma?

— Era um livro.

— Um!...

Fui bom propheta no meu annuncio, e ha mais tempo eu teria fallado da « Biographia de Camillo Castello-Branco », se não fosse a peça que me pregou um medico, de me receitar uns banhos de chuva, que me privam, logo pela manhã, da coragem que eu precisava para qualquer trabalho no resto do dia. N'estes dias grandes, nasce o meu sol á uma hora da tarde, e tenho diante de mim um futuro cheio de claridade. Foi quando veio o remedio! Acordo, olho para a direita, e dou logo de cara com o meu patibulo de folha de Flandres!...

Acommettem-me logo os receios, os calefrios, e até me dá vontade de chorar!... Não me sujeitava á receita se não fosse um meio de que me sirvo... Recorro á memoria, e faço desfilar diante de mim todos os martyres que provaram coragem na hora extrema, fazendo assim enraivecer os seus algozes, e morder-se d'inveja a humanidade medrosa. Apparece-me Socrates, já com a cicuta no estomago, conversando com o seu discipulo dilecto, e recommendando-lhe á hora da morte, que vá levar um gallo a Esculapio por o ter curado da vida! Em seguida, Savonarole bebendo agua por aquelle copo *molto scifo e fetente*, e ardendo no fogo onde lançara o paganismo de Florença, quando a voz

do dominico era escutada de joelhos, com a maior tranquillidade. E o povo a vêr isto! E' Thomaz Morus, pedindo ao algoz que o ajude a subir ao patibulo, dizendo-lhe que não o ha-de incommodar na descida. E o povo a vêr isto! E' Jacques de Molay sobre a fogueira, firme, constante, rejeitando a vida á custa d'uma mentira, e conservando assim a honra da sua ordem. E o povo a vêr isto! E' João Hus, caminho do supplicio, levantando a mão para o céo, e exclamando: *Vivo ego in oeternum!* vendo que lhe queimavam as idéas escriptas, antes de o queimarem a elle. E o povo a admirar! Estes no fogo e eu na agua!

Ainda passam outros martyres; vejo na carreta Raoulx, Goubin, Pommier e Bories, e depois, dando vivas á liberdade no momento de lhes deceparem as cabeças.

E sempre o povo a vêr isto! Passa muita gente minha desconhecida, deixo-a ir... não me servem. Mas lá vem um, este sim! pede que lhe concedam a graça de ser a sua voz que manda as balas atravessarem-lhe o peito. Bravo, militar! Faço um esforço sobre a minha cobardia, e elevo-me á altura d'este exemplo de coragem! Salto da cama com o mesmo denodo com que elle transpoz os umbraes da sua prisão, faltando-me sómente, para ser outro *elle*, a casaca preta, a casaca de todas as côres, todas as casacas imaginaveis, mesmo qualquer camisa possivel!... Vou direito ao supplicio, ponho os pés na tina, um sorriso nos labios, imagino um publico nos meus livros e nas minhas cadeiras, lanço-lhes um olhar cheio de satisfação — sabendo Deus o que cá vai por dentro — faço-lhes uma careta em signal de despreso pela barbara humanidade, puxo pelo barbante, e disse... Disse! fiquei morto até ao dia seguinte...

A tortura já acabou. Dizem que me fez muito bem aos nervos... só se foi como castigo!

Mas o livro!... Eu disse que fui bom propheta, porque antevira em todos os primores de linguagem do livro de Vieira de Castro, n'aquella poesia suave, melancolica, fallando das dôres do poeta, e n'aquellas alegrias d'estylo, narrando-lhe as alegrias d'elle, rindo com elle, acompanhando-o a um gracioso *duello*, ou cantando as harmonias d'uma noite em Villar de Paraiso, um futuro brilhante para a obra do mancebo, que tivera o atrevimento de escrever a biographia do primeiro romancista do seu paiz.

Assim foi. Espantam-se hoje do livro, os que se espantaram da ousadia. A biographia de Camillo tornou-se o livro da moda, o livro em que todos fallam, que toda a gen-

te discute, que todos admiram! Como biographia não é um trabalho perfeito; mas são paginas d'estudo, e para estudo, é um hymno repassado de harmonias ao poeta das *Inspirações*, é um poderoso sustentaculo d'uma reputação litteraria! N'aquellas paginas suavisa o biographo as amarguras do author do *Homem de brios*, derramando precioso balsamo nas chagas que a calumnia lhe rasgára. Trabalho escusado! Ha muito que o poeta o havia encontrado na pureza da sua consciencia.

Fallarei só d'aquelle boato, que se espalhou, que o monarcha lhe dera dous contos de reis. Camillo Castello-Branco publicou uma carta para despersuadir essa gente de que recebera aquelle *beneficio*. Todos leram essa carta, por isso não a transcrevo. No boato não houve má fé... houve tolice! Pois precisa de esmolas, quem, como o poeta das *Inspirações*, tem arremessado ao publico, ás mãos largas, as joias do seu talento, pouco lhe importando que o focinho dos porcos lhe toque nas perolas? Quem assim é prodigo, é porque está seguro da riqueza do seu thesouro!

Eu vou no couce dos admiradores do livro de Vieira de Castro! Foi o primeiro a fallar das excellencias do livro Miguel Mascarenhas; depois Augusto Luciano, Ramalho Ortigão, Julio Cesar Machado, o festejado folhetinista da *Revolução de Setembro*, e Julio Diniz. Aqui estão todos chronologicamente collocados! E eu o ultimo!... Tinha immensa vontade de apresentar alguns trechos das notas, que fallam do nariz d'um *Basilio*, e tambem d'outra, que trata d'outro nariz. Que pagina de graça aquella 186 da nota X!... Vá! não a transcrevo aqui... por ter piedade do aleijão! Eu, se fosse a Coimbra, tenho a certeza que havia d'enguiçar n'aquellas monstruosidades! Deus as tenha lá muitos annos sem nós!

No teu livro, Vieira de Castro, fallas muito em *gloria*; mas queres saber o que eu entendo que tambem é gloria? E' teres sonhado uma noite em escreveres a biographia do primeiro romancista do teu paiz, e escreveres aquillo que escreveste!

Paciencia e Esperança, termina o teu livro. Ainda ha uma pagina a escrever — pertence-te essa grande obra. Eu faço votos para que ella possa ser escripta com todos os regosijos da tua boa alma.

AGOSTINHO ALBANO.

(Nacional — 9 d'Outubro de 1861.)

CHRONICA.

Sahiu a lume, como já annunciámos, a biographia de Camillo Castello-Branco. Promettemos, n'uma das ultimas chronicas, fazer a apreciação da obra, depois de a lermos. Vamos cumprir a promessa.

Nada ha mais facil do que tecer louvores, ou lavrar censuras; nada ha mais difficil do que aventurar uma critica. A critica, que pretende merecer tal nome, não se exerce com o azorrague de José Agostinho nem com o thuribulo dos incensadores. A critica verdadeira, a critica leal, a critica honesta, a critica intelligente, a critíca illustrada, e finalmente, a critica que ensina e aproveita, é a que julga com imparcialidade e observa sem azedume nem lisonja. Não basta dizer, é mau; é necessario dizer o *porque*, tão geralmente esquecido entre nós. Antes de tudo apontam-se os defeitos e prova-se que existem. De outro modo a critica, não tem significação, nem alcance. Não elucida, nem corrige. Não se authorisa, nem convence. De outro modo não se confirma o diploma de escriptor. Se, para justificar este titulo, basta só rabiscar n'uma tira de papel, *gosto ou não gosto*, *é bom ou é mau*, e mandar pôr em letra redonda qualquer d'estas vulgarissimas phrases, nenhuma profissão é mais facil e todos podem abraçal-a. Mas o facto é que semelhante idéa vai-se propagando e promovendo adeptos. Dentro em pouco, será habilitação sufficiente para se alistar na carreira de escriptor, ter o curso de Ventura ou de Godinho. O estudo de Lobato e Madureira, ficará até prohibido.

Já uma vez dissemos: « Na generalidade a critica entre nós, exerce-se de um modo singular. Parece que anticipada prevenção acompanha qualquer livro, mesmo antes de ser lido. É de S... a obra? Ha-de ser por força excellente! É de N...? Será soffrivel, mas nunca boa! Partindo-se d'este principio nunca se altera o juizo que de futuro deve fazer-se. Regra geral: discute-se sempre o individuo.

Depois da leitura, muitas vezes acontece sahirem falsas as opiniões de preconceito e acha-se o livro de N... superior ao de S... mesmo porque não ha talento, por mais vigoroso, que uma ou outra vez se não engane ou erre, nem

tão pouco é milagre, revelar-se uma vocação subitamente cheia de força e enthusiasmo.

Para a critica, porém, isso não significa nada. Convencida intimamente de merito relativo das duas obras não duvida confessal-o n'um momento de intima expansão; mas se um dia tem de apparecer na tribuna publica da imprensa para avaliar as duas producções, sustenta o erro e desmente a evidencia, esquivando-se a tratar do assumpto e substituindo-o por um immenso prologo — cabeça enorme sobre um tronco de pigmeu — falla, cita, compara, declama, louva e censura, mas sempre a respeitosa distancia do objecto. Tudo aquillo é para fugir ao exame serio, e remata por força com tres vulgaridades razas ácerca do livro e outras tantas cortezias rasgadas ao author.

Segreda-se ao assistir a uma leitura ou a uma representação ao ouvido de um e de outro, que o escriptor não tem estylo, que lhe falta vigor e colorido, mas não se diz em alta voz. E porque? Porque pertence a *cotterie* aquelle nome, e foi elevado e chrismado por ella, classificou-o entre as reputações privilegiadas, deu-lhe carta d'alforria e não póde portanto voltar atraz, e fazer de um ente sublime um simples mortal!

Não queiram suppor que ignoramos que ha nomes, que postos no frontispicio de um livro, o authorisam. Conhecemos alguns d'esses e somos os primeiros a saudal-os. Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Castilho, tres gigantes que dominam de toda a sua altura este seculo litterario entre nós, estão n'esse caso. Com elles, ao depois, alguns mais, bem poucos, que souberam honrar os mestres aproveitando-lhes a lição e o exemplo. »

Tentamos sempre afastar-nos, o mais possivel, d'este trilho geralmente seguido, buscando tornar as nossas apreciações litterarias e artisticas, dignas e conscienciosas. Dizemos apreciações, porque assim as consideramos, e da apreciação á critica vai uma grande distancia. Nem os limites da chronica permittem vencêl-a. O proposito do chronista, o nosso, é muito mais modesto, e está em harmonia com as nossas forças. Lançamos apenas, ao correr da penna, n'estas paginas rapidas, as sensações que nos causaram os livros e os homens, as cousas e as idéas. Sinceridade de opiniões ha sempre nos nossos trabalhos, porque nos esmeramos em mantel-a. O resto sahe como cabe em nossos acanhados recursos, e se não merecem mais, é porque não sabemos nem valemos. Repugnou-nos sempre depreciar o me-

rito alheio, e jámais o fizemos. Nunca deixámos de acolher as vocações nascentes com palavras de animação; nunca negámos ás intelligencias reconhecidas os louvores merecidos. Outro tanto não tem praticado a nosso respeito, muitos, não os talentos provados, mas os guerrilhas da imprensa, raça despresivel que só a inveja inspira e o despeito move. A estes, porém, responde-se com o despreso e o trabalho. As obras são o verdadeiro desmentido ás suas nojentas diatribes. Esmorecer ou retirar da arena, era realisar-lhes os fins. O que devemos pois fazer, é ir aperfeiçoando cada vez mais o aparo da penna; mas nunca quebrar-lhe os bicos.

Acabemos com as divagações e entremos sem mais demora no assumpto.

É da *Noticia da vida e obras de Camillo Castello-Branco*, pelo snr. Vieira de Castro, que vamos occupar-nos.

Camillo Castello-Branco é um dos primeiros vultos da litteratura moderna. Reune a um talento brilhante uma prodigiosa fecundidade. Aquella imaginação ardente nunca pára, nem descança; remoça e exalta-se continuamente. Depois, Camillo Castello-Branco, é hoje, além de um homem de talento um homem de saber. Classicos portuguezes e francezes, poetas latinos e gregos, historiadores e economistas, escriptores profundos e estylistas elegantes, todos folheou, com todos pensou, em todos meditou. A erudição acode-lhe espontanea, o estylo é naturalmente correcto e portuguez, o que denuncia estar amestrado nos segredos dialecticos e iniciado nas bellezas e elegancias da lingua. Por isso como romancista é o primeiro n'este paiz, como folhetinista um dos mais satyricos, como author dramatico um dos mais distinctos, como jornalista um dos mais notaveis.

Só n'um livro cabia a analyse minuciosa das obras de Camillo Castello-Branco. Escrevendo-o, prestou o snr. Vieira de Castro, um bello serviço. E ninguem podia contar melhor, aquella vida angustiosa e brilhante, entrelaçada de espinhos e flôres, esmaltada de gloria e triumphos, cortada de amarguras e decepções. Viu-a de perto, acompanhou-a nas suas alternativas e nas suas aspirações, seguiu-a nos trabalhos litterarios, e quinhoou como verdadeiro amigo que era, dos seus infortunios e pesares. Sobravam-lhe elementos e condições para escrever um livro interessante e curioso, e soube aproveital-os.

Ha trechos e paginas admiraveis de sentimento e mimo,

que fallam á alma e deleitam o espirito. Vê-se que foram inspirados pelo coração, e que eram do coração que sahiam. Notam-se, porém, desigualdades, nascidas a maioria d'ellas, do genero que o author introduziu no livro, e que nos parece deslocado, pela pronunciada feição de pamphleto que apresenta. Mas a par d'estas incorrecções a *Noticia da vida e obras de Camillo Castello-Branco*, tem bellezas que compensam taes defeitos e revelam apreciaveis qualidades, que deixam bem adivinhar o largo horisonte que o snr. Vieira de Castro ha-de encarar um dia firme e resoluto. Quizeramos tambem mais singeleza no estylo, despindo-o d'essas galas affectadas que, a nosso vêr, o prejudicam. Embora a indole da lingua e o cunho portuguez se manifestem na obra, provando o estudo de frei Luiz de Sousa, do padre Vieira, de D. Francisco Manoel de Mello, de Philinto Elysio e de Bernardim Ribeiro, ainda assim, parece-nos guindado e empolado em demasia. Não convém exagerar nem banir a fórma classica.

Remataremos, dizendo, que o livro do snr. Vieira de Castro tem um lugar reservado em toda a livraria escolhida, e dando-lhe os parabens por havel-o publicado.

Ernesto Biester.

(Revista Contemporanea de Portugal e Brazil.)

CARTAS PROFANAS

AO MEU AMIGO A. R. SAMPAIO.

CARTA VI.

Em quanto V. anda viajando pela Europa, examinando e comparando entre si a civilisação dos differentes povos, e honrando-me com as cartas em que tão sensatamente aprecia o que vai observando, tencionei continuar estes escriptos que contra minha vontade interrompêra em Dezembro do anno passado.

Andava então ordenando a minha viagem para Portugal, que devia realisar-se em Janeiro. Aqui nas horas que me ficassem livres das minhas pesadas obrigações queria ir cumprindo successivamente as promessas com que me ligára espontaneamente para com uns, e os encargos com que de outros recebêra grande cópia de livros.

Favoreciam-me em França, e ainda agora me não esquecem alguns editores e authores, mandando-me exemplares das suas obras, ora pedindo que désse noticia d'ellas, ora enviando-as sem essa recommendação, talvez por lhes parecer inutil para quem sabia como eu sei que não eram offerecidas á minha cathegoria litteraria, senão unicamente para gosarem da publicidade que eu lhes podia proporcionar.

N'esse intuito as acceitei e me obriguei directa ou indirectamente a dar razão de mim. Se alguem cuidou que as recebi em homenagem pessoal e que me fiquei muito calado a saborear a offerta sem me julgar obrigado á boa correspondencia que é devida aos confrades nos trabalhos litterarios e aos editores, enganou-se. Isso é para outros pataratas. Eu ainda não cheguei a tão sublime estado de beatificação.

Bem sei que decorreram dias, que estes se reuniram em semanas, e que as semanas ordenaram mezes sem que eu désse cumprimento ás promessas nem satisfação ás obriga-

ções. E' verdade. Mas que poderia eu ter feito para evitar a absoluta falta de tempo? Prometter é a descida do Averno que o poeta deu por facil. Cumprir é o *revocare gradum superasque evadere ad auras* em que elle achou a grande difficuldade. *Hoc opus; hic labor est.*

E o mais é que por tenue que pareça a promessa, taes obstaculos se amontoam na vida do homem, que a execução mais depende d'elles do que da propria vontade por firme e resolvida que seja. Assim me aconteceu a mim. Cheguei em Março em vez de chegar em Janeiro, e apesar dos meus bons desejos, tive outros cuidados que me afastaram d'este empenho. Ainda é tempo agora. Vou continuar.

Não é facil o mister de critico. Em terra pequena ainda mais difficil é. Por pouco povoada que seja de caracteres e paixões ainda mais acanhados do que ella, sempre ha-de haver um tolo ou um garoto que chame ao louvor adulação, inveja á censura, á benignidade astucia interesseira, e vingança á justiça. Então que tem isso? Os tolos e os garotos exercem o seu officio e nós o nosso. *Suum cuique.*

Não falta quem aconselhado pelo interesse proprio se esquive a tratar das obras dos outros quer seja para louval-as, quer para censural-as *em publico*, e tambem ha quem para evitar malquerenças e odios, de tudo e de todos conta maravilhas. São dous systemas como quaesquer outros. Tem grandes vantagens o silencio e graves inconvenientes o louvor sem conta, peso, nem medida, como vulgarmente se diz. Para mim não gosto de nenhum d'elles.

Ambos me fazem lembrar o proverbio tão frequentemente citado na provincia do Minho — *Quem tem medo compra um cão* — porque na verdade esses dous arbitrios por mais que os pretendam justificar com outras razões teem por base o receio de desagradar. Ora esse temor não deve preponderar no animo do critico. Diga a verdade com as limitações e reservas que ordena a boa educação e a confraternidade litteraria, exponha as suas idéas conscienciosamente, e para zelar os interesses da arte não receie enfadar momentaneamente aquelles cujas obras censura.

Generoso valor chamou o nosso fr. Joaquim de Santa Clara na oração funebre do marquez de Pombal a esta coragem de desgostar os outros para os melhorar. E se é qualidade generosa no governo do estado, não merece qualificação menos distincta na republica das letras, onde a verdade affavel e firmemente exposta produz tamanho beneficio como nos negocios publicos.

Por mais que façam, a republica das letras ha-de ficar em republica. Os Iturbides d'este Mexico reinam uma hora. E não só renasce logo a fórma republicana, senão que resurgem com ella as instituições livres e a independencia da critica.

Sei que me pozeram a pecha de louvar tudo. Talvez me culpem com razão. Se alguma vez louvei algum pateta, se lhe descobri nos escriptos merecimento que lá não havia, se lhe attribui qualidades que o triste não possuia, ou de que talvez mal suspeitava a existencia, e se d'esta maneira contribui para alimentar vaidades pueris, d'isso me accuso e peço perdão a Deus e ao publico, que contra ambos pequei enganando o meu semelhante.

Todavia juro que procedi segundo os dictames da consciencia, e que não errei por culpa da vontade, mas por defeito do entendimento que não póde ser em todos bom para tudo. Ainda estou em idade propria para me corrigir e emendar. Posso ainda inscrever-me na lista dos praguentos, dos que maldizem sempre de todas as cousas e de todos os homens e que morrem a ranger os dentes de raiva porque os não tragaram e destruiram todos de modo que só elles fossem o universo e a humanidade. Posso ainda... Não posso tal. Deus que me fez homem, já me não quiz para féra.

Coube a um poeta inglez, grande presador de Horacio, dar-nos a mais completa lista, entre quantas correm impressas, das qualidades do critico. Deve dar conselhos sem mostrar-se vaidoso de saber. Cumpre que se não dobre por amisade ou odio. E' mister que seja recto sem cegueira, e que reuna a sciencia com a boa educação sem deixar por este respeito de ser sincero. Convem que seja modestamente ousado, e misericordiosamente severo, não recuando perante a amisade para occultar os defeitos dos seus affeiçoados, nem aceitando os sentimentos de aversão para criterio das obras dos seus inimigos.

E não bastam estas qualidades, que o poeta inglez procurava debalde nos homens do seu tempo, e que só encontrava nos escriptores da antiguidade. Gosto apurado, leitura abundante, trato dos homens, condição generosa, alma isenta de soberba, e força para louvar com prazer onde o caso requeira louvor, completam este primoroso resumo dos dotes do critico, que nos legou o illustre solitario de Twickenham.

Não cuide que me gabo de possuir tão raras prendas.

Contento-me de reconhecer e respeitar a lei embora conheça que me póde arrastar a infringil-a a imperfeição humana. Maior authoridade do que as leis da critica teem os preceitos do Decalogo, e os proprios que os aceitam para norma e lhes confessam a procedencia divina, esses mesmos os quebrantam amiudadas vezes. Seria absurdo renunciar ao catholicismo por não possuir as virtudes dos bemaventurados.

Não sou mais forte do que os outros. Em algumas fraquezas peccarei com elles. Nas boas qualidades sei que lhes fico inferior. Eu já disse de mim com sincera verdade o que o nosso Antonio Ferreira escreveu de si proprio a D. João de Alencastro, filho do Duque de Aveiro.

Não quero ser contado entre os primeiros
D'isto só me contento, a isto chegasse
Que o ultimo fosse eu dos derradeiros.

Repito-o agora.

Com este conhecimento das obrigações do officio, com o firme desejo de as cumprir lealmente, sem cubiça de popularidade, nem receio de affrontar o orgulho ou a vaidade alheia, e apesar da fraqueza e imperfeição da humanidade, não digo que a contento de todos se exerçam tão nobres funcções, porém basta que se desempenhem a aprazimento da propria consciencia, que nos conforta e anima sempre e em tudo. Não ha melhor bussola para a navegação humana. Aponta sempre para o norte.

Vou principiar pela biographia do snr. Camillo Castello-Branco que no anno passado deu á luz no Porto o snr. José Cardoso Vieira de Castro, da casa do Ermo em Basto, e ácerca da qual eu desde essa época prometti escrever na *Revolução de Setembro*. E prometti com conhecimento de causa depois de ter lido duas vezes aquelle singular escripto.

Não conheço o author. Sei que é da minha provincia, e pertencente a uma familia, rica de tradições respeitaveis na politica e na magistratura. Vi pelos periodicos que em Coimbra andára mal avindo com a policia academica por innocentes demasias de rapaz, e observei no livro que lhe sobejam dotes de bom escriptor se quizer aproveital-os seriamente e dar-lhes boa direcção. E' quanto sei do homem. E' de mais. Bastava-me o livro.

Já possuia o biographado a bem merecida reputação que o colloca acima de todos os romancistas portuguezes, en-

tre os escriptores de maior vocação para restaurar a boa prosa portugueza, e em mui nobre lugar na cohorte dos nossos poetas, quando me chegou a França o nome do snr. Camillo Castello-Branco assignado em um folhetim do *Nacional*. Eu ignorava tudo, e cuidei ter descoberto um dos nossos melhores escriptores. Famosa descoberta! Toda a gente o conhecia e celebrava!

V. sabe que eu tive o gosto de vêr pela primeira vez o snr. Camillo Castello-Branco no escriptorio da *Revolução de Setembro* poucos dias antes d'aquelle em que V. deixou Portugal, porém o que eu lhe não disse então e agora devo declarar é que nunca li do nosso fecundo romancista senão algum folhetim, os dous ultimos romances que publicou no *Commercio do Porto*, e a parte dos *Annos de prosa* que sahiu n'este nosso periodico.

Não havia em França livreiro que tivesse aquellas obras, e mesmo aqui encontro difficuldades para reunir todos os volumes, creio que são trinta, publicados pelo snr. Camillo Castello-Branco. Ando n'este empenho e não desisto, porque se ha livros de que a critica boa tenha que escorraçar a critica parva e boçal são, a julgar pela fama publica, as do iniciador do romance moderno em Portugal.

O facto é que não possuo esses volumes nem os li, e por isso não posso apreciar a parte critica relativa aos trabalhos do snr. Camillo que se encontra no escripto do snr. Vieira de Castro.

Deixo pois de fóra este ponto, ou antes — phrase parlamentar — requeiro o adiamento até receber os documentos necessarios para a discussão, e vou fallar-lhe da biographia com a minha habitual imparcialidade reforçada agora com a mais completa ausencia de sentimentos de amisade ou de aversão por que não conheço o author *nec injuria, nec beneficio*.

Dissertou-se muito ácerca d'este livro quando appareceu no Porto, porque era do snr. Vieira de Castro, porque tratava do snr. Camillo Castello-Branco, porque fôra destinado na sua origem á *Revista Contemporanea* aquelle trabalho, e finalmente porque o estylo do author tem certa originalidade que a uns causa estranheza, a outros pavor, e a todos sensação.

Foi lido e discutido calorosamente pelos que o tinham estudado e ainda mais pelos que nem tinham percorrido a primeira pagina. Estes disseram que não prestava. Não sabem dizer outra cousa. Na sua opinião, só elles prestam. E'

voto singular, mas de peso. Os outros leram segunda vez duvidando do bom ou mau juizo que lhes ficára da primeira leitura, e acharam com effeito as perolas que estavam escondidas nas paginas escriptas pelo snr. Vieira de Castro.

E sustento que as paginas da biographia do snr. Camillo Castello-Branco são conchas univalvas em que se encontram preciosas perolas de boa phrase portugueza, de conceitos primorosos e de grande força e vehemencia de expressão. A perola alli está mais ou menos occulta nos elementos que contribuiram para a sua formação, mas está. Que a não queiram vêr, que não se dignem abrir o involucro e extrahir o precioso producto, que culpem a natureza porque na actividade anormal do seu trabalho secretorio não elevou a propria concha a carbonato calcario combinado com gelatina animal, fazendo do todo uma só perola, é um acto de vontade parcial, que exclue discussão. Accusar a natureza de não produzir milagres, é não entender a criação.

Contentemo-nos de encontrar a perola engastada na superficie do nacar. Quantas e quantas conchas abrimos cada dia sem achar uma só perola, cujas camadas concentricas satisfaçam a sciencia do naturalista!? Quantos e quantos livros lemos diariamente em que nenhuma phrase, nenhum conceito, nenhuma idéa nova ou brilhante na essencia ou na fórma nos obriga a conservar lembrança d'elle no dia seguinte?

E ha com effeito perolas no livro em que o snr. Vieira de Castro narrou a vida e notou os escriptos do snr. Camillo Castello-Branco? Ha. Vou proval-o. Não basta a minha simples affirmativa. Leiam. Abro ao acaso. E' a paginas 19.

« Camillo começou cedo a chorar, e só sabe chorar quando escreve. Mas ha tanta poesia, tanta resignação, tanta humildade n'estes prantos, que bem glorioso devia ser o infortunio que lhe rasgou a primeira ferida. Se não de propheta, da mão de um anjo lhe cahiu no coração a mysteriosa varinha que lá dentro abriu uma fonte de tão abençoadas lagrimas. »

Voltemos folha e attentem nas paginas 20 e 21 :

« E é uma magia, um encanto, uma seducção, o passear a gente com a phantasia ao longo dos amenissimos vergeis d'aquelle bonito, elegante, peregrino, e formosissimo estylo. Tão facil, tão gentil de maneiras, que bem podera dizer-se do estylista o com que outros engrandeceram o sabio grego : « que as musas fallavam, todas, pela bocca d'elle. »

« Prende pela agonia, arrasta pela dôr, magnetisa pela

commoção violenta. E' como a attracção magnetica dos espiritos melancolicos que se abraçam e extasiam e se colêam na communhão de uma mesma angustia. Se mais magôa, mais tambem nos enleva; se nos fere de mais, é ainda maior a consolação; se corta muito dentro pelo ámago d'alma, muitos, muitissimos são os balsamos que ficam aspergindo sobre a ferida rasgada.

« Que luxos de estylo! que milagres de locução! que pompa de phrases! que opulentissimo dizer! — E ás vezes vêem-lhe ahi assacando culpas os sisaneiros da critica meticulosa. Accusam-lhe demasia de flôres, exuberancia de enfeites, fartura de primores, que agora ou logo a imaginação, para não morrer suffocada em tantos perfumes, lhe derrama a flux na pintura de uma imagem que merecia mais singelamente vestida. Peccado invejavel! Defeito de pai opulento e prodigo que, na cega expansão do seu amor, nem sempre adivinha n'uma simples grinalda de rosas brancas o unico, o formosissimo adorno para os naturaes encantos da sua filha de quinze annos. *Rerum imagines ostendit.*

« Crêem que venha a empallidecer a grandiosa magestade do pensamento na purpura do seu estylo? — Convençam-nos primeiro de que as nuvens de sabea, que se atropellam fóra do incensorio, ficam a empanar os fulgores da radiosa eucharistia, ou a marear de sombras as bordaduras do pallio que lhe faz docel esplendido. Não: não nos digam que o sol brilha menos através de uma nuvem d'ouro!

« A idéa grande e magestosa quer phrase aonde caiba, palavra aonde pompeie todas as suas opulencias, estylo que a fecunde: — as campinas do Egypto, para fertilisarem, precisam das inundações do Nilo. »

Vamos ainda lêr um periodo a paginas 43, que é excellente de estylo, e tão rico de idéa como vigoroso na fórma:

« Em Portugal o desgraçado que de alma e coração veio a professar na ordem das letras está irremissivelmente perdido...

O triumpho da mediocridade assenta n'um pedestal de lama, que ha-de escoar-se pelas vertentes da praça publica quando a camada dos imbecis poder entender um livro. Deixemos vãs philosophias. Deus tem em tão pouco as gloriolas d'este mundo que as dá sempre aos tolos. »

E a paginas 51:

« Atochando de ouro e joias os cofres do homem estupido compensou a natureza, pelas regalias ephemeras do fausto, a enfermidade dos espiritos cegos á luz do entendimento.

Agonias, expiação, e padecimentos, reservou-os ELLA para a outra concha da balança onde já estavam pesados os triumphos, as glorias, e as ovações dos talentos predestinados. N'isto se parece o genio com as rosas. Se mais variado e mais lindo é o matiz cambiante das suas côres, maior é o numero de espinhos que rompem depois pela folhagem da haste quando as petalas, cahindo uma a uma, desfazem a corolla que nos encantára. »

E por ultimo a paginas 80:

« Nem julgueis que a vernaculidade da lingua esmorece nos caprichos da phantasia; senão que antes ganha, e muito sobreleva em faustos. A phrase flue pura da sua penna como a lingua hebraica nos escriptos de Isaias, como a grega nos monumentos de Homero, como a palavra latina nos versos d'Ovidio, como a attica nas orações de Demosthenes, como a castelhana nas cartas de Santa Thereza de Jesus ou nos livros de Cervantes, como a portugueza no verbo de Luiz de Sousa, de Bernardes, ou de Castilho. D'elle póde repetir-se o que já de Messála Corvino apontava Quintiliano: « que até no estylo se lhe revia a fidalga condição. » *Et quadammodo præ se ferens in dicendo nobilitatem.* »

Ainda não encontrei mais fino e perfeito modo de dizer nos livros da nossa litteratura contemporanea mesmo apesar de algumas asperezas, que a lima teria podido corrigir.

Agora me perguntará V. com a sua habitual pachorra a que não chamarei maliciosa como o nosso bom Rodrigo chamava á d'elle, se todas as paginas teem d'estas perolas. Rasgadamente lhe digo que não.

Ha-de encontrar alli as seguintes phrases:

« ... marcava-o compasso de uma algazarra pifia em
« que o latim da ladainha andava farpado como a pragana
« do linho aos açoutes vigorosos da espadella. »

« E d'aqui o inferir-se em presumido estylo de aphoris-
« mo, sentencioso como os de Hypocrates, que o extremo
« zelo em sciencia póde ás vezes abrolhar em cogumelos de
« sala. »

Aqui não ha perolas. E' a concha que as encobre, mas logo se vê a que preciosa especie pertence e a riqueza que tem dentro.

Eu quero ser despiedado na critica porque me parece que ha-de aproveitar, e porque vale a pena dizer a verdade a quem a sabe entender e tem coragem para a ouvir. Se da minha modesta ousadia nascesse nos futuros escriptos do snr. Vieira de Castro a perfeição que temos direito de

exigir d'elle, e que cabe largamente nas suas alentadas forças, que satisfação para mim, e que excellente escriptor para a litteratura patria.

O snr. Vieira de Castro affecta ás vezes demasiadamente o estylo. Arrevesa-o para lhe dar sabor classico, e fugindo das expressões vulgares, do fallar e escrever burguez que matou a poesia das nossas letras, vai pelos montes e valles da exageração até a gente o perder de vista. Vai-se criando uma escóla d'este modo de escrever, e o mais é que brota d'onde devia nascer a escóla contraria, d'aquelles que mais sabem e conhecem a nossa lingua e o criterio com que é mister trabalhar na sua indispensavel regeneração. Isto ha-de ser assumpto de uma carta especial.

Voltemos quasi ao principio do livro.

« N'essa audaz e atrevida resolução dir-se-ia que vinha « já o ante-gosto, diz o snr. Vieira de Castro a paginas 7, « da gloria que o seu espirito *preadivinhava* quando lhe in- « sufflassem os germens do seu portentoso talento. »

Se eu fallasse com o ousado estylista havia observar-lhe que a palavra *ante-gosto* é criação nova, mas não haverá critico que recuse dar-lhe curso legal, porém o verbo *preadivinhar* qualquer que fosse a necessidade de evitar locução menos nobre, tem de ficar embargado na chancellaria da boa razão, porque adivinhar antes de ter adivinhado é simplesmente absurdo. A phrase sôa bem. A palavra parece expressiva. Mas como representa um acto absolutamente impossivel não póde ter cabimento no discurso, assim como não achou lugar no diccionario.

Ahi tem V. as perolas brilhantissimas do estylo do snr. Vieira de Castro, e as sombras da concha em que se escondem. Nada mais facil do que corrigir estes pequenos defeitos, e deixar que as perolas brilhem sem que mais lembre se era escuro ou rutilante o lugar onde a natureza as engastára. No estylo do snr. Vieira de Castro sobresahem os dotes de um bom escriptor. O seu talento vigoroso e joven hesita entre a natureza apurada pela arte, e a exageração da arte aleijando a natureza. A reflexão ha-de trazel-o ao bom caminho, onde o espera a gloria e as vantagens dos melhores prosadores portuguezes.

A biographia do snr. Camillo Castello-Branco não é uma extravagancia de estylo, como dizem os maldizentes. E' uma lucta sinceramente manifestada entre duas escólas que ambas pleiteiam no espirito do joven escriptor para o fazerem seu. Queira Deus que elle não se deixe dominar excessiva-

mente nem por uma nem por outra. A melhor escóla é a boa razão e o bom gosto que só ella sabe criar e dirigir.

Ahi tem meu caro Sampayo, o que eu penso ácerca do livro e do escriptor que o publicou. Ambos me agradam, com as devidas restricções que lhe acabo de indicar.

Quanto á verdade da biographia, não póde suscitar duvida, porque do proprio interessado houve o author noticia dos factos. No modo de os expôr, não seguiu genero conhecido, e fez bem. Contou como lhe approuve, e não se lhe póde notar senão que mereça corrigido.

Não direi outro tanto das particularidades com que fustigou este ou aquelle individuo, porque é melhor ser misericordioso do que justiceiro, mas a critica mal póde encarregar-se de apreciar estes incidentes sem invadir as attribuições de censor moral, officio que á força de ser exercido por quanto birbante ha n'este mundo, cahiu no descredito a que em tempos chegou entre nós certa condecoração da qual dizia um diccionario que era distincção que já não distinguia ninguem.

Adeus. Falta o espaço. Até breve.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

(Revolução de Setembro — 27 de Julho de 1862.)

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

I.

Superflua biographia ao pé d'esse retrato! Pallido pleonasmo á historia de um grande nome que se denuncia pelo homem maior ainda!

Ha no espaço d'essa fronte luminosa um raio de sol, como se o transverberara a luz do genio esplendido que rebrilha dentro.

Vem ahi escripto n'essas faces aradas pela dôr de um soffrimento longo o martyrio santo de um coração que parece, comprimido pela angustia, espelhar no rosto o seu viver de agonias.

Tão cheio de tristeza supplicante é o quebrado relampago d'esses olhos embaciados por um véo de crystallizadas lagrimas, que é lêr por elles os segredos e mysterios de uma alma que vive em penas, espreitando por lá, na immobilidade do espasmo, a eterna visão de um sonho infeliz.

E nas linhas todas d'essa physionomia dous reflexos magnificos! — um renascendo sempre do talento, da alma o outro, e ambos d'essa poesia que se insinúa pelos milagres sempre novos da inspiração que a fecunda.

Contemplal-o é adivinhar-lhe o passado, aprender-lhe o presente, e vaticinar-lhe o futuro. Superflua biographia pois!

Superflua para os espiritos privilegiados que aprenderam a lêr no coração de estranhos amarguras irmãs das suas pelos vincos da face semelhantes ao vestigio das lagrimas proprias. Para esses diria o retrato a linguagem dos livros, como a locução inspirada das obras lhes deixaria exacto na imaginação o busto do escriptor.

Poeta entre os primeiros, dramaturgo entre os excellentes, coronal entre romancistas.

Poeta pelo sentir...

Poeta, que ama; poeta, que invoca; poeta, que adora, sem estrella prefixa que o alumie, ou antes, alumiado por todas; phantasia enamorada, que se inspira de todos os sóes, que gosta em todas as flôres como a mariposa, sem se esposar como esta a nenhuma, voejando sempre, para alfim despedir o seu pairo destemido a mundos invisiveis onde o pensamento é a eternidade.

E ser poeta é isto.

Ser poeta é *sentir;* sentir o infinito das paixões volcanicas sem a vaidade louca de esconder o fogo ardente que lhe aquentou os primeiros cimentos na esteril barbacã de parolas temulentas que, se não se abrasam na mesma flamma, apenas logram apagar e confundir no mesmo cinerario a crença e a poesia.

Ser poeta é adivinhar aquelle verso do girondino:

L'art ne fait que des vers, le cœur seul, est poéte.

Ser poeta é amar de um amor impossivel para as imaginações inspiradas, que não crêem a venalidade nos afagos da mulher que é demonio, que não adivinharam morte prematura nas lagrimas puras da mulher que foi anjo.

Ser poeta é prelibar na historia dos tristes da hu-

manidade o condão desgraçado de conceber a immensidade do amor immenso para depois colher espinhos na semente regada de prantos á luz treda de horoscopo maligno.

Ser poeta é ir de noite, á claridade azul de um céo cravejado de saphiras e esmeraldas, haurir os perfumes que a natureza rescende ou na paragem da beira-mar, ou ao pé das amphoras de uma fonte longiqua, ou nas azas da viração que se modula pelos canticos de mil rouxinoes que psalmeam hymnos á Divindade.

Ser poeta é dobrar o animo aos brilhantes estimulos dos grandes vultos da historia, enfiar o vôo para as cumiadas do genio d'onde nos acenam as sombras d'elles, medir n'um relance de vista petulante a immensidade do infinito, e cahir logo, como aguia fulminada ao fitar o sol nos topes da serra, nos boqueirões de lôdo d'este mundo positivo.

II.

Camillo Castello-Branco nasceu em Lisboa...

Uma impertinencia que me salta já aos bicos da penna; escreveu Euripedes, no ELOGIO D'ALCIBIADES: —*A principal base da felicidade vem do nascimento n'uma cidade celebre.* Se d'esta vez apenas claudicou o profundo tragico, não coxeiem por isso os creditos do seu proverbio.

Nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1826. A mesa das confrarias não inventou ainda nos seus estupendos conclaves uma formula distincta para archivar nascimentos illustres.

Filho natural de Manoel Botelho Castello-Branco, Camillo... não teve mãi. Assim o affirmava pelo menos na melhor boa fé o sacristão d'aquella formosa capel-

linha do Loreto, aonde alguns annos mais tarde donosas damas e cavalheiros gentis deviam assistir ao sacrificio incruento pelas mesmas horas que antigamente chamavam á cêa os nossos avós, ás bisbilhoteiras curiosas que pretendiam devassar no livro dos assentos de baptismo o nome da creatura, a quem o céo presenteara criancinha tão insinuante, e para quem seu pai inventava todos os carinhos no meio das ceremonias do augusto sacramento, celebrado com todas as solemnidades e pompas que a fortuna abastada do fidalgo cavalleiro podia dispensar-lhe.

Ficou orphão, ainda menino, em 1836. Tiveram prestimoso encargo as primeiras lagrimas com que o céo orvalhou a sua existencia. Cahiram ellas sobre os goivos do tumulo de seu pai, quando a metade d'aquella alma chorava debaixo do lucto, ao pé da outra que lhe tinha morrido no berço para o mais santo de todos os affectos humanos no dia em que foi preciso para amamental-o o leite de uma mulher, que não podia chamar-lhe « filho ».

Camillo Castello-Branco contava então dez annos.

Ouçamol-o:

« Aos meus dez annos levantou-se uma tempestade
« no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pai
« á sepultura; outra atirou commigo de Lisboa, minha
« patria, para um torrão agro e triste do norte; e a
« outra... Não merece chronica a outra: arrebatou-me
« um esperançoso patrimonio. Foi bem pregada a peça
« para que eu não tivesse a impudencia de nascer, a
« despeito da moral juridica, filho-bastardo de não sei
« que nobre. Disseram-me que uma lei da senhora D.
« Maria I me desherdava. A boa da rainha, se tivesse
« amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão
« cruamente para os filhos do peccado. Denominava-se
« a *piedosa,* pela mesma razão porque um rei nosso,

« soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou « o *piedoso* ». [1]

Era Villa Real o *torrão agro e triste*. A historia não póde forrar-se a estas minudencias. Ha espiritos meticulosos que na vida dos homens illustres esmerilham uma data para auferirem d'ella um grande acontecimento, e surprehendem na eventualidade, que se nos afigura futil, o titulo de grandes maravilhas. Meticuloso é ás vezes synonymo de tôlo. Ora se n'este paiz se retirasse aos tôlos o direito de conhecerem a vida intima dos contemporaneos celebres, quem havia de lêr o resto?

O conselho de familia (oh que horror eu tenho aos conselhos de familia!) destinou-lhe n'aquella terra a casa de uma tia, irmã de seu pai. Não havia motivo ponderoso para que a natureza fizesse uma excepção em favor d'aquella senhora.

Era como todas as tias... uma tia detestavel. Se o menino fugia de casa para a serra, se dava tiros ás galinholas e ás perdizes (não lhe doendo porém nunca, diz elle, o remorso de ter matado uma), se voltava á noite nadando em gosto por lembrar-se de que no dia seguinte iria de novo pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles; a irmã de seu pai protestava logo contra este humilde serviço, dizia-lhe cousas que elle não percebia ácerca da sua dignidade; reprehendia os seus baixos instinctos, e cortava-lhe o rasteiro vôo escondendo-lhe a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a brôa, e a cabacinha de aguardente. E se a criança rebelde, pedindo tudo de emprestimo, partia outra vez com as ovelhas para o monte, passando por lá o dia inteiro, sentado nas espinhas de alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em que, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros, ai que ahi troavam

[1] No livro do snr. Camillo Castello-Branco, *Duas horas de leitura*, póde o leitor saborear mais detidamente o que, por muito longo, era impossivel trasladar para aqui.

de novo os ralhos e as censuras; e em quanto o menino ficava a chorar arrependido pelo abalo que lhe causaram no animo debil as palavras asperas d'aquella boa senhora que já não sabia de vocabulos para fulminar o *baixo instincto*, ia ella concertar com o seu procurador o melhor meio de questionar ao innocente a legitimidade do seu patrimonio.

Desconfia o biographo que de uma linha meio aspada dos apontamentos constava que a derradeira tentativa contra os *baixos instinctos* tivera lugar no dia em que por uma conciliação *generosa* deixaram á criança uma fortuna mediocre para um capricho de duas casacas no *Keil*. Era o apanagio das tias aquella angelica senhora!

Foi por esta occasião que vieram aquelles amores com a *Maria do Adro*... Agora respeito ás meticulosas. O poeta conheceu depois nos salões muitas *Marias*, que não valiam a outra, falsamente apertadas nas compressas do espartilho, e que fariam aqui biôcos de fastio se elle lhes dissesse as excellencias enthesouradas no coração do anjo d'aquelles valles, tão cheio de graça, tão enfeitado de descuidosa innocencia, tão distincto pelo seu ar senhoril. Estas Marias de cá, hoje crismadas em *Julias e Ismenias*, tambem conservam reminiscencias do adro, onde aos sabbados a mãi, com uma perna por cima d'outra, marcava, bambeando-se, o compasso de uma algazarra pifia em que o latim da ladainha andava farpado como a pragana do linho aos açoutes vigorosos da espadella. Quando fallo nas *Marias* dos salões, reporto-me áquella velha sociedade do Porto hybrida de Felizardas tôlas, cuja educação foi sempre uma logrativa para o caustico folhetinista do *Nacional*. Eu peço a todos os meus leitores que vejam a curta narrativa d'esta affeição da *Maria do Adro*, que pagava com anneis de missanga, flôres do monte, e abraços de videira, os sacrificios e extremos do seu vate enamorado. Lêem uma das mais bonitas cousas que o coração humano tem ins-

pirado, e que penna de escriptor tem sabido repetir em vernaculo e sentido portuguez.

Desamparado de educação, e sobre tudo de caricias e afagos, lembrou-se aquella criança de 13 annos de fugir para Lisboa. N'essa audaz e atrevida resolução dir-se-ia que vinha já o ante-gosto da gloria que o seu espirito adivinhava quando lhe insufflassem os germens do seu portentoso talento. Aquella ancia do grande mundo era certo o instincto maravilhoso das almas bafejadas pela Providencia dos genios.

Sahiu-lhe porém tolhida a primeira estrategia. Camillo foi preso no caminho á ordem de sua tia, e provavelmente reprehendido com dous novos adverbios pantafaçudos a proposito do *baixo instincto.* Acorçoou-o porém a propria adversidade, e refugiu segunda vez, fazendo estrada por uma terra onde viveu tres mezes copiando autos em casa de um tabellião; este incidente ignominioso é um ponto escuro na biographia, para cujo esquecimento eu empenho toda a longanimidade do leitor austero, cuja parvulez andará talvez a competir com a austeridade.

D'aqui foi o esperançoso mancebo para a companhia de sua irmã, recentemente casada com vantagens bastantes, e deparou no seio da sua familia com um padre instruido que lhe ministrou a primeira eucharistia da intelligencia na « Recreação philosophica » do padre Theodoro d'Almeida, no « Theatro dos Deuses », nas « Peregrinações » de Fernão Mendes Pinto; e em poesia nos « Luziadas », e alguns volumes de « Bocage ». De preferencia na lição d'estes tres ultimos se saboreou o espirito da sua primeira puericia.

Seriam testemunho sympathico d'esta primeira communhão espiritual, se os não apagara o tempo, os seus primeiros escriptos: « uma satyra a um mau prégador », uma « ode » cheia de saudades por uma mulher que elle vira n'uma romaria, e um « drama ». A pri-

meira devia já rastrear os moldes admiraveis do arcade inimitavel; seria por ventura a segunda o ecco de um gemido nos labios do cantor de Natercia.

Começavam a denunciar-se os quinze annos do ardente moço. A alma aberta a todas as aspirações, o coração franco a todos os amores. Aos domingos de tarde contemplando a dryade d'aquelles bosques a resar a Via Sacra em redor do presbyterio, sentando-se com ella debaixo de um castanheiro visinho da leira, e beijando-lhe alli no regaço o ramo de boninas que a louca andara colhendo, e atando com um fio de cabello; na aurora immediata era vêl-o já no cerro de uma collina afastada, livre á inspiração de um novo amor, captivo de outros feitiços, preso a outro iman, carpir o longo instante que barbaramente lhe protrahia a suspirada e promettida entrevista, invocando outra imagem na primeira nota do seu canto:

Luiza, flôr d'entre as fragas... (¹)

A familia do futuro romancista quiz furtal-o ás consequencias funestas de uma paixão que presagiava desatino, e mandou-o para Lisboa. D'ahi exigiram que elle viesse para o Porto, logo que o prestigio de outras mulheres tinha passado a esponja do esquecimento por sobre o nome da camponeza que elle divinisara na sua imaginação de artista.

III.

Camillo Castello-Branco voltou ao Porto assignalando com um feito digno de historiar-se a viagem no vapor

(¹) Leia *Um livro* pag. 95.

que o reconduzira lá. Achava-se a bordo no meio de uma excellente companhia de senhoras e cavalheiros entre os quaes destacavam mais solemnemente um frade, e um mestre de philosophia. (1) Estava tudo no tombadilho sorvendo a longos tragos a poesia d'aquella hora em que o espirito do homem se concentra para arrepender-se dos peccados de cada dia. A lua refrangia os tristes clarões da sua luz indecisa nas vagas movediças que se encapellavam para se desfazerem depois em rasgados arminhos; e as estrellas, brilhantes e refulgentes como os olhos da Providencia, desciam, banhando-se e brincando, até ao fundo negro do mar como para alumiarem, n'uma longa esteira de ouro e prata, o caminho seguro por onde devia singrar aquella arca portadora de tão preciosas creaturas.

Preciosas, se lhes aquilatarmos as prendas do espirito pela abstinencia sovina de palavras. Os cavalheiros eram todos janotas do Guichard (o confluente da elegancia suina d'aquellas eras), e as senhoras graciosas creaturas da cidade de Braga, onde o fallar é culpa, — porque tambem é peccado o pensar. Se alli fosse Descartes, todo ancho da sua pessoa, dizer: *Ego cogito, ergo sum,* apedrejavam-no, como apedrejaram ao pobre do *Saint-Hypollite,* que teve a imprudencia de ir empalmar um *feijão* diante d'aquelles cegos.

Os primeiros afuroavam nas luras da intelligencia esgalgada a maneira engenhosa de encampar pela decima vez ás virgens attentas *a risota d'aquella grande patuscada* que a sucia havia feito ha cinco annos nas Caldas das Taipas onde todos affluiram para refrescar os corpos nas caudaes da lympha thermal; os corpos, já que as almas, de ha muito anojadas do barro dos receptaculos, se haviam escapado para mundo melhor. El-

(1) O professor de philosophia era Manoel Pinheiro d'Almeida e Azevedo, actual professor da 3.ª cadeira do lyceu nacional de Braga.

*

las, as suppostas virgens, davam mudo realce ás lindas faces, mescladas de encarnado e branco como pescoço de rola, e promettiam ser todas no futuro, como a avesinha, o symbolo da fidelidade conjugal pela seriedade espasmodica com que acatavam aquelle profundo investigar dos peripateticos de *cache-nez;* ao passo que designando-os com o visinho do *Matta-piôlhos* proferiam em tom mystico: *silentium ore facundius.* A educação de uma menina de Braga resente-se muito dos latinorios do frade que exhorta a consciencia resvaladiça da avó, e leva frigideiras á mamã nos dias do antojo, e dá á prima lições a pataco de piano-forte... em Braga o piano é como o café... sempre *forte.*

É para louvores de hyperbole a descripção dos *seraphins* de Braga, diante do palavrorio de meia duzia de sandeus apostados em corromper-lhe o silencio heroico.

As sereias estafaram-se para captivar Ulysses, homem pelos modos de muito mau ouvido. Hoje os *capitães* dobram-se vencidos, sem que as vencedoras depravem a larynge. A cousa toda é o ôlho... aquella reviravolta... aquella machina electrica... as chispas...

Aquelle não sei quê
Que spira não sei como
Que invisivel sahindo, a vista o vê.

como diria Camões.

A mulher em Braga é tambem vaidosamente erudita na lição dos modêlos gregos, e por isso colhe ás vezes escandaloso proveito das leituras de Plutarcho, que doutrina excellentes preceitos sobre a *arte de escutar.* E d'aqui o inferir-se em presumido estylo de aphorismo, sentencioso como os de Hypocrates, que o extremo zelo em sciencia póde ás vezes abrolhar em cogumelos de sala.

Eu tenho minhas esperanças de que a mulher, n'es-

te clima tão convidativo para a batata, venha a ser no anno de tres mil a mulher de *Aimé-Martin,* ou esta Providencia desenhada no moderno livro de *Michelet: La femme.* Peça a minha gentil leitora a seu papá que lhe compre este livro, e leia-o. E se, ao cahir a luz dos seus olhos na ultima linha da derradeira pagina, se não sentir, na alma e no coração, boa filha, boa irmã, capaz de ser boa esposa, boa mãi, e boa amiga, então aproveite o conselho de um doudo; esconda a cabecinha na aza, ou nas hervas marginaes de uma lagoa como a galinhola, e deixe-se matar assim ao tiro do primeiro caçador que quizer fazer uma obra util destruindo uma inutil.

Não te zangues, chapelleiro de *Maximinos.* Tu vingas o sexo de tua avó, se trouxeres as netas á beira d'este poço, e lhes disseres que a verdade está, não á beira onde a achou a Samaritana, mas no fundo; penso que se ellas a não guindarem, tirarão pelo menos em farta abundancia o que Moysés cavou na penedia de Horeb. E depois virá o teu freguez poeta a cantar na theorba, digna d'ellas, não o *vaporoso da plastica,* mas o vigor possante d'aquellas fórmas espadaúdas que te regaram as leiras em meia hora. Oh! ouve-me tu, poeta; escuta-me tu, *freguez;* não rias do conselho, sê util á tua patria, não te envergonhes de ter nascido ahi, que o primeiro berço de Christo foi uma manjadoura. Convida a irmandade, e pondera-lhe o valor d'essa abnegação. Ensina-lhe que n'um eido bem opulentado de rimas (rimas de bravio, como as vossas) está muitas vezes um olympo mais augusto que o de Homero e Virgilio. Rastejai cá por baixo, sem torcerdes a vocação, que ha aqui muito a colher. Lá em cima não se toca viola. A Providencia talhou-vos para este officio; não ha contrarial-a.

Agora sério. Quero perder comvosco uma pouca de santa erudição. Rebeca parou tres vezes no caminho por

onde ia buscar a agua que depois conduzia em seus hombros. Rachel, e as filhas de Jethro, davam de beber aos rebanhos de seus paes. Sara amassava com suas mãos o pão que Abraham repartia por seus hospedes. —O vosso espirito commove-se na contemplação intima d'estes tres anjos? Dizei-me que sim, e quebrai n'uma esquina as lyras de cerdeira. E se conseguis, apostolando-lhes melhores doutrinas, desataviar esses idolos de grêda que vós mesmos endeusastes n'uma chusma de sandias jaculatorias, insinuando-lhes a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*, que podeis symbolisar n'esses tres modêlos que ponho á vossa admiração, e onde se resume toda a sciencia de Deus, eu desde já, com a permissão do Senhor, vos comparo áquelles patriarchas que mereceram o elogio do propheta. E n'esta esperança continúo o conto interceptado:

Não pôde o interprete de Leibnitz e Locke com o peso d'aquelle profundissimo silencio que salteara a todos de improviso. Vinha jorrando poesia o enlêvo d'aquella hora magnetisadora de toda a alma justa, mas o bom do philosopho, depois que aprendera em Lucilio aquelle rir de zombaria, melhor estudado nos livros causticos de Juvenal, Aristophanes, Voltaire, Boileau, Casti, e outros genios de igual tempera, soterrara a lyra, e com ella o seu diploma de vate sentimental e scismador. A sociedade, que lhe era familiar pelo seu lado avesso, já lhe tinha passado nos labios as fezes que ella esconde no fundo dos seus vasos de asphalto, e deixara lá o amargo da ironia para tudo e para todos.

Tunc veniunt risus. Ao pé do mestre de philosophia ficara, por travessura do acaso, o frade de que já dei conhecimento. Não dizem as informações recebidas a que ordem estava adstricto este servo do Senhor. O que não esqueceram, sim, vem a ser uns chouriços com que o pobresinho ia penitenciando o corpo sem compaixão de si proprio. Ao vêr-lhe as pandas ventas arfando

em contentamentos que por ellas repartiam as bochechas tufadas de nacos sobrepostos, que esperavam no desfiladeiro da garganta a monção de se precipitarem, dir-se-ia que a alma d'aquelle martyr ia logo nadar, contricta, em lagrimas... de vinho. Fazia pena vêl-o.

O mestre de philosophia, rodeando-o com a sua vista incommoda, acabou por lhe cingir á carne a estamenha do habito furta-côr, espalmando-lhe sobre a perna esquerda uma dextra anafada... que o proprio frade invejou depois. Fez o clerigo uma visagem pavorosa. O apparelho faceal demorara o seu movimento, mas raiára pelos malares umas listas rubidas em que relampejava a colera implacavel; eram os nervos do presunto a transsudarem pela superficie bétas de furia roixa. Intercalado nos dentes estava ainda meio palmo de cibo quando o illustre companheiro de um breviario sem folhas encarou o visinho descortez da altura do seu aspecto ameaçador e terrivel.

— O senhor parece-me a carranca de um chafariz, disse o impertinente philosopho destoando a rir. Ora recolha lá esse canudo, e diga d'ahi alguma cousa para estas senhoras se rirem.

A cara do frade parecia o arco-iris. As damas não poderam, por defeito de organisação galhofeira, represar a gargalhada insultuosa, e esta rolou compacta até os ouvidos do monge, segredando-lhe que aquillo não era a norma de uma boa cortezia, mas nem por isso salvando-o a elle da sua falsa situação, o que era facil de adivinhar-lhe no escarlate da epiderme por onde reçumava chouriço, raiva, e sumagre.

— Então não diz nada?

O homem bufava como se tivessem atirado com elle ao cimo do Getgsémani.

— Ora deixe-me recordar-lhe uma historia que o senhor ha-de saber. Entre as muitas virtudes que os varios agiographos contam do exemplarissimo frei Berto-

lameu dos Martyres, diz-se que o santo, n'uma sexta feira d'Endoenças, a primeira depois que elle tornara para o convento de Santa Cruz de Vianna, entrando pelo refeitorio, como não visse mais que pão e agua, e uns talos de funcho para toda a communidade, segundo era costume da religião em tal dia... *n'aquelle tempo* (accentuou maliciosamente o importuno), diz-se que fôra tamanho o seu prazer, *que nunca comeu de melhor ar, nem mais bem assombrado.* Acrescenta-se que o contrario lhe acontecera n'uma vespera de S. João, pois que sentando-se á mesa, e vendo uma lagosta defronte, logo de si a lançára, afastando-a sem a provar, affligindo-se, e dando muitos suspiros; e que sahira a fazer queixa ao prelado de lhe mandar mimos, principalmente sendo o dia de jejum, e d'um santo que espantára o mundo com penitencia; pois vossa reverendissima deve saber que todo o alimento do Evangelista... *erant locustæ.*

O frade ia remoendo o derradeiro troço devorado, em menoscabo do orador, que continuou assim:

— Trouxe eu esta pagina da *Vida do Arcebispo,* por não poder acabar com minha consciencia (o estylo do mestre era classico e portuguez de lei como os chouriços do padre) que no vosso esophago atravessassem *talos de funcho,* nem tão pouco apurasseis o zelo da vossa temperança a ponto de chasqueardes os manes d'uma *lagosta,* adubada nos tinellos conventuaes, com as palavras do abstinente *frei Bertolameu...*

Risinho das senhoras. O *ruminante* aqui bufou tres vezes com o impeto d'um repuxo destapado, e voltou costas á erudição historica do fallador incivil, que tornou a perguntar, puxando-lhe d'esta vez por uma gabella de tomentos que lhe sahiam do cabeção:

— Então não diz nada, reverendo?

Diga, diga para ahi qualquer cousa. Falle-nos do *mysticismo de Mallebranche,* ou do *materialismo de Aristoteles.* O senhor ha-de fallar bem...

Nem palavra!

— É intoleravel o seu egoismo. Pegue pelo menos nas cathegorias de Kant, applique-as a esses presuntos, e improvise para ahi um discurso que alegre a gente...

Fizeram móssa no espirito aboleimado do frade, os palavrões. Quando ouviu o ultimo, olhou de viez para o insolente, descendo com o sobrecenho, encolheu a venta esquerda para alargar a direita d'uma maneira medonha, e tossiu uma cachinada de riso como rincho d'azêmola que protesta contra os fóros do estadulho — *he, he, he*...

Houve quem visse n'aquelle gesto um sarcasmo intencional. Ha gente que nasceu para vêr tudo.

— De que se ri? Aposto que lhe fez alguma revelação engraçada o futuro que vossa reverendissima está lendo, á maneira dos sacerdotes romanos, nas estranhas do seu cevado...

Era falso. O homem, se lia o futuro em alguma parte, era nos astros, e fôra mais bem comparado aos chaldeus, isto por causa do mesmo cabeção e da volta, que era da côr do cabeção, em cuja altura elle estava suppliciado como em guilhotina permanente. — Frei Bertolameu dos Martyres punha a vista no céo quando no côro da sua ordem repartia aos pobres os seus tres cruzados d'esmola, para que a desgraça se não acanhasse com o olhar profundo do austero *filho de S. Domingos; frei Gerundio* exulava tambem com os olhos da terra quando entravam com elle os medos de vêr encolhidas as visceras d'um porco ao aspecto medonho e torvo das suas fauces, insaciaveis como a tenia.

A lua, e as estrellas, e os concentos poeticos d'aquella harmonia mystica que minutos antes enlevara a todos n'um scismar de melancolias, sahiriam corridos d'alli, rivaes vencidos pela physionomia truanesca do falso penitente, se lá não estivesse uma alma de quinze annos, e tão grande que havia n'ella guarida para todos esses raios

de luz sublime. Camillo Castello-Branco fôra o unico que se não rira, e achara de um travor azedo as facecias com que se expunha ao ridiculo de muitos a mediocridade inoffensiva de um só. O frade deglutia a ultima porção da improvisada ceia quando o seu interlocutor, empalando-o de novo na sua mordacidade insaciavel, lhe pediu pela terceira vez a definição de *milagre*. Vinha sempre acompanhando a consulta um cortejo de considerações pouco edificativas com que se começava a aguar o paladar das senhoras, e o bom do monge tentou pôr-lhe um dique cedendo a primeira resposta. E depois de invocar os valiosos testemunhos de S. Cyrillo, Theodoreto, Procopio, e muitos outros padres do seu conhecimento, disse abordoado n'elles:

— Milagre é um effeito sobrenatural.

_« Ora! para que esperdiçou tão santa erudição? isso quem o diz é o calhambeque d'algum diccionario estropiado. A sua imaginação, meu padre, trescala ao ranço pôdre d'essas enxundias de porco. O vosso espirito andava melhor avisado se dissesse que *milagre* não era cousa nenhuma. O padre adivinha qual foi a razão porque o Rousseau defendeu a authenticidade dos *milagres?*

Camillo não pôde refrear por mais tempo os impetos da consciencia tocada já em favor d'aquella victima indefeza. Ergueu-se livido e tremulo, desceu com o seu olhar petulante até o impio que insultava com palavras sacrilegas aquelle templo immenso onde a phantasia se lhe povoava de ridentissimas imagens, e exclamou com voz de inspirado cousas mais admiraveis que estas, que pouco o são, porque valem apenas para denunciar o modo porque desabafara o seu reconcentrado enthusiasmo:

— Milagre é tudo isto! Milagre é essa abobada infinita onde o Senhor manda accender as tochas da sua luz de salvação para que os nescios d'este mundo não caiam sem o reconhecer! Milagre é este lenho fugindo á morte que lhe ruge dos abysmos que elle salta, e atra-

vessando incolume os gargalos das penedias! Milagre é toda essa camada de maravilhas que embriaga o espirito que as contempla, e onde a palavra do homem desmaia, porque ellas foram o primeiro aceno de um Deus todo poderoso, e esse Deus é o primeiro milagre da historia do universo! —

O que não diria aquella imaginação viçosa e atrevida dos quinze annos mais invejaveis pelo talento, pelo estro, e pela esperança! O que não fallariam aquelles labios febricitantes por onde, na ante-manhã de uma grande gloria, principiava a respirar o coração que em Portugal recebera mais puro da mão de Deus o santo baptismo da sua poesia maravilhosa!

Foi um triumpho completo para o corajoso mancebo. Festejavam-no as senhoras estimulando-lhe a palavra para poderem escutal-o; applaudiam-no os homens com parabens sinceros e gabos de veneração sympathica; o proprio mestre de philosophia apertou-o n'um abraço convulso, e o frade imperturbavel, arrobado no extasis que lhe subia do estomago, sacou do sino da manga, em acção de graças, um novo chouriço mais nedio e luzidio que o antecessor.

Que bonitos quinze annos!

Porque não morreu então aquella criança condemnada a ser o primeiro romancista do seu paiz? Foi-lhe sempre purgatorio o talento, e magoa sempre a aspiração d'aquella phantasia enamorada. O romance quantas vezes lh'o escreviam as lagrimas, sendo mais as lagrimas que as letras, dobando-se em novellos sobre o papel, e como ciosas da penna que se antepunha para essa gloria! O verso quando lhe não brotou espontaneo e rapido de um soluço que a dôr lhe estrangulava na garganta?

Pobre rapaz! farta-te, farta-te nas harmonias da tua aurora esplendida! Sacia-te n'essa abundancia de flôres que estiveram já a pique de perder-te a alma, suffocada

em tantos perfumes! esses hymnos, com que te ensinam a adorar a gloria, hão-de deixar-te a alma branda, como a dos martyres que os aprenderam antes de ti, não para as dôces sensações de triumphos novos, senão para que mais te dôam as sete mordeduras da hydra que cresce ao lado de cada genio. — Se um dia, com os olhos voltados para aqui, criando saudades do céo da tua infancia, ajoelhares e pedires, na humildade do teu coração, um raio d'essa luz; a atmosphera inundar-se-ha de trevas, e tu deixarás de vêr como Tobias. Se cahires depois com os labios no chão em busca dos antigos perfumes, sentirás a nausea que te provocam as flôres convertidas em terra e lama. Se o teu ouvido pedir á harmonia das espheras um ecco das suas divinas melodias, virão com apodos e injurias mofar-te da supplica os dispenseiros da hydra. Pobre rapaz! — E não é isso tudo, nem o peor sequer! Tambem se á tua porta bater o anjo, delegado de Deus, para de novo te mostrar a luz, e readornar-te de flôres, e saciar-te de melodias; n'esse ponto ahi correrão de tropel as quadrilhas de Satanaz, para prender-te a ti com *elle*, na fundura das enxovias ladrilhadas como a alma dos impios, onde padecem os que não sabem agaloar o vicio e as torpezas, fazendo da consciencia mercancia para balcão de negreiros...

Farta-te, farta-te nas harmonias da tua aurora esplendida, sublime criança! — Cedo virás amesquinhar-te, como o illustre cego de Inglaterra, da aridez das tuas primaveras, *que já te não mostram flôres!* (1)

— São lindas, cheias de ternura e meiguice, as filhas de Allemanha. Aos olhos do analysta severo ha alli

(1) *How sooun hath Time, the subtle thief of youth,*
Stoln on hiswing my three and twentieth year!
My hasting days fly on with full carreer,
But my late spring no bud or blossom'shew'the.

MILTON.

todavia nas linhas da perfeição mais ideal um toque de melancolia profundo, raro, e perigosamente contagioso. Já pela descuidada innocencia dos quinze annos rebrilha na physionomia insinuante d'aquellas mulheres um como clarão de luz triste com que o anjo dos infelizes parece ter vindo aureolar-lhes a fronte para guarda e companhia veladora nas sendas tortuosas da vida. Como presciencia de infortunio salta-lhes sempre da consciencia para o rosto, revoltando logo do rosto para a consciencia a idéa calcinante de uma desventura inevitavel.

Eu comparo a estas mulheres as mais bellas composições de Camillo Castello-Branco. Se poeta, se romancista, se dramaturgo, sempre que aquelle alto engenho se elevou á altura para que o criou Deus, lá has-de encontrar, leitor, as ancias, os estertores, e as grandes commoções do homem profundamente melancolico. A poesia revê lagrimas na estrophe, das paginas do romance lagrimas reçumbram, e o drama com prantos arrancados á força n'uma situação excruciante, mais vehemente, mais ignea e mais dolorosa que uma tenaz de ferro em brasa, apaga nos labios o rir gelado do cynico, se por ventura nas platéas está alguem da classe mais depravada dos homens.

E ninguem por certo ha ahi que negue ao author da *Vingança*, do *Suicida*, e dos *Espinhos e flôres*, esta feição caracteristica que individualisa a sua natureza de escriptor.

« Camillo começou cedo a chorar, e só sabe chorar quando escreve. Mas ha tanta poesia, tanta resignação, tanta humildade n'estes prantos, que bem glorioso devia de ser o infortunio que lhe rasgou a primeira ferida. Se não de propheta, da mão de um anjo lhe cahiu no coração a mysteriosa varinha que lá dentro abriu uma fonte de tão abençoadas lagrimas. »

Este vaticinio do passado, dito em mais elegantes phrases, tenho-o eu ouvido de muitas senhoras, que são

ás unicas creaturas fadadas a estas sublimes intuspecções, fallando a respeito de Camillo Castello-Branco.

Effectivamente o estimavel poeta não póde escapar-se ao juizo inexoravel das senhoras, de quem já o nosso Garrett tanto se temia pelo muito em que as tinha. Não lhe vale a elle o carear-nos a attenção para muitas paginas de felicissima graça com que se amestrou a sua penna facil a todas as modulações. Essa não é em verdade a sua physionomia d'elle. Mas que o fôra, a critica prevalera-se ainda com dizer que o author do *Morgado de Fafe em Lisboa,* rindo comnosco, mais copiosas, e mais bogalhudas lagrimas nos leva. Quando a penna lhe aponta uma ironia, quando a imaginação lhe acera um epigramma, essa ironia é sempre caustica, e pungente, infernal e diabolico é esse epigramma. Que o digam aquelles mercieiros do Porto, eloquentes no chasco e no insulto grosseiro com que elles apodam o discorrer dos *poetas,* como escalda nas faces, mesmo nas refractarias ao pudor, o ferro escandente da satyra com que o author das *Memorias d'além da campa de um juiz eleito* lhes avincava o estigma do despreso e do escarneo. Que falle o *Barão da Carvalhosa*..., o *Conselheiro*..., o *Visconde de Ranhados,* e toda essa heraldica de alveitares que eu d'aqui estou vendo a pernear ainda no pelourinho dos editores do Porto. Oh! mas não; por piedade que não fallem! Contente-se o leitor com o daguerreotypo dos livros, que se os ouve, se os vê, se lhes falla, e sobre tudo se elles lhe fallam, e o leitor não morre de tedio, então morre, com certeza morre, morte mais affrontosa ainda!... morre de cocegas!

Camillo Castello-Branco esteve tambem a morrer de cocegas, segundo elle conta, (1) ao lêr as parvoinhas composições, travando a mexilhão, de uma celebridade

(1) Veja; «Memorias d'além da campa d'um juiz eleito.» Diz C. C. B. que cahira a rir quando leu o *Boletim da Torreira.*

d'Aveiro, que já foi deputado, que é hoje publicista, e que ámanhã será ministro, visto o andamento das *cousas*..

E é uma magia, um encanto, uma seducção, o passear a gente com a phantasia ao longo dos amenissimos vergeis d'aquelle bonito, elegante, peregrino, e formosissimo estylo. Tão facil, tão gentil de maneiras, que bem podera dizer-se do estylista o com que outros engrandeceram o sabio grego: « que as musas fallavam, todas, pela bocca d'elle. »

Prende pela agonia, arrasta pela dôr, magnetisa pela commoção violenta. É como a attracção magnetica dos espiritos melancolicos que se abraçam e extasiam e se colêam na communhão de uma mesma angustia. Se mais magôa, mais tambem nos enleva; se nos fere de mais, é ainda maior a consolação; se corta muito dentro pelo ámago d'alma, muitos, muitissimos são os balsamos que ficam aspergindo sobre a ferida rasgada.

Que luxos de estylo! que milagres de locução! que pompa de phrases! que opulentissimo dizer! — E ás vezes veem-lhe ahi assacando culpas os sisaneiros da critica meticulosa. Accusam-lhe demasia de flôres, exuberancia de enfeites, fartura de primores, que agora ou logo a imaginação, para não morrer suffocada em tantos perfumes, lhe derrama a flux na pintura de uma imagem que merecia mais singelamente vestida. Peccado invejavel! Defeito de pai opulento e prodigo que, na cega expansão do seu amor, nem sempre adivinha n'uma simples grinalda de rosas brancas o unico, o formosissimo adorno para os naturaes encantos da sua filha de quinze annos. *Rerum imagines ostendit.*

Crêem que venha a empallidecer a grandiosa magestade do pensamento na purpura do seu estylo? — Convençam-nos primeiro de que as nuvens de sabea, que se atropellam fóra do incensorio, ficam a empanar os fulgores da radiosa eucharistia, ou a marear de som-

bras as bordaduras do pallio que lhe faz docel esplendido. — Não: não nos digam que o sol brilha menos através de uma nuvem d'ouro!

A idéa grande e magestosa quer phrase aonde caiba, palavra onde pompeie todas as suas opulencias, estylo que a fecunde: — as campinas do Egypto, para fertilisarem, precisam das inundações do Nilo.

« Mas a idéa não se enxerga debaixo de todos esses luxos, que confessamos. »

Os vesgos não podem vêr tudo. Isso diziam tambem aquelles muitos povos condemnados na Biblia, que adoravam o sol, a lua, e as estrellas, porque a sua alma de terra não podia erguer-se até á idéa suprema, cujo sôpro tinha criado essas falsas divindades.

Deixem-me pôr aqui uma imagem que me estala o cerebro, se a não escrevo.

Antes d'isso.

« Dir-se-ia uma criação de poeta, um d'esses typos « formados de vapor, de perfume e de luz, cujo corpo « é já uma alma por si mesmo! » vinha assim n'um adereço de formosissimos dizeres esta joia de mais subido quilate pelos finos lavores do seu esmalte, e pela nota caracteristica que tão mimosamente lhe abrira o seu delicadissimo contraste. N'aquelle seu estylo tão airoso, tão flexivel, e tão maleavel á inspiração, escrevia assim d'uma excellente *prima donna*, a unica onde ajuste tão bonito elogio, Julio Cesar Machado, este admiravel folhetinista, travesso, bom e insinuante como uma criança; perseverante, arrojado e varonil como o genio dos vinte e cinco annos; honesto, probo e independente como o ancião que fita o passado sem um remorso que o envergonhe. Esse nome diz para mim um dos mais sympathicos talentos d'este paiz. E ha-de dizel-o para todos quando elle der a um biographo o direito de vir fomentar a curiosa ociosidade d'esta opulencia egoista com a historia de muitas lagrimas, de muito padecimen-

to obscuro, que se não vê através dos seus escriptos tão embrincados de primores e louçanias.

Vamos á imagem.

Lembram-se d'aquelle olhar da *Lotti,* d'aquelle olhar perigoso, infernal, satanico, olhar escandalosamente bonito, perigosamente sympathico, que nos afaga a alma para a esmagar depois, que nos seduz o coração para logo o partir em bocadinhos, inventando um tormento para cada um, qual a qual mais doloroso; d'aquelle olhar que lá nos páramos da Hyrcania transformára em tapete seu a cabeça achatada dos tigres que se atrevessem a miral-a; lembram-se d'aquellas notas febris, (1) magoadas, calcinantes, que resumiam ás vezes n'um grito sublime as agonias de mil infelizes; que desafogavam por um gemido só quanto podem soffrer milhares de almas algemadas pelo annel de ferro do infortunio sem esperança; d'aquelle atrevido cantar, petulante como o é sempre o verdadeiro genio, que ri agora dos preceitos da arte, que logo sahe dos dominios d'ella para não desfallecer como os seus proselytos sêcca de inspiração, e vasia de estro; e recordam-se d'aquellas saudades que a penultima nota dos seus cantos começava a entranhar-nos no coração por não podermos, com a fronte pousada sobre o seu seio, repetir-lhe os divinos segredos que ella nos dizia, as sublimes verdades que nos inspirava, os ardentissimos desejos que nos aquecia no espirito accêso pelas chammas de tão feliz, tão verdadeira, e tão real inspiração?

Sabem o que é esse antagonismo indecifravel da nossa alma, luctando entre o prazer e a pena, ao escutar aquella musica que mais nos alegra, e mais bem nos faz, se mais nos entristece e commove?

Se não sabem, leiam *Espinhos e Flôres, Impressão indelevel, Duas épocas da vida,* e *Abençoadas lagrimas!*

(1) Veja a nota — A — no fim.

Abençoadas lagrimas! Que titulo este! quantos pesares, quantas amarguras, que eternidade de agonias não vem ahi compendiadas e definidas n'esses dous vocabulos de angustioso desabafo! Dir-se-ia a lente por onde a salvo nos é dado espreitar todas as torturas de uma existencia contrariada e perseguida sempre, agora pelos amargos espinhos da saudade, logo pelos densos nevoeiros de um triste desalento, hoje pelos açoutes de uma calumnia ou de um vilipendio atroz, ámanhã, e depois, e sempre, pelo desgraçado influxo de um barbaro destino.

Abençoadas lagrimas! abençoadas, sim, como aquellas que depuram a alma do peccado que a mareou; abençoadas, como essas todas que os olhos vertem no aturado e longo expiaculo d'uma culpa; abençoadas, como todos os prantos que deixam na retina por onde passaram a luz que ensina o caminho para o sitio da bemaventurança.

Eu vi escrever este drama da primeira á ultima linha. Foram trabalho de duas noites os dous primeiros actos; no terceiro consumiu o author o tempo rigorosamente necessario para trasladar da alma algumas paginas entalhadas lá. A biographia não póde impôr ao publico o juizo que deve alumial-o na sentença que lhe lavrar quando elle subir á chancella solemne do seu voto, mas tem direito a admiral-o como uma das mais formosas reliquias encelladas já no thesouro d'este talento insigne.

O manuscripto está a estas horas no camarim da senhora Emilia das Neves. Aos segredos do seu talento confiou o author a parte principal d'aquella sua querida composição. A corôa do triumpho ha-de pois ser para ambos a mesma. As *lagrimas* do illustre dramaturgo, rolando na face da excelsa actriz, colherão das platéas a *benção* que o titulo se anticipou a dar-lhes.

A senhora Emilia das Neves é bonita ainda como o

pôr do sol. Vejo-a na declinação da sua grandeza, mas avultam-me pelo prisma da saudade os resplendores do meio-dia da sua gloria. No occaso de todas as grandes maravilhas ha um raio de luz inextinguivel, por onde se avistam d'um lance instantaneo todos os milagres do passado. E quando se apagar de todo o seu grande talento, ficará no throno da scena o sceptro da rainha morta, magestoso e solemne, como sobre o cadaver do pontifice permanece, rebrilhando sempre, a tiara do supremo prelado.

IV.

N'aquella exuberancia de bonitas apostrophes, com que definira milagre o nosso imaginoso romancista, não previra Camillo Castello-Branco a mais logica, a mais evidente, e a mais irrecusavel prova demonstrativa de que a Providencia não é uma mentira de falsos enthusiastas. Camillo chegou ao Porto, e mezes depois estava matriculado no primeiro anno da escóla medico-cirurgica, tendo feito antes d'isso *todos os exames preparatorios!*

Se me recusam protecção de saga mysteriosa, hão-de por força reconhecer o milagre commigo. O talentoso rapaz improvisava bonitos discursos, phantasiava rasgos d'eloquencia admiraveis na sua idade, poetava, romantisava, dizendo sempre cousas muito sonoras e lindas que punham do seu partido almas e corações de quem o attendia, mas com toda a lhaneza d'um Epaminondas em 1860 seja dito sem rebuço, de principios d'algebra elementar, de preceitos e regras de rhetorica, das cartas de Cicero, da prosa inexoravel do Tito Livio, e das folhas parasitas do Genuense... *vox faucibus hæsit.*

Não se infira d'isto uma censura para os examina-

dores da academia do Porto. D'aqui lhes vem antes merecida e honrosa apotheose como a que bem ajusta nos grandes talentos que tomam pela mão as vocações novas, exhortando-as, aconselhando-as, instruindo-as, e apontando-lhes o caminho da verdade alumiado pela esperança, em vez de as repellirem com invejosa grosseria para a noite escura do desalento.

Na Athenas suja d'este pobre paiz nem o seu anjo-custodio lhe valera. Eu vi alli reprovar em instrucção primaria dous moços de robusta habilidade, um porque chegado ha pouco de França, sua patria, não sabia ainda o *Padre Nosso* em portuguez; outro porque ignorava ser uma das cousas mais notaveis de Coimbra a arvore corpulenta dos meus bons, illustrados, e honradissimos amigos, os snrs. Dorias. Pesa-me na consciencia não poder delatar na vida litteraria de Camillo Castello-Branco um estigma da lavra de padre Simões, ou de algum collega que, não gosando de melhores letras, adormece comtudo, por escarneo dos fados, á sombra de mais lisongeira reputação. Humilhamentos e vexames provados alli, n'aquelle tremedal de corrupções senis, são gloria e premio cá fóra, nos tribunaes onde não tem portas falsas a immoralidade, e o vilipendio.

O estudo de anatomia não consentia ocios ao escriptor inquieto pela febre da gloria. Publicou logo n'esse anno o *Juizo final*, poema recheado de zombarias aos castigos do inferno, em que o author se propunha prestabelecer e designar o genero de pena eterna reservado para cada criminoso; e os *Pundonores desaggravados*, outro poema, que era uma satyra mordente ao duello que tivera lugar entre o marquez de Chardonet e Passos Pimentel. Annunciára o ultimo a caricatura viva do escandalo. O caso foi assim.

Camillo Castello-Branco era condiscipulo do snr. Barros, hoje empregado na administração do correio de Coimbra, e então creatura alegre, descuidada, e buliçosa

como um novato ás quartas feiras (comparação que me ha-de conquistar a immortalidade). Fôra n'uma vespera de feriado a combinação solemne. Conchavaram os dous traquinas cobrir os duellistas, que então davam pabulo aos soalheiros do Porto, com a tunica do ridiculo que, como a de Nessus, devia maceral-os se tentassem lançal-a de si. Quem passasse n'aquelle dia ás tres horas da tarde pela *feira do Anjo,* e visse o aspecto profundo e grave com que, á porta da barraca da Therezinha dos morangos, os dous filhos de Esculapio segredavam entre si, engelhando apenas de quando em quando um ligeiro sorriso á hospedeira que os provocava com beliscões de castidade equivoca, diria logo ser aquelle o retrato de Napoleão na ultima entrevista com o seu general antes da batalha de Waterloo, igualmente risonho nos intervallos da sua preoccupação pelas fementidas esperanças de victoria nova. Alli o Napoleão podia ser qualquer dos dous. No fim do successo ha-de o leitor critico admirar a riqueza d'esta imagem.

O que alli se passou... mysterio! O que elles disseram... ninguem o disse! Nos arcanos d'aquella conversação mysteriosa ninguem meditou a profundidade do abysmo!!! ninguem!!!! horror!!!!! palavras e pontos de admiração que eu copio, por causa da *unidade,* n'um drama de um amigo meu que hoje escreve artigos de fundo com applauso de todos os assignantes de Rilhafoles.

No primeiro dia d'aula a academia amotinada agrupava-se em redor de dous gladiadores, que a murro fingido discutiam o peso de uma affronta. O insulto subia aos ares na copa enrodilhada dos chapéos, e as bengalas, já mudadas em rocas, travavam no espaço uma peleja tremenda. As turbas viram pasmadas os dous contendores, e os amigos das diversas parcialidades correram a salvar por uma concordata constitucional o perigo imminente das dissidencias arriscadas. Eram os lu-

ctadores Camillo Castello-Branco, e Barros. Cahiram em terra ingrata os conselhos e as supplicas da maioria illustrada. A reconciliação era impossivel. Porque? *O que elles disseram... ninguem o disse!* Ambos queriam lavar em sangue a nodoa indelevel! *Nos arcanos d'aquella conversação mysteriosa ninguem meditou a profundidade do abysmo! horror!* — Nomearam-se padrinhos, designaram-se as armas, estatuiram o dia para o duello, elegeram o campo da batalha... e tudo emmudeceu!

Oito dias depois o largo da Torre da Marca era recinto estreito para a immensa mó de povo que corria açodada ao desfecho da tragedia fatal. Uns e outros firmando-se nos bicos dos pés, retezando as cordoveias do gasnate, e arregaçando as palpebras em cata dos dous athletas que deviam despejar os proximos bêcos, abanavam no ar em fórma de galhardetes os lenços onde ficava estampado o suor curioso das frontes espaçosas. A espectativa era já demorada. Augmentava o calor, e com elle o desespero e a furia da canalha ociosa. Eram distinctos os rumores de insubordinação, como de galeria que espera suffocada as sandices de um deputado que tem o pé no primeiro degrau da tribuna, seu cadafalso voluntario.

— Ah! — Oh! — U! — bramiu a plebe de todas as classes alli devidamente representadas, apenas surdiu ao longe o morrião dos valentes. Nunca heroe de antigos tempos foi recebido mais alegremente pelos admiradores da sua gloria! Aquella gargalhada memoranda, que lhes foi girandola de recepção, rebôa ainda hoje de ecco em ecco pelas solidões do infinito! (isto é de um deputado temido nos salões pela sua ironia fina; aqui não se rouba a gloria a ninguem).

A risada descomposta da multidão provocara-a o extremo zêlo dos dous inimigos no luxo das suas armaduras.

O snr. Barros era uma visão phantastica e pávida.

Devia de ser assim um domador de feras nas vesperas do diluvio. Abalava a gente vêr-lhe só arrastar um varapau, de molde parecido com o sceptro dos reis da Illiada. Tudo n'elle era medonho! Tremeu o proprio *Camillo,* e enfiou de sustos como Saul diante da Pythonissa. Até Salvador Rosa deitaria a fugir se lhe pozessem defronte tal modêlo para pintar de novo as feições do terror infernal. Vinha menos furioso o não menos terrivel adversario. Rebatia o sobrecenho carregado do primeiro a serena physionomia do segundo. As Cassandras disseram porém ao rapazio que havia ahi uma prophecia medonha n'aquelle repouso dissimulado. *Latet anguis.* Camillo chegou mesmo a sorrir-se, mas era de demonio aquella alegria sanguenta. Faiscavam-lhe dos labios chammas encarnadas, como as da primeira nesga de sol que se estira nas nuvens de um céo borrascoso ainda da ultima trovoada. Os mais afoutos poderam comparal-o a um sonho de Labarrère intervallado por visualidades assustadiças de leopardo assanhado, e saboreados triumphos de platéa espantada.

A parte mais saliente nos dous era a casaca. Ampla golla de corrimão; as lapellas, quebradas por um vinco sexagenario, pendentes sobre o arção da sella como as orelhas do onagro, que protestava com um zurro de constipação nervosa contra o exterminio da nobre raça dos Caligulas n'uma época em que tanto cavallo se julga digno de ser consul; botões de bonito verde gaio onde o amarello primitivo não tinha ainda recuperado os seus direitos, e aquella aba real, aba pleonasmo, aba escandalo do peralta portuense em 1828. Assim vinham estes dous meninos bifurcados em dous jumentos inalteraveis ao estimulo da espora, carregados de pistolas, punhaes, bacamartes, trabucos, béstas, terçados, pelouros, partazanas e chuços, quando ò povo desatou a rir estrondosamente.

Os burrinhos pararam como para interrogarem a co-

nhecidos collegas o motivo de tanta galhofa. Pelos ares de philaucia com que os dous orelhudos enviezavam o olho direito (não se menciona o esquerdo de que ambos eram galantemente cegos) á plebe prazenteira, dir-se-ia que ovantes do seu fardo, sentiam em si o peso suavissimo de Cesar e Alexandre Magno. N'este entrementes de gritaria irracional, o malicioso author do *Mundo Patarata* espreitava a parte, por onde seria vulneravel o novo Aquilla, que lhe estava já fazendo arremettidas insultuosas, mas de que elle chacoteava porque, Aquilla tambem, inviolavel por todos os lados menos por um, era este como em Aquilles o calcanhar, ponto sempre defeso a arranhaduras em guerreiros esforçados. Ia medir-se a distancia convencionada para se passar á execução do lance terrivel. Successo estranho! No momento solemne da solemnissima desforra, os dous heroes foram brutalmente aferrados pelas unhas selvagens do centurião do snr. Mendanha, e intimados para comparecerem immediatamente no pretorio da authoridade. Ignominias d'esta nação. Cesar e Alexandre Magno, algemados pelo administrador do seu bairro! Os gladiadores pedem que lhes seja ao menos permittido o voltar nos ginetes, cumplices no crime, á presença da *Excellencia*. Sendo assim impossivel a fuga, adheriu ao pedido o sisudo regedor, aliás austero na transcendencia dos seus mandatos. Camillo, diz:

« Ainda pedia mais, snr. regedor... »

— Ouvirei, responde o homem com a gravidade de Salomão á espera dos quesitos da rainha de Sabá.

« Para luzimento da nossa prosapia, continuou o duellista, erguendo a esquerda com as redeas sobre o coração, e guindando os calcanhares até ás orelhas da besta, — e para a respeitabilidade de nossas jerarchias, seria bom que, pelo menos ao sahir do campo da honra, partissemos *a catrapós*... »

O regedor franziu o focinho em ar de coelho manso,

emigrou depois com os queixos para uma das provincias da gravata medonha, vascolejou no cerebro quatro hypotheses absurdas, e assumiu n'um dos rebordos do poço, para dizer em tom de quem se quer obedecido:

— Não podem. Eu tambem vou a passo, e levo as mãos no ar.

Partem os tratantes.

Dos heroes não fallo, que o vêl-os de tal modo, assediados na onda infrene do vulgacho, fazia recordar aquelles antigos idolos do imperio de Nemrod, que os primeiros vencedores desalojavam montados em jumentos á mistura com as bagagens dos vencidos; se o leitor não prefere comparar os taes idolos aos proprios jumentos, de concordancia com o espirituoso dito de *S. Jeronymo: Simulacra eorum similia sunt brutis.*

Aqui temos Napoleão, com o seu ajudante de campo, *em derrota* para Santa Helena. O *Napoleão* continua a ser qualquer dos dous, a contento. Isto entremette-se aqui para salvar a imagem de cima. Partiram os indomitos rivaes entre uma manada de cabos de policia. Fazialhes orchestra de acompanhamento a vozeria dos gaiatos, que traziam ás janellas pelas ruas do transito a litterata do *Menino Perdido*, e a cozinheira da mesma.

Iam vexados os paladinos!

A algazarra tocou o desproposito com este episodio: o jumento que o snr. Barros montava, quando lá lhe pareceu que era pesada a chalaça, parou, descreveu com as ventas dous circulos no ambiente, e fez perceber que não dava mais um passo. A mariolagem picava-o, e gritava que o burro era podre; a este insulto desunhava-se elle com uma hyperbole de couces.

O snr. Barros apeou-se, e tal pontapé lhe cozeu no ventre, que o feroz baqueou, confundindo a morte no ultimo arranco de indignação contra o genero humano. Queria commover-se a canalha. Mas o paladino, cortando a queixada do cadaver, e erguendo-a ovante, redobrou a

furia temulenta dos malvados, que tão pouco tempo illuminára o amor do proximo.

Caminharam. Ia na frente o snr. Barros, terrivel como o destruidor do templo de Dagon! E berravam os philisteus a não poder mais.

Queixada ociosa!

Entre parenthesis. Não pense o leitor que se phantasiam peripecias para salgar o conto. Tudo isto se fez. E para que não duvidem de cousa que eu escreva, aqui juro com o martyr da Escriptura:

« Que em quanto em mim houver alento, e o espi-
« rito de Deus nos meus narizes,

« Não fallarão os meus labios iniquidade, nem a mi-
« nha lingua inventará mentira.

— *Quia donec superest halitus in me, et spiritus Dei in naribus meis,*

Non loquentur labia mea iniquitatem, nec lingua mea meditabitur mendacium. —

Chegaram a Santa Helena.

Aqui temos outra. Queria entrar no *Castello* o snr. Camillo, e o Adamastor que o empurrava já furioso por que lhe não largavam as abas da casaca hyperbolica os gatunos desaforados; mas as couçoeiras ringiam na lucta desigual.

O *governador* bufava de raiva lá dentro enxugando o suor que renascia teimoso na extremidade de uma estriga de repas, a qual, branca como o pello da besta do Apocalypse, lhe trepava como uma raiz de hera desde o occipital até á base do nariz. Toda a sua furia era vêr a alegria de umas visinhas que elle abominava, e que se estavam já apparelhando para no soalheiro de outras visinhas regalarem de gargalhadas a historia picaresca, e chacotearem á larga a estreiteza dos aditos do seu predio.

Era um rosto de anjo o do administrador despeitado.

« *Rosto de anjo* o do snr. Mendanha! até onde subiu o desaforo dos necrologios! » — Cale por agora a

critica os impetos da sua justa colera; d'anjo era o rosto, mas em extremo terrivel, *terribilis nimis*, como o que appareceu á mulher de Manué, e mãi de Sansão. Vão vêr. O homem espirra, e no auge do exaspero delibera fallar ([1]). Bufa outra vez, e exclama: *antão por que num sóvem?*

Camillo responde: *Porque num...*

Torna o homem: *Suvem, suvem...*

Redargue o poeta, fazendo-se Alexandre:

« *Aestuat infelix angusto in limite mundi!* »

O lorpa atordoado por uma gargalhada pausada e sonora das bisbilhoteiras malcriadas atira lá de cima com uma protervia, e galga de um pulo a escada, que custava mais a descer devagar que depressa.

Foi outro logo. Queria fallar, e não atinava com parvoice digna da sua pessoa. As mandibulas desconjuntavam-se-lhe no vascolejar de uma risada estupida. Ia começar o interrogatorio com uma onça de simonte engatilhada ao sorvedouro esquerdo, mas a pergunta ficou-lhe afogada nas guelas.

Tomado o fôlego:

— Que diabo é isto, sôs demonios?

Camillo Castello-Branco tira o elmo da fronte incendiada, roça com os paquifes por sobre o escudo, descança a mão esquerda no punho da catana, e diz pouco mais ou menos assim:

« Senhor administrador, que eu muito respeito e « venero no auge da sua illustre prosapia!!! » (profundo salamalek; a corja assobia, inclinando-se rendida como a antiga Babylonia diante do deus *Nabo;* o snr. Barros funga com o rosto sumido no morrião. O *governador* fez da cara um folle, e apavorando as visinhas com esgares medonhos, ameaçou-as apontando-lhes os collarinhos hervados em esterco, que se alongaram ao empu-

([1]) Veja a nota — B — no fim.

xão da raiva, como os dentes afiados de um ancinho).

Camillo prosegue:

« Nas vossas mãos tendes, senhor, as armas de um valente! (dá um pulo, e retine todo o apparelho do arsenal que lhe pesava nas costas). « Aqui tens Don Quicho-« te na audacia, e (apontando para o snr. Barros) o Sancho amigo; (Barros ia fallar) — « Call-te, call-te, que « não pódes, escudeiro, dizer palavra! »

O *governador* alonga os beiços, e abaixa a cabeça fazendo menção de approvar a replica. Camillo acode com o applauso:

« Reconheço n'esses couros o fidalgo da velha estirpe. « Sois bello, *governador,* como o não seria a Venus ves-« tida de macho; em fralda não haverá Suzanna que te « emparelhe; com as mãos no chão, a besta do sagrado « livro será menos linda que tu! »

O general dos cabos carregou o sobr'olho, e desconfiou da hyperbole, que principiava a afinar-lhe a paciencia. O estylo era oriental de mais. As gargalhadas baralharam-se no ar estridentes e descompostas.

Dominou o tumulto um rincho da besta que sobrevivera ás cruezas da plebe furiosa. Camillo, retomando a palavra, diz:

« Dobra-te áquelle gemido, alma feroz; abram-se as « fontes da tua misericordia sobre a angustia d'aquella « victima innocente que está alli morrendo de fome e « sêde por alma de Julio Cesar, e sem um Virgilio que « lhe pague em eclogas o sacrificio que n'outras mereceu « elogio:

« Non ulli pastos illis egere diebus
« Frigida, Daphni, boves ad flumina; nulla neque amnem
« Libavit quadrupes, nec graminis attigit herbam. »

Brada a canalha: « Apoiado, apoiado. Lá o diz a missa. É latim, é latim... » E os berros ecccaram pavorosos e medonhos! Urravam! mettia medo como aquel-

la manada de dous mil porcos onde o enviado de Deus transplantára o espirito immundo de uma legião de demonios!

O snr. Mendanha aproveita o tumulto para dizer baixinho ao ouvido dos athletas: « Eu deixo-vos ir embora, mas vossês arrumem com duas gôrdas áquellas regateiras. » Camillo, sem mexer o corpo, volve a cabeça para o snr. Barros e diz: « Sancho, a ti cumpre! »

Á primeira palavra de Sancho cahiram os vidros da fortaleza partidos nos repellões das castellãs enfurecidas, e o homem da policia ria a esganar com as mãos apertadas nos joelhos.

« *Governador,* fallai. »

O pobre diabo pedia que o deixassem rir á tripa fôrra. Já não sabia ajustar os collarinhos á gravidade do cargo; olhava para cima, e as vidraças quebradas reforçavam-lhe as guinadas. Com receio de estourar, fugiu para o pateo, atirou comsigo a espojar-se, e anciou um quarto de hora para dizer ao cabo d'ordens:

— Manda embora esses pulhas...

Cesar foi para casa tirar as botas de parteleira, e Alexandre Magno poz-se em mangas de camisa a escrever *Os Pundonores desaggravados,* ironia caustica aos tresvalios dos duellistas ridiculos.

Abyssus abyssum invocat. No fim do anno lectivo era preciso fazer exame de anatomia. Fez-se, e o resultado foi acima de toda a espectativa. Camillo teve um *R,* que lhe inoculou no espirito odio immorredouro a todos os *RR* grandes. A tempo virá a prova d'isto. Sejamos imparciaes, o castigo foi justo. Quem no espaço de oito mezes escrevera dous poemas, não podia com proveito manejar os escalpellos, os bisturis, e as tesouras do gabinete da escóla. Deixou alli um *rasto de sangue,* e partiu para Coimbra em 1845.

Era já lente da Universidade, entre outros, o snr. dr. Neiva. E já possuia aquelle abdomen municipal, ou

antes aquella cordilheira de abdomens, que Deus lhe não deu, mas que elle arranjou cá n'este mundo, que os poetas chamam inferno de expiações, e que s. s.ª, á semelhança do dr. Pangloss, vai achando o melhor dos mundos possiveis, aonde lhe não falta chorume para cevar aquelle tecido adiposo que ha-de fazer escandalo depois de morto o novo *Lazarillo de Fletcher*. Camillo viu-o no dia seguinte ao da sua chegada, cahiu doente, e esteve sete mezes de cama. Escreveu então um romance intitulado: Duarte d'Almeida, tirado da historia de Affonso V, e da desastrada batalha do Toro; romance de que fez um magusto a pedido de um amigo sincero. Podéra não, elle tinha visto cousa ruim! e inutilisou tambem alguns capitulos dos *Mysterios de Coimbra,* que principiára a escrever de collaboração com Antonio Tiburcio Pinto Carneiro, actual deputado.

Olhem que terra aquella! chega alli um homem, cahe doente na cama, e desata logo a devassar-lhe os mysterios!

Camillo convalesceu, sahiu para a rua premunido de nominas, figas, e amuletos contra o espirito mau, tornou a encontrar o demonio disfarçado, perguntou se todos os mestres eram como aquelle; para o ouvirem disseram-lhe que sim, e elle calou-se, veio a casa, preparou as malas, e fugiu. « Cheiram aqui mal os homens » respondia elle aos que o arguiam de *excentrico.* O poeta deixava Coimbra pelo mesmo motivo porque Marco Aurelio abandonára a Palestina: « não pôde aturar o fedor dos judeus. »

O snr. Camillo Castello-Branco ficou sempre enguiçado com a vista do tal homem; enjoado até porque passar por elle era tentar o olfacto n'uma atmosphera de alhos crús.

O romancista perdeu depois muitas horas de lucubrações inuteis estudando sem proveito em trasladar para os seus livros a hediondez de creaturas como aquel-

la. Vinha chantar-se-lhe na pasta a visão do abestruz, e o cheiro dos alhos punha a penna em retirada. Dava-se a perros a profligada imaginação do snr. Camillo, e mostrava a quem o presenciasse n'aquelles trances a horrorosa vingança com que mais cedo ou mais tarde elle havia de atassalhar a sua victima. *Horrorosa* foi. O dr. Neiva appareceu um dia sob o pseudonymo de *João José Dias.*

Não ha milagre que o desate d'aquella picota. É a immortalidade da irrisão.

Ahi vai cópia. Os que viram o original digam-me se ha ahi mais correcto photographar.

« *João José Dias* devia orçar pelos seus quarenta e cinco annos (era a idade do dr. Neiva). De estatura menos de mean, adiposa, sem proeminencias angulares, essencialmente pançuda, porque João José tinha uma serie descendente de panças, desde a papeira côr de rosa até ás buchas das canellas ventrudas.

Nas faldas de uma testa estreita, chata, e rugosa, como um elytro da concha de um cágado, luziam os olhos pequenos e esverdinhados de João José. As palpebras, túmidas e pillosas como a casca da fava, enviezavam-se para dentro, formando á raiz das pestanas um rebórdo purpurino. O nariz, sem base, nem ossos, nem cartilagens devia ser a desesperação de Falopio e de Bichat: rompiam-lhe d'entre os olhos as ventas já formadas, com a ponta arregaçada, e as azas convexas, dilatando-se até ás alturas dos ossos malares, entupidos nas bochechas gordurentas. Os beiços eram bicolores: nacarinos no centro, e roixos para as extremidades quasi invisiveis sob os refegos relaxados dos musculos limitrophes. João José tinha quatro dentes incisivos de brilhante esmalte, entalados nos outros quatro, formando de commum accordo as saliencias irregulares d'um pedaço de crystal bruto. Os dentes laniares ou caninos tinham uma crusta de carie, e algumas luras chumbadas. Os

vinte malares estavam no goso das suas funcções triturantes, com quanto amarellados de saes terreos, e regorgitamentos do bôlo indigesto.

João José não tinha pescoço: as espaduas ladeavam-lhe os bocios da garganta, alteando-se ao nivel das orelhas escarlates, com bôlbos da mesma côr, e não sei que excrescencias no lobulo, simulando pingentes de coral.

Disse-se que era todo barriga o homem, já que Buffon e Cuvier asseveram que é homem, feito á imagem e semelhança de... não ousamos escrever a blasphemia. O que se não sabe é que a barriga lhe marinhava peito acima, até levar de assalto o campo onde fôra pescoço.

As pernas de João José eram dous cêpos, postos em peanha a uma esphera armilar. Tão curtas eram ellas, e tão desmesurados os pés, que me não seria difficultoso convencer-vos de que a natureza, em hora de travessura, fez da porção de materia, destinada para perna e pé, duas partes iguaes, juntou-as, e o ponto de juncção denominou-o calcanhar.

As botas de João José tinham incriveis expansões de couro: eram um oceano de bezerro cortado de ilhas.

Os joanetes do pé direito formavam um archipelago.

No remanescente das milhas despovoadas, o pé era raso e chão como uma lousa de mercieiro.

Deram-se uns longes para auxiliar a phantasia de quem não conhece o snr. João José Dias. »

É visivel que a raça humana degenera n'esses monstros. E porque os houve de todos os tempos, eis-ahi a razão de nos apparecer o Menino Jesus no seu presepe entre um boi e um jumento. Evitou-se o homem n'aquelle lugar.

E ficam assim apagadas as duvidas d'aquelles que

julgam apocriphas as pinturas em vidro, e esculpturas, exhumadas nos subterraneos de Roma com os tumulos do IV seculo, representando-O assim.

Em Coimbra passam em proloquio as bestidades d'aquelle homem, que é, como o avarento da Biblia, a fabula e o ludibrio de toda a cidade. O *dr. Neiva* foi á Figueira da idade de oito annos. Logo alli começou o *menino* a revelar como o talento lhe madrugava para as altas descobertas. O futuro João José, no primeiro dia em que viu o mar, correu a perguntar com todo o desembaraço a um rancho de senhoras « quem era o dono d'aquella pôça. » (Entre estas senhoras estava uma que figura com João José a paginas 202 do livro — Uma Pagina da Universidade — pelo author d'esta biographia). A pergunta alvar provocou a gargalhada suspicaz das damas onde se achavam duas elegantes da Mealhada, as quaes elegantes quizeram parodiar as bruxas de Macbeth dizendo ao monstro: *tu serás grande*. Os janotas de Santa Combadão repetiram a prophecia como os anabaptistas a Jean de Leyde.

O homem não deixou mal aquella raça de Balaãos sem jumenta.

Mais tarde, quando João José era já mestre *in digesto* (vem de molde o kalemburg) chamou a sua casa o meu amigo João de Deus, insigne poeta lyrico, e depois de lhe mostrar todas as invenções absurdas que elle foi capaz de accumular n'aquella gaiola da rua das Fangas, levou-o á sala de visitas para o poeta admirar, dizia o tolo, *as quatro partes do mundo*.

— Alli as tem: *Asia, Neptuno, Grecia*, e *Pressia*.

Eram as quatro partes do mundo, asseverava João José Dias. Ao despedir-se disse o dr. Neiva ao meu amigo, *que andava com falta de somno*, e que ia deitar-se para tomar um *chá de dromedarios*. Ficou desde então sabida a physiologia retrincada d'aquella barriga,

onde criticos facetos queriam desencantar um repositorio de pulpas de beterraba, cousa, no dizer de eruditos agronomos, excellente *para a engorda;* (como póde vêr-se d'um substancioso arrasoado sobre o assumpto na *Opinion Nationale* de 31 de Janeiro de 1861, e traduzido depois para o *Archivo Rural,* pelo snr. J. A. Barral. O biographo quer galear a sua erudição pesada) ficou sabido, digo, que tanto o ventre como todos os membros d'aquelle malvado que precisava, para adormecer, de embuxar na tripa um *chá de dromedarios,* que todo elle era uma jaula de camellos devorados.

Salvem-se os dislates do doutor de capello na torpeza do seu vicio permanente. Dizia um poeta: *est Deus in nobis.* Diz este: *est Bachus in me.* O seu estado inalteravel é o de uma embriaguez perenne, diga-se para desaffronta dos que o vinho d'elle tem insultado. .Vicio torpe, por mais que Platão se cançasse a chamar-lhe *cousa licita* em discursos que lhe negociaram a maldição do Apostolo na sua *epistola aos romanos.*

Ebrio, fazendo cambetas, com os braços argolados para a cintura, e anciando com a nausea do vomito, vi-o eu já; parecia um paliteiro de louça chineza com a vida emprestada de um bonifrate. Teria morrido engasgado, senão viesse desentupil-o com dous murros valentes nos toucinhos do cachaço uma aforçurada collareja, afeita a medicinar a panthera. Atestou-lhe dous murros, e o homem acarrou no chão. A mulher dominava-o para o não consentir refractario á cura. Era a Labarrére d'aquelle monstro, a Omphale, a cujos pés tambem fiava o Hercules da vinhaça e do carrascão. *Só fiava...* á vista da gente nem um olhar, nem uma palavra de impudor. Tinha essa virtude o homem; escondia a sordicia das suas devassidões. N'isto e n'outra cousa se parece elle com o elephante, que é o *maior* de todos os quadrupedes, mas o mais casto de todos elles. E ainda n'outra cousa se parece, se não mentiu Aristo-

teles, assegurando ter-se visto um elephante beber de uma assentada quatorze amphoras ou talhas da Macedonia. Tambem se calcula em 5 a 6 mil libras a carga que soffrem estes animaes; (*vide* Plinio, livro VIII, cap. VII; e Samuel Bochart na sua obra: de animalibus Sacræ Scripturæ); deve orçar por aquella medida o peso do casco d'este doutor. Mas para haver um ponto de discordia, não atura sêdes o contemporaneo das pêgas vivas — não se diz oito dias, porque nem oito horas. E explica-se. O *animal* tem uma guéla como a d'aquelles cetaceos que apparecem nos mares de Marselha e de Niza com homens no ventre inteiros, e armados de couraça, dizem *Rondelet* e *Forretier*, sujeitos de toda a consideração. A baleia que enguliu, e foi depois vomitar na praia, são e escorreito, o propheta Jonas, estava bem aviada, se um dia emergisse á flôr do Mondego para devorar na margem do salgueiral este pavoroso tytiro quando elle vai para alli, na companhia de outros Faunos, pescar trutas á canna de cima de um cachopo. Pobre bicha! succedia-te o mesmo que á outra enviada por Neptuno para tragar a Hercules, « e Hercules, sal-
« tando armado pela bocca dentro do monstro, em tres
« dias lhe estripou as entranhas, e sahiu vivo sem mais
« lesão que a perda dos cabellos, causada pelo nimio
« calor do estomago do mesmo monstro », refere a fabula de *Lycrofonte*. Que authores eu conheço! Sei d'outros com nomes muito mais bonitos, mas obras muito mais feias.

O leitor, se a sua mofina o levar a Coimbra, reconhece o mostrengo, tendo de memoria o verso do livro de Job:

« A gordura cobriu todo o seu rosto, e enxundia
« lhe pende das suas ilhargas. »

Diz-se em Coimbra, como para salval-o no ultimo reducto, que o estado não esbanja o dinheiro que lhe paga, por ser aquella cabeça o retrête de todas as leis

velhas em que os taverneiros do paiz embrulham as sobras da mercearia. E por isto é que de muitas vergonhas me acode para aqui uma com que o vexou o meu nobre amigo, o talentoso marquez de Sousa e Hollstein, repellindo um argumento serodio do estafermo com uma lei publicada *mezes antes* no *Diario do Governo, e ignorada pelo lente de direito civil portuguez na Universidade de Coimbra!* Da sciencia que lhe entulha o craneo, que é sua d'elle, em que ninguem lhe dá quinau, póde julgar-se por isso.

No meu livro « Uma Pagina da Universidade » vem como prefacio uma carta do conselheiro Levy Maria Jordão, um dos nossos mais eminentes jurisconsultos, e o que por ventura mais se tem esforçado com felicissimo proveito por levantar lá fóra no estrangeiro, e sobre tudo em França e Alemanha, o credito das nossas letras. N'essa carta ha um periodo que resa d'este modo:

« O ensino do direito patrio está n'um estado ainda « mais deploravel. Não se procura que os alumnos per- « corram nos dous annos do curso todo o compendio, « não se lhes dão a par da legislação portugueza as pos- « siveis noções de legislação comparada; consome-se to- « do esse tempo muitas vezes (como succedeu no meu « curso) só com o primeiro volume, e os estudantes fi- « cam ignorando as materias importantissimas de prazos, « morgados, contractos, testamentos etc., em quanto ou- « vem prelecções inteiras para lhes mostrarem com *leis « romanas* algum principio dos prologomenos, v. g. *que « a lei é igual para todos,* ou para os convencer com « semelhante authoridade, *que ninguem póde estar mui- « tos dias sem comer,* como me lembra ter ouvido no « meu tempo a proposito de alimentos. » Allude exclusivamente ao doutor Neiva, que, se não prova tambem com as *extravagantes* de Bacchó *que ninguem póde estar muitos dias sem beber,* é porque d'esse caso julga

elle como o philosopho antigo a respeito do parricidio; não concebe duvidas sobre esse ponto.

Uma séria reflexão. O leitor, se tiver discernimento no seu juizo, e bondade na sua alma, certo não vence o triste condoimento que lhe imbuirá a certeza incontrastavel de que a nossa Universidade, para escarneo de si propria alcunhada de *Athenas* portugueza, não póde devidamente gabar-se de possuir muitos homens que valham mais que o dr. Neiva. *Para escarneo de si propria alcunhada de Athenas portugueza,* disse. E foi para lhe poupar uma vez esse escarneo, que os principes francezes, *de Joinville* e *de Nemours,* lhe chamaram sem rebuço: *uma cloaca bem ventilada.* Não sei se destôa a phrase: mas seria ridiculo que eu me arreceasse de macular os labios em estylo que os labios de dous principes illuminaram até com sorriso que pedia gabos para o chiste; pedia, e com razão.

Felizmente Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V declarou-se á ultima hora *protector* d'ella. Esta *protecção* virá a dizer que o braço vigoroso do illustrado Monarcha cortará cerce ignominias e iniquidades para lhes vir erguer sobre as ruinas luminares de sabedoria e de justiça? Eu penso que sim, e vou dizer porque.

Tinha eu sido riscado *perpetuamente* da Universidade a 26 de Janeiro de 1860. Partíra para Lisboa immediatamente, e quinze dias depois tive a honra de ser apresentado no paço a Sua Magestade pelo fallecido general José Jorge Loureiro. Sua Magestade, dignando-se de aceitar em suas regias mãos uma petição em meu favor assignada por *dez lentes* da mesma Universidade e *oitocentos* academicos, uma outra das primeiras eminencias da nossa litteratura onde entre outros nomes estavam os dos snrs. Alexandre Herculano, A. F. de Castilho, L. A. Rebello da Silva, A. R. Gomes d'Abreu, Rodrigo Felner, Antonio d'Oliveira Marreca, e outros; e um parecer no mesmo intuito dos mais celebres advo-

gados da capital, que sobrescreviam nas primeiras assignaturas os nomes de Levy Maria Jordão, Antonio Joaquim da Silva Abranches, Manoel Maria da Silva Bruschy, Antonio Gil, Augusto Maria de Quintella Emauz, Manoel Maria da Silva Beirão, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, Carlos Zeferino Pinto Coelho, Abel Maria Jordão Paiva Manso, e outros; e outrosim dignando-se de ouvir-me a breve exposição do meu infortunio, logo em seguida me tornou Sua Magestade:

« Tomo em consideração o seu pedido. Esse e ou« tros abusos hão-de trazer em breve a reforma do re« gimen universitario. »

Recordo-me ainda como se estivesse escutando a sisuda linguagem do austero Monarcha. Tomem tento; isto não é o Nuncio a calumniar o Rei; é o ultimo dos seus vassallos a exalçar-lhe os esplendores da sua corôa ao clarão de uma das suas profundissimas sentenças.

Eis-ahi a razão porque eu entendo que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, declarando-se *protector* da Universidade de Coimbra, determina ser o reformador do velho palladio que tantos cuidados ganhou aos senhores D. Diniz, D. João III, e D. José, — para que uma descendencia de villões lhes sujasse de lôdo o velho monumento da sua augusta gloria, como raça degenerada de filhos devassos que se diverte a rabiscar torpes indecencias nos pergaminhos nobilitados com a honrosa chronica de muitas gerações.

Venham pois as reformas. Não as peço por conveniencia propria. Até não as quero. Acho mais bonito ficar eu agora, como fronteira erguida de templo esboroado, a contar aos homens que passarem por mim os vandalismos de uma raça extincta de iconoclastas. Dizia-me um dia o snr. José Estevão, aquelle inspirado e petulante orador que, á maneira de todos os grandes talentos de excepção, se concentra comsigo mesmo to-

dos os dias uma vez pelo menos para que a faisca do seu genio lhe alumie uma utopia que o vingue da estupida e mediocre realidade que o cerca, dizia-me elle: « Ainda que vossê não queira hão-de por força mandal-o outra vez para a Universidade. » Oh, meu caro amigo, invide todo o seu valimento para que não seja assim. Já disse porque. Quero ir sentar-me nos pardieiros da Universidade reformada para contar ás velhas o meu conto. Hei-de d'aquellas ruinas renascer todos os dias como a phenix para que a gargalhada seja a ultima affronta contra a memoria d'essa caterva de mediocridades que por ahi vai passando com o applauso publico. —E o caso é que v. exc.ª tambem applaude. E faz bem para que lhe não inscrevam o nome na lista dos martyres assassinados á pedrada. Uma vez disse v. exc.ª no parlamento, estando eu nas galerias: « Eu quando me rio dos meus collegas, rio-me para dentro. » O collega que o provocára, superfluo aditamento! era lente da Universidade.

Esperemos pois as reformas para vêr se nos podemos rir por fóra. E vamos a abrir mão do assumpto, que provoca tedios.

V.

Corria já então o anno de 1846, e no mesmo dia em que o batalhão academico sahia para a Figueira o malsinado moço partia para Villa Real. Desamparado de todos, acolheu-se alli á protecção de um tio realista, que o instigou a seguir as forças do Mac-Donell, que então chegava de Braga corrido pelas tropas do conde do Casal, de saudosissima memoria para o conterraneo illustre das *frigideiras*. O poeta estava hoje mascarado de general a commandar quatro soldados muito indecen-

tes, muito malcriados, e muito pôdres, se o chefe da guerrilha não tem o capricho de se deixar matar em Sabroso, nas visinhanças de Villa Pouca d'Aguiar. Voltou a Villa Real sem condecorações de guerreiro destemido, que tivesse tido a coragem de enterrar uma bala no corpo cahido de um agonisante, e sob a impressão dolorosa da carnificina que vira fazer, escreveu para o *Nacional* e *Ecco Popular* alguns folhetins que acarearam o rancor das authoridades da terra. Aquillo eram paginas sanguinarias que iriam a Londres roer de inveja o espirito visionario de *Anna de Radcliffe,* se a nossa litteratura não fosse apenas conhecida na Persia e na China.

E já d'aqui vem a saber-se que Camillo Castello-Branco abriu na imprensa a sua carreira litteraria e nunca depois sahiu d'ella. Os jornaes em que mais tempo demorou redigindo, quer politica, quer litteratura, foram: *Coallisão, Ecco Popular, Nacional, Portuense, Porto e Carta, Jornal do Povo, Semana, Cruz, Christianismo, Revista Universal Lisbonense, Clamôr Publico, Mundo Elegante* (sem collaboradores), *Aurora do Lima, Atheneu,* e outros. De todos esses o « Nacional » foi, póde assim dizer-se, o seu periodico de predilecta adopção. Muitas vezes o facundo e fecundo escriptor salvou a folha de crises imminentes redigindo-a toda mezes successivos desde o artigo de fundo até ao annuncio que requeria segunda mão d'obra. É volumosa a dispersa collecção dos seus bellos folhetins, e em todos a sua musa dicaz e alegre como o pincel de Gavarni, facil e espirituosa como a de Méry, esclarecida e opulenta como a penna de Janin; o estylo copioso e abundante, docil a todas as modalidades da idéa, « ligeiro, placido, correndo, voando, » na phrase de Milton.

Citamos de memoria entre os folhetins que fizeram época, os do « Porto e Carta » de 53. Entre estes vem a analyse salgada e picaresca do *boletim da Torreira.*

Um d'estes folhetins foi lido em pleno parlamento portuguez pelo snr. João de Mello Soares, que teve a camara em perenne gargalhada por espaço d'um quarto de hora. A victima, que era o snr. José Luciano de Castro, estava presente; levantou-se irado como um tyranno de capacete do theatro da rua dos Condes, apontou para o snr. João de Mello, e bramiu: «Eu hei-de verberal-o na imprensa». Todos sabem o gesto com que o snr. João de Mello retrucou... Então a gargalhada communicou-se ás galerias, e o presidente *encerrou a sessão*. Vieram depois os folhetins do «Clamor Publico». Entre esses uns — Do Porto a Braga — espirituosissima historia em que tomaram parte Evaristo Basto, e Barbosas e Silvas. Depois os de 54 do *Nacional*, e entre estes os intitulados: «As Felizardas na Foz». Tambem n'esta época appareceu a celebre sirvente, na *Aurora do Lima*, a um tal Zeferino, *Poeta* de *Almeida*. Muitos jornaes a trasladaram. São posteriores as «Cartas aos Tanas», «*Tu quoque, Brutus?*», criticas de «João Junior», «Chronicas de Job», «Pataratas», «Thesouro de sabios», «Á urna», «Cupido ministerial», «Rainha das Maldivas», «D. Maria d'Além-Mar», «300 mil cruzados por um dente, etc.»

D'escriptos d'outro genero, que jazem perdidos em jornaes politicos, escriptos com titulo, os que podemos recordar n'este momento, são: «Antonio Coelho Louzada», «Soares de Passos», «Promessa cumprida», «Escriptores Portuenses», «Visconde d'Almeida Garrett», «Um viajante em Portugal ha 392 annos», «Carteira», «Tantalo» (poesia), «Saudade» (poesia), «Eras tu» (poesia), «Supplica» (poesia), «Ás pessoas melancolicas», «Album», «Tiziano», «Rossini», «o padre José Agostinho de Macedo e a Zamperini», «Condessa de Oeynhausen», «A princeza Amelia», «A Laura de Petrarcha», «Pompadour», «Adrianna Lecouvreur», «Margarida de Valois», «Joanna d'Arc», «Ignez So-

rel », « Tres medicos », « Aspasia », « Ninon de Lenclos », etc., etc., etc. Este ultimo *et cætera* faz muita differença d'aquelle outro que o conselheiro official de secretaria põe no fim de dous ephemeros titulos por não ter mais que pôr. A prova está em que o leitor tinha ahi outras tantas peças litterarias a recordar-me. Ah! que me não esqueçam estas da *Revista Contemporonea:* « Aquella mulher da Azinhaga », e os « Casamentos ». A primeira é uma cousa bonita como uma lagrima de Lamartine. N'estes competem rivalidades os luxos d'imaginativa com os que opulentam a dicção. Creio que hão-de ser vinte estes casamentos, e que depois de concluidos sahirão em volume. Os ultimos cinco consta que hão-de ser de velhas, com a devida venia de S. Gonçalo. Queria citar-vos as outras joias do seu thesouro; são innumeras; procurai-as.

Ha uma porém que eu não quero que vós me recordeis a mim. São estes dous folhetins da « Revolução de Setembro », que se intitulam: *Bemaventurança.* Parecem um repto a Castilho. Não sei outra maneira de os elogiar. Tantas vezes adormeceu com o mestre, que um dia acordou com elle. Nos « Dialogos da vida christã » de Heitor Pinto as melhores paginas são assim, e como ellas todas as de Bernardes; *todas,* porque n'este cada uma é a melhor. *Parecem um repto a Castilho,* disse eu. E oh que muito na phantasia o tinha elle quando a penna lhe escorregou por esta nota:

« *Infelix Dido, nulli bene nupta marito,*
« *Hoc pereunte fugis, hoc fugiente peris.*

« Corre ahi uma imitação elegantemente portugueza « d'estes versos:

« *Infeliz Dido, triste fado corres!*
« *Morre-te um, foges; foge-te o outro, morres!*

« Acintemente denomino *imitação*. O que são aquel-
« les dous versos um dia A. F. de Castilho nos dirá em
« portuguez, *no portuguez que elle ensinou ás musas*
« *do sulmonense...* »

Que bonita esta ultima phrase! Dir-se-ia que fôra escripta por ambos!

Entre as publicações avulsas do romancista esquecia-me lembrar uma que tem este titulo: *O Clero e o snr. Alexandre Herculano.* O profundo historiador no seu folheto — *Eu e o Clero* — repellíra de si, com alta eloquencia, com sincera verdade, com entranhada pena, e magoa dolorosissima, as brutaes e selvagens recriminações com que o insultaram alguns padres estupidos e maus do clero lusitano, que viam offendida a orthodoxia da igreja n'algumas paginas do melhor livro do Gibbon portuguez.

Magoára muito esta crúa incivilidade os vinte e dous annos do ardente poeta, que teve a audacia de vir logo experimentar o pulso em materias de tal tomo. Não pude haver o escripto do snr. Camillo Castello-Branco. Para seu cabal elogio basta porém o que d'elle publicou o snr. Herculano. Disse então s. exc.ª:

« Que estava ainda muito moço o author para entrar
« n'aquellas questões, mas que viria a fazel-o sahindo
« d'ellas com muita honra sua, e da patria. »

Queria fallar agora dos *Sermões* de Camillo, com que se tem engrandecido o pulpito portuguez. Ha ahi clerigos que lhe devem a honrosa nomeada que negociaram nos templos. Eu não podia dizer mais sem magoar reputações, que préso com a opinião publica. Oxalá que o poeta fallasse nos labios de tanto garraio estupido que por ahi anda a enxotar das igrejas o sentimento da fé, e a luz da crença!

Agora só me restava fallar de *prefacios, prologos, cartas-prefacios, anteloquios, juizos criticos,* e o resto da familia. Recordo de memoria uma *carta,* que precede

o drama « Ultima libra » do snr. Rezende; um *prefacio* á versão do livro de Droz « Pensamentos sobre o christianismo »; um *juizo critico* a um livro de F. Xavier de Novaes, author de versos chistosos; um *prologo* a umas poesias de Silva Ferraz, moço de solida e vasta erudição; e uma *carta,* creio, a *Viver e Soffrer,* livro de José Barbosa e Silva, mimoso e delicado escriptor.

VI.

Camillo sonhou uma noite com a gloria de escriptor. Bonito mas perigoso sonho!

Gloria de uma noite, que desmaia, como os vapores do lago, ao calor da primeira manhã, e se desfaz em fumo agro, como tu o disseste, ó vate infeliz... *acre fumée de la gloire!* Flôres que se murcham e seccam ainda mesmo aos resguardos de Malherbe e de Horacio... *nimium breves rosæ!*

A gloria é Socrates n'um antro de ferro. É Ovidio no ponto. É Torquato Tasso no hospital dos doudos. É Galileu nos carceres da inquisição. É Plinio nas lavas do Vesuvio. É Ossian nos despenhos de Morven. É Burns n'um tear da Escocia. É Camões na gruta de Macau. É Alexandre Herculano n'uma gandra de Santarem. É Malhão n'um casal de Obidos. É Chatterton matando a fome com veneno. É Virgilio posto por um estranho na soleira da herdade de seus avós. É André Chénier no patamar de um cadafalso. É Mirabeaud no cemiterio de Clamart. É Clarendon exilado em Rouen por Carlos II. É Pedro Ramos desterrado por Francisco I. É Chateaubriand pranteando as penas do exilio na collina de Harrow. É Pascal apodado de *louco* por *Voltaire!* É Cervantes comprado por 500 escudos aos barbaros d'Argel.

A gloria é Thomaz Morus inclinando para o cepo a cabeça, que depois a camarilha de Henrique VIII tinha de exhibir quatorze dias sobre os postes da ponte de Londres.

A gloria é a recusa de uma sepultura ao cadaver de Moliére.

A gloria é Duarte Pacheco na lage de um calabouço, e, despejado dos grilhões que a pureza de sua fama lhe requebrou nos pulsos, vivendo miserrima e indigente vida.

A gloria é Affonso de Albuquerque, não menos injuriado, com iguaes, se não maiores, e mais feros aviltamentos, quando elle, já postos os pés nos suburbios da eternidade, pedia, e só isso, que o deixassem morrer com os olhos na sua Gôa!

A gloria é Bernardin de Saint-Pierre, sem uma camisa para vestir, n'uma trapeira do bairro de Saint-Victor!

A gloria é Seneca exilado em terras de Córsega.

A gloria é o rotulo pendurado sobre os patibulos de Vienna com o nome de *Ladisláo Teleski,* no momento em que a mais bella alma da Hungria, advogava na imprensa da capital de França o direito historico da sua patria.

A gloria é Christovão Colombo chasqueado de visionario pelos imbecis da republica de Genova, e logo desdenhado pelos maus conselhos de um rei portuguez; — é mais tarde o Moysés do *novo continente* expirando em Valhadolid, e indicando a seu filho, como eterno emblema do seu sepulchro, as cadêas de ferro que lhe algemaram homens a quem elle herdava um novo mundo.

A gloria é Platão arrebanhado na matulla dos escravos de um principe.

A gloria é Milton trocando por uma fatia de pão o monumento dos seus talentos.

A gloria é Homero valendo-se de um cajado que o

desencontre dos abysmos; porque Homero, como David, teve um diadema, uma harpa, e um *cajado*.

A gloria é Savage enregelado nos algares de Paris.

A gloria é Vaugelas pedindo na hora extrema, que depois de morto lhe vendam o cadaver para que o furtem assim a repasto de abutres.

A gloria é Demosthenes escondendo a cabeça na aba da sua tunica, depois de ter bebido a morte no veneno do seu annel.

A gloria é Rousseau, alma formosissima, abocanhado de impio na estupida parenetica dos garraios de aldêa.

A gloria é Garrett, aquelle divino espirito, accusado de scepticismo nos bordeis de uma critica insignificante, e chagada de siphilis.

A gloria é Tacito arguido de atheu n'uma posteridade, que lhe não averigua sequer uma inscripção sepulchral.

A gloria é Gilbert collando os membros entanguidos contra as paredes sujas de um hospital d'onde o infeliz repelle, orando a Deus com afervorada piedade, as vaias da philosophia do seu seculo, cujo sudario de mentiras elle teve a audacia de desenrolar do alto do seu throno de poeta.

A gloria é Alfred de Vigny, com a mão direita sobre a sua biblia fechada nas horas de desconforto, como naufrago que encrava os dedos na ancora que lhe depara o Senhor das bonanças.

A gloria é Silvio Pellico clamando de horrorisado: *possibile!* ao cahir com os olhos na fundura das masmorras de Santa Margarida, e abafando o ecco insultuoso do abysmo n'uma voz mais debil, como devia accentual-a o typo mais sublime de caridade e resignação que ha ahi em historia humana; voz que dizia: *Lo svegliarsi la prima notte in carcere è cosa orrenda! — Possibile! io qui? E non è ora un sogno il mio? Jeri*

dunque m'arrestarono? Jeri me fecero quel lungo interrogatorio, che domani, e chi sa fin quando dovrà continuar si? Jer sera, avanti di addormentarmi, io piansi tanto, pensando, à miei genitori! —

A gloria é Lamartine, o primeiro poeta depois do Christo, chorando sobre as *crinas do seu ultimo cavallo,* do nobre animal que poderia servir de typo á França inteira, quando ella quizesse remodelar-se na contrição das suas atrozes ingratidões.

A gloria é Dante, banido da patria, escrevendo os seus poemas nas longas estradas de solidões infinitas, cançando com gemidos os eccos do exilio, e calejando as mãos nas portas dos claustros onde elle mendigava *uma hora de paz,* que mais não pedia para si o desventurado!

A gloria é Cicero assassinado pelo parricida, que elle redimira do cadafalso com a sua eloquencia.

A gloria é Shakspeare ás portas dos theatros de Londres, tomando as redeas dos cavallos dos *gentlemans,* porque, na extrema penuria, o expulsára de Stratfort um poderoso, réo por elle sentenciado aos zargunchos da sua primeira satyra.

A gloria é aquelle heroe de Itaca, afervorando supplicas em que lhe tragam o desterro para uma penedia, longiqua sim, mas d'onde possa, antes de morrer, *avistar o fumo do seu lar!*

A gloria é lord Byron, errando, vivo, em cata de um raio de sol pela Asia e no meio-dia da Europa; morto, rechaçado nos lumiares de Westminster pelas vaias da mediocridade illustre.

A gloria é Dryden e Ariosto, Henri Estienne e Justi Wondel, morrendo de fome com os olhos fitos no sol que para elles se erguia além do sepulchro.

A gloria é Volney nas florestas dos Estados-Unidos, com uma gota d'agua, um raio de sol, algumas braças

de céo azul, e oito palmos de sombra sobre as raizes de um carvalho.

A gloria é aquella sepultura da cathedral de Worcester, que não tem senão uma pedra e uma palavra: *Miserrimus; epitaphio do Genio,* disse Chateaubriand.

A gloria é Camillo de Cavour, brutalmente insultado por O'Donoghue no parlamento de Inglaterra, quando vinte e dous milhões d'almas, desde o golpho de Genova até ao Adriatico, salvavam n'um tremendo hymno de mortaes gemidos a ascensão para o céo do novo Moysés, que de lá viera para lhes formar as *Doze Taboas.*

A gloria... que irrisão!

— A posteridade, o renome, a immortalidade? — Será Raphael apontando do tumulo para as galerias do Vaticano; Miguel Angelo para a cupula de S. Pedro? Será ainda o nome de Guilherme Tell no lugar de honra da historia da Suissa? a memoria de Washington entalhada no coração dos americanos? — Mentira. Abri o livro que vos doutrinaram na vespera da vossa primeira confissão. Desde a idade aurea de Platão, verdade alguma descobriu o engenho humano que ahi não esteja alumiada n'um relampago de luz. Meditai no fundo do preceito divino:

« Bemaventurados são os pobres de espirito, por« que d'elles é o reino do céo. »

Esta é a gloria dos estupidos.

Vicente de Paula, e Thereza de Jesus, qual foi n'este mundo o primeiro galardão dos vossos heroismos?

Aos que soffrem assim, não guarda a terra um minuto sequer, em que elles, posta a cabeça na pedra, sonhem com a escada de Jacob? As provas n'este acérvo de angustias não são presciencia divina d'aquelle terceiro céo a que foi arrebatado o apostolo?

Vicente de Paula, e Thereza de Jesus, o vosso galardão n'este mundo, qual foi?

— O Golgotha e a Cruz. —

Providencia magnifica! Como poderias Tu exalçar o Genio e a Virtude, filhos teus, senão repetindo-Te n'elles pelo mais sublime de todos os milagres?

Eu creio que a gloria é isto: a abnegação das frivolas sensualidades do mundo pelo antegosto das reaes consolações do paraiso.

Mas era esta a gloria que avocava a si Camillo Castello-Branco? Não. Cheiro de santidade nos quinze annos do rapaz é que eu não quero. Hemos de admiral-o pedindo a Deus o conforto das lagrimas, mas quando o arrependimento da culpa lavrar a apotheose da supplica. Se voltaes os olhos das tibiezas de Agostinho, libertino e fraco, para melhor reverenciardes as excellencias do santo, architypo de castidade e virtude, não ha germens de luz no vosso espirito, não resta corda inteira na vossa alma.

Quinze annos. N'essa idade o ouro do calix não deixa vêr ainda a lia ensopada no fundo. Como nos fructos das margens do Mar Morto, ha muita podridão debaixo d'aquelle envoltorio que nos fascina. Seduz-nos o ouropel, e cerramos os ouvidos ao conselho que nos diz que esse brilho é falso. É uma segunda meninice, com os mesmos sonhos da primeira, com os mesmos sobresaltos, com as mesmas utopias. É novo fumo como o que se erguia das colmeias do pegureiro, e a nossa vista, absorta, ia seguindo sempre até que as aereas sombras, rareando pouco a pouco, cedessem por fim de todo ao calor da atmosphera; e sempre arrobado o extasis, os olhos presos no vacuo, sopitada a alma em doçuras, em quanto a não despertasse do enlêvo a chilreada *final* das avesinhas, que saboreavam o primeiro vôo da manhã, depois de festejada em concerto amigavel a face magestosa do luminar do mundo: — como quando, ajoelhados na nave do templo, o nosso espirito se ala em ascensão gloriosa aonde o amparam as nuvens que sobem do incensorio ao solio da suprema Ma-

gestade; e logo de novo se baqueia á reflexão, no corpo que galvanisado pela ultima corrida do orgão estremece de se sentir vasio.

Eis ahi a gloria que nos tolda todas as primeiras ambições: ephemeros esplendores, rapidas harmonias, e fumo que se dissipa. *Fumum et opes.*

Em Portugal o desgraçado que de alma e coração veio a professar na ordem das letras está irremissivelmente perdido. Esse povo bom, mas estupido, não sabe soletrar; não sabem lêr esses mandarins de uma politica sediça, maus e ignorantes. O triumpho da mediocridade assenta n'um pedestal de lama, que ha-de escoar-se pelas vertentes da praça publica quando a camada dos imbecis poder entender um livro. Deixemos vãs philosophias. Deus tem em tão pouco as gloriolas d'este mundo que as dá sempre aos tolos.

Camillo ardia pois na ambição de vêr o seu nome á frente de um livro. Escreveu e publicou o drama *Agostinho de Ceuta*. Diz assim o prologo da segunda edição:

« Ha doze annos que um rapaz sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto — escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia. Confessava elle mesmo no prologo *que lêra quatro dramas originaes portuguezes, e alguns do Archivo Theatral.* Que ignorancia e que atrevimento!

« O drama fez gemer o prelo e o senso commum. Sahiu d'onde nunca tinha sahido cousa melhor nem peor: das typographias de Bragança. Oh! que berço!

« Depois, o aleijadinho teve o desplante de vir até ao Porto sobre uma mula de almocreve, e por ahi ficou tolhido, não se sabe quantos annos, na casa-mata de um livreiro que o comprou a peso. Parece que a traça, compadecida do miserando, o comeu. E' certo que, doze annos depois, um editor infeliz tem a aziaga tentação de

editar AGOSTINHO DE CEUTA, e chegou até ao desatino de comprar a propriedade do mostrengo. »

Perdoemos-lhe estas mentiras gratas n'uma quadra em que tudo por ahi anda içado de litteratiços, cuja hombridade nauseâ o paladar da gente honesta. AGOSTINHO DE CEUTA é a primeira lapide na carreira litteraria do author da « Vingança ». Vem ahi claramente pronunciado o embryão do escriptor que será mais tarde assombro de contemporaneos. E bem assim o *Marquez de Torres Novas* e o *Anathema*. Ha n'esses tres livros as oscillações de uma penna que se experimenta, mas resurge a cada passo traçado com mão de mestre o desenho que o genio adivinha. Sente-se alli a primeira respiração de uma existencia beijada por Deus ainda no berço. E a razão é a mesma que deu dos escriptos de Charles Nodier o primeiro critico da França: « foi a sua phantasia a musa que melhor o inspirou sempre. »

Nas primeiras producções de Camillo Castello-Branco ha bravezas, mas salva-as aquelle estro atrevido e petulante como a vaga, que sobe, que ascende, que remoinha, que se revolve, que vôa para despenhar-se, que se despenha para tentar mais alto vôo, mas grande, potente e sublime como um bocejo de gigante.

Andam vinculados aos dous dramas dous factos memorandos. O theatro de Villa Real foi construido adrede para ser lá representado o *Agostinho de Ceuta*. O livro foi pois a estrella nuncia de duas auroras formosissimas; prometteu um nome illustre ao mundo das letras, e celebrou n'um monumento o primeiro passo da civilisação de um povo. Foi mandado fazer aquelle theatro por um tio do author, a quem este dedicou o seu primeiro volume. Cabe agora explicar uma idéa que acima deixei suspensa. Camillo havia chegado ao Porto, assistira á representação do *Agostinho de Ceuta* por uma sociedade academica, e lêra com prazer no *Nacional* uma critica delicada do snr. Camillo Aureliano, quando vie-

ram dizer-lhe que o *Marquez de Torres Novas* estava entalado na censura. O leitor tome estas cousas a serio por complacencia que ha-de beatifical-o. *Censura dramatica* no Porto... e em 1848! Censores dramaticos n'uma terra aonde não ha platéa de qualidade alguma? Camillo pediu com afan o parecer por escripto do venerando jury. *Risum teneatis*... dizia assim a chula sentença:

« Não poderá representar-se o drama — Marquez de Torres Novas — em quanto o seu author não emendar com letras maiusculas a palavra « rei » que teima sempre em escrever com *r* pequeno. »

Ha dôres que se não pintam. O coração estala a pedaços, se lhe morde o espinho de uma recordação pungente. O dramaturgo revocára á memoria *aquelle* R tremendo, e viu-o illuminado de fogo impio n'uma bacchanal de avejões e espectros. Cedeu maldiçoando de morte a censura dramatica da terra aonde nasceu o author das *Viagens a Leixões,* retrête de quadras incivis que um velho sandeu offerece ás senhoras do Porto.

Os primeiros capitulos do *Anathema* foram publicados em Lisboa, para onde veio o author em 1849, na *Semana,* jornal de que eram redactores João de Lemos, Bruschy, o fallecido Ayres Pinto, e outros. O titulo d'esse livro denuncia já as amarguras que azedavam aquella alma em lucta sempre com a sociedade que a rodeava. N'aquelle jornal fez Camillo a apresentação de Julio Cesar Machado aos homens de letras. Com prazer fallo já pela segunda vez d'este nome. Mas agora é commum de dous o elogio, fazendo pé atraz no dia em que fôra celebrado o hymeneu de tão sympathicas intelligencias. — Foi tambem no Dezembro d'este anno de 49 que o *Nacional* publicou o celebre folhetim « *O ultimo anno de um valido* ». Quem diria... Silencio.

Concluido no Porto o romance, em 1850, Camillo Castello-Branco tirou logo a lume as *Inspirações,* ramilhete composto das suas primeiras poesias.

VII.

Entre estas vem a *Harpa do Sceptico.* Digna de nota especial nos parece ella pela dolorosa crise em que o author a escreveu. Rastreara-lhe pela mente uma idéa atroz. A mão da desgraça apertava-lhe na alma o circulo de ferro que a contundia de longa data.

A luz da razão ia escurecer-se e apagar-se nas trevas do desalento. O coração embriagava-o o pensamento infernal de se emancipar d'este mundo que lhe fôra poste de agonias, e equuleo de soffrimento. O espirito do vate, alumiado ahi ao clarão sinistro de uma luz do inferno, sorriu pela primeira vez á idéa do suicidio... pela primeira vez, e tambem ultima, seja dito em favor da sua crença em Deus. A patria esteve ahi a pique de perder no trespasse d'aquelle grande entendimento os brilhantes e as joias que elle depois, a mancheias e a fartas prodigalidades, lhe liberalisou sempre.

Á beira do sepulchro segurou-o pelos cabellos o anjo da amisade. Salvaram-no dous martyres como elle, martyres a cujo espirito desce ás vezes da mão da Providencia essa luz confortativa das presciencias grandiosas. Manoel Nicolau Esteves Negrão, e José Augusto Pinto de Magalhães sahiam para a provincia. Instava a hora marcada a outros companheiros de viagem, mas o coração segredava-lhes ao ouvido o prenuncio de uma grande desventura, e ia-lhes a pouco e pouco descerrando a nuvem por onde se escondia o pequeno theatro de uma imminente e funestissima desgraça. Eram duas horas da noite. De chofre bate-lhes na face o clarão amaldiçoado da luz que espreitava n'esse instante a ultima estrophe do desesperado poeta, e os dous amigos correm, nuncios de salvação, ao lugar d'onde chamava por elles uma existencia que ia fechar sobre si um tumulo que era

preciso transpor para amanhecer no céo. Manoel Negrão, e José Augusto encontraram sobre a *harpa do sceptico* os grãos de opio que deviam matar o author. Perto estavam setenta libras para desmentirem a suspeita ignominiosa de que a mingoa de recursos lhe aconselhára a resolução tremenda.

Vaidade perdoavel essa ultima, meditada já ao clarão triste da noite eterna. O homem que trilhou sempre por um acervo de espinhos, e, não podendo por fim com o peso da vida na provação da dôr extrema, espedaçou o craneo com uma bala, deixa na terra o cadaver de um precíto, mas levanta para o céo uma alma que vai lá rebaptisar-se da culpa n'esse oceano de amor que se chama Deus. O suicidio irremissivel para a justiça divina deve ser o que refoge as palavras do Evangelho, onde o Senhor diz « Trabalha que eu te ajudarei. » Então a morte, ultima blasphemia de uma vida inutil, dirá ao que negou a luz as amarguras e os trances da escuridão infinita.

Devera de ser inspirada a linguagem d'aquelles dous grandes talentos que sacudiram dos olhos do seu amigo infeliz o pó que lhe rebuçava a luz da fé e da esperança. Divina foi pelo menos a flôr colhida no dia seguinte da semente das suas palavras. Camillo ajoelhou aos pés de uma cruz que o amparára no primeiro dia em que, ainda menino, saltou do berço, e pediu a Deus com todo o fervor das almas arrependidas, que lhe internasse no espirito o verbo da sciencia, e lhe mandasse ao coração o segredo de altas virtudes, para se inclinar ainda, digno ministro, sobre o respaldo do seu altar.

Tinham-lhe raiado n'alma os primeiros clarões do alvorecer para o arrependimento e, banhado aquelle espirito nas magestosas catadupas de uma luz divina, era já certa a redempção.

Se Deus commettera a *dous martyres* a conversão do

apostata que fôra martyr tambem, que muito era que nós vissemos o milagre?

Dous martyres, disse eu. Quem conhece ahi a vida de José Augusto Pinto de Magalhães? Ao primeiro que se accuse (de marmore que tenha o coração) d'aqui o desafio por um repto solemne a que venha recontar-m'a, sem travar comsigo mesmo um dolorosissimo duello entre as lagrimas que das palpebras lhe hão-de cahir em jorros, e a palavra que os soluços lhe hão-de estrangular na garganta. Estupidos da fortuna, descobri-vos diante d'este nome apagado na pedra d'um sepulchro aos vinte e tres annos, dez quasi depois que envelhecera.

Nas *Duas horas de leitura,* livro estimado de todos que o lêem pelo colorido de singela e insinuante poesia com que vem perfumadas todas as suas narrativas, ha dez paginas com esta rubrica: *Sete de Junho de* 1849. São o prefacio de um romance onde Camillo nos dará mais tarde com todos os seus relêvos o desenho d'aquelle caracter excepcional, mas sympathico de José Augusto Pinto de Magalhães.

Eu não digo aqui o porque enquadrei na pequena e curta galeria dos raros espiritos melancolicos o nome de Manoel Nicolau Esteves Negrão. Martyres devem de ser, n'esta comprida e espinhosa jornada da existencia, todas as almas vasadas pelo molde da sua.

Archivam-se n'esta biographia esses dous nomes, como se se apontára a ancora onde pela primeira vez se salvou, já pendente sobre a garganta do abysmo, o ser e a vida do grande romancista. A elles Camillo Castello-Branco queimou o incenso da sua mais pura, mais leal, mais entranhada amisade. E n'essa trindade de affeições inexcediveis nenhum era credor. A gloria cabia a todos por igual. Coração e intelligencia competiam em todos, sem triumpho para nenhum, desde que, unidas, aquellas almas mutuamente se contemplaram nas alegres vi-

sões de que o passado lhes povoára os sonhos da sua anciada imaginação. Tinham-se adivinhado antes de se encontrarem.

Camillo foi matricular-se em theologia dias depois que os seus amigos partiram. Ia pédir aos livros da sciencia divina a unção com que mais tarde elle devia ensinal-os aos que, naufragos do mundo, acenassem ainda do seio da tempestade por um cabo de salvação. Sorria-lhe outrosim no futuro áquella alma, toda voltada para Deus, a idéa santa de purificar a sua palavra no cadinho das verdades evangelicas, apontando o caminho de rosas cujo ultimo marco é a benção do Senhor, áquelles a quem a desgraça não houvesse ensinado ainda a estrada de espinhos que tambem conduz até lá; essa que elle conhecera, e que no longo rasto das lagrimas que por alli haviam deixado os infelizes que passaram adiante d'elle, misturára e confundira as suas como recordação posthuma do ultimo martyr que penitenciára n'aquella romagem de desgraçados.

Camillo sabia então de cór estes dous livros preciosos da vida do illustre arcebispo de Braga, e de pura fé trazia todo o espirito engolfado nas maravilhas do Santo, e a alma aquecida ao brazeiro das suas pias orações. Era pois toda a sua freima o dispôr-se e accender-se para a contemplação d'aquelle livro posto na estante da Cruz, e remodelar-se como o seu grande modêlo no fino ouro d'aquelles conceitos divinos que abrasam almas, emendam vidas, e saram consciencias, tudo porque tanto a alma lhe suspirava.

Foi uma manhã o pobre moço, sósinho, com os compendios sobraçados, e o coração lanhado por baixo dos compendios, matricular-se nas escólas do Paço. Coitado! Pensavas tu, alma de anjo, que ias edificar-te alli no verbo inspirado do emulo de S. Domingos, de Dom frey Agostinho, do Mestre frey Luiz de Granada, de frey Antonio de Sousa, de Dom Diogo Corrêa, do conego

Pero do Valle, do padre frey Anrique de Tavora, de Dom Theotonio de Bragança, ou de algum outro que podesse entrar em competencia de santos triumphos com o menos victorioso d'aquella abençoada familia que em tempos mais bemaventurados foram a luz do mundo e o sal da terra. O que tu lá viste foi uma geração depravada em que se desovaram aquelles bandos de *Curas idiotas,* contemporaneos do teu grande Mestre que os amarrou á historia.

E queria elle, o pobre poeta, incendiado de amor divino, fiar a sua alma, candida e virgem, dos ferinos e grosseiros tratos de homens com o espirito secco e ôco para a concepção do infortunio magestoso, com o coração empedrado para os queixumes da dôr alheia!

Baldado empenho! O *Larraga* e o *Gmeiner* por um pouco que não asphyxiaram o estro, a devoção, e a intelligencia do foragido vate que lhes pedia agasalho, nas consolações estereis e difficeis da sua doutrina intolerante. A substancia do paragrapho ameaçador requintava na interpretação culposa de manuseadores sebentos. O terror e a mentira vinham muitas vezes nas lições tomar o lugar da compaixão e da verdade. O author das *Inspirações* viu uma distancia incommensuravel entre a Providencia com quem elle se abraçára nas suas horas de fé, e aquelles que se diziam na terra ministros seus. Fugiu-lhes para que o não levassem a ter medo do mesmo Deus que só lhe inspirára desde o berço muito respeito, fé e esperança fervorosissimas, humildade e amor immenso.

Camillo estava já outra vez com a fronte cerrada nos punhos, e os cotovellos fincados na mesa d'aquelle quarto de tentação ruim. Era o extremo esforço. A borboleta de mau agouro volitava de novo a espancar-lhe com as azas a luz das suas tormentosas vigilias. A desesperação nova ergueu labareda nas cinzas ainda quentes da mal apagada idéa do suicidio, e insinuou-lhe n'uma admoes-

tação perfida, que era aquelle o unico passadiço para o porto de salvamento. Camillo tapou os olhos com as mãos para vêr melhor no fundo do seu coração se tal seria o puro mandamento do seu anjo custodio. Está salvo quem se aconselha d'este modo. O desgraçado chorou muito, e purgou na contrição intima o peccado que estivera a ponto de fascinal-o. Quando o coração lhe disse que podia abrir os olhos reaccendia-se a chamma para devorar o insecto cumplice na sua meditação criminosa.

Creaturas bafejadas pelo halito da desgraça não podem por muito tempo com o peso da felicidade d'este mundo. Triste conceito, mas infelizmente verdadeiro como os que, filhos da experiencia de homens, mais verdadeiros são.

Atochando de ouro e joias os cofres do homem estupido compensou a Natureza, pelas regalias ephemeras do fausto, a enfermidade dos espiritos cegos á luz do entendimento. Agonias, expiação, e padecimentos, reservou-os ELLA para a outra concha da balança onde já estavam pesados os triumphos, as glorias, e as ovações dos talentos predestinados. N'isto se parece o genio com as rosas. Se mais variado e mais lindo é o matiz cambiante das suas côres, maior é o numero de espinhos que rompem depois pela folhagem da haste quando as petalas, cahindo uma a uma, desfazem a corolla que nos encantára.

Camillo não podia esquivar-se ao exemplo incontrastavel. Fôra rapida tambem a transição da culpa para o arrependimento, e era preciso semear com uma nova falta mais lenta, mais demorada, e mais dolorosa penitencia. Ausente dos unicos que se haviam ligado com elle no mesmo consorcio de amarguras, sem a enfermeira da caridade que o velasse na convalescença de uma molestia que o surprehendera á porta do cemiterio

— para elle antecamara do inferno — a recahida devia de ser inevitavel.

Revoltaram pois as promessas mentirosas do aniquilamento, e os falsos ardis do anjo da perdição a dizerem-lhe que por traz do sepulchro se escondia uma optima recompensa para os que desfaziam n'um sopro blasphemo quantos compromissos de gratidão lhes reclamava o céo em troco da vida que lhes dera. D'esta vez foi-lhe preciso atabafar a idéa pertinaz nas impressões do jogo. Doeu-se da ingratidão o anjo da guarda que o salvára antes, e castigou-o com dous annos de inteira inactividade moral.

Era já tempo de cahir em joelhos, e fazer exame de consciencia para uma confissão geral. Ajoelhou o penitente. Anjos não sabem negar a absolvição dos culpados que a exoram. O anjo offendido pediu só, como o ministro de Deus, o acto de contrição. A *Cruz* e o *Hossana* dizem o arrebatamento d'aquella alma ao abraçar-se n'esse voto de reconciliação eterna.

A *Cruz* foi um jornal religioso que o snr. Camillo Castello-Branco publicou, de collaboração com Francisco Candido de Mendonça e Mello. *Hossana* é uma collecção de poesias religiosas, e versão de alguns psalmos. Este livro deu margem a uma questão duradoura entre o author e o snr. Amorim Vianna, *sobre a razão e a fé.* São soberbos os escriptos de ambos. O campo era vasto, e digno da estatura de taes athletas. O combate foi renhido, mas cheio de gloria para um e outro. Mediram as armas, e terçaram depois na liça como nobres cavalleiros que eram.

Agora era pouco e mingoado todo o tempo para o estudo, e aturado compulsar de boas obras. Foi mister que a medicina interviesse com o preceito da sua dictadura para não vacillar o corpo nas ancias do espirito insaturado do saber. Camillo Castello-Branco partiu doente, a instancias do seu facultativo, para Villar do Parai-

so, onde o receberam na intimidade devida a um enfermo, e sobre tudo a um talento que se presentia grande de mais para o envolucro de uma creatura humana, José Augusto Pinto de Magalhães, e a familia do coronel *Owen*.

O poeta sentiu-se feliz pela primeira vez na vida. A sua alma, viuva ha tanto tempo de affeições puras, nadava-lhe em jubilos santos, e, n'aquelle mar de delicias novas, subia de instante em instante ao lume d'agua para sorrir já sem a turvação das lagrimas. Linda era a vivenda campestre onde respiravam tão bons amigos. Camillo fez depois a descripção d'aquella graciosa aldêa, que vinha marginando d'ambos os lados a estrada, e onde destacava cheia de frescura aquella pintoresca morada de quatro janellas envidraçadas com rotulos verdes. Com que amor e saudade nos não falla elle da igreja matriz, do sino enforcado entre as duas tranqueiras de pedra, do carvalho corpulento, de cinco seculos, que abraçava com a rama a terra, e cobria com a sua larga copa o adro, a igreja, e a escadaria larga que levava ao adro; e de tudo o mais que lhe diffundia pelos sonhos do seu ridente imaginar mundos de poesia infinita! Tudo poesia para aquelle espirito que se alimenta das suas chimeras, e cuja phantasia irrequieta revoava sempre no encalço de novos feitiços que o saciassem até á plenitude!

A toada soidosa do cantar das pastorinhas, o trino mavioso das aves festejando o romper da alvorada, as badaladas lugubres á hora das tristes, a calhandra a entoar melodias nos ramos da avelanzeira, os eccos magoados da flauta do trovador d'aquelles outeiros, o murmurio dos regatos remoinhando nos seixinhos que lhe empeçavam a corrente, e por cima de tudo isto a abobada immensa de horisontes illimitados, e cá em baixo um amigo para o amparar, e dous anjos de formosura peregrina para lhe mostrarem o céo; que evangelho este

para quem já se orgulhava de ter ancorado n'um d'igual magestade e grandeza?! Camillo disse uma vez áquella santa familia que o adoptára como seu:

« Quero ser um dia o parocho d'aquella capellinha. Penso que nasci para a felicidade d'esta vida remançosa em que se não vê senão a Deus. Poderei eu ser um padre digno de celebrar n'estes dous templos? »

Ninguem respondeu. E que todos o aconselhassem n'esse denunciado plano, inutil fôra, que os não ouviria elle, recolhido logo em si como para meditar na pergunta solemne que a si mesmo se fizera.

Expirára o dia seguinte e mais dous ainda. Rompia já alta a noite pelas campinas do céo, e a lua confidente e amiga d'infelizes, brilhava tanto que parecia conduzir na terra os passos d'algum anjo. Era uma noite linda para amantes; nem sequer rumorejavam os meandros do regatinho: se uma aura se erguia a espriguiçar-se levemente por sobre a urna das flôres, logo recendia olorosa, e n'ella toda se embellesavam os sentidos d'aquelle em cujos labios pousasse, rapida e tenue como osculo d'anjo. O amor inventára aquella noite para agasalhar os cumplices de seus dôces crimes no asylo impenetravel da sua escuridão voluptuosa. Oh! que linda noite aquella! toda negra, quasi como a formosa mulher de Horacio — *nigra oculis, nigraque capillis.* — E a lua só, a confidente eterna, a alumiar no fundo do lago as duas imagens que se perderam n'elle...

Não sei com que deliciosas mentiras nos persuadiam aquellas deliciosissimas trevas da suavidade do peccado. Os fracos recompunham nos sons numerosos d'aquella harmonia os versos lubricos do sensual Ovidio, e perdiam-se de todo. Os fortes ou antes os menos tibios, repetiam aquella imprecação de Guarini:

> Se il pecar é si dolce,
> E'l non pecar si necessaria; ó troppo

Imperfetta natura,
Che repugni ala legge!
O' troppo dura legge,
Che la natura offendi!

Camillo estava sentado n'um banco arrelvado de musgo, com um livro fechado que para alli trouxera comsigo a horas de sesta, livro que das mãos lhe cahiu depois, como, por noite feliz como aquella, escorregára das mãos do pobre Werther o *canto d'Ossian*...

Scismava, no mais feliz alheamento de todos os sentidos, quando lhe roçaram no hombro os dedos de uma mão delicada, mas tão ao de leve, que mais parecia a folha secca do choupo que o pegão soprasse pára alli. E o poeta estremeceu, como o noviço do convento de S. Jacques tocando os seus dedos da *Favorita* ao dar-lhe a agua benta. A *folha* pousou de novo; Camillo voltou-se, e viu ao pé de si o *Anjo da Annunciação.*

Soberbo e invejavel foi esse vêr... porém fugaz e instantaneo como rir de penitente...

A lua cerrára os olhos na voluptuosidade das trevas, e adormecera flacida no regaço de uma nuvem.

« Peça, disse *Fanny Owen,* áquella estrella, que « lhe alumie o lugar onde existe a mulher que lhe ha- « de dar vida. » *Cœli enarrant*...

Manavam prantos d'aquelle apaixonado exprimir. Era o *femineo ululatu* de Virgilio. Que homem não cahiria? Na lucta da creatura com o Anjo, só Jacob venceu.

O poeta duvidou que fosse de mulher aquella voz. Vinha alli compendiado tanto amor e tanto medo, tanto prazer e tanto receio, uma tal mixtão de sustos e anhelos, e tudo tão suave, tão harmonioso, tão divino n'aquelles concentos embargados pela torrente das lagrimas, que elle escutava a cahirem-lhe no coração... d'ella, que se ergueu convulso, como para desaffrontar a cabeça d'um peso que o endoudecia, e talvez para espreitar

nas frondes d'aquelles olmos o ninho d'onde se levantára o tremido pipilar d'algum passarinho recem-nado.

A estrella, diamante solto da purpura do Senhor, baqueou-se aos pés da virgem, e o poeta viu agora, n'uma imagem unica, a mesma luz e a mesma esperança que ha pouco lhe sorriam, destacadas ambas, uma no céo, na terra a outra!

Qualis nox, Dii Deæ que! foi o grito do vate latino que elle harmonisou aos aereos concentos das avesinhas de Villar do Paraiso, ao aspergir-lhe sobre o coração, que desabrochava para uma nova aurora, a gôta do abençoado chrisma.

N'esse jubilo santo ia morta a idéa do sacerdocio, mas nas pégadas que este pela alma lhe deixára, ergueu elle duas lapides memorandas: « Os commentos a Jesus Christo perante o seculo », de Rosely de Lorgues; e as « Duas épocas da vida. » — Lampejos de claridade incerta, — claridade posthuma — como de espirito provado em dôres, que o presentimento punge com o supersticioso medo de novas amarguras fadadas a amollecerem a talha miuda onde empedrou debil a ancora da nova esperança...

Nas muitas bellezas que se por lá accumulam ha um vazio que se adivinha... Como n'um formoso ramilhete de camelias, onde pétalas e corolla são velludo, mas em cuja urna não pôde o orvalho do céo filtrar o arôma das outras rosas. N'uma pagina é o coração a sorrir ao novo quadro desenhado por elle; e n'outra logo a alma a arrepender-se de ter fechado sobre si a porta d'um mundo, em cujas angustias ella phantasiára tantos sacrificios de heroicidade humilde. Se vem alegre uma estrophe como um verso do cantico de Débora; a que segue é triste como o gemido de David subindo a costa das oliveiras.

VIII.

N'este ultimo livro de sentidissimos versos, *Duas Épocas da Vida*, ha umas estrophes delatoras d'aquella gorada intenção que lhe espiritára a vida e a natureza poetica de Villar do Paraiso. Tem por epigraphe: *Angustias e Consolações*. É uma apotheose sublime da grandiosa missão do sacerdote. Verdadeira nos conceitos, remonta-se pela phrase até á altura por onde librava o verbo eloquente de *Lacordaire* em assumptos de igual tomo.

Vem ahi tambem uma optima poesia offerecida a Francisco Joaquim Bingre, quando o ultimo poeta vivo da arcadia mendigava pelos theatros do seu paiz o amparo de alguns dias na ladeira escorregadia do tumulo. Camillo fôra recital-a n'um dos camarotes do theatro de S. João, onde o acolheu enthusiasmo tão generoso como o que lhe inspirára os seus bellos versos.

As faces pallidas de Camillo, maceradas já então pelos cilicios de um soffrimento pungente, contrahindo-se pela angustia que lhe partia do coração ao proferir o nome do vate moribundo; os seus labios, crispando scintillas de fogo que o estro lhe accendia ao cantar o crepusculo brilhante de uma grande gloria litteraria, davam áquellas estrophes nervosas uma feição atrozmente sympathica, que retalhava a alma de quem o ouvia em pungimentos de saudade.

Foi solemnissima n'essa noite a ovação feita áquelle astro de poesia que rasgava luminoso pelos horisontes da litteratura, para vir saudar com os clarões da sua luz vigorosa os ultimos raios do sol esplendido que começava a esconder-se.

Era uma lyra, coroada de myrto e louros viçosos ainda, que pedia a ultima grinalda de saudades para o

alaúde que ia expirar com a ultima nota do seu canto derradeiro.

Era o romper de uma madrugada, petulante de claridade, que vinha alumiar-nos a vista, como se a acommetteram receios de que não vissemos nós a estrella que subia da terra ao firmamento a tomar o seu lugar entre irmãs.

Era o braço immenso de um gigante, apontando para o cedro estalado pelo raio, para que as turbas não deixassem derribar em silencio a historia e o livro orgulhoso de tantos seculos.

Desenfade-se o espirito do leitor com um episodio picaresco, que vem a talho contar aqui. O poeta fôra presenteado com lindos ramilhetes, bonitas corôas, e duas de menção especial que lhe enviaram duas familias da mais distincta nobreza do Porto. Estimulou-se com isto o espirito dadivoso de um homem opulento que assistia ao espectaculo, e tanto bastou para incubar um pensamento magnanimo no craneo cavernoso do fidalgo, enxertado de vespera na nobiliarchia heraldica dos commendadores a tostão.

No dia seguinte ás onze horas da manhã, Camillo perguntava da cama para a porta do seu quarto, com uma saraiva de apostrophes incendiarias, quem se atrevia a acordal-o *antes de romper o dia.*

Coada pela fechadura a curta phalange de tres appellidos o poeta ruminava já o modo mais decente de os mandar pôr, *todos,* no meio da rua. Assim, n'aquelles ares de beatifica reflexão, cruzado sobre os proprios calcanhares, o mesmo era vêr uma divindade egypcia a espreitar a cabalistica do futuro dos seculos. Novo zurro, e o author responde como Adão: « Senhor, não ouso apparecer-vos porque estou nu. »

Escarvou no patamar o hospede impaciente. O poeta ia erguer para o céo os olhos supplicantes quando lhe pesou nas palpebras o enthusiasmo feroz de uma Diana

caçadora muito sebenta, que ha mais de meio seculo voejava em dous palmos do tecto. « Tambem se deitaria tarde o meu anjo da guarda? » foi a sua oração mental. A este tempo no patamar já parecia que estavam quatro em vez de um. Camillo vestiu-se em graciosa *toilette* de *demi-jour*.

Pasmai-lhe agora da garridice. Com os pés nas *pantoufles* de marroquim encarnado, a pura chinelinha de *Cendrillon*, e o corpo cuidadamente agasalhado na ampla roda de um chambre de damasco, que mal escondia ás vezes as pregas de uma camisa de côr luxuriosamente desabotoada, e em cima no alto da cabeça, desgrenhada como a de *Claudio Frollo*, um barrete branco, estou eu vendo-o agora, mas sem atinar com uma imagem feliz e verdadeira que lhe contraponha. « Um fauno em manhãs de primavera? » sêl-o-ia se no cucuruto do barretinho tremelhicasse sem affectação uma borla caprichosa. « Um satyro passeando alegre pelas avenidas do bosque? » tambem, se as mãos, occupadas no conchego da roupa, exhibissem com elegancia bucolica a flauta que Theocrito herdára a Virgilio. Basta de conjecturas inuteis. Eu de mim comparal-o-ia a Luiz XIII no prefacio da sua ultima intriga amorosa, quando o bom do monarcha já padecia bexigas, do que depois morreu.

O snr. Camillo Castello-Branco teve um fortissimo ataque de bexigas no anno de 1831, d'onde proveio acharem-n'o as senhoras um pouco mais feio, mas muito mais sympathico; (isto é que é uma biographia escrupulosa).

Agora pergunta-se. Em ceroulas que elle estivesse valeria o hospede mais acurada *toilette?* É o que vai saber-se.

Camillo Castello-Branco correu o reposteiro, abriu a porta, franziu nos labios um sorriso convencional, e arqueando o braço direito em fórma de alfange, indicou ao cavalheiro adventicio o sophá onde podia sentar-se.

É impossivel a reproducção exacta do dialogo que o snr. Camillo Castello-Branco teve com o snr. Antonio Bernardo Ferreira. Os apontamentos respondem com uma barbara lacuna ao mudo interrogatorio da minha vista sofrega; e a phantasia acúa no tentamen de criar lances d'este molde. Deve crêr-se que o author do *Mundo Patarata* tivesse boas razões para esta omissão que se nos afigura imperdoavel. Seria acatamento e deferencia com Lobato?... Seria.

O capitalista pediu ao litterato a penna com que escrevera a poesia que lhe fôra tão applaudida. O litterato ia tartamudear uma palavra de sensibilisada modestia, quando os reverberos tibios do barrete pallido lhe recuaram na face a rubra flamma da pudicicia. Pegou da penna solicitada, e entregou-a delicadamente ao seu futuro *tutor*. Desgraçada pupilla! tu, por onde haviam coado as gôtas d'aquelle nectar que fôra cahir na ferida de um enfermo illustre pela fama, pelo genio, e pelo saber; ias agora, quem sabe? talvez sorver a tinta ignobil que devia pedir contas todos os oito dias á lavadeira e ao alveitar! Vem tu ainda, martyr humilde, juntar a tantas a tua imprecação furiosa contra este mixto de ingratidão, e perfidia, chamado homem! (imparcialidade do biographo!)

O snr. Antonio Bernardo Ferreira apertou a mão do snr. Camillo Castello-Branco, e pediu-lhe em tom cávo e solemne que o acompanhasse ao portal. Camillo seguiu-o com pasmo, como se vira a preexistencia de um grande acontecimento, depois de esconder o barretinho na copa de um chapéo de palha de Italia, voluptuoso e jovial pela estreiteza da aba.

Chegaram ao sitio fatal. Em pé, hirtos, estatelados, immoveis, que pareciam aquellas duas creaturas? Dirieis uma a estupida effigie do dinheiro; outra a estatua do genio remordida na consciencia pelo escarneo, pelo des-

preso, e pela irrisão que lhe açulava a companhia da primeira.

O poeta o que vira? A sombra de Banquo? Sim; vira o phantasma de Macbeth mettido, oh ignominia! na pelle de um burro! *burro*, sim; o snr. Antonio Bernardo Ferreira teimava que era cavallo, mas não era, não; era burro, burro confesso, burro convicto, burro incontrastavel. E burro era elle de grande merito!

Não fallava como a jumenta de Balaão, não tossia como os animaes espirituosos do Casti, mas pelo modo reflexivo com que punha as ventas no chão dir-se-ia que pensava e reflectia como o asno de Buridan. O som rispido das fauces, achacadas de pulmoeira chronica, tinha um não sei quê de grave e soturno que contrastava com a alegria e ligeireza do dono. Se o picava um moscardo no alifafe de algum dos jarretes, o hippogrypho regougava um insulto, mas não aventurava o couce das almas grandes, porque a tal liberalidade se oppunha o genio somitego da barriga, saciada e repleta de ar atmospherico.

Diziam ás vezes que era affectação, menospreço de gloria aquelle chôto do animal, retardado pelas ancias latentes do estomago. Coitadinho do bicho, o que elle padecia era fome!

—Ahi o tem. Dou-lh'o—disse o snr. Antonio Bernardo Ferreira, batendo com a varinha de *caout-chouc* nas orelhas da besta, prudente em não recalcitrar contra o mais forte—Guarde-o, e adeus.

No dia seguinte, pela mesma porta por onde sahira o fidalgo, entrava um professor de veterinaria. Os tumores, esparavões, sobrecanas, e laparões, em que era abastado o irracional, foram entregues com o proprietario das joias á medicina milagrosa do perito. Ao cabo de 15 dias Camillo pagou seis libras de remedios a requerimento do medico.

Mandou aquella chaga ambulante ao snr. Antonio

Bernardo Ferreira, e juntamente uma carta que dizia assim:

« Tenha v. exc.ª o bichinho em seu poder o tempo « preciso para eu estudar um curso de alveitaria, com « que me torne digno apreciador das qualidades da sua « prenda. »

A phrase, como se vê, desceu ao raso da intelligencia do offerente, que, a não ser talvez a palavra *curso,* é de presumir que entendesse tudo. Semanas depois o snr. Antonio Bernardo Ferreira vendia a mesma joia por doze mil reis a um alquilador do largo da Batalha! O desgraçado animal morreu pouco adiante da operação do ultimo alifafe.

Morreu o bicho, mas não a memoria d'elle. No dia seguinte um noticiarista espirituoso por baixo de uma local intitulada « Mais um barão » poz outra « Um cavallo de menos » (podendo muito bem dizer « mais um cavallo » e « de menos um barão » ; meditem na philosophia d'isto), dizia o noticiarista alardeando erudição á custa do burro fallecido, que d'elle, burro já se entende, poderia repetir-se a phrase dos coevos do cavallo de Gonella: *tantum pellis, et ossa fuit.* E tinha razão. Ha ahi testemunhas de vista para affirmarem que a segunda parte do necrologio cahiu toda no gazometro, e que da pelle se fizeram catapultas exportadas mais tarde para a Crimêa. Conheço ahi muito cavallo de que se não ha-de aproveitar metade. E a estes virá a gazeta chamando *benemeritos,* titulo que a inveja denegou ao Babieca moderno.

Acabe-se esta nesga hedionda, que vem como uma protuberancia na biographia, desmentindo o conceito de um grande philosopho. Disse Buffon, que o homem se denunciava pelo estylo. Nem sempre. O snr. Bernardo denunciou-se pelo cavallo. . .esparavonado. Estylo não o tem elle. . . nem com pulmoeira.

Seria desprimor fechar praça aos gabos onde rasgam

fundo as zargunchadas da critica. Façamos prova da nossa abnegação reestampando o retrato com que eternisou o snr. Antonio o seu ultimo Plutarcho.

> Frusta blanditiæ venitis ad me,
> Attritis miserabiles labellis.
>
> *Epig.* Marcial.

Já não digo que este escripto seja materia de cothurno; mas de sóco tambem não é. Em conta de materia de chinelo é que eu o tenho: o justo meio é esse. Não me aventuro a solicitar para este meu trabalho, acendrado na consciencia, e lustrado com o esmeril do patriotismo, lugar de honra na gazeta. Deem-lhe o folhetim, o fabulario, ou como deva chamar-se em portuguez essa cousa, que pedimos de emprestimo á França, quando não sabiamos onde abrir as nossas tendas, nós, os quinquilheiros das letras. Seja o folhetim, que em folhetins escreveu Mendes Leal as biographias de alguns luminares d'este seculo. Seja o folhetim, que os guizos da farça não damnam os sons clamorosos da corneta epica.

Se eu deixasse fallar o coração, escrevia uma ode, e não aprosava chilramente um assumpto que está tirando por mim aos alterosos plainos d'onde Pindaro e Diniz olhavam de fito os seus heroes. Immolo, porém, ao gosto abastardado dos meus contemporaneos o *ecce Deus* que me está fazendo cocegas no encephalo, e nomeadamente na bossa do maravilhoso.

Vou fallar do snr. Antonio Bernardo Ferreira, em prosa, porque — razão de mais — o poema é quasi sempre a subita e abrupta expressão do enthusiasmo vehemente, que nem sempre a fria razão applaude; e a prosa argue certa serenidade e madureza de raciocinio, que imprime cunho de maior criterio e valia. A posteridade, pelo menos, usa d'este theor aquilatar as obras. O cantor das «Olimpicas» é menos crido que o dos «Homens

illustres ». Admira-se o poeta da Beocia; mas dá-se fé e cita-se a authoridade de Plutarcho. Ora pois: para as glorificações transitorias, que se amostram ao clarão deslumbrante da sua instantanea faisca, a poesia; para os varões de lustre duradouro e prestança de que a todos nós cabe um quinhão de honra e uma faula de resplendor, para esses, a prosa.

Na esteira dos segundos está o snr. Antonio Bernardo Ferreira, eleito representante do Douro, vocação apanhada de surpreza quando a sua muitissima modestia, dom congenial dos talentos superlativos, o andava escondendo aos olhos da mãi patria.

De surpreza, dissemos: A ponto estamos de accusar o mancebo illustre de se andar desde muito esquivando a erguer voz nos conselhos da publica salvação. S. exc.ª via, como nós, a patria a cahir de podre, voltava o rosto pungido para não encarar nas herpes que a exulceravam, dava um sorriso de piedosa intelligencia aos boçaes alvitreiros que mais e mais a enfermavam com as suas drogas charlatãs; em summa, s. exc.ª conhecia o balsamo da ulcera, tinha *ab ovo* os talentos recebidos da Providencia das nações, e escondia-os debaixo da maquia!

Condão de todas as nações em risco! Os Cincinnatus, os Climenes, os Gracchus, os Demetrius, escondem-se sempre. Muitos foram os salvadores de Grecia e Roma que vieram a empurrões dos seus concidadãos para Ágora ou para o Forum. Póde ser que o snr. Antonio Bernardo Ferreira tivesse obedecido á espora do coração, se não fosse tão lido nas esquivanças dos grandes homens da antiguidade, cujo brilho cegava s. exc.ª em mal da patria.

O snr. Antonio Bernardo Ferreira, desde o mais verde dos annos, viu que Portugal era roupa dos francezes, e em redor de si não achou um Cassio que podesse apertar a mão de Bruto, e conjurar na redempção da

patria. S. exc.ª, descoroçoado de fructear as sementes que lhe pulavam no animo, carecia de empregar a sua irrequieta actividade, e deu-se todo á veterinaria. Não ha ahi dizer a perspicuidade com que s. exc.ª aventura um esparavão, um alifafe, uma pulmoeira, uma sobrecana! O snr. Antonio Bernardo enviezava o beiço do garrano macrobio, e dizia o dia do seu nascimento! Fitava-lhe a orelha mysteriosamente, e predizia a época infallivel da demencia do cavallo. Tirava-lhe pela cauda, e fixava o ponto onde ia bater o couce. Cavalgava-o de um salto, e fazia do quadrupede maravilhas; colleava-o em corcovos, em recuadas, em arremettidas e bestiaes gentilezas, que mais não! Dissereis que uma só alma animava aquellas duas vidas, vibradas ambas ao impulso de uma só vontade! Era cousa de costa acima discernir qual dos dous era o primaz no engenho!

N'este suave remanso vivia o snr. Antonio Bernardo Ferreira quando o gemido estortoroso da patria lhe feriu a orelha. Em redor de s. exc.ª alguns centenares de bons filhos — que ainda os ha — d'este bom Portugal, conclamam em lastimas de partir a alma, pedindo ao snr. Antonio Bernardo patria, e vinho, e tabaco. Vinho, sim, era vinho que pediam aquelles pallidos agricultores do Douro que exhoraram debalde á regeneração o viço das suas cepas, e a limpeza da sua uva. Pediam tabaco os povos que se viram uma vez ameaçados nas pessoas dos caixas do contracto, e se estavam agora temendo que a queda do governo implicasse desastre para os bemfeitores a quem devem as agonias do fumo que lhe encurtam as agonias da fome.

O snr. Antonio Bernardo recolheu-se ao recesso das suas cogitações, deteve-se a consultar a Sibylla de Cesar, ás margens do Rubicão, e emergiu do mergulho de sua consciencia, e disse:

— Tereis patria, e vinho, e tabaco!

Irromperam universaes clamores. Encheram-se de

cidadãos eleitores as tabernas da Regoa. A alegria, com azas de setim azul celeste, sahiu da chrysalida dos ôdres e das ancoretas e dos toneis. S. exc.ª mandou abrir as torneiras dos seus armazens. Os eleitores de gravata fumaram charutos de contrabando. Os levitas do Senhor desceram dos seus presbyterios, e vieram ao solar do snr. Antonio Bernardo trocar a murças de conegos a consciencia dos parochianos. O delirio endoudeceu as turbas. Dispararam-se pistolas sobre um honrado portuguez, que um momento se afigurou conspirador na perda da nossa independencia. Desculpavel foi o crime, e gloriosa seria a morte do snr. Antonio Felisberto, se o seu sangue espadanasse na fronte inspirada do snr. Antonio Bernardo Ferreira, porque toda a hecatomba de s. exc.ª é honorifica, e o sangue derramado nas suas aras seria propiciatorio.

Deixou-se eleger o amado das multidões. A electricidade, com as suas azas de arame, levou a fausta nova a todos os angulos do paiz. Arraiou a aurora de um novo dia no coração de todos, e no Douro, coração amortecido de Portugal, as veias, turgidas de vinho, offegaram durante vinte e quatro horas em vertigens de jubilo.

Que tem Portugal que esperar do snr. Antonio Bernardo Ferreira? O que esperavam os inimigos de Filippe da eloquencia de Demosthenes, e os amigos de Pompeu da palavra fulminante de Cicero, e os inimigos das raças e da monarchia da facundia estrepitosa de Mirabeau.

José Estevão, Passos Manoel, Fontes, Rebello, passaram, e renunciaram na fronte de Antonio Bernardo o carvalho civico, que ainda hontem reverdecia para elles.

É ida a época dos tribunos. Hoje, a eloquencia parlamentar não a dá a mera inspiração do acaso, nem o atrevimento da sonora dicacidade. Requer muito estudo dos homens, muita lição da sciencia, o mister espinhoso de levantar as duas fundamentaes columnas, da nossa

autonomia, que são a moralidade dos espiritos e a sciencia dos interesses materiaes.

Antonio Bernardo Ferreira, nas horas vagas das suas lucubrações veterinarias, por altas horas da noite quando os parvos dormem, encostava o peito á mesa do trabalho, e folheava, á lampada nocturna, os escriptores mais abalisados da sciencia economica, as leis das nações mais aperfeiçoadas, o germen das reformas obscurecido nas menospresadas riquezas da Grecia e da Bárataria; finalmente joeirava do pó dos seculos as joias inestimaveis que ia armazenando no seu espirito ao lado da symptomatologia do mormo real.

O instincto dos povos é admiravel quando o salvarem-se depende só d'elles. As turbas ignaras de certo não sabiam que o snr. Antonio Bernardo trazia um Licúrgo solapado na alma; e, todavia, chegada a hora de fazer sahir uma divindade da horta, apparecem primeiro as orelhas, e atraz das orelhas surge um Midas!

Não falta ao snr. Antonio Bernardo Ferreira uma só das condições que dão a esperar o orador. Superabunda mesmo n'aquella que o pechoso Isocrates reclamava: « a virtude e a honradez em supremo grau. »

A honradez e o cavalheirismo do snr. Antonio Bernardo Ferreira é um proverbio. Ninguem se demasia tanto no zelo da sua dignidade; ninguem traz o nariz tão apontado a tudo que tresande a ignominia e descredito. Alma afinada com tanto primor de sentimentos, quando se abrir em explosões de nacionalidade, ha-de levar na torrente de seus alvitres, immaculados de dependencia ou capricho de bando, as impurezas facciosas das opposições, e as pertinacias obnoxias dos ministerios.

O snr. Antonio Bernardo Ferreira ha-de agrupar em volta de si, no parlamento, as sympathias do genio, e o apoio dos espiritos cordatos. Agourar-lhe uma pasta, é ficar muito áquem do escopo a que apontam os seus

amigos e o destino d'elle. O snr. Carlos Bento, ministro sério e modesto, renuncia de certo a sua cadeira de secretario de estado em favor do mancebo predestinado a fenecer-lhe os louros. São raros os exemplos d'estes holocaustos da vaidade humana; mas, d'esta vez, o ministerio por honra sua e realce do paiz, deve levantar o deputado da Regoa á esphera que lhe fadaram os talentos precoces, e os estudos incansaveis sobre administração publica, pondo já de parte o seu muito saber na therapeutica do lamparão, que deve aproveitar mais a alguns collegas em particular, que ao complexo das necessidades publicas. Aqui fazemos paragem para novos assombros.

Haverá cincoenta annos que desceu do norte para o uberrimo torrão do Douro um laborioso carreteiro de S. Thiago de Compostella, que havia nome Pedro Gil. Quem diria que o bemvindo da Galliza trazia nas massas mysteriosas da sua essencia fecundativa o botão d'esta vergontea que braceja agora em sciencias como a arvore de d'Alembert?! *Vêde da natureza o desconcerto!* Vão agora disputar ás raças o seu aperfeiçoamento aquelles que presam no nosso irmão da Galliza a typica, a suprema bestialidade humana!

O snr. Antonio Bernardo Ferreira teria ido mais temporão sentar-se na cadeira de Fernandes Thomaz ou Ferreira Borges, se a camara não estivesse trancada e insilveirada ao merecimento, que fere os olhos da inveja estupida.

Vai o eleito dos povos á hora em que devia e podia ir. Honra-se o ministerio que o pediu, honra-se a Regoa que o deu, honra-se o paiz que o tem, chega a todos mais ou menos uma migalha d'isto.

Em quanto as nações visinhas inventam as extremas maravilhas do vapor, do telegrapho, da navegação aeria, nós, os portuguezes acoimados de estupidos, inventamos um deputado no snr. Antonio Bernardo Ferreira.

A nossa mythologia principia agora.

IX.

Eu entristeço-me profundamente sempre que ouço os minguados queixumes de uma ave que se chora, saltando de ramo para ramo, por entre as arvores bastas de uma floresta. E este lucto em que a alma se me escurece leva-lh'o a convicção de que alli, n'aquelles recessos alheios á vaidade do mundo, o canto sinceramente triste é sempre o desafogo de uma dôr sinceramente grande.

E não só isto. A melodia tenho-a eu como o preludio de uma linguagem eterna, sublime, divina, que o homem ha-de adivinhar quando a Providencia, em premio das suas virtudes chancelladas com o sangue e lagrimas de muitos martyrios, o julgar digno do condão de lamentar-se. O coração que espira em carmes indefinidos, vagos, tristes mas indecisos, o supplicio das suas penas angustiosas, sem que os outros adivinhem por essa balbuciada desventura o balsamo que a sare; esse deve sentir duas vezes a dôr que o lacera.

Musa ales. Camillo Castello-Branco é poeta como a ave dos bosques. O verso flue-lhe sempre natural e verdadeiro como a nota suspirada pelo cantor das selvas, mas assim como esta, voando no espaço, vai cedendo ás mil fórmas que lhe imprime agora o ramalhar dos cyprestes que se abraçam no sopro da ventania, logo as ondulações da frança dos salgueiros que se debruçam até ao chão, fórmas sempre harmoniosas, raro desiguaes; tambem a idéa, e o pensamento d'esta phantasia fadada para cantar, modelada pelo verso e pela estrophe, reapparece sempre cadente, sonora sempre, mas ás vezes tibia, pallida, ou inexacta. É que o pensamento, tal como o dera a imaginação, sente-se aqui dorido e apertado pelo verso, e além a idéa asphyxiada n'uma estancia, como se fôra esta thuribulo escasso para o lume com que deviam

de rescender mais puros os perfumes d'ella. Camillo é sempre poeta valente e ardido, mas não raro lhe estala o envolucro que não póde com tanta força. Muitos dos seus versos são de comparar-se aos quadros de *Giulio Pippi:* o colorido obscuro, mas sempre o desenho admiravel.

Entristece a quem o ouve, ou a quem o lê, porque aquella linguagem não se finge, nem simula. Adivinham-na os martyres a quem o espinho da adversidade entrou fundo pelas raizes do coração. Quando a não ensina a presciencia da desgraça, aprende-a a certeza do infortunio.

E a dôr que reçumbra em todos esses versos de Camillo é das taes que laceram duas vezes. Não porque á altura da inspiração não chegasse nunca a palavra pobre para ella, mas porque á historia intima dos seus cantos vem sempre abraçados nomes e circumstancias, cuja revelação a sociedade lhe condemna com os estatutos da sua hypocrisia velhaca. O poeta tem pois de levar muitas vezes o lenço aos olhos para que lhe não caiam no verso algumas lagrimas que o denunciem. Póde carpir-se, mas de modo que lhe não vejam a intensidade do soffrimento.

—Lamente-se, diz o leitor, mas quanto baste para nos deliciar alguns momentos com um livro de suave melancolia. Se nos diz que o infortunio é verdadeiro, que a angustia o martyrisou, ou o martyrisa ainda, póde forçar-nos ao incommodo de lhe negar consolações e conforto.—

Não ha nada mais feliz, do que ser poeta. Sorte mais invejavel só conheço a d'aquelle heroe de Balsac que, á luz frouxa de uma lampada mortuaria, escrevia um dithyrambo para que a esmola mercenaria do editor lhe désse o sufficiente para mandar abrir uma sepultura ao cadaver da sua amante.

Vem muito a ponto o contar aqui uma recordação.

Eram fins do outono de 59. A Universidade de Coimbra, necropole respeitabilissima de sabios sem superlativo, abria por essa occasião os braços a esta ovelha tresmalhada do seu paciente redil por motivos que fizeram de mim um *discolo* por espaço de dous annos; entre parenthesis, não rastreiem impulsos de arrependimento nobre n'aquella posição em que a Universidade ficou *de braços abertos;* assim affeiçoava-se melhor para a minha penitencia futura a cruz em que de novo deviam pregar-me com mais de tres cravos, (não pasmem do rasgo, sobejavam-lhe muitos...)

De longada para Coimbra era-me urgente cortar a jornada n'aquella boa terra que foi patria de Garrett, e que o é ainda hoje de muito leitor soveleiro, que por lá enxamêa a desforrar o excelso escriptor da ingratidão dos coevos com os reparos de uma critica achavascada, que seria de perigoso damno á posteridade se a dedada torpe, e ennegrecida pelo cerol, os não apagasse logo.

Abençoadas as glorias posthumas!

Para fugir aos tedios d'aquella atmosphera pestilencial que por alli, n'aquellas ruas, e n'aquelles cafés, escalda os estomagos pouco saburrosos ainda das iguarias do soalheiro, procurei n'uma casa do *Bomjardim* o author do « Homem de brios ».

Se em vez de cães fosse de gatos uma escolta que estacionava á porta do seu gabinete de trabalho, eu tinha assim uns ares de quem visitava o *Crébillon* do seculo dezenove. Reflexão picaresca que eu faço agora, e então não fiz, porque no modo triste como aquelles animaes (classe aonde Camillo tem encontrado bons amigos) recebiam os meus afagos transparecia um como clarão de luz sinistra que das magoas de seu amo houvesse reflectido para elles. Entrei no quarto, e senti-me todo estremecer d'aquelle abalo que toma alguns espiritos ao avisinharem-se d'algum lugar onde a nudez das paredes pela deslocação de todos os moveis deixa adivinhar

a proxima partida do seu hospede. Algumas malas sobrepostas, um sacco de noite, uma *amoniére* sobre o bufete e um par de pistolas, um chapéo, uma bengala, e umas luvas brancas, reminiscencia do ultimo baile, sobre as almofadas da ottomana, algumas tiras de papel manuscripto sobre a banca, e uma em cima da pasta com meia duzia de linhas no tôpo, era isto tudo por onde eu estava passeando a vista quando o senhor de toda aquella panoplia inoffensiva me poz a mão no hombro para me pedir um abraço.

Eu devo prevenir uma cordata observação da censura pechosa.

Fui surprehendido pelo meu amigo no extasis da minha contemplação, não porque o soalho estivesse coberto de alcatifas de Susa que lhe sumissem o rumor dos passos; eu ouvi uma vez aos aguazis de uma barata moralidade acoimar de prodigo e extravagante o litterato que tinha um cavallo e quatro cães; quem lhe daria pois os estofos, e as regalias do bem-estar, e o luxo, e o fausto, e as pompas de que aliás tanto precisa a imaginação para vestir com esplendor as suas formosas criações? Seria o alarve, o estupido, o inepto, mas o favorecido da sorte que mal consegue soletrar a dedicatoria do livro que lhe offerece o homem de letras?

Oh meu Deus de piedade! se as estrellas do teu firmamento se não retrahem de vergonha quando descem com os reverberos da sua luz magnifica lá d'esse elevadissimo solio onde as enthronisaste até ás vertentes sujas do charco, por que não vem um raio d'essas camadas de brilho alumiar as trevas d'estes espiritos de terra? Ha mil e oitocentos annos o lôdo nas tuas mãos dava vista aos cegos; porque logo os incredulos d'hoje fecharão os olhos aos esplendores do sol? Porque escondes tu, Senhor, a luz, nos veios da pederneira?

O motivo da minha surpreza... (perdoem estas interrupções; e aproveito a occasião para dizer-lhes aqui

de dentro, que este maldito sestro é tambem o lado vulneravel do nosso romancista. Será defeito? Eu tenho ouvido dizer que *sim* a uns cerzidores de regras, que não fazem mais nada, mas declaro que, se uma vez não devaneiam os tolos, eu amo o erro opulentado de graças do meu amigo, e abomino com o proposito mais entranhado do meu coração a verdade chata do preceito, que os legistas achamboados pretendem encampar á nossa credulidade. Censuram Balsac por isso? Excluo do respeitavel jury, a quem deixo a resolução d'este importantissimo quesito, uma senhora do meu conhecimento, que passava intactas nos livros do grande romancista as folhas aonde as margens vinham nuas das aspas do dialogo). Foi o motivo da minha surpreza o andar vaporoso e subtil, em que elle se aproximára, e aquella maneira distincta de caminhar, que a extrema pequenez do seu pé torna ainda mais elegante.

Será desaccordo, irreverencia, ou dislate o trazer para a biographia de um homem distincto o tamanho do seu pé?

Ha-de responder-me que não a leitora que fôr menos immodesta do que o eram os pretores para ir curando tambem um pouco das cousas *pequenas* d'este mundo sublunar. E se o retrato lhes não mostra os pés, bom é que a biographia lh'os pinte. Que eu podia evidenciar com uma admiravel facundia de erudição a influencia do pé n'aquillo que a mão escreve. Quem negará por exemplo á acirrada inspiração de lord Byron, quando elle verberava os seus inimigos com o açoute dos seus epigrammas causticos, o influxo vilipendioso d'aquelle calcanhar, que a natureza lhe dera zambro, a razoavel distancia de um joanête que a idade tornára anfractuoso?

Eu, se não me salteassem receios de faltar á gravidade do assumpto, dizia tambem alguma cousa da mão de Camillo. De mim penso que a feição do escripto de-

ve tudo aos dedos d'onde impende a penna que o fez. Admiravel devêra de ser a mão direita de Stael, de Ossian, e a de Silvio Pellico.

E digam-me, seria concebivel que todo o merceeiro fosse parvo, enxovêdo, e soez? Aquella algaravia que elles escrevem, e que é muito mais escandalosa do que a outra que fallam, não se deverá ao suor manteigoso dos dedos sempre refractarios á conveniente escriptura de um monosyllabo?

Mas se a leitora gentil priva com um dos mais finos, mais delicados, mais espirituosos, e mais insinuantes mancebos d'esta capital, peça a Bulhão Pato, que lhe repita umas espirituosissimas apostrophes com que ha dias, n'uma das saletas do Matta, o mimosissimo poeta brindava estas transparentes e azuladas phalanges que nos deram *O ultimo acto,* os *Vinte dias de agonia,* e *Lagrimas abençoadas.*

Este ultimo livro é o pranto de uma hora afflicta com que o author delineou as feições de uma historia triste. Almas perdidas no meio das desillusões têem alli porto que as salva do naufragio. Ancora fundeada em lagrimas... está redimido o infeliz cuja mão lhe tocar.

Como o *René* e *Atala* do visconde de Chateaubriand, livros que as primeiras eloquencias sagradas preconisaram no consistorio de França, *Lagrimas abençoadas* foram do alto do pulpito portuguez apontadas como criação esplendida por um dos seus raros, mas excellentes ornamentos.

E aqui, como em tudo, sempre o anjo das melancolias descendo do paraiso a afinar-lhe a inspiração.

Lagrimas na palavra, e lagrimas na idéa. Unção e amor em tudo como se vos filtrára para o coração aquelles milagres de harmonia dos grandes oradores sagrados. Suave como Fénelon, muitas vezes sublime como Bossuet. Se raro energico e petulante como o abbade de

Ravignan, sempre harmonioso e puro como o bispo de Hermopolis. E por isto mais gostado.

Abraçamo-nos. Ia longo esse abraço quando o senti suffocado a soluçar-me no hombro. Corriam-lhe a fio as lagrimas, que achavam já abertos na face os vincos por onde tinham passado outras. Não me aventurei ás consolações de uma aconselhada resignação, porque não sei de nada mais repulsante que esta medicina de commiseração insultuosa, com que almas de zinco, incapazes de se elevarem nunca ao fastigio de um martyrio nobre, mandam calar no espirito de quem soffre ao pé d'elles a dôr que respira pelas lagrimas, e desabafa nos gemidos.

Este modo de consolar é tôlo e mau; tôlo, porque vem de creatura que não sentiu, nem sentirá jámais o coração pela agonia; mau, porque exacerba a ferida vertendo-lhe fel no sangue que ella escorre. Consolar é compartir as penas de quem soffre. « Pouco sabe da tristeza quem diz ao triste que se alegre » palavras verdadeiras de um grande martyr ([1]). As dôres profundas estimulam-se nos conselhos do allivio forçado, acrescenta Shakspeare. É incontrastavel. A insinuada coragem póde mesmo ser uma affronta quando a consciencia do que soffre vê entre si e a *terra firme* os oito palmos de um sepulchro aberto que é impossivel vencer. Morre duas vezes o naufrago que expira com os olhos na praia.

Aquelles, se lhes disserem que ha existencias beijadas no berço pelo anjo do infortunio, e que ajoelham muita vez n'esta longa penitencia da vida, pedindo a Deus lagrimas com que os olhos se refrigerem dos calores da areia, riem-se d'aquella gargalhada rispida do alvar, e bacorejam no seu elucidario de protervias uma bem infamante para o indiscreto que quiz tirar da rocha uma gôta d'agua.

É-me defeso o fazer publica, ainda mesmo n'este lu-

([1]) Luiz de Camões.

gar, a confidencia que seguiu as lagrimas, que eu lhe deixei chorar á vontade. O leitor cale os insultos da curiosidade, levando-me em bem o generoso intento de o forrar á partilha de uma angustia que eu sei lhe havia de magoar a sua extrema sensibilidade. Aqui vem agora o dizer-se para que foi trazida esta historia.

Camillo sentou-se á banca, e encheu mais algumas tiras de papel, levantando-se depois com os olhos humidos de lagrimas.

« Que precisão é essa de redigir?

— Parto no vapor d'aqui a duas horas, e mandaram-me ha pouco dizer os editores do *Mundo Elegante*, que faltava *original* para quatro columnas.

Camillo interrompera-se pois dous minutos antes da minha chegada, cedendo ao empuxão violento da dôr que o esmagava. Misturadas com os originaes estavam algumas participações telegraphicas de um convento de Braga, aonde se dispunha a receber os ultimos sacramentos uma senhora que era então toda a sua alma. Comprehendia-se a intensidade d'aquelle soffrimento, e admirava-se a luz coruscante d'aquelle talento a debaterse, estalando, com os bolhões das lagrimas que a inundavam sem valerem a apagal-a.

Eu li, quinze dias depois, o artigo concluido aos meus olhos. Obra digna era aquella do baptismo solemne que o author lhe déra. O coração tinha ido buscar no livro dos infelizes um nome aureolado pelos resplendores da desgraça. O nome passára já para a pedra de um tumulo, mas o sentimento sublime da saudade veio com elle a verter consolações no espirito que o chamava. O genio do desventurado ainda vivo engrandeceu-se com os clarões da inspiração grandiosa que o genio fallecido, mas revocado por elle, lhe irradiára do tumulo, e escreveu uma elegia digna d'elle e de si. O artigo, de que fallo, tem por titulo « Visconde de Almeida Garrett ».

Da primeira á ultima linha, sempre repassada do

mais puro, do mais elegante, e do mais crisolado atticismo, aquella é inquestionavelmente, ao vêr da boa critica, uma das mais esplendidas criações de Camillo Castello-Branco.

X.

Apagára-se a vida de desvarios em que o coração não entrava, nem o espirito se aprazia. Fallecêra a precisão de atordoar a idéa fascinadora do suicidio, e o anjo da guarda desopprimira do cansaço aquella alma destinada a grandes encargos, alumiando-lhe no futuro o caminho da gloria.

Era em 1854, anno de pasmosa fecundidade, em que o author dotou o seu paiz com *oito* volumes, qual d'elles mais gostado e querido por homens de letras. A imprensa tinha annunciado, ao despedir-se o Dezembro de 1853, os tres volumes dos *Mysterios de Lisboa*. Não havia ainda tempo para lêl-os, e o publico fallava já do *Livro negro de padre Diniz* (continuação d'aquelle romance) e citava em seguida *Onde está a felicidade?* a *Filha do arcediago, Poesia e dinheiro, Homem de brios, Neta do arcediago*, e *Scenas contemporaneas* (dous volumes).

Não póde a critica agglomerar n'um quadro as muitissimas bellezas de cada uma d'aquellas imagens da mais bonita imaginação d'esta terra. Escolhe as que mais lhe deliciaram o paladar...

Alto! Eu preciso dizer aqui muito á puridade, e antes de tudo, uma das razões porque tanto quero a estes dous livros, e sobre tudo ao *Homem de brios*.

Oito dias depois de publicado o romance ardeu a casa do seu editor, Rodrigo José d'Oliveira Guimarães. Camillo não tinha ainda recebido o preço estipulado, e mandou a casa do editor um recibo que poderia provar

o contrario. Rodrigo José d'Oliveira Guimarães corre a casa do seu bemfeitor, e agradece-lhe tanta abnegação, carpindo-se ao mesmo tempo da sua miseria. O author deixa-o sahir, escreve os *Espinhos e flôres*, e manda o mimoso drama para o theatro de S. João, cedendo logo todo o beneficio ao infeliz que se carpira. Alguns annos mais tarde Camillo Castello-Branco era insultado no jornal d'aquelle mesmo homem, no *Purgatorio*, que o é effectivamente da grammatica, da lingua portugueza, e do senso commum.

Não foi um mal, foi um bem para o homem de caridade. Quando a vibora mordeu, sem a damnar, a mão de Paulo, que punha sobre o lume o mólho de vides, os barbaros reconheceram no Santo um dos filhos de Deus. A mordedura engrandeceu o apostolo.

Eu estremeço o *Homem de brios*, assim como estremeço o author, e a todos que eu vejo despresar com dignidade e orgulho os chascos villãos da canalha illustre.

— Vem a pêllo outra historia.

Quando em 1849 Camillo Castello-Branco publicou em Lisboa o folheto intitulado « O Clero e o snr. Alexandre Herculano » foi pedir-lhe *Thomé Cabral* que lhe consentisse reimprimir aquelle escripto que o publico festejára e applaudira. Thomé Cabral offerecia lucros a Camillo, porém este rejeitou-os de logo, malsinando-lhe a tentativa com modestas depreciações á sua obra.

Thomé Cabral era um homem que se recommendava á commiseração publica exhibindo o coto de um braço que lhe ficára nos entulhos de Villa Nova de Gaya, onde elle se esforçára com valentia contra os assediados do Porto na mais lastimosa época das nossas dissenções civis.

Camillo conhecera-o no escriptorio da *Semana*, que elle, n'esse mesmo anno de 49, redigia com João de Lemos, Bruschy, Ayres Pinto, e outros. Os seus collegas

tinham-lhe captivado o animo em favor do infeliz Thomé Cabral.

Dous mezes depois da concessão feita por C. C. B. ao velho soldado miguelista, entrou este no quarto do author do *Anathema,* romance que então se publicava na *Semana,* e apresentou-lhe *quarenta mil reis,* pedindo ao romancista que os aceitasse, pois elle sobre ter salvado já as despezas da publicação, havia tambem auferido igual lucro. Redarguiu o generoso poeta rindo ao offerecimento de Thomé Cabral, e obrigando-o ao reembolso do dinheiro que este lhe havia já collocado sobre a banca.

Thomé Cabral sahe de casa de Camillo, e compra um bilhete de loteria, que a fortuna, caprichosa e galhofeira, premeia com 20 contos de reis. Veio o homem contente para os arrabaldes de Coimbra, onde comprou uma bonita propriedade, e onde viveu todo o resto da sua vida.

Aconteceu porém que Thomé Cabral visitasse o Porto alguns annos depois de melhorada a sua sorte. Foi elle o primeiro a exaltar por toda a parte o nome de Camillo Castello-Branco, que a esse tempo lá morava tambem, e a engrandecer-lhe as virtudes historiando o que se passára comsigo. Quiz por isso, e logo, ir comprimental-o, mas porque um tendeiro do largo de S. Bento, mal ferido pelo desapreço com que o tratára uma senhora com quem o romancista havia travado relações, lhe gosmára duas protervias no seu grato elogio, isso bastou para abafar o bom instincto na indole bem affeiçoada de Thomé Cabral, de quem o miseravel fizera um ingrato, e um exemplo da suja immoralidade dos confrades, em cuja depravação, mais que no elogio da virtude honesta, se exalça e vive o lustre e a gloria de Camillo Castello-Branco.

Voltemos acima.

Onde está a felicidade? e o *Homem de brios* são

dous livros que fazem um romance, que vale pelo entrecho, pela contextura, pelo estylo, pelo desenho, e por tudo, o livro de *Balsac* onde qualquer dos meus leitores tenha assentado a corôa de gloria do grande romancista.

Aos fanaticos da *Vingança,* rival temivel da minha obra estremecida, peço eu que me não contrariem se posponho a esse diamante outro que para mim brilha mais.

Um homem de brios...

Este livro é só por si toda a existencia de Camillo Castello-Branco. A alma do poeta, o espirito do romancista, com todas as pompas d'aquelle atrevido imaginar; com todas as graças d'aquella sua phrase d'elle, onde a palavra n'outra palavra entrelaçada vem sempre com outras a brincar, a retouçar á competencia de qual com mais garbo, donaire ou elegancia, chegará a enfeitiçar o periodo: sôro da intelligencia, thesouros do coração, tudo alli coou por aquellas paginas de inspiração admiravel.

A leitura d'aquella historia sublime filtra para as almas tristes uma consolação tão repassada de meiguices, que eu penso que devem de ser assim os mysterios revelados aos martyres do infortunio pelos anjos a quem o Senhor, apontando para a terra, commette a guarda d'estes raros espiritos de eleição, que vão caminhando a passo firme para o tumulo como quem anceia a arraiada de uma aurora eterna.

Para mim ha só um livro de incontestado merito. É esse que melhora almas de afflictos, que sara para o bem espiritos entanguidos no regêlo da indifferença, e galvanisa por conceitos d'unção divina um bom instincto já assoberbado pelos influxos d'uma paixão peccaminosa.

La Bruyére escreveu n'uma das suas profundas sentenças:

« Quand une lecture vous éléve l'esprit, et qu'elle

« vous inspire des sentiments nobles et courageux, ne « cherchez pas une autre régle pour juger de l'ouvrage ; « il est bon, et fait de main d'ouvrier. »

Do *Homem de brios* podem ser juizes todos que não tiverem o coração morto para a elevação e nobreza do sentir.

A alma sente-se bem quando os olhos choram por sobre aquellas paginas de poetica melancolia.

Se o lêra um atheu, o espirito voára-lhe arrependido para Deus, e pedira-LHE, em premio do baptismo, o perdão d'aquella martyr que lhe ensinára a crêr n'*Elle.*

E Deus certo perdoára a ambos, se a prece fosse rubricada com lagrimas das que o romance chora.

Aquella Augusta da rua dos Armenios, esse anjo que vem sentar-se ao pé de nós, e chorar, e abrir-nos aquelle coração franco aos baldões da desventura, preso e amarrado ao corpo que um vestido de noivado amortalhára, e vinculára para sempre a um homem que de mais a vexava por beneficios e extremos ; ella affrontando sempre a desgraça com tanta resignação, orando a Deus com tanta humildade, vertendo as lagrimas da sua expiação com tanta paciencia, — uma mulher assim é tres vezes anjo...

Eu amei esta Augusta com o fervor do desgraçado que uma vez sonhou com a felicidade.

Amei-a como o typo sublime de uma creatura que a Providencia beijára ao nascer.

Amei-a como o anjo enviado de Deus para anteparo e conforto de penas e afflicções.

Amei-a como a gôta do orvalho que viesse no deserto da minha alma annunciar a primeira hora de um regosijo pleno.

Amei-a como a estrella que descesse todas as noites á superficie do lago a escutar as trovas tristes do meu canto.

Amei-a como o raio de sol que baixasse das altas re-

giões do infinito ás trevas do meu espirito para insufflar o calor da vida aos embryões de uma paixão feliz.

Amei-a como o numen, como o anjo da minha guarda que descerrasse a cortina por onde os olhos da minha alma não enxergavam ainda toda a altura do affecto, toda a sublimidade do sacrificio, toda a grandeza do heroismo.

Amei-a como a ultima nota do cysne que me chamasse ao somno eterno por um trespasse de melodias divinas...

E assim foi que eu a amei. Porque d'esse pedestal de illusões me despenhei eu quando debalde procurei a immaculada pomba do Candal entre as mulheres que se vendiam ao fausto da devassidão opulenta, e aquellas que sahiam das orgias para adormecerem os filhos nos braços lubricos do amante, e as outras que resvalavam na escaleira do vicio quando o tapete se ajuntava á cumplicidade do seu crime.

« Se os espanta as excellencias da mulher que vou « debuxar, antes de m'as impugnarem, afiram-nas pela « natureza, interroguem-se, concentrem-se no arcano im« maculado da sua consciencia. Se me rejeitam a verdade « de Ludovina, se me dizem que a este inferno do mun« do não podia baixar tal anjo, sabem o que é esse des« crer? é apoucamento d'alma para idear o bello, é o re« gelo do coração que rebate as imagens ainda aqueci« das do halito puro da Divindade.

« Se a mulher assim fosse impossivel, o romancista « que a inventou, seria mais que Deus. »

Acaba assim o prefacio do livro — O que fazem mulheres — romance philosophico de Camillo Castello-Branco. Como a da baroneza de Celorico é possivel a existencia n'este mundo da Augusta da rua Armenia, mas o homem que a encontrar deve merecer muito á misericordia do Senhor.

— *Augusta* poderá ser o exemplo da mulher pura?

« Exemplo, ou modêlo, não sei se o é; pura, juro-o.

— Como, *pura?*

« Purissima.

— Mas *Guilherme do Amaral?* É, se queres, uma nodoa na face do anjo, mas é uma nodoa...

« Não é, não. Condemna-o a elle, sim; chama-lhe perverso, se entendes que o *homem de brios* não redimiu as culpas do *homem mau.* Porém o anjo não o calumnies...

— Mas... *pura?*

« Purissima lhe chamei. A heroina da *rua dos Armenios* é tão responsavel pela rasgadura do seu vestido nos dedos convulsos de Guilherme do Amaral, como o é a rosa pelo voluptuoso abandono das suas petalas, quando os raios calidos do sol descem do céo a rasgar-lhe o seio. Os beijos de Guilherme deixaram impollutos os labios da imagem, como o orvalho da manhã que, sem a macular, se instillou na corolla da mesma rosa depois de nua...

Amigo, vê se pódes estremar n'esse tremedal de mulheres hypocritas, a cópia da baroneza de Amares. Desce depois com ella ao teu jardim; que a orla do seu vestido branco beije e afague as cintas de murta, os refolhos da violeta, o pedestal das estatuas, os rebordos da cascata, o espique dos lyrios; corta uma camelia da côr do seu collo, prende-lh'a no remate da opulenta espiral dos seus cabellos negros; á rosa que não herdou aromas dá-lhe tu os que recendem lubricos da luzidia trança; combina sobre esta a alvura immaculada do enfeite que para ti, artista, criaram os primeiros raios do sol e a ultima claridade das estrellas; toma-lhe da mão ao de leve, e escurece a brancura do alabastro pousando-a no hombro d'essa estatua que tens ahi ao lado das perennes cachoeiras representando a *Primavera;* deixa-a a scismar com os olhos cahidos na superficie do lago encrespado pelos pés dos cysnes que, nadando, se retouçam;

e vem agora perguntar ás tuas flôres se ellas coram da companheira que tu lhes déste. Então as flôres, já d'ella, não tuas, virão inclinadas beijar no pó das avenidas o vestigio dos seus passos.

— No livro *Onde está a felicidade?* falta só uma epigraphe. É esta:

« O amor das mulheres, quando menos se empe-
« nha, chega com as finezas, aonde o amor dos homens,
« quando mais se esforça, chega com as promessas. »
Fr. Raphael de Jesus. (Sermão da resurreição de Christo).

....

Eu disse que era esse o melhor livro do ardente poeta?

Se o disse, menti-me a mim, e a ti, leitor.

Camillo Castello-Branco tem uma filha. E n'essa filha, primoroso reflexo do seu alto espirito, é que esplende com toda a magnitude a luz que irradia a faisca do genio superior. Esta menina vive no Porto, no mosteiro de S. Bento d'Ave-Maria. *Amelia* é seu nome. Conta já treze annos, e mais meio. Tem uns olhos, negros como as trevas do paraiso perdido; os cabellos, da côr dos olhos; o rosto, alvo como o symbolo da fé; o corpo, soberbo e flexivel como a haste de um terebintho novo. Chamar-lhe *Anjo* é levantar uma imagem sublime e verdadeira do lôdo onde tem descido com ella espiritos mediocres. — Não fugimos com a vista aos esplendores do sol, porque o astro se não vela aos olhos dos tolos.

Amelia dir-se-ia a transmigração completa da alma do poeta infeliz, se os milagres de Deus nos não mandassem acreditar que podem existir no mesmo mundo duas almas assim. O espirito de Deus não se parte, nem se quebra agasalhando-se nos seus escolhidos; continua-se e reproduz-se. Ouçamos para este ponto o espiritualissimo conceito do P. Fr. José da Conceição, que o escrevia ha mais de seculo:

« Construe a pyra, bate as azas, accende o fogo, e atêa-se o incendio, sobe a chamma, e no meio de aromaticos ardores se sepulta a Fenix; e quando em um páramo de fragrantes cinzas a consideravamos funesta, e tragica representação da formosura sem alentos, renasce maravilha do mundo, pasmo das aves, e princeza jurada d'esse voluvel, volatil, e crystallino Firmamento..... ninguem duvidará ser a Fenix uma allegoria do Amor Divino, que respirando incendios de caridade no Sagrado Lenho da Cruz, a puros deliquios de amor rendeu os ultimos alentos em o Calvario, a quem o Propheta chama Leito, e d'onde diz que renascerá como Sol, para fazer a sua assistencia no Eucharistico canonisado por Bautista Fenix immortal do amor de Christo: *Phenix immortalis amoris Christi.* » Dizia com acertado espirito o professo de Santa Maria de Belem.

O *Anjo* tem o mesmo genio, a mesma soberania de espirito, a mesma grandeza de coração, e sobre tudo a mesma fatalidade das lagrimas. Era o dote que o pai podia dar-lhe; franqueou-lh'o todo. Amelia recolheu-se ao convento com as joias da esposa de Christo: *Pobreza, Obediencia e Castidade.* « Aqui tens, filha, aqui estão as lagrimas que eu pude furtar ao famelico appetite dos maus. Se um dia tiveres sede, bebe-as, e abençôa o nome de teu pai que reservou os retalhos do seu coração esmagado para as horas de prova em que o teu oscillasse á mingoa d'agua. » A gente pensa que elle devia dizer-lhe isto, quando vê e contempla a physionomia melancolica d'aquella menina. Adivinha-se-lhe depressa que os seus primeiros vagidos se congelaram frios nas grades ferreas do leito onde sua mãi a concebera. A infeliz expiára alguns mezes na cadêa do Porto, juntamente com o seu amante, a *feliz culpa* do seu allucinado amor.

O amante tinha então 22 annos.

Amelia é pois o seu melhor livro.

É a sua pequena Biblia, o seu querido evangelho;

o cantico onde elle, como David, se afez a escrever as inspirações que lhe desciam do céo. Isto para nós. É mais que tudo isso para o feliz pai; feliz por ella, feliz pela formosura da filha; feliz tres vezes pelos afagos e consolações do *anjo*. Para elle Amelia é o ramo que trouxe a pomba aos escolhidos da arca; é o *Anjo da Annunciação* que veio tocar-lhe no hombro para lhe apontar o céo; é o *orvalho da concha* que lhe instillou para os seios da alma resequida uma lagrima do Senhor; é a *fatia de pão* que todos os dias se reproduz em mil para alental-o contra os infinitos desalentos do seu insaturado espirito; — Amelia é a violeta que o romeiro apanhou viçosa nas urzes do seu caminho longo; a *filha* é para o pai como o *barco* e o *remo* a que se encostava o Evangelista quando o espirito se lhe abrazava em resplendores de graça, e incendios de amor divino.

XI.

Camillo Castello-Branco é antes de tudo romancista, e como romancista portuguez, incomparavel, magnifico. Cada um dos seus romances é um modêlo e um milagre, para quem não tinha modêlos a seguir. Miguel Angelo envelheceu sobre o *tronco* de Hercules, do Apollonio Atheniense, para depois ser, com Leonardo de Vinci, o coronal da escóla florentina. Mas Camillo renasceu de si proprio como de chrysalida congenial á sua natureza. A posteridade abrirá esses livros para devassar-lhe nas paginas as grandezas e os ridiculos da sociedade de hoje, que o desventurado humorista por lá desenhou e gravou com aquella originalidade inimitavel, que só podiam questionar-lhe os quadros da pintura flamenga. Camillo foi escavar nas aûreas furnas das mais excellentes chronicas da sua patria as luxuosas riquezas

de todas as suas obras. Mina opulenta, e fecunda! Mãi inexhaurivel, em cujas entranhas renascem e pululam de continuo as arterias d'ouro, quando é preciso fartar a musa prodiga dos filhos queridos! Com o facho sempre acceso da sua perennal phantasia, e feracissima, o Ugo Foscolo, este novo poeta dos tumulos, desenterrava todos os thesouros, e com todos enriquecia, mais feliz que aquelles pintores gregos e romanos que ás vezes ao soprarem as cinzas de sobre os quadros descobertos nas ruinas do Herculano e Pompeia, condensavam no ar á mistura as ultimas sombras que esperavam para resuscitarem, o novo toque do pincel divino.

É lá tambem que podeis admirar os prodigios do estylista. Maxime se a idéa é grande e sublime, que pede quadro grandioso como ella; se o poeta ergue o pensamento a Deus para exalçar reverente os milagres da sua Omnipotencia, se desce até ao homem para de novo se remontar com elle á adoração da Magestade Suprema, é então ahi o abrir e o entornar dos mais excellentes cofres da sua musa, que tem o capricho de nos repetir a idéa em vinte paginas. São quarenta periodos admiraveis que se enroscam uns nos outros mostrando-nos a differentes prismas o preço da sua joia; como os meandros multiplos do regato, que se colleia nas assomadas, reflectindo em novas e variegadas côres o esplendor do sol, que é unico. Ha umas serpentes que desde a raiz ao teso das montanhas se contorcem sobre a mesma porção de terra, expondo soberbas combinações de luz nas entrançadas escamas da sua pelle luzidia e multicôr. O effeito é surprehendente como a leitura d'aquelles quarenta periodos. Nem julgueis que a vernaculidade da lingua esmorece nos caprichos da phantasia; senão que antes ganha, e muito sobreleva em faustos. A phrase flue pura da sua penna como a lingua hebraica nos escriptos de Isaias, como a grega nos monumentos de Homero, como a palavra latina nos versos d'Ovidio, co-

mo a attica nas orações de Demosthenes, como a castelhana nas cartas de Santa Thereza de Jesus ou nos livros de Cervantes, como a portugueza no verbo de Luiz de Sousa, de Bernardes, ou de Castilho.

Camillo Castello-Branco é hoje um dos mestres da lingua; mestre quer dizer que não só a conhece, senão que tambem a ensina. Não basta lêr Filinto, e accommodal-o com arte em traducções menos sem sabores que as d'elle; é preciso, e muito, mondar por lá, n'aquellas reboleiras de linguagem, as urzes e acendalhas, que podem ferir-nos ou queimar-nos.

Pergunta D. Francisco Manoel, no seu *Hospital das letras*: « é bem, porque as nuvens bebem as aguas salgadas do oceano, as venham assim chover com o seu proprio sal, sobre a terra? Então fôra a chuva assolação, e não fecundidade. O sal ha-de ficar na nuvem, e a agua se ha-de estillar á terra. » Um livro de Camillo é a nuvem que chove as purezas da linguagem classica, mas polidas, talhadas, e facetadas ao primor moderno.

D'elle póde repetir-se o que já de Messála Corvino apontava Quintiliano: « que até no estylo se lhe revia a fidalga condição. » *Et quadammodo præ se ferens in dicendo nobilitatem.*

E depois que milagres de harmonia! — São os trechos de Rossini, são as côres de Ticiano, são as notas de Fingal; é tudo isso junto. O ouvido esquece-se na melopêa como a Religiosa d'*Alsace* ao canto do rouxinol; o espirito desata brandamente os liames da carne, como o d'aquelle outro Santo, que ia dando a alma em pequeninos, a cada melodia cantada nos côros do Senhor. É uma partitura cada um dos livros d'este poeta.

Ao dobrar da ultima folha, o coração chora-se de ter corrido tão depressa em devassar-lhe os segredos, descontente por não poder já deleitar-se na ebriedade dos primeiros perfumes. É uma saudade que empana momentaneamente o goso do espirito, como os vapores da

terra a clara transparencia do regato, mas que logo, como estes, se prolonga e continua nos seios d'alma, como as vibrações feridas pela rajada do vento que passou sobre as cordas da harpa suspensa nos ramos vastos do terebintho. Não sei, não sei explicar-me. Leiam-no.

Mas antes de tudo romancista.

No drama lardeiam-no quasi sempre as formulas restrictas que é de força adaptar ao enredo e movimento da scena. O espirito sente-se-lhe illaqueado na curteza do monologo ou do dialogo, e o dramaturgo traz ás vezes para o palco as liberdades que o romancista devêra ter deixado no seu gabinete de trabalho.

Sempre logico no desenlace de todas as composições que lhe avolumam o seu brilhante repertorio, sempre uniforme na contextura, sempre fiel no desenho, e sempre opulento na imagem, Camillo desfallece ás vezes no empenho d'elevar ao sentimento d'uma esthetica sublime fórmas de uma plastica sublime como ella.

Umas vezes a idéa apertada nos moldes acanhados de uma conversação, interrompida por uma peripecia que tem de revigorisar a attenção das platéas, fica como exanime nos relevos que o author lhe deu. Aqui o dramaturgo carpe-se do romancista. Parece-lhe pequeno aquelle recinto, estreitos aquelles muros, limoso aquelle tablado, e o seu genio, remontando-se ao decima d'aquella abobada abafadiça, procura atmosphera por onde o vôo lhe seja livre até á audacia, céo e horisonte que de longe o desafiem sempre a novos commettimentos.

Mas aqui acode um *classico* das varandas: « Isto é desconhecer todos os preceitos da boa escóla. Fazer do theatro um curso de litteratura, aos olhos da critica sensata é sobremodo *revoltante!* »

Estes sabios de trapeira levam o amor pela arte até ao gallicismo.

A critica se é a tal que elles pellidam de *sensata,* ri-

se, e embrulha-os na phrase franduna do seu vocabulario turbulento.

Eu, confesso, ignoro ainda o que é arte dramatica. Por tão grande, por tão alta, e por tão sublime a tenho eu, que me avulta ainda um vacuo immenso em tudo o que tenho lido nos grandes modêlos que a trataram. O que sei é que amo igualmente Corneille e Shakspeare, e que o culto votado a estes será o mesmo para o que ámanhã, criação formada d'estes dous talentos gigantes, sem desluzir com uma sombra as gemas de nenhum, lograr o consorcio feliz e eterno d'esta grandiosa dualidade que se combáte ainda hoje.

Eu pelo menos não conheço o nome do que adunou n'uma só as maravilhas das duas escólas.

E amo-os a todos por uma mesma fórma, porque o que mais me extasia, embriaga, e maravilha, é o genio; e o genio, que muita gente tem definido, e cujo direito me cabe igualmente sem prejuizo dos enthusiastas que vierem depois de mim, o genio é muitas vezes o paradoxo com todas as pompas da mentira, com todas as galas da illusão, com todos os atrevimentos do absurdo.

O genio é *Victor Hugo*, cujo theatro, com todos os seus dislates admiraveis, se ha-de ir reerguendo de posteridade em posteridade, sem que as gerações dêem sequer pelos protestos de Gustave Planche.

O genio é *Lord Byron* rindo ainda d'além tumulo dos pygmeus que se levantam nos bicos dos pés para delatarem uma mancha no sôl mais esplendido da historia litteraria de dezoito seculos.

O genio é *André Chénier* legando das escadas do patibulo ás nações futuras vinte versos escriptos no berço, e levantando com elles uma estylita aviltadora para a patria homicida.

O genio é *Milton* com todos os seus atrevimentos e audacias, esmagando regras e preceitos de frios grammaticos que não podiam legislar para talentos como o seu.

Para bem aquilatar as grandes difficuldades da arte dramatica é chamar ao confronto d'ellas a profundidade do abysmo aberto ao lado de todas as tribunas. Magestosa como ella, mas como ella perigosissima, é só a *Eloquencia*.

E, coitadinhas! como por ahi andam tão descaridosamente tuteladas nos braços encueirados de muita vocação torcida! — A eloquencia, principalmente! Que poema, que historia só esse vocabulo: *Eloquencia*.

Esta filha estremecida de Cicero e Demosthenes, de Mirabeau e Barnave, de Berrier e Shêridan, Canning e Lammenais, tão atarantada a trazem hoje nos boleus do seu desengonçado vasconço os enjeitados Hortensios, que faz pena ouvir-lhe os guinchos e alaridos, com que se carpe e se enfurece a probresinha aos desatinos da crúa paternidade. Esse fanal que ainda hoje pelas paginas da historia se ergue coruscante e esplendido como outr'ora nos rostros da heroica antiguidade, vai quasi apagado com o desleixo torpe d'essa guarda degenerada que lhe pozeram á porta.

Este, porque adormeceu tres vezes na mesma pagina de Tacito, poz-se a parodiar a concisão do mestre incomprehendido, e só logrou atirar-nos mais clara a criação sandia do engenho torto. Aquelle, estupidamente lido nos requintados atavios de Seneca, ahi se carrega de um alforge de palavrões, que, distillados em agua chilra nos alambiques da sua fogosa imaginação, párem fedelhos inchados, não por vigôr de saude, mas por enfermidade de frouxidão.

Faz-se em duas palavras o ultimo elogio da eloquencia. Foi ella a primeira criação da Omnipotencia Divina. Deus, criando o Universo com a palavra, preteriu a cathegoria do pensamento. Da luz do Verbo sublime é que nasceu depois ainda a outra *luz*. *Dixit... et facta est lux...*

Ouçam uma inspiração luminosa.

« A eloquencia, eis-ahi o mais vasto, e o mais pro-
« digioso talento que homens colheram da natureza. É
« concebivel a existencia separada dos outros; coronal
« de todos, a eloquencia a todos domina, abraçando-os
« em si. Theologia, philosophia, historia, poesia, mu-
« sica, n'ella tudo. Invida o homem nos outros uma só,
« ou, se muito, algumas das suas faculdades: judicioso
« pensar para theologos e philosophos basta, para histo-
« riadores solida e lucida memoria; requerem bellas ar-
« tes imaginação adequada ao genio de cada uma. Mas
« só a eloquencia é todo o homem; só ella o motor e re-
« gente de todos os talentos. »

Ora vão lá aferir por esse padrão estes Demosthenes d'aldêa que nos trepanam ouvidos e paciencia, ou lamuriando tristes charadas sobre a escassez do feijão carrapato lá na sua terra, ou requerendo de meritissimos confrades o patronato escandaloso de raças suinas — tanto entrou com elles o amor da proxima! — ou, e aqui o extremo arranco, pindarisando a torre da parochia que não tem sino, traste que elles prometteram em escambo do mandato que lhes confiaram, sem confiança, — *esperando, sin esperanza* — como o voto dos adoradores de Leandra, gente que andava muito melhor avisada que esta ordenhando leite de cabras em vez de pejar urnas eleitoraes com sandios votos. — Eu não sei se já n'aquelle tempo havia eleições; deputados, como os de hoje, sei que sim, e bem de molde era o tal Vicente de la Roca que, com seus discursos e projectos, deshonrou e roubou o paiz na pessoa da tal senhora Leandra, que tambem por cá deixou uma boa descendencia.

« Eu, se pedisse alli a palavra, quando m'a dessem creio que desmaiava. » Assim me dizia um dia Bulhão Pato n'uma das galerias da camara popular, aonde ambos, com profundissimo respeito, assistiamos á salvação da patria por um *Guizot* de saragoça. É muito de encarecer o bom senso do modesto lyrico, que fazia recor-

dar aquella conhecida palavra de Mirabeau, estremecendo ao subir pela primeira vez á tribuna da Assembléa Constituinte: « Toute députation étonne mon courage. »

Era bonito vêl-o o tal Guizot! não o retrato por que não sei de tintas que valham a tanto; o camaleão seria uma pallida imagem das variantes d'aquella cara, aonde, como já disse, a patria se salvava... o viajante perdido tambem se salva nas costas de um camello.

Tinha ao pé de si um copo d'agua; era agua chilra apanhada nas amphoras de uma castalia choca, corollario facil das muitas sandices que galopavam na atmosphera convisinha do orador. Fallava. E logo o cauterio da gargalhada lhe entalava nos gorgomilos a palavra que má ventura fôra ter nascido para morrer com menos ignominia. Quem reparasse na arrogancia com que o rival de Demosthenes atropellára o supedaneo da tribuna, muito se admirava depois de a vêr por elle mesmo convertida em calvario seu, aonde o lapis impreterivel, substituindo a cana verde, provocava o escarneo e a irrisão publica.

Havia muito que dizer a este respeito, se eu não receasse mesclar na biographia de um homem distincto as feições grutescas de muita mediocridade exaltada ao fastigio do disparate pelas acclamações ebrias de uma plebe tola.

Apesar d'isso venha uma historia picaresca.

Esta biographia presume de minuciosa e verdadeira. Ha-de vir a posteridade espionar verdades no estylo inflexivel d'estas chorumentas paginas, e ao author corre por isso estricta obrigação de ser franco até á exuberancia. Diga-se pois em phrase plana e rasa o que era o parlamento portuguez em Abril de 1860 e vamos lá procurar adubo para duas anecdotas. *Em Abril,* note-se; só depois é que veio Latino Coelho, A. L. de Seabra, R. Guimarães, e outros. Estavamos n'uma das galerias uns poucos de rapazes. Camillo chegou, e sentou-se no

meio de nós. Os oradores começaram a dizer muito disparate, e o poeta amassava-lhes nas sandices um epigramma feroz. As nossas gargalhadas desceram aos ouvidos do snr. Bartholomeu dos Martyres, que olhou para nós tres vezes, mas o digno presidente não disse nada, apesar de se sentir em peor posição que a nossa. « Que não ha sequer um raio de luz n'estas caras! » foi a sua ultima apostrophe. Camillo tinha razão. Parecia até que a asneira se avolumava n'aquellas physionomias lerdas, como assobio de gaita puxada por bofes de saloio. N'isto pede a palavra um deputado de Braga[1]. Ergue-se, e começa logo assim: « Snr. presidente, *pois* como é possivel que « um homem que paga dez tostões de censo, tenha *intelligencia!* e *moralidade!!!* » Olhamos todos para o centro. Camillo fechou os olhos, ergueu a physionomia em ar de *Vidente,* comprimiu nos dentes o labio inferior, e desceu todo á sua consciencia, para que ella lhe dissesse que o enganára a acustica da casa. O homem atira outra tolice mais cheia e mais compacta na parola, e o romancista, acordando para procurar o chapéo, diz-nos a meia voz: « Vamos embora. Que nos não confundam n'este *congresso de vaqueiros.* » Na rua foi o fallar e o rir á vontade.

— Bem faz o José Estevão, dizia um; apenas alli chega desata o collete e as calças. Tem graça quando ás vezes aquella boa cara se põe a olhar com seriedade para a do José Maria de Abreu...

— Que é como o carôlo de uma brôa do Minho, acode outro.

— Disputa-lhe a primazia a cabeça do *Encarnação*...

— Que seria um *mysterio,* se o penso d'aquelle ventre não fosse mais *real* que o do camaleão da fabula.

— Como póde sahir puro d'alli o Rebello, o Mousinho, o Casal...

[1] Era um homem muito alto, e muito gordo. Todo bochechas e coxas. Figura sympathica!

— Por isso endoudeceu...

— Mas o Sampaio, o Thomaz de Carvalho, o Gomes de Castro, o Avila, o Serpa, o José Bernardo, aquellas boas cabeças que por alli ha? como lhes não amollece o cerebro?

— Não é milagre. Tambem os meninos sahiam das fornalhas de Babylonia incontusos...

— E alli o fogo é pouco.

— Sim; desfazem-se no ar as faiscas que resaltam do choque das ferraduras.

Camillo acudiu á furia do palavriado com este correctivo:

— Vossês denunciam a chaga de uma alma podre, tratando assim em phrase tão descortez os homens que estão alli *suando para representar os vossos interesses...*

— *E os da comarca,* acrescenta.

Gargalhada geral.

— Sois tolos. *Com a mão sobre o coração da minha patria,* juro que esses homens valem mais do que nós...

— Lá isso é verdade. S. João vestia-se de pelles de camello, e andaria nú se não houvessem camellos. Ora de mais tu, que nem sequer pagas *dez tostões de censo,* vai lá acima perguntar a essa besta que qualidade de homem és...

— Então. Não lhe chames *besta...*

— Não lh'o chamo outra vez, não; que não quero offender esses pobres animaes que ahi estão aos troncos d'essas carruagens para logo soffrerem humilhados o peso de alguns *homens,* cuja inutilidade e desserviço prohibem a uma alma justa de lhes chamar *bestas.*

— Mas a patria chama *paes...*

— Áquelles a quem ella recusa o leite da maternidade. *Paes* como Saturno, que devoram os filhos...

— Sim, sim; o que ella quer é a gloria de Isaac. Põe a lenha nas mãos d'estes camellos, e elles depois que lhe façam a fogueira.

— Apoiado. Esse parlamento é o quadro de Guerchino ([1]).

— *Paes da patria!*... Em Roma deu-se pela primeira vez esse titulo ao maior orador do mundo que podéra com a omnipotencia da sua palavra salval-a das maldades de um perverso. N'este paiz, *pai da patria* é o alarve que se apresentou a vender a melhor manteiga, para as torradas da filha. (Allusão salgada a um deputado da mesma época, sujo merceeiro, que representava no parlamento um dos circulos da capital; este merceeiro fôra escolhido de preferencia ao estadista Fontes, então ministro, que demittira o merceeiro do cargo de regedor da sua freguezia, por penuria de intelligencia, estimulando o mesteiral a vir provar ao paiz que os seus cabos o tinham por maior homem, que o proprio ministro.

Hontem, 28 d'Abril de 1861, veio o mesmo merceeiro derrotar na mesma urna o snr. Manoel da Silva Passos!

Aquelle venerando typo do partido progressista está enfermo, e vive ainda nos palacios de D. Affonso Henriques, em Santarem. No alcaçar conquistado pelos prodigios da espada do rei insigne, conversa com as sombras de Affonso o que o imitára nos ardores da peleja, vencendo-o nos milagres da penna e da palavra. Conversa com o rei morto, o monarcha de tres corôas. Se o halito do merceeiro Chaves, pôde n'um instante marear de sombras algum dos diademas, foi para mais lhe apurar o brilho, quando por cima do bafo roçasse o cotovêlo do homem eminente.

Diz-se que o circulo do Rocio (onde foram vencidos pelo homem da manteiga o snr. Fontes e o snr. Passos) *é o principal circulo do reino; que alli está o coração, alli a cabeça de Portugal.* Sendo verdade póde Portu-

(1) Soberbo quadro sobre o « sacrificio d'Isaac. »

gal mandar a *cabeça* para Rilhafoles, e o *coração* deixal-o ir nos enxurros de um retrête.

Haverá alguma cousa de providencial n'este *castigo?* Penso que sim. Os concilios de Roma deram por canonicos os escriptos de S. Paulo, e o Apostolo diz assim na sua primeira epistola aos Corinthios:

« Mas as cousas que ha loucas do mundo escolheu « Deus, para confundir aos sabios; e as cousas fracas « do mundo escolheu Deus, para confundir os fortes:

« E as cousas vis e despresiveis do mundo escolheu « Deus, e aquellas que não são, para destruir as que « são. »

O tendeiro do Rocio é a *cousa vil e despresivel* nas mãos de Deus; o que lhe ganha muito no conceito dos que o tinham por *cousa vil e despresivel,* mas nas mãos do *diabo.*

— Vossês estão com uma erudição intoleravel. Em primeiro lugar foram chamando camello a Abrahão, que não tinha nada d'isso. E depois, se tudo assim é, dizei-me: não pensa o vosso espirito com profunda magoa no futuro do nosso paiz?

Inclinamos todos a cabeça sobre o indicador da mão direita, que a aparou no ponto de juncção entre as duas pestanas, e começavamos *a pensar com profunda magoa no futuro do nosso paiz,* quando Camillo affronta os sisudos pensadores com esta interrupção:

— Vossês são capazes de tomar a serio o que eu disse. Hão-de crêr que eu estou morrendo muito por uma patria que me julga indigno de concorrer com essa corja porque não tenho já umas moedas de cobre que aos meus dez annos troquei pela primeira livraria que a patria me não deu de graça, livraria que eu tornei a vender, assim como as outras, até o dia de hoje em que não tenho nenhuma...

— Tu vaes discorrendo com muita seriedade. Se a patria te não dá livros de graça, franqueia-te na eloquen-

cia d'estes homens a *sabedoria fallada.* Nem tanto queixar. D'aqui a pouco estás ahi como Lamartine a pedir que te paguem as dividas...

— *Dividas?* Se ella já não tem quem lhe empreste! (n'este momento ouviu-se grande tropel de gente que descia nas escadas do palacio)... vamos, vamos embora, que talvez venham sem as chócas...

Partimos ligeiros, quanto nol-o permittia o riso suffocado. Paramos no Matta. Entramos na primeira saleta. Estava alli Julio Cesar Machado passando a ultima analyse ás vertebras de um frango que, dizia elle, parecia um gallo antes de comido, e o dono da locanda em pé, defronte do folhetinista, mais severo com as alimarias mortas do que com as vivas. Não sei se me entendem os fazedores de versos, de dramas, de comedias, de criticas, e de tudo quanto ha, e para quem elle tem sempre o *elogial aroma* com que o Filinto suavisava as ventas do *papagaio.* Julio Cesar é folhetinista na *Revolução de Setembro* ha não sei quantos annos. Pois não tem uma inimisade! Isto, minhas senhoras, cá na provincia das letras vale todas as hyperboles de um *Flos sanctorum* todo em cheio. Amem a bella alma d'este moço. Não pensem porém que os primores da sua boa indole lhe tolhem o passo nas averiguações da sua intelligencia. Não. Julio Machado aquilata devidamente as mediocridades que passam diante de si, mas o coração não lhe consente condemnal-as. E se ás vezes da sua penna escorrega uma ironia, tão fina é, tão delicada, que o mesmo a quem ella toca sorri, como aquelle que bebeu a morte na mordedura de certa planta. E a razão principal d'esta virtude é o seu mais excellente relevo. Julio Machado soffreu muito quando aos doze annos veio dizer á imprensa que queria ser escriptor. Visa pois ao escopo de poupar as lagrimas, que elle chorou, a sua extrema complacencia.

Julio Machado ao entrar para o jornalismo, houve

ahi uma corja de phariseus, que o pregaram na cruz, e se regalaram de o picar. Soffreu, misturou as suas lagrimas com o sangue, e não se queixou.

Ao cabo de doze annos, a relé dos idiotas viu partidos os braços da cruz, e desmaiou com o temor da vingança, quando o crucificado tinha arreigado crenças n'um mundo onde elles eram despresados para os ultimos serviços. Qual foi a vingança de Julio Machado? Descer com os braços sobre a *cabeça nua* d'esses miseraveis que o lapidaram, e dizer-lhes: « eu vou levantar-vos. » No outro dia elogiava a comedia de um, a farça d'outro, o drama do terceiro, a tragedia do quarto, o melodrama do quinto, a imitação do sexto, a scena comica do setimo, a revista do oitavo, a parodia do nono, a traducção do decimo; comedia, farça, drama, tragedia, melodrama, imitação, scena comica, revista, parodia, e traducção que o publico pateára, assobiando os authores.

Julio Machado dizia n'um dos seus ultimos folhetins que andava mal avindo com os santos prelados da igreja. E andará sempre. É por isto. Teima em rebater a verdade d'elles, que dizem *ser peccado, e grave, deitar as perolas aos porcos, e dar o santo aos cães.* — *Non est enim peccatum leve mitere margaritas ante porcos, et dare sanctum canibus.*

Estavamos sentados uma noite a uma mesa do *café-Martinho.* Entrou um dos taes, que veio prasenteiro dizer-lhe duas semsaborias, aceitar-lhe dous copos de neve, e pedir-lhe uma *cousa em segredo.* Sahiu, e Julio Machado disse-me inclinado sobre o meu ouvido, e com a mão sobre a minha coxa, á maneira dos juizes hebreus que d'este modo ajuramentavam as suas palavras:

— Viste esse homem?

« Quem é?

— Espera. Quando eu escrevi os meus primeiros versos andava por aqui com um casaco de côr duvido-

sa, porém melhor que o frak d'elle. Não me largava. Parecia que se escondia dos outros atraz de mim. Em casa era intoleravel com o entôno pertencioso das suas tolas producções que nem *pertenções* tinham. Eu animava-o, e nunca lhe disse que era mau o que elle escrevia, e que o publico dizia que era pessimo. Cinco annos depois parece que houve ahi um parente que lhe deu uma commoda posição, e elle appareceu uma manhã com um fato aceado, e com a reputação de escriptor que tu lhe conheces. Encontrei-o, ia a dar-lhe o meu abraço (Julio Cesar Machado comprimenta toda a gente abraçando-a) e elle tratou-me por *senhor*. Ha dous annos que principiou a ser de novo o meu *intimo amigo*, e agora veio pedir-me ao ouvido que elogiasse no meu folhetim aquella chata parvoice que tu ouviste hontem aqui em D. Maria...

No dia seguinte li o folhetim de Julio Cesar Machado. Marejaram-se-me os olhos de lagrimas. Julio, só fallando de sua mãi, ou da fonte de Darruivos, escrevia com mais amor.

Mas virá a posteridade pedir-te contas, Julio? Deus só póde ser infinitamente misericordioso. Na terra, dizem, que mesmo os reis que perdoam todos os crimes são tão culpados como os tyrannos que sentenceiam todas as virtudes. Deixa dizer. A *posteridade* ha-de ser como esta patria onde tu não podes ser deputado... por causa dos *dez tostões*, ou quantos são. E depois a posteridade, não lhe faltará que lastimar á luz da historia. Que faria se tu lhe deixasses no testamento a mesquinha ossada d'esses escrevedores que te apodaram antes que o teu elogio valesse tanto quão pouco valeram sempre os apodos d'elles.

Mas, a que veio tudo isso? — O que é a torrente do genio, leitor! Veio tudo isso a proposito de um nome, do nome de um rapaz de grande intelligencia, de superior talento, de alma invejavel, de soberbo coração;

honesto, independente, probo, e honradissimo; que tem nas paredes modestas do seu quarto um thesouro de virtudes ignoradas, no travesseiro do seu leito o fiel depositario das suas lagrimas; que enxuga os olhos para ajoelhar, que ajoelha para orar a Deus, que ora pedindo ao Senhor lhe alumie com uma de suas muitas estrellas os passos já mal seguros da mãi que elle estremece, e o caminho mais curto da gloria que elle busca; *mãi e gloria,* duas amigas que elle confunde na mesma prece, amigas unicas que se combinam de commum accordo para coroarem o heroe, que é filho de ambas; ahi tens: e tu não lhe davas a tua filha que *vale* seiscentos contos, porque essas *indróminas,* como lá se diz no teu estupido e immoral vasconço, são menos que os outros seiscentos contos do devasso que póde atirar-lhe ao collo com o preço de alguns centenares de negros nos custosos brilhantes de um collar.

E a que vem tambem agora tudo isto? Não ponho ponto se tenho a louca pertenção de descrever as excellencias d'esta especial organisação de Julio Cesar.

Ora lembre-se o leitor que tinhamos entrado no Matta. Saiba-se nas provincias que este Matta é o primeiro pasteleiro de Lisboa, em cuja casa não ha nada que se coma senão *môlho e casca* (¹).

O amigo Matta (*amigo* lhe chamo, e elle bem sabe porque) estava em pé defronte de Julio Cesar. Um minuto antes, como depois nos foi referido, Matta bradava contra a patria, como qualquer diabo que não tem mais que fazer, e dizia:

— Esta gente já não é a mesma, snr. Machado. O mundo virou; não me digam que não...

« Então que tem, então que tem, snr. Matta?

— Já se não come, já se não come n'esta terra, snr. Julio Machado!

(¹) Consulte-se o *Morgado de Fafe em Lisboa.*

O folhetinista que, quando não tem auditorio, imagina-o, finge-se tocado do enthusiasmo palavroso do seu hospedeiro, e replica:

« O peor não é isso, snr. Matta! O peor, o horrivel, o medonho, é que não leem!!! O meu editor offereceu-me *quinze libras* por dous volumes! *O mundo está virado, está,* diz bem. *E não nos digam que não!!*

Aqui entramos nós. Em Lisboa pouca gente não ouviu nas salas, ou nos cafés a espirituosa anedocta do alegre folhetinista.

Ainda me lembra contar outra cousa a proposito d'aquellas 15 libras.

Bulhão Pato entrou um dia em casa do snr. *Lopes,* editor, com um massete de poesias manuscriptas. O poeta, com todo o seu bonito orgulho, perguntou logo:

— O senhor quer publicar isto?

« E que é isso?

— São os meus versos.

« Quanto queria o senhor?

— 15 libras pela primeira edição.

« Não fazemos nada. Isto é muito pouco, e não pesa nada...

— Não *pesa?* pois eu vou mandar trasladal-as em papelão, e cá lh'as trago ámanhã.

Contaram-me assim a historia. Nunca fallei n'isto ao mimoso poeta, mas creio que, se lhe houvera fallado, seria conteste o seu testemunho.

. . . .

. . . .

As ultimas composições de Camillo foram *Um livro,* em 1855, e depois consecutivamente: *Justiça, Purgatorio e Paraiso,* drama; *Scenas da Foz; Vingança; O que fazem mulheres; Carlota Angela;* o *Ultimo acto,* e o *Morgado de Fafe em Lisboa.*

Do *Ultimo acto* pediu-me o author que não fallasse. Historial-o é magoar-lhe o coração a elle, e por ventura

açular os tedios do leitor que não tenha coração capaz de ser magoado.

Lembram-se de *Anna Augusta?*

O que lhes pareceu aquella martyr? Uma mulher vista á luz fugitiva de uma estrella, e que depois se persegue nas trevas, emprestando-lhe a imaginação virtudes que os anjos não sonharam; não foi assim? viram alli uma moldura onde não enquadrava creatura humana; é verdade? Eu podia provar-lhes que não, trahindo as confidencias do seu esculptor.

. . . .

E disse Gedeão a Deus: Se tu has-de livrar a Israel por meio da minha mão, como disseste,

porei eu na eira este véllo de lã: se o orvalho cahir só no véllo, e toda a terra ficar secca, conhecerei eu d'ahi que salvarás a Israel pela minha mão, segundo prometteste.

E assim succedeu. E levantando-se ainda de noite, espremendo o véllo, encheu uma concha de orvalho.

. . . .

Anna Augusta é o *véllo de lã*. . .

Porque, como na concha, n'ella cahiu o mais puro sôro da phantasia que a gerára. E a alma do poeta sentia-se sempre melhor, como *salvando-se* para o amor, para a caridade, para o supremo bem, no muito que elle *conhecia* das côres em que o anjo se desenhava. Linda e sublime cousa um poeta que se levanta do erro, salvo pelas excellencias do sacrificio e da virtude, criadas por elle proprio, para dominarem e vencerem a negra escuridão de suas duvidas criminosas!

É suave, e lindo, e triste o retrato de Anna Augusta. Risquem o dia na imaginação; harmonisem a aurora com o crepusculo, — eil-a perfeitissima.

O *Ultimo acto* é uma pagina triste como luz de lanterna suspensa defronte de um altar, e refrangindo clarões pallidos sobre a lousa de dous tumulos: a compara-

ção é exacta; pouco importa que o livro só levante uma cruz.

Como obra litteraria o *Ultimo acto* é uma perfeitissima *esculptura;* grandioso o pensamento, a comparação esplendida, ousada a metaphora, e a imagem suavissima. E tudo singelo e grande como uma burilada de Praxiteles.

O *Morgado de Fafe em Lisboa,* desenho traçado a primor, e de molde, é a comedia mais portugueza que eu conheço. Façam outros o seu elogio. Estavamos um dia jantando n'aquella sala grande do *Hotel do Leste* eu, Camillo Castello-Branco, e uma senhóra que era então a nossa familia, a nossa amiga, assim como o era, ambas as cousas, de todos que uma vez lhe admirassem as joias do coração e talento privilegiados.

O criado da hospedaria annunciou os snrs. Antonio Feliciano de Castilho, e José Eduardo de Magalhães Coutinho. Os dous mestres vinham abraçar o infatigavel escriptor, applaudindo-o na sua obra nova.

D'aqui as ironias a um pelitrapo das letras que quizera pôr-lhe pecha n'um jornal onde o aturam de collaboração com homens distinctos pela mesma razão que na igreja se não prohibe a entrada aos gaiatos.

A ejaculação apparecera no *Archivo Universal.* Era uma empada n'aquella linguagem *meada de ervilhaca,* de que falla o nosso epico. O publico pôz logo o dedo no pechelingue de reputações, e persuadiu-se, com o grande escriptor de Inglaterra, que um inimigo invejoso é um mal necessario.

O snr. Camillo foi o unico que não esquadrinhou o nome do tarélo, que já agora terá de morrer sem o ultimo recurso dos Bavios e Mevios, que mereceram á generosidade de Virgilio, que os esmagou, a gloria de viverem na posteridade.

Era um d'aquelles de quem já fallava D. Francisco Manoel de Mello:

Vejo tambem os mosquitos
Tamaninos um por um,
Muito vaons dos seus espritos.
Não valem nada os malditos,
E andam sempre zum, zum, zum.

Bem o podia elle chacinar, mas teve medo que a tarantula esmagada lhe espadanasse lama que o sujasse. Bastava ao escaravelho ter de alimentar-se toda a vida na immundicie. Cançado está elle de fustigar enxovedos acorrentados ás ucharias da toleima.

O ultimo escripto de Camillo Castello-Branco vem sempre o melhor.

É assim da *Mulher que salva,* romance começado no *Mundo Elegante;* e do *Philosopho de trapeira,* cujos primeiros capitulos estão sahindo no *Atheneu,* jornal em cuja redacção pela primeira vez nos encontramos collegas juntamente com A. Victorino da Motta, prosador elegante, poeta inspirado, e vocação auspiciosa de um brilhantissimo futuro na historia das letras patrias.

....

Addita-se hoje aqui, á segunda edição d'este pobre livro, a noticia de mais *sete* volùmes publicados pelo infatigavel romancista. São:

Doze casamentos felizes;
As tres irmãs;
Amor de perdição;
O romance de um homem rico;
Estrellas funestas;
Memorias do carcere (2 volumes.)

Andam no prélo os dous ultimos. Está na *redacção* do *Commercio do Porto* o romance *Estrellas funestas.* Dos *Doze casamentos,* quasi todos conhecidos da *Revista contemporanea,* já fallei. *As tres irmãs* publicaram-se ahi em folhetins quando eu não estava em Portugal...

« Não estava em Portugal?

— Não, meu caro leitor; estava onde estou agora; no Ermo, que é para cá a duas leguas da China!

Tenho aqui n'uma das pedras da minha gruta os dous que restam: *Amor de perdição*; *O romance de um homem rico.*

Li-os hontem e hoje, pelo dia e pela noite. Sorvi-os de um fôlego. E em quanto se me não infiltram novos gêlos dos penhascos onde se encolhe a minha caverna, é bom aproveitar na apotheose d'elles estas dôces lagrimas com que os fechei.

Não ha, não ha de certo, não houve nunca em Portugal mais ardida imaginação, phantasiar mais brilhante, nem mais esplendido; talento mais fecundo, nem mais prodigo; coração mais opulento, nem mais soberano, do que o d'esse homem, cujo nome é um aborto na historia das letras portuguezas, e cujos livros herdarão ás posteridades d'este paiz o mais rico, o mais formoso, e o mais sympathico monumento da indole, genio, e caracter dos seus illustres avoengos!

Da impressão triste, dolorosa, pungente, e por vezes amarga que a leitura dos dous livros me deixou, como rasto de saudade, no coração e no espirito, pareceram-me ambos, no confronto de um com outro, de diversissima indole.

Amor de perdição é um dialogo de 263 paginas, cortado por lances de soberbo effeito; e tão soberbo, que n'elles o coração se magoa, se fere, se commove, se arripia, estremece, e horrorisa! Devia de ser como é. Foi meditado na cadêa, foi escripto á luz coada das rêxas de ferro, e era a historia verdadeira de um grande desgraçado que arrastára no mundo a grilhêta dos mais atrozes aviltamentos. Ha capitulos que parece havel-os creado o author, como Radcliffe, á luz sinistra de uma vella enterrada n'um craneo. O livro está bem desenhado; o pensamento, esse não pertencia ao author; já disse, é uma historia verdadeira. E depois d'aquella

minha querida *Augusta da rua Armenia,* o mais bello typo de mulher amante que o snr. Camillo Castello-Branco tem creado é inquestionavelmente o d'esta pobre Marianna... olhem que me não engano, não; é da filha de João da Cruz que fallo, com preferencia á infeliz Thereza, tambem linda e formosissima, mas não tanto!

Ha nas ultimas scenas d'este livro uma que é uma agonia atrocissima para os infelizes que encontrem nas reminiscencias da sua desgraça cousa que se pareça com aquillo. Fallo do embarque de Simão Botelho, e do estado d'aquella alma, quando elle, da amurada do navio que o desterrava para as costas d'Africa, tentava agitar o lenço para o mirante do convento de Monchique onde se debruçava, já moribunda, a esposa do seu infortunio. Oh, que angustia essa para os que podem gabar-se da triste gloria de haverem já aprendido quantos infernos ha no coração que sente despedaçar-se aos estalos de uma saudade irremediavel!

Peço d'aqui ao snr. Ernesto Biester que aproveite d'este livro um soberbo drama. Se o meu amigo me ouvir, hei-de agradecer-lhe com novos pedidos.

O romance de um homem rico é na parte humoristica o melhor que o snr. Camillo ha produzido. *Padre Alvaro Teixeira* é uma creação grandiosa, e edificante. Do *Parocho* do snr. Herculano, do *Cura* de Vakefield, e d'aquelle sacerdote do livro de Sainte Beuve, formou e refundiu o snr. Camillo um vulto soberanamente magestoso, que póde ser de prodigioso proveito á humanidade, e á religião de Jesus Christo, se futuros ministros d'ella se paramentarem a tão sublime e lucido espelho.

Maria da Gloria, mãi de padre Alvaro Teixeira... penso eu que será o nome da mulher, que está para nascer, com thesouro tal de virtudes, que do céo ha-de descer a encarnar no espirito d'ella a mãi do Redemptor. Porque nego eu aos heroismos da maternidade a possibilidade de se guindarem áquella eminencia? Não posso

dizel-o. Se o romancista se offender porque eu digo que é absurdo, de grande que elle o fez, o typo d'aquella mulher, ha-de perdoar-me tambem ; elle sabe porque o digo.

Na *Mãi do Redemptor* deixo eu dito que estaria o divino original da mulher que podesse ser como Maria da Gloria... cumpre aqui prevenir uma reflexão.

Houve ahi no Porto um gallego que, em mangas de camisa, pé descalço, e lombos fôrros n'uma hora da corda que o esposára, correu suando a bater ás portas de todas as *redacções* até que, expulso de todas, se pôde cobrir com uma, a do *Purgatorio*, a mais devassa e prostituida, e chamar-me de lá, escondido já se vê, em apostrophes sandias e desalmadas, *impio* e *sacrilego*, porque eu escrevera n'este livro *que Lamartine era o primeiro poeta depois do Christo!*

Que lindo thema! que bonita causa para defender! que mundos se não espraiavam á phantasia! que *Horebs!* que *Sinais!* que formosissimos pincaros! que vastissimas planicies para cantar, se fosse outro o accusador! se *impiedade* e *sacrilegio* não fosse, sim, provar que o *Homem-Deus* foi tambem *Homem-Poeta*, quando unicamente o contesta crassa estupidez de gallego, que póde, se o provocamos, renovar as indecencias de eterno opprobrio com que se infernaram os aguazis de Pilatos! Não! Talvez nem o sentissem; pois deixemol-o; não fica bem questionar na rua com os cadeirinhas. A critica que não tem um nome para dizer mal de um homem que não esconde nunca o seu, provoca despreso e tedio.

Tambem me accusaram de não ter dito que o snr. Camillo Castello-Branco era socio da *Academia Real das Sciencias*. Não me arrependo muito, e os homens de letras sabem porquê. O que eu não disse, por ignorar, e digo agora com toda a pressa é que foi proposto pelo snr. Alexandre Herculano.

Tambem me esqueceu dizer que era *addido á embaixada portugueza na côrte do Rio de Janeiro...*

*

— Tu porque me não tinhas dito isto? pergunteilhe uma vez.

« Não me recordava. Não sei mesmo se isso é chalaça...

....

Hoje, 30 de Novembro, dia em que estou corrigindo a prova de prelo d'esta folha para a 2.ª edição da Biographia, abro aqui paragrapho para annunciar mais um romance já publicado: *Coração, Cabeça, e Estomago.* Ainda cá não chegou ao Ermo, mas não importa, que eu tómo da mão ao snr. *Teixeira de Vasconcellos*, e aqui o trago a fallar por mim. Antes d'isso tirêmos para aqui d'este primeiro numero da *Gazeta de Portugal* estas duas linhas: « O editor snr. Antonio Maria Pereira tem nos prelos da typographia Universal dous volumes do snr. Camillo Castello-Branco — as *Cousas espantosas*, e as *Scenas innocentes da comedia humana*, — além da *Luz coada por ferros*, um volume da snr.ª D. Anna Augusta Placido. »

Tambem me diz uma local da *Gazeta* que está o *Commercio do Porto* publicando agora do mesmo romancista as *Estrellas Propicias*. O Julio escrevia ha tempos na *Revolução* que o Camillo *espirrava* romances. Não espirra só; tósse, e boceja...

Aqui está o snr. Antonio Augusto:

« Dizia o nosso mui celebrado poeta, Nicolau Tolentino de Almeida, escrevendo ácerca de um padre, que fôra mestre de rhetorica:

Se em rhetorico exercicio
Já soubeste as regras dar,
Eu tambem posso fallar,
Porque sou do mesmo officio.

Pois apesar da incontestavel authoridade do grande

satyrico portuguez, é raro, rarissimo que homens do mesmo officio se louvem ou se critiquem. Vai cada qual no seu caminho, e os outros que apreciem como lhes parecer. É certo que ás vezes se encontram e se cortejam com benevolencia. Tem acontecido, mas por acaso.

Abona-se esta abstenção allegando que anda muito suspeita a sinceridade do louvor, e o desinteresse da critica, quando o author do livro e o critico exercem igual mister. Parece valiosa a razão, e não presta. Bem servida estava a critica se tinha de esperar que houvesse um portuguez, que acreditasse na boa fé do seu semelhante! Aqui é necessario remar contra a maré. Pois rema-se.

Ora eu sempre estive ás ordens da minha razão, e mal sujeito ás opiniões alheias. Então em havendo cousa de que os outros se acautelem, já lavra em mim o desejo de a tomar como encargo, e por mais que faça, não lhe sei resistir.

Foi o que me aconteceu com o romance do snr. Camillo Castello-Branco. Nunca tinha lido este volume. Li o *Coração, Cabeça, e Estomago* de uma assentada. Gostei, peguei na penna, e resolvi escrever o que sentia a tal respeito.

Bem sei que o snr. Camillo Castello-Branco é romancista, e eu tambem. Não ignoro que publica romances no *Commercio do Porto*, e eu tambem. E vi e notei em França, que os escriptores do mesmo genero não exercem a critica escripta ácerca das obras dos seus collegas. Pois por isso mesmo. Elles apreciam de lingua em conversação particular. Eu gosto mais de o fazer por escripto, em publico, e do seguinte modo:

A obra do snr. Camillo Castello-Branco tem tres partes, como revela o titulo. A primeira diz respeito ao *coração* de Silvestre da Silva, que não era dos peiores. A segunda trata da *cabeça* do tal sujeito, que não seria de invejar. A terceira e ultima é com o *estomago*, vis-

cera infeliz desde a malfadada maçã do paraizo até ás alicantinas gastronomicas das respeitaveis casas de pasto, que honram a patria e o seculo.

Começa a primeira parte com a historia de sete mulheres. O numero foi bem escolhido porque, segundo as melhores estatisticas, é aquelle em que o sexo feminino excede o recenseamento universal do masculino, cousa que tem dado que pensar a meio mundo, e que rir á outra metade. Sete mulheres para cada homem, segundo a producção espontanea da natureza, santo breve da marca! seria peior que na Turquia, onde a generosa lei do propheta apenas concede a cinco o titulo de legitimas!

Eu já agora não trato das taes sete mulheres. A pintura é fiel, mas as figuras do quadro foram delineadas pelo artista sem attenção a regras que não fossem de arte. A folha de parra está mal segura, e se lhe bulo, póde cahir. N'este ponto declaro o livro perigoso, e approvo a piedosa intenção com que no Porto compraram logo mais de quinhentos exemplares, de certo para os queimarem em holocausto á moral. Ainda bem que ha gente zelosa dos costumes, senão ficava o reino envenenado!

Ha dous capitulos n'esta primeira parte, dos quaes um se intitula *A mulher que o mundo respeita* e o outro *A mulher que o mundo despresa.* Já se vê que o mundo respeita uma desaforadissima creatura, e despresa uma infeliz, lançada por mão alheia no abysmo da miseria. Tem-se visto.

O mundo respeita muito o dinheiro e a grandeza. Não lhes pergunta pelo sexo. Se acertam cahir em homem, viva o homem, ainda que seja o mais descarado malandro. Se encarnam em mulher, viva a mulher, ainda que seja a mais deslavada marafona. Querem saber a causa? Perguntem-a ao mundo. O snr. Camillo afiança

a existencia do facto, e eu offereço-me para testemunha abonatoria.

E a virtude? Ora eu lhes conto. Era uma vez uma senhora franceza, que no fim do inverno presidia ao seu ultimo saráu antes de partir para o campo. Havia grande roda de senhoras e de homens, e cada qual gabava os prazeres da aldêa. Lembro-me que um tal mr. de Paravere, que lia a todos certa obra manuscripta ácerca das vindimas do arroz ou não sei de que outra tolice semelhante, citou *Beatus ille qui procul a negotiis* e o *sua si bona norint.*

A dona da casa, excellente pessoa e extremamente sociavel, ouvia e suspirava, até que, por entre um ai mais desafogado, exclamou: *Eu tambem adoro a solidão, mas com muita gente á roda de mim.* J'adore la solitude avec beaucoup de monde!

Pois assim diz o publico. Gosta da virtude mas com muito dinheiro. Então sim. Não ha caridade de dezoito tostões que não venha na gazeta, nem bodo aos pobres que não mereça commenda.

Eu conheci um homem que empenhou o relogio para soccorrer uma familia pobre, e tambem sei onde está um garoto que, de um dinheiro roubado a uns orphãos, dotou algumas donzellas. Este fez de santo em quantos noticiarios se imprimiram então. Da caridade do outro nem os protegidos fallam, porque não souberam nunca d'onde lhes veio o soccorro.

De tudo isto se deduz que o snr. Camillo Castello-Branco poz o dedo em uma chaga social. Fez o seu dever de romancista. Lave a mão porque o pus é sujo e venenoso, e siga no seu caminho. N'esta parte do romance ha originalidade na fórma. Na essencia não a podia haver, porque o assumpto está estafadete. O coração é a viscera mais discutida do corpo humano. Andamos todos com a mão sobre o nosso, e a outra sobre os alheios a contar-lhes as pancadas para escrevermos a

respeito d'isto resmas de papel. Não repetir os outros, nem a si proprio em tal assumpto, já é um bom milagre.

E o snr. Camillo escreve com tanto chiste, com sabor tão nacional, e com tão profunda sciencia dos sentimentos portuguezes, que a idéa mais conhecida toma nos seus escriptos fórmas inteiramente originaes.

Vamos á segunda parte para não ter de me queixar de falta de espaço, que é a mais safada desculpa de redactores.

Á cabeça do snr. Silvestre da Silva faltava principalmente juizo, e por isso principiou em correspondente do *Periodico dos Pobres do Porto*, e acabou na cadêa por sentença do meritissimo juiz da policia correccional.

Pois vai-se metter com a vida do snr. Anselmo Sanches, o advogado mais desavergonhadamente honrado dos auditorios do norte! Que lhe importava a elle a pureza de costumes do nosso querido doutor? Por isso malhou com os ossos na Relação, e foi muito bem feito.

Quantos Anselmos Sanches não ha por esse mundo vivendo mui desaforadamente com geral reputação de santinhos! E chovem-lhes as procurações no escriptorio, e em casa convites para jantar e para baile, á mistura com presentes ricos e recados das meninas nas cartas do pai! E os Silvestres da Silva fazem que não percebem. Por isso o doutor, quando falla d'elles, diz que são bons rapazes, e até lhes ajuda a arranjar um casamento rico com qualquer das taes meninas...! Bom serviço!!

O Silvestre do snr. Camillo exclamava que ha casos em que o silencio é um crime, pobre mancebo! Até uma vendedora de melões lhe está dando quináu quando diz: — *O calado é o melhor*. Pertence o mundo aos Anselmos Sanches. É escusado andar-lh'o a disputar. E com isto não digo que não ha gente honrada. Isso ha.

Mas vive muito caladinha e humilde, senão deshonram-a e apedrejam-a sem misericórdia.

Quanto diz respeito á cabeça de Silvestre da Silva, é escripto com muita habilidade. Comprehende grande numero de assumptos, sobre cada um dos quaes o author ou já escreveu um livro ou ainda o ha-de escrever. Quiz-me parecer assim quando li. Deus me perdoe, e o meu collega tambem, se me enganei.

O Porto leva por alli seus piparotes para ensino, e suas meiguices para que a correcção tenha caracter mais paternal. Não se queixem. Assim o querem, assim o tenham. Um escriptor em uma cidade grave e commercial, como é a minha querida patria, não vale meio guarda-livros. Não acha duzentos mil reis a credito, nem casa com a filha do proprietario do jornal, se ella tem dote. A sua maior gloria é saber que o assignante ao lêr o artigo ácerca da enfermidade das vinhas ou a respeito da abundancia da betarraba, disse bocejando: *Este pelintra não escreve mal ás vezes.*

Mas o tal rabiscador de papel, lembra-se um dia do critico, e estampa-o, por dentro e por fóra, nas paginas de um romance. Ri á custa do zote a rua inteira. Em casa a familia esconde-lhe o livro que já mandou comprar, e faz quanto póde para lhe poupar a vergonha de vêr a propria caricatura e não dar por ella. É a desforra do talento. Quem fôr dorido, respeite-o ainda que o não aprecie.

Eu tenho penna quando vejo os meus portuenses chasqueados por algum homem de genio. Mas que hei-de eu fazer a uma gente que não quiz para seu representante o Garrett? É o caso de lhes repetir: *Assim o querem, assim o tenham.* Se eu tivesse authoridade para dar um conselho aos meus patricios, recommendava-lhes que não assanhassem os escriptores. Mais hoje, mais ámanhã, elles pregam-lh'a na menina dos olhos, como se diz vulgarmente. A praça do commercio uiva de in-

dignação, os paes de familia gritam, os Anselmos Sanches fungam maior numero de pitadas, e declamam contra a corrupção geral, mas as raparigas, os rapazes... o publico emfim ri, e a cousa fica, e ás duas por tres sobe ao tablado do theatro, o que ainda é peior!

Vale mais pôr na rua dous caixeiros dos que sabem inglez e allemão do que enraivecer um redactor. Olhem que lhes fallo com o coração nas mãos.

O tal Silvestre da Silva aqui para nós tinha aduella de menos, mas os patuscos que na assembléa portuense se reuniam no palheiro tinham sem duvida... aduella de mais. Ora a experiencia mostra, que com aduella de mais ou aduella de menos, não dura muito o tonel, e ao primeiro murro de mão certeira — zás — vão os tampos dentro.

Tudo isto lhes digo com amor. Cada gargalhada, que por aqui estou ouvindo á custa do Porto me aquece as orelhas, porque tambem de lá sou; mas... aqui não ha mas nem meio mas — o ridiculo é como o inferno. Quem lá cahiu, ficou. *Nulla est redemptio.*

Encantou-me a terceira parte do romance, não pelo desenlace philosophico, mas pela admiravel fidelidade com que o snr. Camillo Castello-Branco copiou da natureza as scenas e linguagem da casa do sargento-mór de Soutêlo. Thomazia na cozinha, na eira, a cozer, á mesa, na despedida, e na volta da igreja no dia do casamento, não tem rival em nenhum romance portuguez que eu conheça. Aquelle trecho do livro parece-se com o quatuor do Rigoleto em bastar para constituir a reputação de um artista.

É mui difficil pintar bem os costumes portuguezes. A primeira difficuldade está em conhecel-os. Cumpre ir estudal-os nas terras mais afastadas do sertão, onde o chá é remedio para dores de barriga. Depois entra comnosco a duvida, se o quadro agradará aos leitores da cidade, desviados da primitiva singelesa nacional pela

invasão dos usos francezes, e se a civilisação não exige que se dê aos pastores cajado de canna da India, e surrão de *moire antique*. N'estas incertezas vamos desfigurando a verdade sem darmos por tal, e ao cabo os costumes que meditavamos fossem portuguezes, sahem-nos francezes legitimos.

Já nem ha portuguezes. Essa gente que por ahi anda, que elege e é eleita, que faz leis no parlamento, e que as cumpre ou se insurge contra ellas, é gente estrangeira.

Pois são lá portuguezes estes senhores que dormem em camas de molas, cobertos com *édredon*, que almoçam chá *peko* e *uchon*, que *tuncham paté de foie gras* e sardinhas de Nantes, que jantam sopa *á la julienne, bœuf á la mode, salmis de perdreaux aux truffes*, e não sei quantas outras francezices, que aboliram a ceia domestica e que só a admittem na casa de pasto com má companhia? Onde procuraremos a nacionalidade dos que nunca leram fr. Luiz de Sousa nem Diogo Bernardes, e sabem de cór Theophilo Gautier e Alfredo de Musset? Estes portuguezes que dizem *deboche* e *assortimento, tomar a palavra e saltar aos olhos* são de Paris ou de Bordeus; de Lisboa ou do Porto de certo não, e ainda menos da Beira ou de Traz-os-Montes.

Por mais tolerancia que haja com as innovações, não se póde negar que o typo nacional se vai modificando de maneira que em breve encontraremos parisienses entre os janotas da Freixeneda e de Villa Real de Santo Antonio. Bom é que os costumes nacionaes se archivem nos escriptos contemporaneos. Bem haja o snr. Camillo em lhes dar os seus romances para Torre do Tombo.

Agora devo tambem dizer o que me não agradou no romance — *Coração, Cabeça, e Estomago*. Foram algumas liberdades da primeira parte, e certas palavras desusadas, que se encontram espalhadas no livro, verdade seja com discreta parcimonia.

As taes liberdades parecem-me inuteis. Quem possue tão rica provisão de sal attico, porque ha-de salgar com outro? Mas d'esse é que o publico gosta. Pois deixal-o gostar. O snr. Camillo, que prima no valor e ousadia de affrontar as opiniões dos caturras, desprese mais uma, e ajude a reformar o gosto voltando as costas a essa popularidade. Qualquer sandeu lhe deitará a barra adiante nas pinturas desenvoltas. Nos primores de arte não, e esta é a sua elevada missão.

Pelo que pertence ás palavras antiquadas, é certo que de algumas se póde dizer que nos seriam uteis, e que aformoseariam a boa linguagem portugueza, porém não me parece que sejam os romances os escriptos mais proprios para essa renovação. Comece nas obras academicas, appareça nos tratados de sciencia, invada os livros de historia, e mostre-se nos artigos litterarios dos periodicos. D'ahi entrará no uso commum, e então poderá o romancista servir-se do restaurado instrumento.

Obrigar uma senhora a lêr um romance com os dous volumes de Moraes ao lado, é um desamor para com o bello sexo, que desdiz — *si vera est fama* — das propensões mais conhecidas do snr. Camillo Castello-Branco. E depois não sabe o illustre escriptor que sem o cuidar vai obrigando os seus numerosos imitadores a lerem do principio ao fim o Santa Rosa de Viterbo e o Moraes para escreverem trechos de prosa que ninguem entende? D'estes se póde dizer com um poeta hespanhol.

Entendes, Fabio, o que te estou dizendo?
De certo que o entendo.
Tu mentes, Fabio!
Que eu proprio que t'o digo, o não entendo.

Já vi, na mão de um cadete de litteratura, uma lista de termos obsoletos colhidos no diccionario para con-

dimentar varios artigos de politica, que o bom do mancebo tencionava escrever.

Eu tenho dito e não me canço de repetir que os bons escriptores do seculo decimo sexto usavam da linguagem do seu tempo, e que n'esse discreto empenho os devemos imitar, usando da que mais geralmente é adoptada pelos contemporaneos authorisados.

Pois se alguem póde sujeitar-se a este preceito do bom gosto, e salutar conselho meu, é o snr. Camillo Castello-Branco, cuja riqueza de estylo e de linguagem não carece de ornatos comprados nas lojas dos ferros-velhos quinhentistas. A sua natural propensão é para a dicção contemporanea mais apurada e culta. Não a contrarie, que ha-de ter em breve na mão o bastão de marechal dos prosadores portuguezes. A prova está nas primeiras vinte paginas das *Memorias do Carcere,* e não sei se no resto porque ainda não tive tempo de concluir a leitura.

Á Thomazia do *Coração, Cabeça, e Estomago* devo o que li das *Memorias do Carcere.* Gostei tanto que fui procurar outra obra do snr. Camillo, e fiquei a lêr até ás 4 horas da manhã. D'ahi me resultou uma inflammação de olhos que ainda agora me afflige desde o dia 18 de Outubro. Bem me dizia um portuense meu conhecido que o não lêr, nem os letreiros nas ruas, era a melhor cousa de que elle tinha noticia, tanto para a alma como para o corpo.

Já agora não tómo lingua. Se não morrer lendo, a escrever de certo morro. Muito matreira será a morte, se me pilhar sem a penna entre os dedos. Pois quando eu concluir a leitura das *Memorias do Carcere,* direi d'esses dous volumes e do seu author o muito que me fica por dizer agora.

O snr. Camillo Castello-Branco é o nosso primeiro romancista e ha-de ser por certo, se o quizer ser, um dos mais discretos prosadores portuguezes. O voto não

admitte suspeição, porque é de homem do mesmo officio.

24 de Outubro de 1862.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS. »

XII.

Ha longo tempo que este fecundissimo talento, batido por todos os ventos da desgraça, pouco tem podido produzir. Lamentam-no, e receiam até o precoce deperecer d'essa phantasia milagrosa os seus amigos sinceros; são dous ou tres.

Eu de mim, quando ouvir dizer que se quebrou de todo aquella penna, mãi de tantos prodigios, hei-de repetir o que ha um mez lhe dizia a elle...

Vinhamos ambos de bordo do — Lusitania — aonde conduziramos aquella senhora de quem fallei. Camillo trazia os olhos vidrados de lagrimas, e segurava nos labios retrahidos as agonias que lhe ferviam do coração.

Ella, levemente encostada á tenue varanda do tombadilho... como naiade suspensa da mão de um anjo sobre as aguas do oceano, que lhe quebravam em longa cauda a aba azul do seu vestido...

— Hoje que escrevo estas linhas de animo socegado e frio, fôra-me impossivel o dizer que profundo respeito eu senti então por aquella senhora e pelo seu amigo, revocando á minha phantasia todos os heroismos da sua desgraçada penitencia por um amor contrariado e infeliz.

Ella sempre em pé no tombadilho, o vento agitando o lenço com que o braço não podia, por baixo o fundo negro do mar, em cima a mesma tristeza de um céo que ha tanto tempo lhes não sorria puro e sem nuvens,

— um anjo que se partia elle proprio a entregar-se nas mãos do seu carcereiro: um poeta, cujo infortunio o obrigava a aceitar o desterro no seio de uma capital onde todos são felizes, o peor de todos os desterros — ha ahi alguma cousa para admirar de sublime na angustia d'esse quadro.

Era impossivel amal-os n'aquella scena.

O amor seria uma profanação. A alma pedia hymnos ao espirito para glorificar o anjo. Eu, se não temesse que me calumniassem a imagem de heretica, afoutára-me a dizer que quando o vapor singrando rapido no collo immenso das aguas se apagou com elle nos ultimos nevoeiros do horisonte, comparei aquella visão á do legislador hebreu quando das portas do tabernaculo ascendia para separar-se d'elle, n'uma columna de nuvem, o anjo do Senhor que descera a fallar-lhe a metade de um segundo. *Anjo* deve ser tambem a mulher que Deus — aquelle Deus que perdoou á Samaritana — collocou n'este mundo para rebater com devoções e paciencia os maus tratos de feros algozes, mas necessarios para lhe afamarem o seu martyrologio. —

« Sabes o que me adivinha o coração? que não a vejo mais.

— Verás. Mas o *coração* ha-de ser o Golgotha do teu talento.

Abril, 1860. Lisboa.

. . . .

APPENSO Á BIOGRAPHIA.

Infelizmente cuido que adivinhei.

Hoje (1.º de Outubro) recebo uma carta de Camillo Castello-Branco, que principia assim:

« Meu V. de C.

« Ámanhã entro na Relação.

« Uma d'estas noites, impellido pela saudade, pela

« paixão, e pelo remorso de ter offendido a martyr,
« entrei na Relação, subi, abriram-se tres portas, fui até
« a encontrar, abraçar, chorar, e salvar-me da demencia.

« No dia seguinte, era um inferno na Relação. —
« Presidente, procurador regio, guarda-mór, carcereiro,
« chaveiros, toda aquella cafraria endiabrada contra o
« meu arrojo.

« Que importa! eu tinha-me salvado, salvando-a. . . »

Se se perderiam ambos? Que o não permitta o Deus dos infelizes descendo em cada noite com um raio de lua nova até ás grades dos dous prisioneiros!

JOVEN CAPTIVA.

(DE ANDRÉ CHENIER.)

Respeita a fouce a espiga, verde ainda;
Sem medo da vindima o estio inteiro
Bebe o pampano as lagrimas da aurora;
E eu bella como a espiga, tenra e linda
Como o pampano, hei-de eu morrer? Não quero:
Quero, mas não por ora.

Talvez de um outro, oh morte, aceita fosses:
Eu espero; inda que em lagrimas me lave,
Varre-me a fronte o norte? eu tremo e inclino-a.
Se ha dias tristes, ai! ha-os tão dôces!
Sem amargor que mel, por mais suave?
Que mar em paz continua?

Benefica illusão meu seio habita:
Sepulte-me este carcere inhumano;
A aza alva da fé não se agrilhôa:
Salva do laço, da prisão maldita,
Mais viva e alegre a esse aereo oceano
A alveloa canta e vôa.

Hei-de eu de morrer? porque? se eu não diviso
Em minha alma um remorso; ou durma ou vele
Eu vélo e durmo em paz, na paz do justo:
Em todo o labio a luz me abre um sorriso;
Até n'este lugar que o riso expelle
E onde ella assoma a custo!

O fim do meu destino inda é tão longe!
Quantos passei dos alemos que adornam
Este bello caminho? Inda sentada
No banquete da vida apenas hoje
A taça eil-a inda cheia as mãos entornam
Dos labios illibada.

Eu estou na primavera, oh segadores!
D'uma em outra estação havia agora
Como o sol não findar meu anno? havia?
Em meu pé debruçada, honra das flôres,
Eu não vi mais que despontar a aurora.
Quero acabar meu dia.

Espera, oh morte, espera! tu não perdes
Vai consolar os que a vergonha, o medo,
O desespero pallido devora;
Palles reserva-me inda grutas verdes;
As musas, cantos e o amor... segredo;
Eu não morro por ora.

Assim captiva e triste, o rosto lindo
E a vista alçando ás regiões ignotas
Minha lyra entoou na fé mais viva;
E eu, as languidas magoas sacudindo,
Moldei no dôce verso as dôces notas
D'essa joven captiva.

. . . .

Ao infortunio da infeliz senhora devo eu este dôce mimo da invejavel phantasia de *João de Deus*. O poeta admirava o anjo sem conhecel-o, mas de quem tinha visto uma face nos raios de luz de que elle banhára por vezes as columnas do *Atheneu*, jornal nosso, e onde *João de Deus* deixou provas exuberantes de que ninguem póde usurpar-lhe o titulo de primeiro lyrico portuguez. Hão-de rir-se. Faziam melhor se chorassem a desgraça d'este paiz que nem sequer sabe os nomes das suas celebridades. «Mas a critica?» — A critica é uma tôla.

Eu escrevera ao poeta dando-lhe a infausta nova. No dia seguinte remetteu-me n'um sobrescripto estes versos. Creio que são hoje publicados pela primeira vez.

. . . .

O snr. Camillo entrou na cadêa onde a sua amiga, de joelhos no pavimento humido do seu carcere, com os olhos fitos no gravato d'onde pendia uma imagem de Nossa Senhora, chorava ha mezes as lagrimas da mais heroica paciencia.

A infeliz senhora não tivera tempo ainda para desfazer na sola de seus pés o xadrez da lagem menos dura que os negros que a arrastaram alli; — como aquelle desventurado rei, cujas pégadas ficaram indeleveis no carcere de Cintra para vilipendio posthumo de meia duzia de moleiros villões brochados em immerecidos titulos de nobreza. Nem lh'o permittiam os seus verdugos com o calix sempre sotoposto aos labios, a todas as auroras renovado com a lia de estudadas affrontas, e taes que ella preferia antes chorar-lhe dentro as lagrimas, e bebel-as, para as chorar de novo. Do sangue do martyrio os homens renasciam heroes. Era um amargo baptismo, mas que purificava para a suprema bemaventurança. Esta martyr, que eu vi tantas vezes perseguida dos selvagens, correr a refugiar-se na misericordia infinita da Providencia amiga dos que choram, ella tambem acendrou o seu espirito no crisol purissimo das santas humilhações. Tambem

ella conheceu com amarga experiencia que a corôa da resignação e da humildade custava a affronta do perverso, e a contumelia do estupido.

Um dia entrei eu na cadêa a visital-a. Creio que era o dia de anno bom... *bom* para redactores de folhinhas. Lembra-me que a natureza era toda festejos e risos. Brincavam as nuvens no céo, e o sol fulgurante no meio d'ellas, vaidoso no seu throno erguido a 34 milhões de leguas, despenhava catadupas de luz sobre a terra onde o homem se confundia com o verme. D'estes folguedos e alegrias não sei que mentira pedi logo á phantasia para levantar o espirito amargurado da encarcerada. Subi; recuavam-me os pés em cada degrau, como deve de acontecer ao que sobe as escadas do patibulo; a cada porta que se abria, e que de novo se fechava, o coração apertava-se-me, e fazia-se-me negro de não sei que supersticiosos pavores, como era negra a escuridão por onde a claridade me ia faltando pouco a pouco. Rangeu surdamente nos seus gonzos ferruginosos a portada do ultimo aposento. Alli foi a decepção completa. Onde estava o sol que eu vira cá fóra a aquecer franco, nas ruas, e nas praças, o ladrão nobilitado, o salteador opulento, o embaidor corrompido, o *negreiro da filha?* Alli não. O sol costuma entrar pelas janellas, e alli... não havia janellas.

Era um corredor immenso, escuro, com a agua a rever nas pedras do muramento; quasi inteiramente despovoado. Via-o a gente, e tremia de frio.

« Mudas são estas paredes, mudos os ferros que « me represam aqui », escrevia ella depois. « No silen- « cio da noite, só harmonisam com os meus gemidos es- « tas gotas de agua filtradas das abobadas que me vem « molhar a face, já lenta do suor febril. »

Oh meu bom e querido Michelet, como lá dentro n'aquelle inferno se faria negra a tua bella alma! vê se podes escrever em portuguez: vem tu proprio dizer a

esta raça de botocudos: *que a luz moralisa.* O mais que podem fazer-te, é apedrejar-te. Mas tu deixas-te morrer e vingas-te, que é o conselho do nosso padre Antonio Vieira, e o exemplo de muitos heroes que assim obraram evangelisando a palavra santa a bestas-feras, menos feras que as de cá.

Tinha ao fim, d'um lado um piano levantado, defronte uma mesa de pinho com muitos livros, muitos manuscriptos incompletos, e uma Biblia aberta.

A infeliz senhora, sentada alli perto da mesa, com as suas mimosas faces levemente arrugadas na esteira fugace de agonias precoces, que parecia empenharem-se para a fazerem mais linda, e o filhinho do collo, rindo e brincando sempre com as mãosinhas irrequietas sobre as paginas do livro santo, — dir-se-ia ao fundo da nave d'um templo escuro a antiga e veneranda imagem d'uma santa alumiada ao tremulo e crepitante clarão d'um cirio novo. Sublime quadro, e insondavel! A mãi das nações arabes, com o pequenino Ismael nos braços, e á debil planta dos pésinhos tenros sotoposto o musgoso tapete d'aquellas rochas do penhascoso exilio para onde a expatriára o pai de seu filho, Agar só, resuscitando, poderia relembrar os infinitos segredos d'aquella profunda melancolia.

Arrependi-me de ter entrado, mas era tarde.

Não sei que primeiras palavras dissemos. Curtas foram; mas, apesar d'isso, vi-me obrigado a tomar no collo o filhinho, que correra para mim, a cobril-o de beijos, a entretel-o de innocentes perguntas, em quanto a imaginação receiosa não atinava com phrase conveniente, — receiosa como o medico christão que se teme, ao apalpar a ferida, de magoal-a mais.

Para reatar a conversação lembrei-me d'uma boa nova, chegada nas vesperas de Lisboa, concernente á sua causa.

— O dia de *hoje*, que é para todos dia de festa, deve sel-o tambem para v. exc.ª

Sorriu-se, cahiu com o indicador da sua mão debil sobre a pagina da Biblia, aberta no livro dos *Psalmos*, e respondeu-me :

« O meu *hoje* é como este da Escriptura ; como este em que foi gerado o filho de Deus ; *sem preterito nem futuro*. A differença é que o meu presente inalteravel é amargo como a eternidade das minhas agonias.

— V. exc.ª exagera talvez o seu infortunio. Compraz-se em sentir a alma pela dôr, e se os seus inimigos se vingassem d'esse heroismo deixando de a perseguir, v. exc.ª pediria a Deus que lhe não retirasse nas provações a ultima ancora da sua fé. Esse livro, minha boa amiga, manda-nos affrontar contra o mau destino, e não o pôrmo-nos da sua parte.

« Tem razão, tem razão, atalhou ella convulsa, *eu exagero o meu infortunio*. É assim, é assim, diz bem. Pois que me falta? Olhe, aqui em cima, todas as commodidades do ocio de uma princeza no meio d'esta luxuosa mobilia ; lá em baixo, nas portarias do meu palacio, uma *guarda de honra* que apura o seu zelo vigiando que não vá eu constipar-me ao ar livre, *contra o qual prevalecem as portas d'este inferno*... O meu chão ahi está alcatifado de flôres, são de cedro as traves da minha casa, os tectos de cypreste, e d'ouro as letras d'esta Biblia onde eu aprendo os nomes de tantas opulencias...

Aqui fez uma breve pausa, e em seguida abafou no lenço as lagrimas e os soluços mal reprimidos. Era uma angustia horrivel. Depois, com a voz mal temperada, continuou : « quer que lhe diga tambem que foi algum dos meus verdugos o samaritano que se condoeu de mim ?»

O filhinho correu a mão no teclado. A mãi ergueu-se, arrebatou-o nos braços, e ensopou-lhe as faces de beijos e lagrimas. Respeitei aquella dôr, e alumiou-se-me o espirito na doutrina dos livros santos que dão o

amor de Deus áquelles a quem Elle honra com as grandes atribulações. Eu não quero que o espirito do leitor se alumie, mas quero que respeite o infortunio. Se é incapaz d'isso, rasgue a pagina, para que não venham os olhos d'algum innocente contaminar-se nas linhas empeçonhadas com a vista de um perverso.

Levantei-me, e despedi-me.

« Então já?

— Se v. exc.ª não ordena o contrario.

« Não, não. Vá, que isto aqui é muito feio, e muito triste. Nem sequer me deixam vêr crescer a sombra dos montes ao cahir do sol. Vá, vá, mas olhe, ha-de prometter-me um favor?

— É uma pergunta, minha senhora?

« Não, não é. Já sabia o que havia de responder-me. O que lhe peço é que se ouvir lá por fóra dizer mal de mim, não me defenda, nem diga que me viu chorar. E não se magôe com este pedido. Se lhe fôr penoso, como creio, será dobrado o premio d'Aquelle que mede o quilate de todas as virtudes pelo preço das intenções que o vulgo não percebe. E adeus. Vá, acrescentou sorrindo, mas tome tento, não escorregue nas lagrimas que por ahi me tem cahido n'esse meu estrado.

Desci ás apalpadellas. Parei n'um dos ultimos degraus surprehendido pelo timbre sonoro da sua voz, que se acompanhava ao piano na aria do terceiro acto da *Lucia*.

No patamar immediato escutava-a o romancista com a testa chumbada n'um varão de ferro.

Sentiu-me os passos, veio a mim, apontou para o sitio d'onde vinham os eccos do piano, e disse: « lembras-te? »

— Amarga pergunta para nós ambos, que recordavamos n'ella a feliz intimidade d'alguns mezes em Lisboa, onde todos os dias o poeta pedia para ouvir aquella musica.

« Como está?

— Resignada, penso eu.

« Não te enganas. Eu é que te menti na minha carta. Deus só póde salval-a hoje, se a infeliz continuar a merecer com a coragem da sua humildade o premio da sua misericordia. Eu de mim começo já a *inventar* forças para poder amparal-a.

— *Coragem,* meu amigo.

« A nossa coragem parte-se contra estes ferros. O homem não póde comparar-se ao Christo, exhortando a esposa a que repouse sobre as suas chagas. . .

« É preciso mesmo que saibas que não ha nada meu nos milagres d'aquella santa.

Santa? e o que era elle? Não sei, mas o Senhor me livre de repetir-lhes a sentença dos estupidos!

Thamar e Bersabé foram avós de Jesus. . .

David cahiu em homicidio e adulterio; mas Christo veio ao mundo e filiou-se na geração de David. . .

— *Não ha nada meu nos milagres d'aquella santa...*

Era falso; era. Foi elle quem a salvou, áquella pobre senhora que antes se debruçava nas grades do seu ergastulo para não succumbir de todo ao peso da sua desgraça.

A coragem do que o infortunio fizera seu irmão levantou-lhe o espirito na fé, alumiou-lhe o futuro com a esperança, mudou-lhe aquelle inferno em orchestra de alegrias, e na manhã do dia seguinte a martyr acordou para vêr sobre o travesseiro do seu leito um raio de sol. Cantava, lia, tocava, escrevia, beijava, e brincava com o filhinho. . . parecia feliz no meio d'aquelle microcosmo de miseria que a rodeava.

O Anjo, afeito aos mais caprichosos regalos do ouro, nas estreitas e apertadas paredes de uma prisão, sorria quando as pessoas suas amigas se magoavam de a vêr assim, e dizia elle, o Anjo, *que estava bem; — bem,* como David na cova, refugiado das perseguições de Saul; não como a pomba campestre que faz volun-

tariamente o seu ninho dentro da concavidade das penhas. — E talvez que assim fôra! quem sabe? O amor até no inferno póde criar uma patria. Dizia... mas como o dizia!

Vieram então á imprensa algumas paginas do seu album.

Seria a ultima vaidade que se vingava do destino galeando os faustos do espirito? Pergunta insultuosa. Era a alma lanhada que attenuava a dôr aguda das feridas, vindo contal-a aos corações compassivos.

Só? O jornal que as editou disse tambem:

« A desgraça empanou os bellos dias d'essa infeliz
« senhora; a perspectiva da pobreza levou-lhe ás amar-
« guras do carcere mais essa nova agonia; a mãi cari-
« nhosa tremeu por si e pelo filho que lhe sorria ás la-
« grimas; e a infeliz, finalmente, sacudindo as farpas de
« muitas torturas que a sociedade applaude, pediu á sua
« alma energica ensaios de intelligencia que lhe promet-
« tessem para o futuro trabalhos de mais folego e mais
« segura garantia á sua subsistencia. » Ha ahi o arrojo de um proposito sublime. O fuso da *mulher forte* não lhe fiava mais gloria que a sua penna.

Entre os excellentes escriptos d'esta senhora avultam, « Meditações » (no — Atheneu —), « Impressões indeleveis », « O mundo do doutor Pangloss », « Horas de luz », « Recordação », e « Martyrios obscuros » (na — Revista Contemporanea —). São muitas, e formosas as suas poesias. Teremos breve um primoroso livro enfeixando-as todas em ramilhete. Cabe aqui o divulgar um segredo.

Era em meio de 59, penso eu. Um cavalheiro da alta sociedade de Lisboa, amigo de Camillo Castello-Branco, visitára-o para pedir-lhe uma poesia sua em nome das victimas da peste, que iam ter o seu beneficio no theatro de D. Maria, e onde a actriz Emilia das Neves e Sousa se promptificaria, honrando-se, a recital-a. O

cavalheiro sahiu, e Camillo disse, folgando, que não sacrificava o estomago á lyra, e que tinha uma fome assustadora de peixe cozido!

O beneficio era n'essa mesma noite. Emilia das Neves mandaria duas horas depois do pedido buscar os versos a tempo de os estudar. A authora das « Meditações » recolheu-se, sem dizer nada, ao seu gabinete, e quando o criado da excelsa actriz se annunciava á porta, abafando com o estridor do batente as iras tumultuosas do poeta que berrava ainda pelo peixe cozido, a formosa poetisa apparece de repente com os versos na mão. Foram recitados á noite, e conquistaram o mais pomposo triumpho que se tem prestado ao talento incendiado nos fervores da caridade.

Os gabos foram todos para o poeta, — quer dizer, que a verdadeira authora ouviu-se na sua consciencia duas vezes elogiada. Esta poesia sahiu publicada em todos os jornaes da capital, e no « Mundo Elegante » com o titulo *Beneficencia*.

A proposito. Estamos em Julho do mesmo anno. O romancista vive no Porto, no segundo andar d'uma casa da rua do Bomjardim; a esposa inseparavel do seu infortunio mora n'uma modesta habitação do « largo da Picaria ». O telegrapho annuncia ao Porto o lucto inesperado da côrte do Snr. D. Pedro Quinto, com a triste nova de se haver transmontado no tumulo metade do esplendor da corôa de Portugal. Tinha fallecido a Rainha a Snr.ª D. Estephania. A participação correu primeiro ás redacções. Pouco depois subia eu ao quarto do poeta, e sentava-me á cabeceira do seu leito na cadeira d'onde se erguera o medico.

« O *Nacional* deve precisar hoje de ti.

— Hoje sou eu de quem elle precisa menos. Adivinho que me fallas da morte da Rainha. E eu sentia-me na pojadura da veia, mas para zombar sobre o sarcophago d'alguma testa coroada. Fazia-o, se a Rainha mor-

ta não tivesse herdado aos que lhe sobrevivem alguns dias um thesouro de virtudes, que eu creio mais se exalçam nos brilhos da purpura. Hontem os infames lancearam-me com uma calumnia, que me prostrou, e que tu me vês expiando apertado n'estas compressas. Nem tenho cabeça, nem coração, para explicar aos outros a tremenda philosophia *d'aquella corôa de noiva que o anjo das lagrimas tão depressa esfolhou sobre um athaude.* (Com estas mesmas palavras começou elle depois, mais socegado de espirito o artigo do « Mundo Elegante », commemorando a morte da Soberana). Creio, porém, continuou elle, que serei bem substituido.

Fôra o caso, que o snr. Gonçalves Basto, proprietario do jornal, escrevera ao romancista pedindo o artigo funerario. Na impossibilidade de o redigir, Camillo Castello-Branco mandou o portador com uma carta ao « largo da Picaria », e o artigo fôra d'ahi prompto para a redacção. Creio desnecessario invocar o testemunho do snr. Gonçalves Basto para que me acreditem. Se não é, perguntem-lh'o. Muitos recordar-se-hão ainda de ter lido aquelle brilhante escripto, que merecera justa e honrosa apotheose de um dos nossos primeiros escriptores, confrontando-o com outro da *Nação,* tambem de penna aprimorada. O artigo de A. A. é um grito que parece rapsodia da Biblia. N'aquelles seis periodos de sentida eloquencia, e adivinhada, contempla-se o coração seguro da mulher forte, transsudam os prantos vertiginosos da martyr christã, e renasce em todos os arreboes da sua aureola magnifica a alma sublime provada nas angustias de Satanaz. E que muito, se a mulher morta havia nascido Rainha para se fazer anjo no seio de uma côrte amiga, que lhe contava as horas nos sorrisos que lhe cortejava; e a cantora, que o dizia, havia nascido anjo para se fazer rainha na desgraça, e levantar ahi um throno seu, tambem illuminado pelas agonias cortejadas nos labios do primeiro talento do seu paiz?!

Ouçamol-a com respeito:

HORAS DE LUZ NAS TREVAS D'UM CARCERE.

II.

A vida humana tem peripecias surprehendentes e maravilhosas.

Olhando em volta de mim, que assombrosa transformação no meu exister de dous annos!

O bem-estar monotono, sem desejos nem excitações, esses mil nadas possuidos, e que contentam a mulher que não tem outro afan mais que alindar-se no rosto esquecida do espirito; nem esses me desanojavam dos tedios, e da insaciabilidade d'alma que presentia já um mundo mais real, nas horas de magoada solidão.

Gemia sempre aquella aborrecida realidade, sedenta do que não achava.

Hoje, n'aquellas horas que os meus verdugos me suppoem terriveis de desesperança e amargura, eu digo á alma que suba, ao espirito que se illumine, e de prompto uma chamma mysteriosa me aclara esta difficil ascensão.

No meio do cahos, que me enlucta a intelligencia, radia a luz, e, como Pithagoras, compondo a sua harmonia das espheras, entrego-me ao idealismo vago e indefinido, e encontro um mytho só meu.

Venço o primeiro escolho, contrapondo-lhe a rara energia, o varonil esforço da minha ardente imaginação e vontade.

Acima da minha cabeça está a luz suprema e infinita que eu fito deslumbrada.

Essa luz como compadecida, convida-me a caminhar, apontando-me para um centro luminoso, cuja vista me torna febril. É esta febre que as mulheres em Portugal apagam no regêlo do coração rebatendo assim o estimulo mais attrahente da ambição da gloria; a unica que eu tolero e aprecio.

Fecha-se-lhe este sanctuario esplendido, e eil-as ahi sem prestigio, sem outro brilho nos fastos contemporaneos, senão o de boas governantes de casa, e boas mães de familia. A sua missão mais nobre é, por certo, esta, nem eu posso contestal-a: Folgo até que me estremem no meio d'ellas. Mas essa essencia preciosa absorve todas as faculdades espirituaes da mulher? Não.

É preciso que esta inactividade tenha fim, é preciso que nos desliguemos de certas apprehensões, procurando no livro e no estudo dos bons mestres um refrigerio para os tristonhos dias da velhice.

Não podemos aspirar a um nome distincto como o de madame de Stael, ou George Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do genio, a vivacidade sublime, que não possuimos desde que a marqueza de Alorna, e Catharina Balsemão passaram sem herdeiras.

Não dêmos ao homem a facil victoria da inercia. Entremos desassombradas n'esse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dôres.

É, afagando esta idéa, que me arrojo primeira no exemplo, e com a esperança de ser imitada e seguida.

A desgraça, o horror d'esta minha situação nunca póde abalar a firmeza das minhas convicções, nem a crença verdadeira de que o infortunio causa, e me ha-de trazer compensações desconhecidas. Começo a gosar d'ellas. Já não me choro, desde que duas almas, firmadas nobremente na sua consciencia, soltaram a favor da pobre encarcerada um brado ousado e animador.

Abriguei no seio essas duas pétalas aromaticas, com a commoção que não esquece jámais, e fica unica na alma.

Para a infeliz victima d'uma ambição tão differente da de sua alma, principia no horisonte a despontar um novo raio, vivido e gracioso.

Ainda não ha muitas horas ouvia eu uma voz amiga, d'essas raras que chegam ao tenebroso d'esta morada, admirar a serenidade do meu sorriso.

Respondi mostrando-lhe por entre os ferros o sol que lhe batia de chapa. Fallei-lhe nas pompas que vejo surgir d'aqui; no enlevamento que me causa a lua, essa amiga confidente das minhas noites, e no fulgor das estrellas que me chamam lá de cima a tudo o que eu amo.

Nas divagações em que, por vezes, fico engolfada, vejo o passado como um sonho!

Vejo-me vestida de branco, envolvida no véo da desposada, a grinalda de laranjeira adornando-me a fronte acurvada pelo peso d'estes atavios, e estremecendo horrorisada como Ifigenia caminhava conduzida por seu pai ao sacrificio.

Preferivel era por certo o d'ella ao que me estava destinado!

O dia escureceu, a tempestade soou ao longe, remota e medonha nas quebradas da montanha asperrima que eu ia subir com passo tremulo e mal seguro.

Uma pancada violenta do coração prophetisou-me o destino, e, como arbusto em flôr desarreigado, cahi para me levantar mulher, e martyr.

Debalde fugira. Podéra dizer como Elvira, na dôce linguagem dos prantos, pranteando o seu Hernani:

Questo odiato. . . ché quale immondo spettro, o gnor'm'inseque.

Aos risos, succede a época dos desalentos. Ninguem vê a face arida a que torrão ágro rouba o viço, ninguem olha, senão para bemdizer o acaso que fizera mais uma desgraçada; só ella escuta uma voz occulta que o está amaldiçoando.

As nuvens da procella cruzam-se.

O trovão ruge no ar; os abutres, espavoridos ao primeiro assalto, voltam mais fortes á carnagem, e empolgam a andorinha que voejava saudosa de seu amado.

Farpearam-lhe o coração, arrancando-lhe as azas penna a penna, mas a sua fé não cança, e, quando póde, fugitiva vôa ao seu ninho querido, aonde as caricias e os afagos estremecidos, a pagam do passado e lhe fazem presar o verdor da campina e a frescura do valle.

A pobresinha desnudada nem assim chora as pompas vistosas que perdeu.

A natureza prodiga sorri ás suas amorosas expansões, presente uma plumagem nova que a ha-de abrilhantar, e desfere as azas, arrebatada, a essa aurora sem sombras.

Os algozes deixaram-lhe a vida cuidando desnecessario o ultimo golpe, que o desgosto lhe daria. Mas ella identifica-se, no vigor, aos ferros que a retem, e lá do fundo do seu cantinho encara o inimigo, afouta, despresando-lhe o ladrido.

Vê as plagas remotas da soledade, as aréas queimadas do exilio, as bestas-feras que lhe causam menos terror, e lhe farão menor damno do que as creaturas á semelhança de um Deus de misericordia e de paz.

Confiada no bem supremo dos infelizes, espera animada o anoitecer do seu destino, exercita-se n'um amor todo espiritual, gosa o extasis celeste e divino, desprendendo então aquelles harmoniosos cantos que só d'um anjo são ouvidos.

As turbas procuram-lhe avidas as chagas, e querem escutar gemidos. É que a humanidade, nos filhos de Jesus Christo, é uma escandalosa mentira!

Não se saciam das dôres grandes da victima inoffensiva, e exultam a cada novo trago de absintho que a obrigam a sorver.

Ella aponta-lhes risonha para o céo e diz-lhes « é alli! »

Tristes e pungentes linhas! Dir-se-iam notas d'aquella ave de que falla o Cantico dos Canticos, que mais geme, e como que suspira, do que canta.

Pungentes como o suspiro da Judia Captiva. Tristes como a derradeira agonia d'aquella martyr celebrada nas ultimas paginas do melhor livro de Pelletan. Sim. Eu diria que a alma de Emilia Manin veio aninhar-se aqui no corpo d'este anjo. Permittiu Deus a metempsychose como homenagem posthuma ao nome da heroina de Veneza.

Se a conhecesses, leitor christão, a martyr que chorou essas lagrimas, ouvir-lhe-ias como Elifaz da bocca de Job:

« Ainda agora estão em amargura as minhas pala-
« vras, e a violencia da minha chaga se aggravou sobre
« o meu gemido. »

E se o teu espirito, enleiado na resposta, oscillasse em acreditar, se era a *violencia* do mal que se não podia explicar pelo gemido, se era o gemido que fazia augmentar a violencia da chaga, acudir-te-ia com lagrimas como se o mesmo fôra dizer: « Talvez tudo. »

A mulher é uma religião; a mulher é um altar; a mulher é uma escóla; disse *Michelet*.

Disse-o das mulheres como esta. Disse-o de todas que continuam ainda hoje a memoria excelsa d'aquellas mulheres de Jerusalem que batiam nos peitos seguindo a Christo, quando Elle com a cruz ás costas caminhava para o Calvario.

E tu, leitor, venera-lhe essas lagrimas. Cada uma d'aquellas que o Senhor chorou do alto da cruz sobre o hysope do Calvario continha mundos de amor; contém essas um mundo de dôres, de paciencias, de humildades.

Não te rias nunca do pranto de uma mulher; que é barbaro e feroz. Apara no teu peito a pedrada que lhe atirarem os infames... mas não lhes digas nada, cala-te, que para os maus ha sempre na rua uma outra pedra; e a *mulher* não póde encobrir-se, como Jesus, das fundas dos judeus. Nas duas pontas de cada uma d'essas encruzilhadas está o *Montão de Mercurio*.

Perdôa, se estás puro para absolver. Se no teu rosto os prantos são menos raros que as chuvas no Egypto, chora. Lembra-te que o justo pecca sete vezes no dia, e outras tantas vezes, e em cada dia, mandou Deus que se perdoasse. Por isso o sol do Senhor nasce sobre bons e maus. E a escuridade do eclypse tambem chegou áquelle diamante com que separou a sua luz das trevas a Causa das Causas. *Quid lucidius sole? et hic deficiet.* Medita n'isto.

Felizes os que choram com o pensamento no céo.

Christo, levando a cruz sobre os seus hombros, disse a esses, que era aquella a insignia do seu reino. O servo de Deus não quebrava a *canna rachada*. E quem és tu, verme, para talares com imprecações injuriosas os terrenos por onde semeava perdões o prégador da Galilea? — A Pedro ordenou Jesus que a seu irmão, peccador, perdoasse elle *setenta vezes sete vezes*.

A toda a alma presa com os grilhões da culpa, Deus diz: « Amiga. Levanta-te. » Se ella deu tres passos na direcção da sua vinha, Deus diz: « Pomba. Apressa-te. » Se attinge o ultimo ponto da romagem santa, Deus diz: « Formosa. Vem. »

Tu, que *levantaste a capa* dos hombros da tua esposa, e logo a lapidaste, atira pois de novo a tua pedra. A pomba voará ferida para o céo, mas tu cahirás primeiro que a penna da sua aza; e a *formosa* já não ouvirá no ar o baque do teu cadaver. Ella viverá nos anjos; e tu *dormirás na dôr*.

Camillo Castello-Branco respondeu a esse grito, em que a alma desafogára a dôr de um minuto, com uma das muitas maravilhas do seu talento. Estes dous infelizes, no seu invejavel infortunio, simulavam duas aves apostadas a qual remuneraria com melhores cantos o tyranno que as prendera.

Saboreemos agora o melindre deliciosissimo com que a penna do vate melancolico retribuiu aquella *hora de luz*.

FRAGMENTO D'UM LIVRO.

Quando entrei na sala, em que ella estava, ia triste. A escuridade interior do espirito vinha fóra espessar em volta dos olhos da face uma zona, côr das minhas imaginações, negra como a desesperança, como os vinte e dous annos sem amor, como o tedio das delicias da vida apenas provadas.

Vi, como se vê n'um sonho, sem conhecimento da alma pensante, o quadro confuso de espectaculos agradaveis. Giravam as walsas, sentia nas faces o halito das mulheres offegantes de cansaço, os vestidos em rodopio agitavam o ar tepido, roçavam-me o braço hombros nus, seios alvos e

duros como o alabastro, e não sei se mais animados pela vida do coração que o marmore das estatuas. Se eram Galatheas não o sabia eu ; Pygmaliões, no ardor do olhar, pareciam-me todos os que as levavam cingidas no saltar vertiginoso da dança. E ellas deixavam-se apertar, e elanguesciam, ageitando as feições de modo, que pareciam envergonhadas da lubricidade d'elles. O espectaculo devia ser deleitoso para todo o homem que estivesse em paz comsigo e com os outros. Para mim era triste. Alli foi que eu conheci o que é o doer da solidão moral.

Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço, e disse-me:

« Venha vêr as tres mulheres mais lindas d'esta terra. »

A que primeiro vi, mal me recordo. Se a procurar hoje, depois de doze annos, para acordar as reminiscencias de então, não a encontro, que morreu.

Da segunda nunca poderei esquecer os olhos. A luz, que elles tinham, como o fogo das vestaes, nunca se apaga : a terra da sepultura abafa o recipiente da alma que chammejava n'elles, mas a flamma vive sempre na memoria do coração, que os contemplou um momento. Morreu tambem essa.

A terceira eras tu.

Vestias de branco, cahia-te da cintura aos pés uma faxa de seda em ondulações, ennastravam-te os cabellos enfeites de fitas escarlates tão graciosos como singelos.

Aqui tenho diante de mim o teu retrato. Eras assim. Aqui me estás, no estio da vida, florindo a primavera de então. Doze annos, e nem uma pétala murcha d'estas flôres ! Frescura, graça, meiguice, o sorrir caricioso, o olhar morbido, a voluptuosidade innocente, os teus dezeseis annos aqui, n'este retrato, que me está dizendo :

« Se queres achar os estragos do tempo, procuram'os no espirito. A formosura em mim é duradoura como a dadiva funesta d'um destino irrevogavel. »

Deixa-me recordar aquella noite.

Eu contemplei-te. Viste-me ; e d'ahi a momentos procuraste o desconhecido que ouviras dizer-se em sua consciencia : « Com esta impressão alimenta-se uma longa vida. » Não me viste já.

O restante d'aquella noite passei-o lendo Werther, e comprehendi-o. Imaginei-te amada, imaginei-te esposa d'aquelle que disputava a tantos um sorriso teu, comprehendi a paixão que nega o dever, que acobarda a dignidade do homem, e o desata das correntes da vida. A um relampago dos teus olhos, vi todos os arcanos tenebrosos do coração humano. Ao outro dia, podéras vêr impressa a historia d'um cinerario que se abrira, para que as cinzas d'um coração revivessem. Lêste-a. Fallava-se ahi de um anjo que pozera o dedo sobre a urna funerea. Os traços debuxados da creatura celestial eram os teus; mas n'essa sala estavam tres mulheres bellas, e tu renunciáras o primor á mais ambiciosa.

Has-de crêr-me. Vêr, nos extasis scismadores da juventude, uma imagem, um aggregado de feições, que raro se nos deparam complexas depois, e que se vão encontrando separadas, e acaso se amam do amor reflectido do typo imaginario, não é mentira, nem mera visualidade do poeta.

A minha mocidade passei-a por entre brenhas e florestas. Havia um remanso na margem penhascosa do meu rio. Era uma alfombra de relva, ladeada por enredados regatinhos de agua derivados da fonte que rompia da fenda de uma rocha. Ahi, foi que eu li a Eneida que tu amas tanto, e do poeta aquelle episodio de Ignez que tu sabes de cór. Estas leituras, a sós, com o coração em flôr, e as faculdades da razão ainda embrionarias no instincto incutiam-me a duvida na lealdade dos poetas. Bellos sonhos eram, a meu vêr, aquelles amores, que a minha alma não entendia; dulcissimas amarguras que a inventiva idéa de Virgilio e de Camões criára á competencia com as lendas orphicas de Leandro e Hero, de Pyramo e Thisbe.

Ao toque das Ave-Marias fechava eu os livros, e scismava. D'ahi a pouco por entre os sinceiraes d'ambas as margens coava-se a viração da noite. O borborinho da fonte era suavemente melancolico. Por perto de mim, as aves, minhas amigas, voejavam com o derradeiro cibo para o ninho. A lua immergia da escuridão que do alto da serra fronteira descerá ao córrego, como manto negro d'um gigante. O reverbero prateava a agua represada. Era de incutir medo a magestade d'aquelle silencio. E eu, vendo-me alli sosinho, e sem temor, amava muito a noite, embalava-me áquelles mil sons confusos, e então era o sonhar d'aquella infantil poesia, que lá se desfolhou, e veio na torrente d'aquelle meu rio a perder-se, como elle, no oceano das paixões.

Amava a noite, e sonhava.

N'uma d'essas noites, e d'esses sonhos, foi que eu te vi.

Da Castro de Camões tinhas a formosura meiga; da Dido de Virgilio a gentileza varonil. D'uma os olhos lagrimosos e as preces supplicantes; da outra a real magestade do aspeito e a vehemencia abrazeada da paixão.

Da minha namorada da noite as fórmas eram estas, eram as tuas. O braço vigoroso da prophetisa da Gallia. O entono soberano da rainha oriental, que vem acorrentar os deleites insaciaveis do monarcha da Judêa. A meiguice humilde avassallando, como a sobranceria orgulhosa. Agora chorando como Agar, e commovendo o céo com os prantos. Logo sentindo arfar as arterias febris no pulso em que seria leve o cutello de Judith.

Não és tu assim?

Assim é que eu te sonhei, quiz-te assim, e amo-te, e morrerei amando-te, porque assim vieste ao encontro do homem que devia comtigo entrar no amphitheatro, e sorrir comtigo aos alaridos ebrios do pharizaismo,

a cada pedaço do coração que nos sahe escorrendo sangue das garras das feras.

E o passado? Aquella noite, aquelle baile, aquelle presagio que tu viste n'um relance de olhos, que deviam por ti chorar as primeiras e ultimas lagrimas do coração?

Que saudade ahi deve ir, na tua alma, d'aquelles dias! Que fizeste áquellas flôres tão lindas que te adornavam a cabeça? que é d'aquella fita de setim, que te cahia aos pés? O teu sorriso, aromatisado com os primeiros perfumes da alma virginal, que labios devassos t'o empeçonharam?

Que é da tua alegria, que se espelhava em todos os rostos? Que fizeram de ti, alma ingenua, filha humilde, joia que a todos symbolisavas o céo da terra, a formosura do anjo, e o jubilo radioso da innocencia descuidosa?

Lá vão doze annos.

Entra commigo, outra vez, n'essa sala, em que te deixei a alma, para m'a restituires n'estes dias de prova.

Olha: estamos rodeados de cinzas, que tiveram um nome. Estas cinzas eram então as duas vencidas rivaes da tua formosura. Chora ao pé d'esta cruz. Colhe essa flôr, que tem as raizes no pó do seio de jaspe da que era tua irmã.

Não vás mais longe colher outra, á sombra d'outra cruz, porque o emblema da caridade é uma irrisão providencial n'aquella sepultura. Esquece e perdôa.

Aqui tens ao perto os mais queridos da tua familia. Entre esses ossos que se confundem e abraçam, se podesses verter lagrimas, sentirias o allivio do queixume, que não é rebatido com a injuria.

Aquelle pequeno anjo, que ha doze annos balbuciava apenas, vimol-o, faz ámanhã dous annos, despregar o vôo, e esconder-se em Deus para que a sociedade o não forçasse a cuspir-te na face.

Os nossos amigos d'aquella noite aonde estão?

Os melhores não podem carpir-te, nem consolar-te. Se vivessem, insultar-te-iam como os despresiveis que ahi rastejam com a alma por debaixo dos teus sapatos.

Que ha ahi d'essa noite fatidica?

Duas vidas abraçadas á beira de um abysmo; a sociedade a despenhal-as, e ellas a sorrirem.

Com estes sahiram muitissimos outros escriptos, a qual mais gostado e lido. Era cousa que doia e maravilhava o vêr como estas duas almas reagiam tão nobremente contra a desgraça que lhes realçava o genio. Afi-

ram a angustia do poeta das *Abençoadas lagrimas!* pelo perfume d'esses versos:

LAMENTAÇÕES DE TASSO.

(DE L. BYRON.)

I.

Que longos annos! Que esmagar de ultrages,
De infamias, de injustiças, sobre esta alma,
Que, nos céos, se librava, aguia soberba!
Ai! pobre poeta! Eu... louco! encarcerado
Em lôbrega caverna, aqui, em ancias
De liberdade, e luz, ancias que as fibras
Do coração me rompem! ... Tudo ferros,
Nem um raio de sol! Pavidas sombras
Nas convulsas pupillas se me infiltram,
E, qual peçonha, o cerebro me escaldam.
E alli... áquella porta aferrolhada,
Que nunca mais se abriu, senão nas horas
Do pão de esmola, que amolento em lagrimas,
Alli... áquella porta o rir maldito
Do captiveiro infindo!... E eu, n'este abysmo,
Meu sepulchro, talvez, qual besta-fera,
Em seu antro, devoro o meu pão negro,
Mortal veneno o sangue já me inflamma,
É immensa esta dôr; mas eu supporto-a;
Ponho peito á tortura, e lucto sempre.
Dei azas á minha alma, e fui com ellas,
E o recinto fugi d'esta masmorra.
Entre os homens vivi, cantei-lhe os feitos
De impulso divinal; pairou meu genio
Nos céos da Palestina; alcei nos carmes
As sacrosantas pugnas sublimadas,
Em honra do Senhor que veio á terra,
Que lá dos céos minha alma fortalece,
E o quebrantado corpo. Eu quiz, captivo,
Meritorias fazer minhas angustias,
Cantando os piedosos heroismos
Dos bravos que Solyma libertaram.

II.

O meu lavor querido está findado,
Fiel amigo, que me foste amparo
Annos tão longos, se de prantos molho
Esta pagina, a ultima, tu sabes
Que eu nunca me carpi em minhas dôres
O' minha criação, filha d'esta alma
Que risos toda e afagos vinhas sempre
Delir-me as amarguras da lembrança,
Tambem tu vaes... e meu prazer comtigo!
Ai! choro-te, que és golpe extremo, e feres
A já quebrada hastea ao chão pendida.
Eras tudo o que eu tinha; e agora, as magoas,
E tantas... como é que hei-de illudil-as?
Não sei... mas tem minha alma innatas forças,
Que os recursos me dão. Venço as torturas,
Porque não sei remorsos o que sejam.
Louco me chamam... *Louco!* a causa? a causa!
Que a digas tu, Leonor! tu, sim, que a sabes
Demencia foi por certo ousar amar-te;
Mas não demencia da razão... não era.
Meu erro conheci, e se não dobro
Ao barbaro castigo, em sobra o sinto.
Tu eras linda, muito, e eu vi-te, e amei-te;
Meu crime é este, crime que me aparta
Da humanidade. Embora acresçam penas,
Póde o meu coração roubar-te imagens,
Gasta a saciedade o amor ditoso;
O mais leal amor é o de infelizes.
Destino é d'elles vêr morrer de mingoa
Todo o sentir, mas nunca a paixão nobre
Sua unica paixão, que abrange todas,
Como as rapidas vagas que se perdem
E desfazem no mar... Ai! mar sem fundo,
Mar sem balisa é este amor de poeta!

III.

Eu ouço a gritaria enfurecida
Dos miseros, captivos de alma e corpo;
Ouço o estalar do látego, que os rasga.
E o redobrado urrar dos que blasphemam.
Peores que o phrenesim, ha aqui doenças

Que empeçonham as almas d'estes homens
Que os enfermos espiritos flagellam,
E com tormentos vãos a restea extrema
De luz na alma lhes sopram. Padecentes,
E algozes. . . eis a classe que me deram!
E em face d'este horrivel espectaculo
Longos annos vivi. . . e talvez morra! . . .
Embora! o repousar ser-me-ha tão dôce! . . .

IV.

Paciente hei sido, e sou; sempre hei-de sel-o.
Quasi morta a memoria estava. . . e agora,
As saudades renascem. . . Se eu podesse
Esquecer, como o mundo aqui me esquece! . . .
Suffocar o rancor a quem me encerra
N'este hediondo covil de infandas dôres,
Onde ha um rir, que do prazer não nasce,
Onde o pensar não vem de entendimento,
Onde o imprecar responde ao grito irado,
E aos golpes o gemido. . . e cada homem
N'este inferno, sosinho, é o seu verdugo. . .
São muitos d'este ergástulo os viventes,
Por grosso e negro muro separados,
Mas dos loucos repete o grito e ecco:
E ninguem do visinho o brado escuta,
Ninguem, eu só, que sou entre estes todos
O ultimo na escala da desgraça.
Suffocar o rancor aos que me aviltam,
No conceito do mundo, e me tolheram
E esmagaram razão e pensamento!
Não hão-de elles provar estes flagellos?
E o abafado gemer da interna angustia,
Que lucta por manter sereno o aspecto;
E esta gélida dôr, que humilha o stoico
E lhe escarnece o orgulho? Ai! . . . não próvem!
Que farte altivo sou para vingar-me.
As affrontas dos principes indulto;
Só peço a morte. Irmã do meu sob'rano!
És em meu coração; o fel dos odios
Não póde estar comtigo; da alma extirpo
Do rancor vingativo a raiz funda.
Teu irmão me detesta? . . . odial-o eu. . . nunca!
Não tens piedade? . . . o meu amor me deixa!

V.

Repara n'este amor, que espera sempre,
Olha que sacra chamma o divinisa
Em pura essencia minha! . . . É quanto tenho.
Vê tu com que mysterio elle se esconde
Nos cerrados arcanos de minh'alma,
Como o raio no bojo de atra nuvem,
Até que o seio fende e ardente vôa
Como flecha do céo com flameas azas.
Abrazam-se em meu ser vivos alentos,
E altissimas idéas, se teu nome
Como faisca electrica me inflamma.
O passado reluz ante meus olhos,
Um instante; depois. . . volto ao meu nada.
Não foi por ambição que eu te amei tanto.
Vi nossas condições: de mais sabia
Que não podem princezas amar poetas.
Palavra não soltei que me trahisse
Este amor, que de si tirava glorias,
E premio, e recompensa; e, se a denuncia
Meus olhos a fizeram, ai! punidos
De mais o foram pelo teu silencio,
Sem meus labios gemerem um queixume.
Tu fôras para mim reliquia santa
Em crystallino cofre. Eu adorava-te
De longe e respeitoso; o chão beijava
Sagrado por teus pés, e não te via
As galas de princeza: era a beldade
Que incutia terror. . . terror! não era. . .
Respeito, como Deus o incute ao homem.
E, a par d'essa adorada magestade,
Não sei que extremos de brandura tinhas!

Não direi como foi; mas vi-me escravo,
Escravo teu de genio, e do destino.
Se foi soberba amar-te assim sem norte
Paguei cara a cruel fatalidade!
Ainda assim, amar-te é sentir leves
As grandes agonias. D'estes ferros
Metade do seu peso amor lhes tira,
E me instiga vigor que arrasta os outros,
E esforça o coração, onde tu reinas
Para a ti se exalçar, mentindo ás dôres.

VI.

Nada ha ahi de espantar. Já, desde infante,
Amor foi minha vida, e alma, e em tudo
Amor na terra eu via e idolatrava
Entre as urzes selvaticas das serras,
Ao pé das fragas onde hervecem e infloram
As moitas de boninas, fiz meu éden,
E ahi, á sombra dos umbrosos robles,
As horas esqueci, scismando amores.
Censuravam-me os velhos esta vida
Inerte e descuidada. Os mais previstos,
As frontes alvejantes sacudindo,
O meu triste destino prediziam,
E opportuno castigo aconselhavam.
Meus paes me castigavam; e eu, sem prantos,
Do intimo do peito os maldizia,
E ás queridas soidões ia chorando,
E, sosinho, sonhar magas chimeras.

A par e passo que augmentaram annos,
Não sei que torvação, que pungir dôce
Em ancias me inquietava a mente alheada!
Anhelo, aspiração tinha só uma
Mas vaga e indefinida, até que um dia
Sobre a terra te vi! . . . e, então, senti-me
N'uns enlevos de amor allucinado,
E todo absorto em ti, sem sol, nem mundo,
Que me eras sol, tu só, e mundo e vida.

VII.

E amava a solidão; mas mal pensava
D'esta vida correr não sei que espaço,
Relegado dos homens, convivendo
Com tyrannos, carrascos de dementes.
Quaes estes são, se eu fosse, ha muito afeita
Minha alma á podridão d'este sepulchro
Respiraria a morte, sem sentil-a.
Quem viu em mim as convulsões do louco?
Quem me ouviu delirar?! Não soffre tanto
O naufrago cuspido em ermas ribas
Como eu n'este covil. Avista o naufrago
A luz, o céo, o mar; e eu vejo apenas

O duplicado espaço de uma campa.
Elle, ao menos, morrendo, póde os olhos
Ao céo erguer, e, n'esse olhar extremo,
Amaldiçoar o céo. Eu, no trespasse,
Não hei-de praguejar-te, ó Providencia,
Meus olhos não porei no tecto negro
Que separa de mim o céo, qual nuvem.

VIII.

Ás vezes, sinto a decadencia da alma:
Mas conheço-a. Insolitos fulgores
Relumbram na prisão; phantasmas horridos,
Inflígem-me tormentos, que não sente
O homem livre e são, e a mim me vexam,
A mim, que tanta affronta aqui devoro,
Sem ar, sem luz, sem ambito, opprimido
Por tudo que destroe, recalca, e avilta!
Inimigos cuidei que eram só homens;
Mas com elles, talvez, conjurem larvas.
A terra me abandona, o céo me esquece;
As potencias do mal, contra mim fraco,
Sem amparo de alguem, todas conspiram.
Porque é minha alma assim, qual aço ao fogo,
Provada n'esta fragua abrazeada?
É que eu amei, e amei quem não podia
Deixar de amar sem ser ou mais que homem
Ou menos do que sou.

IX.

Já senti muito
Esse tempo lá vai! Endureceram
As fundas cicatrizes. Se não fosse
O gélido marasmo em que me esqueço,
N'estes ferros a fronte espedaçára,
Quando um raio de sol se côa n'elles,
Como escarneo que vem rir da desgraça.
Se ainda peno, se supporto ainda
Angustias, que não diz a voz humana,
É que não quero confirmar, morrendo,
Ás minhas proprias mãos, a aleivosia,
A estupida mentira que me algema
A liberdade aqui. *Louco!* diriam.

Matar-me era sculpir sêllo infamante
N'um nome que não quer compaixão de homens
Matar-me... era firmar a atroz sentença
De inexoraveis inimigos... Nunca!
Ha-de ser immortal meu nome! Um dia
Os vindouros virão n'esta masmorra
Saudar e visitar, como d'um templo,
Memorias do que fui... E tu, Ferrara,
Quando duques em ti já não existam,
Quando ao chão derruidos pedra a pedra
Teus desertos palacios baquearem
Meu laurel ha-de ser-te a melhor corôa,
Ser-te-ha minha prisão a maior gloria,
A tempo que teus muros arrasados
De estranhos hão-de ser espanto e assombro.
E tu, e tu, Leonor, que houveste pejo
De amada ser de mim; que envergonhada,
Coravas de inspirar paixão a homens,
Que não nasceram reis, vai, diz que esta alma,
Vai, diz a teu irmão, que nem os tedios,
Nem dôres, nem os annos a venceram,
Nem mesmo a podridão d'estas sentinas,
Que empesta o ar que anceia a intelligencia;
Vai, diz-lhe que eu te adoro ainda; diz-lhe
Que hão-de ser derrocadas suas torres,
E ameias, e brasões, e os tectos de ouro,
Que cobrem seus festins; e que este carcer,
Será como um padrão santificado.
E quando, alfim, teu magico prestigio
De nascimento excelso e de belleza
Extinctos forem já, dou-te metade
Dos louros que ensombrarem meu sepulchro.
Nossos nomes, ligados para sempre,
Poder da terra algum não terá força
De apartal-os jámais: qual foi na vida
Meu pobre coração com tua imagem
Nossos nomes serão na eternidade.
Leonor! este será nosso destino:
Unidos para sempre; mas... já tarde!

O espirito redivivo do Tasso, depois de vir ensinar áquelle portentoso aborto de Inglaterra a traduzir a sua penitencia de sete annos nos traços indeleveis das pedras

do seu carcere, mais tarde, de novo dobrando o mundo das sombras, voltou a chorar melodias posthumas sobre a lyra do cantor portuguez.

O amante desventurado de *Leonor* disse ao poeta de *Anna Augusta:*

« Canta commigo, infeliz. Aprende n'este longo tiro-
« cinio de amarguras o preludio das tuas. Não enxugues
« as lagrimas. Tu tambem serás consolado. *Beati qui*
« *lugent, quoniam ipsi consolabuntur*, disse *no monte* o
« Messias aos seus discipulos. Afaz-te ao veneno amargo
« d'estes prantos. Chora, chora, pobre. Ámanhã tu pode-
« rás contar á tua patria maiores ultrages do que os que
« á sua contou o encarcerado do hospital de Sant'Anna.
« Mas para dominares com a força do teu heroismo a
« fatalidade do teu destino precisas entrar com chaga
« aberta nas encruzilhadas do teu calvario. Tu serás mais
« infeliz do que eu. Serás. A mim apodaram-me de *lou-*
« *co*, e eu não podia partir o craneo contra as paredes
« nuas do meu carcere para provar aos reis, meus ini-
« migos, que mentiam elles. A mim era a mão de um
« anjo que me esmagava, mas o mundo não sabia que o
« unico intuito da grande alma de um poeta como eu,
« era mostrar ao seu *divino algoz* a fonte de sangue
« inexhaurivel do coração para derramar por elle. E eu
« era mais contente que os miseraveis da terra quando
« ao rasgar de cada ferida me vingava beijando o rosto
« d'*ella* nos brilhantes do seu punhal, adorando a Deus
« no *Orion* da sua face, e vendo brincar-lhe nas meni-
« nas dos olhos a gôta das minhas chagas. Eu era feliz,
« porque sonhára no berço com os martyrios do Golgo-
« tha, e a Providencia apontou-me ahi em baixo a sua
« imagem para que se não esperdiçasse o sangue do meu
« holocausto voluntario. Eu era feliz por que via os
« meus proprios inimigos inventando as bases immorre-
« douras do meu triumpho eterno. Eu era feliz, porque
« sabia que dos ultimos confins do universo viriam os

« homens ao carcere de Ferrara buscar os pedacinhos
« do leito onde o meu espirito velára sempre no amor
« da linda ou em prantos ou em sonhos. Eu era feliz,
« porque sabia que a cruz que houvesse de cobrir com
« a sua sombra a lousa do meu tumulo deveria ser tam-
« bem o monumento christão da memoria d'ella. Era
« tudo isto assim, poeta. Eu vi Leonor como a estrella
« que guiou os Magos ao berço de Belem. E Anna?
« não a viste tu como Jesus, ao sahir das aguas do Jor-
« dão, vira o Espirito de Deus na fórma de uma pom-
« ba? — A visão devia preceder o ferro da tyrannia.
« *Herodes* e *Pilatos*... Que importava? O amor do Tas-
« so não podia confundir-se com o amor vulgar de to-
« dos os homens. Nem podia bastar-me a mim a prospe-
« ridade sem sobresaltos, nem a Leonor o voto me-
« diocre de uma existencia. Eu nasci para lhe com-
« prar com a ultima gota do meu sangue a homenagem
« de todas as idades até ao fim dos seculos. As minhas
« agonias lentas e intransitorias eram um decreto provi-
« dencial. Sentia-o eu quando o fogo com que me re-
« queimavam os labios descia a ennovelar-se com volu-
« pias do céo nas chammas perennes do meu amor in-
« cendiado. — Tu serás mais infeliz. Ha-de caber-te um
« quinhão n'esses triumphos, porque tambem tu abrirás
« a tua cova á beira do ergastulo onde virão conversar
« de ti as lagrimas dos posteros. Mas serão mãos de sel-
« vagens as que te esmaguem; o teu *anjo* hão-de ba-
« queal-o comtigo no fundo do mesmo abysmo. Sangue
« e lagrimas... não poderás vertel-as para que o braço
« não desfalleça ao cintar as compressas nos golpes da
« tua amante. A tua lyra, nem essa, nem a pobre lyra...;
« será preciso transformal-a no bordão da tua *esposa*,
« tremula e vacillante na escuridão do seu sepulchro.
« Viverás tu? Não sei; eu não soffri tanto. Mas chora,
« pobre; canta, irmão; chora e canta commigo, que o
« teu martyrio será longo e atroz...»

Foi isso, e mais do que isso, o que a alma de Tasso segredou á alma de Camillo por intuição do espirito omnipotente de lord Byron. Camillo não verteu só para a sua lingua um dos muitos abortos do vate inglez; sentiu e adivinhou a dôr profunda do cantor da *Palestina.*

Camillo Castello-Branco era incansavel; escrevia artigos de fundo, e folhetins no Nacional; publicava romances na *Revolução de Setembro,* e collaborava no *Commercio do Porto;* a sua amiga escrevia folhetins no *Nacional* e no *Amigo do Povo.* E ninguem dava por isto! Gastava-se todos os dias a edição do jornal, mas a imprensa não tinha uma palavra, de conforto sequer, para o coronal d'ella. A mim, que tive a imprudencia de me anojar com isto, vão vêr o que me aconteceu. Sahiu no *Nacional* o seguinte folhetim:

A JULIO CESAR MACHADO.

Eu queria redigir cinco linhas, que servissem de pedestal condigno a esse nome.

Mal avisados tem por averiguado que está ahi o redimir-se da ignominia publica uma enfiada de mediocridades, pendurando-ás em appellidos celebrados no Forum das reputações distinctas. Tolice. A admiração, se não estacou nas illuminuras do rotulo, é que nem subiu até ahi, recuando ás sombras, que lhe interceptavam a luz d'ellas. Como se o Apollo de bronze do porto de Rhodes podesse estribar no craneo ôco de um sandeu! Eu tenho visto a gentalha sujando com o carvão no branco da parede, mas o muro envergonhado baqueia-se logo em terra, soterrando o nome no monturo da caliça.

Isto nem é prologo, nem é nada, meu querido Julio. Será esquadrinhar rodeios para vir a dizer-te que não sei calificar o teu silencio ao folhetim que te escreveu A. A.

Ainda hontem embebia eu a penna nas lagrimas reservadas da minha alma, para estillar de lá um debil quadro do torvo infortunio d'aquella martyr.

Não lhe respondeste nada.

Hoje ha-de frisar-te mais a novidade. O anjo dos infelizes aproximou-*os* á beira do mesmo abysmo. Mas ella, no transcender para lá da ultima balisa, que lhe apontám os immanissimos verdugos, sempre linda como o symbolo da paciencia, triste e viçosa sempre como os cyprestes dá

antiga Sião, magestosa e soberana como o vulto da heroina de Orleans, posto o pé na escaleira do patibulo. Elle, dobrando mais para o tumulo, mas só porque lhe pesam os lamentos da querida *filha dos seus sonhos, e das suas afflicções*, amparando-se nas grades como Silvio Pellico, para que lhe ouçam o derradeiro gemido suspirando hymnos em louvor do anjo que lhe revelára Deus. *Ambos* sorrindo ás agruras do seu expiaculo infernal, e perguntando ao Senhor, nas horas de fraqueza, se estas creaturas que lhes renovam os espinhos hora a hora, gostaram o leite da mesma religião que levantou Agostinho e Magdalena, e que responde aos maus com mostrar-lhes a cruz onde morreu por elles o Redemptor de todos os mundos.

Eu vi de longe o rochedo de Horeb, e lá em cima, nos pincaros d'elle, todo o esplendor que lhe dão os patriarchas da Biblia.

Cahiu-me dos labios não sei que nome, como dos labios da amante infeliz voára o nome de *Klopstock* a encasar-se nas harmonias de uma noite formosa. Mas quando, porque me não cegasse a luz, baixei os olhos ao meu estrado, a procurar o maná, encontrei-o espinhado de urzes, adusto, e arido. Era da terra a visão que me sordia da montanha. Quebrou-se como todos os idolos de barro. Foi duro o meu desengano, em que me comparei ao oleiro que vê de novo desfeito em lama o vaso amassado n'ella.

Elles viram tambem como eu nas cumiadas da montanha a estrella que lhes acenava, e perderam-se depois no encalço da sonhada felicidade.

Quando eu lhe senti a ella o primeiro queixume, amparei-a exhortando-a assim :

— Ha culpa n'esse carpir. Desprese a canalha que bate palmas ao seu infortunio. Cerre os ouvidos, ou achegue-os ao seio do martyr que a chama, que ha ahi uma corôa de santo martyrio para a mulher que celebrou consorcio de amarguras com espirito digno do seu. Ha. Ha gloria n'essa queda, se cahir é o alar-se a gente para o mundo de heroismos, onde se diz á alma que gêma ; aos olhos, que chorem; ás lagrimas, que escrevam ; e ao escripto, que pague o pão de amanhã, sem ir atordoar nas orgias condemnadas os Balthasares que desperdiçam com ebrios convivas e sordidas companheiras o ouro que elles e ellas nos roubaram. Chore, para que os seus prantos vibrem *n'elle* melodias divinas, e lhe careiem confissão santa, como esta que vale uma prece : « Cada lagrima tua, uma flôr, aberta a perfumar a divindade, em minha alma ! » Chorar, que importa ! — Chora, mas as suas lagrimas não lhe ensombram o espirito, alumiam-lh'o. Soffre, mas os gemidos não lhe partem o coração; levedam-lhe por lá a jaça que póde deixar no seu tenuissimo rasto a culpa de um anjo. Ama, e palpa no coração todo o calor de uma imagem unica ; e quem ama tem um horisonte para vêr, uma esperança para escutar. — Infelizes são os que choram como as noites de inverno sem um raio de luz ! infelizes são os que gemem, ouvindo sempre a culpa maior que o gemido ! infelizes são os que olham e não vêem ; os que ouvem e não escutam.

Dize-me, meu querido Julio Cesar. Haverá ahi palavras de confor-

to para o que sente estalar os pulsos no annel de ferro que lhe apertam devagar para ser mais intensa a dôr? O sol que irradia d'além-tumulo póde ser ancora para todos os desgraçados, mesmo para os que estremeceram de repente na aresta do precipicio, quando o raio lhes crestou aos pés as rosas da sua quadra feliz? A mulher arrastada pelos cabellos, quando osculava uma imagem de Jesus no sitio não arrefecido ainda do ultimo osculo da mãi morta, póde erguer os olhos para o céo, depois de cahir com elles na terrivel fascinação do sepulchro, até onde a trouxeram, deixando-a de bruços sobre a lousa d'antemão erguida?

Curva-te á magestade d'este infortunio, Julio. A *Andromeda* de *Puget* representa-se presa á rocha d'onde ía salvar um poeta. Genio algum parou diante d'ella, e a lyra quêda. Protesta n'um brado eloquente contra o aviltamento d'essa imprensa, que passa sem descobrir-se diante de tão grandioso holocausto. A historia da virtude exalçada ao extremo do sacrificio não valêra a acordal-a do somno vilipendioso. Era já muito, mas a hyperbole da ignominia foi o acordar agora para assistir, muda, á cruenta perseguição do filho que mais lhe tem querido sempre.

Que paiz é este, Julio? Quem subiu já ao terceiro andar da tua casa a enxugar-te as lagrimas com que tu escreves os folhetins que devem fazer rir o burguez estupido?

D'onde a supremacia da mediocridade, que hoje se atropella nas praças a pedir para si n'um berreiro deshonesto a purpura que era hontem patrimonio de raros? E' para o escriptor apaniguado á mesa de bastardos Mecenas, para o ministro devasso, para o orador estupido, que se estão lavrando hoje os creditos que ha-de amortisar a posteridade?

E fallas-me tu em *glorias*, Julio! Se as do bemdito rosario não valem mais do que essas, mal vai ás beatas que se amofinam por fingirem com arte que estimam a Deus.

« Glorias », para que? e para quem?

Não queres, dizes tu, que eu sacrifique a considerações de pouca monta a biographia de Camillo Castello-Branco, — nem com ella, conclues, a solidez da minha reputação de escriptor. — Guindas muito alto os gabos do desvalioso escripto, mas que não fôra assim, e eu dissera-te que tenho n'um profundissimo despreso os arraes embreados da opinião d'esta terra.

E por quem me pedes tu, Julio Cesar? — Deixa ao philosopho da antiguidade o desdouro de ter defendido o parricida. Não queiras tu salvar do pelourinho esta matulla de selvagens feros como os piratas do seculo XII, que cuspiram affrontas na santa que muitas vezes baixou dos olhos para a tua a mão, que, já amollecida pelas lagrimas, quasi que nem para a amisade tinha força.

Deixa-me aligeirar o estylo, porque me estão saltando da penna os nomes de todos estes infames, e eu não quero queimar os typos com elles.

Da biographia de Camillo Castello-Branco já declarei na imprensa

que a publicaria eu, em monção opportuna. Releva-me da demora na certeza de que a trago mimada na phantasia como filha dilecta. Raro o dia em que lhe não arrisco pilarada nova como Pygmalião fazia á estatua que o endoudeceu.

E não me queiras mal, se ha ahi n'alguma phrase virulencia de sentimento.

Eu não sei se isto é gafa da solidão em que me vejo, e onde a alma se enregela para todos os brios.

Zimmermann era um tôlo, e eu outro tôlo quando aos quinze annos o traduzia no meu engatinhar para as letras.

Isto é bonito, mas de longe, como as nuvens de algodão em rama nos theatros que tu encareces por generosa complacencia. A aldêa é linda na paisagem do quadro; aqui a gente arroba-se do fumo que ascende em evoluções caprichosas, como arminho que se rasga, da colmeia do pegureiro; mas, ao entrar-lhe dentro dos casebres, nem vê fumo, nem céo, e tapa os narizes porque a não tolde o fedor da mirra. E depois isto aqui sôbe de ponto. Esse mesmo folhetim é o milagre do penhasco de Oreb. Porque isto é o horrivel das sombras, e o Moyses que viesse aqui, antes de abrir as fontes, tinha de accender a luz. A Providencia quando disse o seu *Fiat lux*, estava de costas voltadas para este inferno, como nas synagogas dos judeus. Na minha aldêa não ha senão pedintes, ou prophetas com a capa de Bartholomeu dos Martyres a procrastinarem a redempção da uva, se os governos derribarem o gaz, *para onde vão os ossos dos mortos*. Chego á janella para vêr uma miseria; applico o ouvido para escutar uma tolice. E são felizes. Os nús ha-de vestil-os a igreja que é mãi de todos, e de nós tambem, ainda que te pareça ironia esta ultima parte; os parvos, esses terão o reino da primeira bemaventurança, que nos causa serios receios de não encontrarmos lugar no céo, se morre primeiro do que nós esta camada que por cá anda, e se é verdade o que diz o primeiro dos evangelistas sobre a estreiteza da porta.

Ora aqui tens, Julio Cesar Machado, uma miniatura d'este microcosmo em que eu me sinto a suffocar mesmo quando tu me estimulas os brios para uma gloria em que não acreditas. Devo dizer-te que eu, se não ficar nú, pelo menos ensandeço, e, depois de aleijado o espirito, aleijo o corpo marinhando pelo tronco das arvores onde subirei a podar peras como Laertes. Hei-de sentir-me a resvalar para o despenhadeiro da ultima crença, e a gentalha a bradar-me: que não fuja, que foi aqui o solar de meus passados. Que felicidade achar-se a gente sepultado em vida no amplo berço da bisavó!

Eu suicidava-me, se a apotheose que engrandeceu Werther, Gilbert, e o amante de Kitt-Bell, não andasse hoje esfarrapada nos mausoleus de muito trôlha e sapateiro, que dá cabo de si e dos noticiaristas, que é uma pena não se suicidarem todos com veneno mais efficaz que o de

Mithridates. O suicidio descambou em cousa torpe desde que o proprio Judas teve a coragem de se afogar n'uma corda.

Já agora hei-de vêr se morro sem que me possam comparar a Chatterton, Larra, Gérard de Nervall e outros martyres, com que amassam empadões litterarios certos pedantes que desejariam a morte culposa do melhor amigo, para virem á janella, na hora do transito, intumecer a bochecha com a erudição requentada em estylo revelho.

Santo Agostinho, quando disse « que o cuidado do funeral, a qualidade da sepultura, e a pompa das exequias eram mais consolações dos vivos, que subsidios dos mortos », esqueceu-se... dos necrologios.

Adeus, Julio.

Avalia pela côr d'esse escripto o estado da minha alma.

Quinta do Ermo 20 de Outubro de 1860.

VIEIRA DE CASTRO. »

Á parte as eloquentes e apaixonadas phrases com que Julio Cesar acudiu logo do seu posto, como pensa o leitor que me remuneraram os outros? Assim: no dia immediato o *Jornal do Porto* veio pedir aos seus collegas que despresassem o meu insulto. Parti logo da minha « quinta do Ermo » para o Porto, e respondi com isto:

VISCERA IMPIORUM. . .

João Lucio é um parvo. Axioma que não requer larga demonstração. Haja vista ao *Boletim da Torreira*, repositorio das mais folhudas sandices que devemos a uma boa hora d'este engenho torto; ou ao necrologio de Thomaz Northon, em que o panegyrista põe em arrepios a honestidade do fallecido, tal é a parvoiçada do elogio, requintado na cabra cega de um estylo, de todo o ponto apreciavel para duas horas de galhofa (¹).

(¹) *Nota explicativa*: Thomaz Northon era um honrado caracter d'esta terra. O seu nome escapou mesmo ao desdouro que poderia reflectir-lhe do panegyrico assobiado n'uma theorba campesina. É certo que a charra jeremiada de João Lucio póde com malignas interpretações, mas não de todo illogicas, marear de sombras a reputação illibada do nobre finado. Aquillo é um pasmoso artificio de demencia. João Lucio tem a peccaminosa vaidade de nos fazer rir sempre, mas d'esta vez á custa de um fallecido illustre. É uma cousa besuntada de mataduras galicanas que viria aqui sujar papel. Leiam, e digam-me depois se enjoam

Citam-se estes dous joanetes de litteratura *ligeira*, porque o publico não conhece mais no author, aliás opulento d'outros, de diversa especie.

João Lucio é um infame. Isto é que pede mais amplo commentario.

Ha dous annos, se me não falha a memoria, morava o snr. Camillo Castello-Branco n'uma casa da rua dos Lavadouros. Por ora não ha novidade para as senhoras visinhas. Adiante.

O acaso, que é o Deus dos tolos, e de rigorosa consequencia o satanaz dos illuminados, quiz que o espurio manipulador do tal boletim — que para eterno vilipendio do pai havia sido cruamente repellido na roda das producções engeitadas, — se fosse embetesgar n'um quarto devoluto d'aquella mesma casa.

O poeta das *Inspirações* duvidou a principio da tenacidade do seu infortunio, que teimava em lardeal-o de repulsivas sombras. Ouviu-se na sua consciencia, e ella disse-lhe que não era licito levar a descrença aonde se não atrevera com ella o proprio S. Thomé. Curvou a cabeça em tom de condemnado, e resolveu aceitar mais esta prova á sua expiação.

O snr. Camillo Castello-Branco apurou mesmo a sua complacencia soffrendo por vezes no seu gabinete de trabalho as visitas do importuno, que ia esperdiçar-lhe o tempo; e quando o queria a insania do anjo mau, era-lhe força o ouvir (*escutar* não póde nunca) a gaguejada leitura dos artigos parvoinhos de João Lucio, os quaes artigos não desvaliam em nada os timbres da nobiliarchia representada no citado boletim, avô pituitoso de tão sordidos netos.

Era isto n'aquelle tempo em que ahi se debatia uma questão concernente á familia Buisson. Lembram-se todos do pifio berreiro em que João Lucio desafogava as iras, entalado n'aquella parte, que a porca ás vezes torce, pelos acerados epigrammas com que o bandarilhava a penna caustica de Custodio José Vieira.

Um dia entrava João Lucio no quarto do distincto romancista, de

---

no mar. Parece-me que o estou ouvindo. João Lucio empina-se no colleirinho percuciente, atira com os olhos para o espaço, onde passeia a coruja e o pato bravo, arrepella as melenas do estro, diz uma cousa triste, e o leitor faz uma visagem de espantadiço, põe as mãos nas ilhargas, o desfecha a rir. O leitor de notas já viu os *autos de Maria parda?* Ainda não. Pois então veja os necrologios d'este doutor Nenia, repita-os n'um congresso de amigos, e ouvirá logo aquelle *vendaval de gargalhadas*, do que resa Filinto. Afigura-se-me a mim que estes necrologios foram inventados para consolar os parentes do morto. João Lucio ha-de venderme uma elegia, bem carregada no choradinho, quando me fallecer o meu melhor amigo.

catadura mais sinistra que a de Oliveiros em lances de arremettida. A armadura era peor. João Lucio surdira de gazeta em punho!

O snr. Camillo Castello-Branco, que sabia de melodias aptas a domarem as sanhas d'aquelle Saul, ou, sirva-nos a lumieira do mesmo expositor, que lobrigava perto o unguento milagreiro para desannuviar as rugas d'aquelle medonho sobrecenho, convidou João Lucio a jantar.

Phenomeno estupendo! Já ninguem via a gazeta.

João Lucio aceitou, comeu, e comeu desaforadamente. O leitor ha-de perdoar-me o pleonasmo que vem a arredondar o periodo.

Ora que João Lucio comesse, e que comesse como escrevia, *estupidamente*, pouco importava, ou antes importava muito ao espirito bemfazejo que religiosamente obedecia a um preceito misericordioso; mas que João Lucio mordesse depois a mão que lhe beneficiava o estomago, isso é que repugna de esqualido.

Foi o caso assim.

João Lucio mastigava e deglutia com pasmosa velocidade uma das iguarias que tinham vindo á sobremesa.

Quando no ultimo esforço de uma incivil golodice fizera desapparecer a derradeira trouxa, devorada já á sobreposse, impando o esophago, disse para o que lhe matára as arrans no ventre:

— Sim, senhor; isto é boa cousa!

O snr. Camillo Castello-Branco desfez com um ligeiro sorriso os impetos de uma gargalhada solemne, e machinalmente deixou cahir dos labios a confissão de que aquillo fôra mimo presenteado de uma senhora sua amiga. E tão *machinalmente* que, para logo arrependido, pedira ao anafado conviva o segredo de tal confidencia, e reforçára o pedido com instantes admoestações.

A insistencia n'aquelle modo de rogar seria já uma offensa a qualquer cavalheiro. O snr. Camillo bem sabia quem tinha á sua mesa.

A' noite d'esse mesmo dia João Lucio foi no gremio de uma familia distincta, que praticava a generosidade de lhe franquear as suas salas, pôr a devasso o acontecimento, apontoando-o o mais boçalmente que pôde de chufas grosseiras. A delicadeza das pessoas que o recebiam, tolhia n'ellas o desejo de o mandar calar, permittindo-lhes ao mesmo tempo o formar raciocinios vilipendiosissimos para o narrador, — de muito conceito para o cavalheiro trahido.

Camillo Castello-Branco soube da protervia, e mandou perguntar a João Lucio onde poderia encontral-o, para lhe dar com um chicote.

Já então o snr. Camillo se havia mudado para o Bomjardim.

João Lucio, animo pacifico, em quem Deus, por sua infinita misericordia, quiz amollecer instinctos guerreiros, corre açodado á nova habitação do snr. Camillo Castello-Branco, e taes cousas disse, que era impossivel o repetil-as n'este lugar sem esfarrapar a linguagem.

O snr. Camillo respondeu com uma simples indicação que o mandava

pôr fóra do seu quarto. O villão ia a recomeçar novo aranzel, quando o snr. Camillo lhe suffocou na garganta o baixo tentamen, dizendo-lhe·

— Não queira que o faça sahir adiante dos criados d'esta casa.

— ......

Ora é tempo de saber-se a que ponto vem aqui esta vergonhosa historia.

Eu escrevi ha dias n'este jornal um folhetim onde se lia o seguinte periodo:

« Curva-te á magestade d'este infortunio, Julio Cesar Machado. A « *Andromeda* de *Puget* representa-se presa á rocha d'onde ia salvar um « poeta. Genio algum parou diante d'ella, e a lyra queda. Protesta n'um « brado eloquente contra o aviltamento d'essa imprensa, que passa sem « descobrir-se diante de tão grandioso holocausto. A historia da virtude « exalçada ao extremo do sacrificio não valera a acordal-a do somno vili- « pendioso. Era já muito, mas a hyperbole da ignominia foi o acordar « agora para assistir, muda, á cruenta perseguição do filho que mais lhe « tem querido sempre. »

Bastava esta ultima consideração, por extremo verdadeira, para que se não doesse da phrase nenhum escriptor.

Mas o *perseguido* era o snr. Camillo Castello-Branco! Mas o folhetim atava n'um pelourinho mais acerbo aquelles *bastardos Mecenas* que sabem agradecer com mão prazenteira as safadas jaculatorias com que se atrevem a endeusal-os os indignos de religião mais pura! Mas João Lucio, expectorando insultos n'uma local que veio logo apressurada no « Jornal do Porto », a dizer « que eu era injusto com os outros », regalava-se no antegosto dos salamaleks, com que no dia seguinte deviam victorial-o os merceeiros da rua dos Clerigos!

João Lucio estruncou o folhetim á sua vontade para a cada rasgadura deitar uma tomba da sua embezerrada phantasia. Quero tomar-lhe o exemplo tentando melhor exito.

Dizia o folhetim n'outra parte:

« Eu tenho visto a gentalha sujando com o carvão no branco da pa- « rede, mas o muro envergonhado baqueia-se logo em terra, soterrrando « o nome no monturo da caliça. »

Era exactamente o desastre que havia succedido a João Lucio um minuto antes de ouvir lêr o meu folhetim. Ainda atordoado emergiu com a cabecinha fóra da poeira, pegou do carvão segunda vez, e rabiscou com elle sobre o lixo que lhe pesava em cima.

Catemos os dizeres da cataplasma.

O primeiro bocejo da intelligencia vêsga foi este:

« Ha injurias que não injuriam. »

Ha; quem lhe diz que não? São as injurias de uns sandeus que teem a virtude exclusiva de chumbarem logo na testa dos seus mostrengos uma asnidade de polpa para fazer rir os injuriados.

Abro mão do resto do primeiro periodo. Advem ahi, não sei a que triste proposito, o nome do snr. juiz Queiroz, e este cavalheiro merece muito aos meus respeitos desde que tive a honra, ha pouco tempo, de lhe aquilatar os dotes elevados em casa de Silva Pereira.

Diz o segundo lobinho, muito abespinhado:

« Certos *petiscos* (não perde este vocabulo desde aquelle dia do jantar) entenderam que a imprensa era o lugar mais azado para estendal « de inconveniencias de toda a especie, e a gente (não é elle) sente por « *elles* o mesmo despreso que *elles* sentem por certos *arraes embreados* « *da opinião* que se estimam tanto, (segurem-se; não caiam, que agora « ha boleu) e são tão *ermos* de senso commum, que, mesmo quando o es- « carro nauseante (isto agora é d'elle) lhes vai bater nas faces, ainda *elles* « julgam que fazem uma brilhante figura. »

A' parte a elegancia dos *elles* e *ellas* que vem despontando n'este travesso pegulhal de patetices o leitor modesto commette a descortezia de dizer que não entende.

É o mesmo; que João Lucio, prevendo isso, logo no terceiro periodo diz aos leitores *do que está fallando.*

E continua a cousa:

« *Limpai* as faces com um lenço, *senhores,* ou *limpai-as* com a mão, « e depois *limpai* a mão á parede! »

Ora isto de nos mandar limpar á parede é traça para convencer-nos de que a parede ainda não cahiu. Aquelle torcer pertinaz do verbo *limpar* denuncia que o homem está muito sujo. E o desempenado vocativo no plural é uma cousa que tambem entra commigo a fazer-me scismar.

Remata o vomito assim:

« Disse muito bem. Por isso em Coimbra o não quizeram aturar. « Com tolos nem para o céo! »

Ha ahi uma perfidia malignamente insinuada. É deslealdade converter em injuria o que será sempre um galardão da minha mocidade, que infelizmente não tem outro.

Agora é elle o que insulta a imprensa, festejando uma arbitrariedade que a imprensa toda condemnou. Quando ahi todos os escriptores patrocinavam a minha causa, este javardo não teve coragem para me dar com a sua choupa, e veio por essa occasião tambem n'uma vilissima *local* (não dá para mais o genio d'esta inspiração saloia) espadanar-me não sei que nojo.

Eu, para estes cobardes que me sacodem injurias, tinha aqui na minha pasta os autographos de Alexandre Herculano, de Castilho, de Rebello da Silva, de Oliveira Marreca, e outros, se o desforço não ficasse a luz perdida do valhacouto, d'onde elles atiram tamancos á gente.

Aqui ao ouvido, João Lucio: tu és tolo. Mas como o céo te abriu as portas, eu quero tambem levantar-te da desconsideração publica offerecendo-te ensejo opportuno. Aceita o repto que te faço. Não te assustes, não é

desafio, que ahi no Porto não havia rapaz de distincta educação que se prestasse a apadrinhar-te quando o caso pedisse tanta solemnidade.

Dize-me o dia, a hora, o lugar e a terra (não a Torreira; lá cada catraeiro deve ser um teu Plutarcho) onde possa encontrar-te sem testemunhas, e sem receios de me ver obrigado a correr-te na pista, fazendo ambos uma triste figura, e sendo tu *pela segunda vez* o cavalheiro da mesma ([1]).

Para mim, e para João Lucio era superfluo explanar aqui as razões porque o supponho author infallivel da rôta local.

No « Jornal do Porto » não ha ninguem que escreva tão mal, nem com tão refalsada generosidade. Isto póde ser de motivo bastante para o publico.

Se mesmo João Lucio consentir em que no « Jornal do Porto » se declare o contrario, o velho Ferrabraz póde invalidar assim a fama dos seus altos brios para a peleja.

Tambem cahiria n'uma villesa innonimada se permittisse que d'ora ávante do mesmo jornal viesse a pello o meu nome para miserias d'esta ordem, declarando-lhe eu aqui muito solemnemente que não respondo a mais cousa alguma, nem tão pouco accito de lá outra resposta que não seja a unica e exclusivamente cathegorica que pede a pergunta que lhe faço.

De mais eu não leio nunca o « Jornal do Porto », porque me repugna a idéa de compulsar uma folha redigida por um homem, que não póde ainda carear a sympathia verdadeira d'alguem que o conheça.

Deve saber-se que eu tenho em muito o « Jornal do Porto » áparte esta protuberancia da commissão redactora, e orgulho-me até de lembrar amigas illustrações, que lhe tem opulentado as columnas.

Venha um nome. Ramalho Ortigão, rapaz como eu, levantou-se ahi na parte litteraria d'essa folha, escrevendo vigorosamente, como quem reptava os que já estavam de posse, elle, gigante no berço, mas desertor da imprensa quando n'ella era já funda a semente das saudades, — desertor com honrosas feridas, como vai a demonstrar-se.

Antes d'isso corre-me a obrigação de dizer aqui, que os poucos dias

---

([1]) Requer-se lugar de limitada concorrencia. João Lucio póde indical-o no mesmo escoadouro por onde estillaram as idéas comesinhas que ahi ficam de novo editadas para maior desdouro seu. Da hora, e dia, poderei eu avisal-o de vespera por informação particular por não amotinar o povo, onde podia apparecer aquella guarda de honra que escoltava o audaz necrologista, quando o seu espirito, salteado de feias visualidades, temia no mais leve adejo de mosca a bengala de Jeronymo Ferreira Pinto Basto.

em que Ramalho Ortigão demorou pela redacção do « Jornal do Porto » lhe deram a esta mais robustez de vida que a ancianidade estafada do rabiscadores velhos, e decrepitos, que não tiveram juventude.

Eu trouxe este nome com um proposito assente. Vou dizel-o. De certo recordam, sem auxilio meu, as joias d'aquelle terso e aprimorado estylo do antigo folhetinista. Pois bem. Disse-me um dia em Lisboa o author do « Homem de brios » no discurso de uma conversação ácerca de litteratos do Porto :

« O Ramalho será o mais imaginoso e polido escriptor d'aquella terra. Queres tu rir-te? Disse-me o... (um dos pilotos da reputação) que não o entendiam... »

Ora creio que foi por estas e outras causas que R. Ortigão me escreveu um dia uma carta, que principia assim:

« *Meu caro Vieira de Castro.*

« Eu não sei bem se fui algum dia *folhetinista*, mas o que posso assegurar-lhe desenganadamente é que já o não sou, nem é provavel que torne a sel-o.

« Eu lhe digo por que.

« Na imprensa de Portugal ha uma porção de gaiatos, que me não « parecem absolutamente decentes... *Trocistas* sebentos, tresandando a « cigarro e aguardente, tem por missão os ditos gaiatos atirar a sua la- « ranja podre e o seu punhado de lama a quem passa por elles.

« Ora lama não magôa, mas cheira mal, e eu por meus peccados, « tenho a desgraça de preferir em muito uma dôr a uma nausea !

« Não sei pôr-me acima d'estas cousas chamadas pequenas. N'isso « me pareço com Achilles — Quem quizer vêr-me em terra, faça-me fogo « a um calcanhar.

« Estou ferido no tacão da bota. Estou morto.

« Não torno a escrever folhetins, meu caro amigo, por não expor « ás chufas broeiras e aos chascos soezes da canalha, não direi uma re- « putação, que a não tenho, mas um nome, que conservei limpo até hoje.

« Os meus zoilos foram anonimos, e por ser taes tiraram-me a fa- « culdade do unico desafogo licito. O desafogo era este: pegar-lhes dos « gasganetes, pousar-lhes o nariz em cima da respectiva prosa, e dizer- « lhes: « cheirai isso que escreveis, e estou vingado ! »

« Como não posso fazel-o, não escrevo, e não os aturo. »

Estes gaiatos são os que vem empeçar o caminho aos que se macularam na levissima culpa de estudar um pouco, fascinados pelo ouropel de uma reputação. Fascinação perdoavel !

Chancear brutalmente os primeiros tentamens de um homem que vem á imprensa, aliás cercado de uma aureola brilhante, como vinha R. Ortigão, e isto feito por um entrevado que já lá esteja torcendo-se de lon-

gos annos nos malogrados esforços da sua impotencia misera, isso é que é a suprema das ignominias.

Digo-o com franqueza: esta a razão por que eu golpeei fundo na ulcera purulenta de João Lucio. Era tempo de vir d'aqui, d'este lugar, rebater com sobranceria os aviltamentos com que a sua lingua morde de ha muito na minha sombra.

E remato aqui.

Se lá ha uma restea de pundonor, a resposta a isto é breve, e não póde desinquietal-o muito da sua ingloria actividade.

Quinta do Ermo 27 de Outubro de 1860.

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

O « Jornal do Porto » veio declarar no dia seguinte, com novas injurias, que eu mentira, insinuando como author da protervia o localista assalariado da folha. Tornei á redacção do *Nacional* com esta carta:

Meu querido amigo. — Eu estou no Porto ha dous dias, como sabe, ludibriado pela minha ingenuidade, que não via n'isto de *pundonor* uma excrescencia de zombeteiros moralistas. Publicou-se ante-hontem no « Jornal do Porto »: que *João Lucio* fôra injustamente aggredido por mim. Não creio. Mas presuma-se de verdade que o cego, vendo rachada a sanfona, mandasse o rapaz a pedir por elle n'uma chula desafinada com mais opulenta cornucopia de parvoiçadas. — Diga-se quem é o rapaz do cego. Conhecem-no por ahi os cadeirinhas por *Novaes dos oculos*, *Novaes dos reportorios*, ou não sei que appellido menos picaresco do que qualquer d'esses. — Saiba o assignante das provincias quem é este *Novaes*. Uma historia. Succedera que o snr. Camillo Castello-Branco partira duas vezes a cara a esse biltre em desaggravo do bom nome de duas senhoras illustres d'esta terra, torpissimamente aviltadas por elle nos chascos villãos do seu esqualido vasconço. O miseravel querellou do snr. Camillo. A Relação do Porto inutilisou a querella, condemnando o querellante nas custas do processo. O desgraçado entrou na enxovia para expiar de lá a impossibilidade de cumprir a sentença. Camillo Castello-Branco apiedou-se d'aquella alma perdida, e pagou os vinte e cinco mil reis que o desgraçado não tinha. Aceitára o javardo, e homens de bom senso disseram que estava no procedimento do distincto poeta, aliás redimido por intenção generosissima, motivo mais justificado para nova querella. Depois d'isto o meu amigo Côrte Real deu-lhe alli dous pontapés na Praça Nova, e mandou-lhe as botas a casa. Não sei se lhe foram entregues. — Não ha na cara d'este canalha uma fibra intacta. Abroquellado, como o leproso,

na immundicie do seu contagio, insulta os que se dedignam de retrucar-lhe.

Ora eu aos pedintes dou esmolas quando posso, mas não lhes toco nos trapos. E' por isso que me esquivo á analyse da parlenda que elle hontem ejaculára nas columnas do paciente periodico, lembrando apenas uma breve photographia moral, que elle affeiçôa a si proprio. Eil-a: « O cavalheiro a quem se quiz referir está muito alto, para que deseje *baixar* até ás regiões do noticiario. »

Faça-se, pois, justiça á direcção d'aquelle jornal. O escaravelho confessa que está em *baixo*, naturalmente no pateo, com os rafeiros a retouçar-se no lôdo. Não sei eu se o jornal aproveita com isto. Quem podia favorecer-nos a todos era o varredor da imprensa, deitando o localista para a vasa do cisco. — E diz-me o desgraçado que vá eu á redacção saber quem elle é! Eu não tenho o estulto capricho de provar mais uma vez ao Porto que ha gallegos com lombos de gutta-percha. O que elle queria era que eu inutilisasse uma bengala. Está servido. Agora tenho a dizer o seguinte. Se o rapaz do cego é outro, venha o nome, que eu quero ir-me embora. Se é o mesmo, então deixemo-nos d'isto.

Espero a resposta ámanhã.

Porto. « Hotel Lusitania. »

31 d'Outubro de 1860.

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

Não me responderam nada, — responderam, mas cousa que não pedia troco.

Ora aqui está porque eu desejava n'uma das primeiras paginas d'este livro, « que tivesse morrido aos quinze annos a criança condemnada a ser o primeiro romancista do seu paiz ». Offendendo-me a mim, os enxovedos queriam mais especialmente offendel-o a elle. Rebuçavam a atrocidade da affronta por cobardia insuperavel. Nem mesmo pilhando-o preso arriscavam o couce. São mais despresiveis que o asno da fabula. Descem com a intelligencia estes javardos á ultima escaleira da ignominia. Faz nôjo e pena vêl-os retouçando no atoleiro, sem um raio de luz que os cegue, já que é impossivel alumial-os. A natureza foi mais complacente com a herva dos telhados: apodreceu-a na vespera da sazão em que devia amadurecer, mas, não lhe prolongou o estado de azêvre. E' a mais damninha raça que eu conheço a d'estes

escrevedores infames e cobardes, avêssos á luz como o pelicano, que se escondem como a coruja nos agulheiros das torres, e se abrem o bico, é para deixarem transito a uma injuria, blasphemia, ou impiedade.

Que imprensa! ha-de morrer ás suas mãos. Não ha ahi reputação, por mais honesta, que tenha escapado á pedrada d'esta peonagem; talento, por mais insigne, que ella não tenha afocinhado com a soez injuria. O caso é haver ahi patriota que lhe acene com a avara pitança d'uma canastra d'ossos. — Os israelitas n'um momento d'allucinação trocaram a Deus por um bezerro d'ouro; estes nas suas horas de luz trocam o bezerro pelo feno que elle devia comer.

Vão de boamente emparedar-se, se lhes promettem todos os dias o *caldo da santa*, e a fogaça de pão. *Malesuada fames, et turpis egestas.* O que os salva é a philosophia d'aquelle *turpis;* philosophia que nem elles sabem, nem eu lhes ensino. — Quereis o simile d'essa gente? ahi vai; é a *pulga.* Daes por elles quando vos mordem, escondem-se do látego no vosso vestido, defendem-se com o proprio braço que os alimentou de sangue; e uma unha, tanto basta, se os miseros cahem, para esmagal-os! Depois rebalsam-se como os animaes immundos no proprio esterco. *Et putruerunt jumenta in stercore suo.*

Dir-me-heis: os « illibados não se dóem do insulto. »

É falso; não sabeis nada do coração humano. O gigante assyrio cahiu derribado pela funda de um menino. Cahem todos os valentes da sua força, e sem as culpas que elle tinha. E então cá no mundo especialissimo das letras o caso é maravilha!

Disse o *Ecclesiastes:* « A calumnia turba o sabio, e ella abaterá a firmeza do seu coração. » *Calumnia conturbat sapientem, et perdet robur cordis illius.*

Quanto maior homem no gabinete, mais pequeno, mais timido na rua.

As indoles de grande porte, educadas e refeitas no recesso das bibliothecas, amesquinham-se nos miseros enredos de uma sociedade que as endoudece com os temulentos barulhos da sua parvulez. Trazei-me um sabio para o meio d'este salão, onde mulheres frivolas riem e folgam com homens mais frivolos do que ellas. Contemplai-o. Que disse elle? nada. Que fez? encolheu-se nas entretélas da casaca que o suppliciava, correu-lhe pela primeira vez na fronte um suor que não valia mais que o de um peralvilho, e creu-se no fundo de sua consciencia o mais pequeno de todos com quem alli viera. Quem é alli o *parvo?* Não se póde fugir á verdade, o parvo... é o sabio. E parvo alli, parvo em toda a parte por onde o trouxer bandeado a canalha das diversas jerarchias sociaes, de quem elle se arreceia e teme, como Santo Ignacio se arreceiava e temia d'aquella que por fim o arremessou ás feras. — Ha no livro do *Ecclesiastico* um verso que abona esta insulação, quasi invencivel, do homem sabio. Diz assim: *vestigium cordis boni, et faciem bonam difficile invenies, et cum labore.* Aqui vos dou traducção liberrima: «Consome-se a luz do rosto no fogo do espirito.» Meditai-lhe a philosophia. E se não vos agrada essa prosa, lêde os versos d'um poeta que ides conhecer pela primeira vez:

. . . .

Zomba dos furacões rasteira planta,
A canna, e mais o vime, que se dobram;
Mas não sabem vencer a sua furia
Nem cedros, nem palmeiras.

E poderão queixar-se, quando estalam,
Em pedaços cahindo sobre a terra,
S'isto lhes vem da sua natureza,
Que lhes veda o curvar-se?

Ou ser palmeira, ou vime, ou cedro, ou canna;
Mas ser palmeira, ou cedro, e juntamente
Da canna, e mais do vime ter os dotes,
Ninguem ouse esperal-o.

Seria baralhar a natureza,
As cousas confundir entre si todas;
Ha-de estalar, quem fôr palmeira, e cedro,
Vergar a canna, o vime.

Mas antes ser palmeira, do que vime,
Bem que d'Eolo ás furias mais exposto;
Em vez de sempre estar beijando a terra
Põe seus olhos n'Olympo!

Que faz opaca nuvem, que mais póde
Cobrindo alguma vez do sol os raios?
Que lugubre triumpho! Negras sombras
São toda a sua gala!

Nem perde n'isto o sol, nem ganha a nuvem;
Luminoso elle fica tal, qual era,
E nem lhe tira a luz, nem a faz sua
A nuvem, que o esconde.

Cahe a perda sómente sobre aquelles,
A quem alumiava astro brilhante,
Qu'ou deixa de mostrar-se por um pouco,
Ou vai brilhar com outros.

Um perde os fructos, que elle sazonava,
A muitos falta a luz, que os conduzia;
Os mais tremem de medo, receiando
A nuvem pavorosa!

Mas ella fica sendo sempre nuvem,
Se não mais, como d'antes tenebrosa,
E vê, baldados seus desvelos todos,
Luzir o sol de novo.

....

Chamava-se o homem que escreveu esses versos, contemporaneo de Filinto e Nolasco da Cunha, *João Paulo Bezerra.* Parece incrivel!

Fecho pela segunda vez esta biographia. Demora ainda o nosso romancista nas cadêas do Porto. Esteve ha dias moribundo, e quasi cego. Nos intervallos de luz escreve, provando nos escriptos que é inapagavel o clarão do seu feracissimo espirito.

Remata assim uma carta sua, recebida hoje:

« Não sei se já te recommendei a leitura do Shaks-
« peare. Não conheço cousa mais profunda e digna d'es-
« tudo. Cada vez que o folheio pasmo d'aquelle aborto
« do seculo XVII. Elle e Cervantes fazem o seculo.

....

« De nós digo-te que ella tem saude. E' a felicidade
« unica que te posso contar da minha vida. A *Revolução*
« *de Setembro* vinda hoje chama-me *realesa do talento.*
« Se sei isto antes, mandava pedir á redacção que me
« désse em vez da *corôa* um cento d'outras *corôas,* que
« me são aqui mais necessarias que o reinado. Faz-me
« lembrar isto a cana verde do Christo. Adeus. Saude
« e paciencia. Teu — *Camillo.* — Dezembro de 1860. »

Em Fevereiro de 1861 a biographia está ainda na pasta, e sahe de lá para receber tambem uma carta publicada n'um jornal de Lisboa, a dezeseis do mesmo mez. Diz assim uma local da *Revolução de Setembro:*

« O snr. Camillo Castello-Branco. — Correu aqui

« o boato, e chegou ao Porto, de que S. M. El-Rei o
« Snr. D. Pedro mandára entregar dous contos de reis
« ao snr. Camillo. Como e porque se inventou e espa-
« lhou isto não o sabemos nós; o boato, porém, ma-
« goou o illustre romancista, e eis-aqui a carta que a
« este respeito publica o snr. Camillo no *Commercio do*
« *Porto:*

« Snr. redactor. — Muita gente me tem perguntado
« por dous contos de reis, que mandou dar-me o Snr.
« D. Pedro V. Pessoas circumspectas acolheram e divul-
« garam o boato, commentando-o de diversos modos,
« mas nenhum lisonjeiro para mim.

« Eu creio que o Snr. D. Pedro V. é infinitamente
« delicado, e só dá esmolas a quem lh'as pede. Quando
« S. M. me fez a honra de perguntar, na cadêa, em
« que me eu occupava, respondi a S. M.: « que traba-
« lhava. » Ou o Snr. D. Pedro V. entendesse que eu
« me occupava em chapéos de palha, ou em romances,
« ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava de-
« finida para o intelligente Monarcha: o homem que tra-
« balha não pede nem aceita esmolas; e, se a pedisse
« ao Rei, julgar-se-ia tão humilhado como se a pedisse
« ao infimo dos homens.

« A cousa é outra. Ha muita gente que se diverte
« commigo. É bem feito, porque eu tambem me divirto
« com muita gente. Rogo a v. a publicidade d'estas li-
« nhas. — De v., etc. — *Camillo Castello-Branco.* —
« Porto, cadêas da Relação, 11 de Fevereiro de 1861. »

O leitor não se espante d'isso que leu. Se lhe disserem mesmo que a menor das injurias foi essa, acredite. Não as archivou todas a biographia pelo mesmo motivo porque o romancista as não repelle. Degrada-se um cavalheiro, rebatendo-as. Veio essa, por ter resfolgado para a imprensa.

E' preciso vencer o nojo e dizer tudo. O aleive sa-

hiu de meia duzia de publicanos, conhecidos no Porto como figuras salientes n'aquella raça que o Christo enxotou do templo, porque lh'o tornavam de *casa de oração em covil de ladrões*. Depois ganhou corpo nas conversações familiares, e lá estimulava-o a alma derrancada do Judas que elles tinham assalariado para a diffamação depois de paga a entrega das victimas. Já se vê que este nem se arrependeu, nem devolveu os trinta dinheiros; e se um dia purgar a terra da sua immundicie no galho de uma arvore será quando não haja Poncios que paguem, sequer em cobre, as negociações do avaro. — *Que é o inferno?* perguntavas tu, padre Bernardes; e a ti mesmo te respondias: *Gemido sem pausa.*

Eu li o numero da *Revolução* no Porto, n'um quarto do *Hotel do Peixe,* onde o tinha o meu amigo E. de M. Disse-me elle:

« Que te parece d'essa carta?

— Que se fez a protervia para estes biltres como a lande para os cerdos.

« Riem-se de ti. Sabes tu uma cousa? Alegrou-os muito mais a certeza de que não viera o dinheiro.

— Não sabia. Mas ahi está o que é definil-os cathegoricamente. Desde Confucio para cá ainda não ouvi mais sentencioso dito.

« Agora porém permitte-me uma franqueza, e perdoa-m'a. Eu tambem acreditei...

— Ora essa!

« Sim, acreditei; na hypothese de que o Monarcha se precavera com pretexto digno de si. Pois tu, se fosses monarcha, punhas duvida em fazel-o?

— Eu, se fosse monarcha n'um paiz d'estes, ou ia pescar á cana na bacia do lavatorio, ou me deitava de cabeça para o fundo na primeira pôça onde não houvessem alcatruzes...

« Cuidei que não estavas zombando...

— Não te agastes. Que diabo querias tu que eu respondesse a uma pergunta d'aquelle tamanho?

« Mas eu fallava serio...

— Pois bem, ahi vai serio. Queres tu saber o que eu faria se fosse monarcha? Teria pedido ao romancista que me deixasse uma vez substituir o seu editor, comprar-lhe-ia um dos seus manuscriptos, não por dous, mas por vinte, quarenta, ou oitenta contos de reis, e facilitar-lhe-ia n'essa diminuta quantia as regalias que os getas do meu reinado lhe não davam, lucrando ainda na troca, se lhe lessem as obras.

« Ahi está uma bonita acção de rei...

— Não sei se o dizes por ironia, mas agora deixa-me concluir. Pegaria no manuscripto, mandaria imprimir só um exemplar, e collocado n'um lugar d'honra das livrarias do paço, herdal-o-ia aos que me succedessem para que elles se lembrassem de proteger as letras quando frivolos ministros sotopozessem á assignatura regia mercês engendradas para quanto bohemio se lembra de exular das espeluncas lá de fóra para nos vir tocar gaita á porta.

« Tens razão.

— Tenho, e muita. Pois não se está ahi relaxando a bolsa das academias para quanta criança sabe dizer que dous e dous não fazem cinco? que muito que os reis, n'um paiz onde ninguem sabe lêr, pagassem pelo menos aos escriptores de vulto o oleo da sua luz? — Queres tu porém que eu te diga uma cousa?

« Falla.

— Estou convencido, para contento da minha alma, que se este jornal subir até o escabello da Magestade, e os olhos do Monarcha resvalarem da carta do romancista para esta outra joia litteraria, (1) e, se o Monarcha pon-

(1) Allude-se á *Bem-aventurança*, de que já se fallou n'outro lugar, e que se concluiu no mesmo dia em que apparecera a carta *dos dous contos*...

derar no seu esclarecido animo o preço da alma d'este homem que, dos brilhantes que são seus, tão prodigo é em distribuil-os ás rebatinhas, convenço-me, digo, que teremos breve na cadêa um dia de festa.

O meu amigo disse-me que tambem estava convencido, e separamo-nos. Soubemos ambos depois que Sua Magestade não lia folhetins.

Volve de novo á pasta o modesto escripto. Apressai-vos, furões da maledicencia. Dai-lhe novo assumpto. Os vilipendios do vosso espirito obdurado fruteiam louros e palmas na corôa dos martyres que fazeis, sem adivinhardes que elles virão com as cicatrizes da vil pedrada requerer o galardão do homem justo. Esses triumphos que se alimentam e criam nos asquerosos convicios da vossa alma derrancada semelham as flôres que immergem á flôr do charco com as raizes no lôdo.

Se o infortunio não póde colher d'outras, dá-lhe estas, e eu reconheço-te, Providencia Divina!

. . . .

« 12 de Maio de 1861.

Decidiu-se hoje em Lisboa contra Camillo Castello-Branco o recurso por elle interposto da injusta pronuncia da Relação do Porto. — E' um novo mimo da sua desgraçada sina. »

. . . .

Descerão breve ao tribunal, para serem julgados, os dous infelizes. . .

O jury, creio-o em Deus, será menos cruel e menos barbaro do que o foi aquelle a que presidiu o governador da Judêa. . .

Esperemos. . .

Por ora incline-se sobre o travesseiro o ardor da fé religiosa, crendo em que n'esse dia solemne virá a Pro-

videncia dos atribulados encarnar no verbo sublime de Marcellino de Mattos, para alumiar ao inspirado e eloquente causidico a mais bella hora do seu divino apostolado. . . PACIENCIA E ESPERANÇA.

Poeta, e amigo. D'este canto desconhecido vou dar á tua patria o livro da tua vida. Nem é tropheu que te honre, nem *memoria* que te eternise, nem estylita que te engrandeça. Isso me pesa. Posso porém levar um conselho ao fundo do teu carcere; se m'o aproveitares, eu terei um quinhão na tua gloria.

Dizem-me que estás quasi cego. Vai pois realisar-se um sonho que eu tive. Sim, eu sonhára que devia um dia ferir-se nos espinhos da corôa de Castilho e Bernardes o que ousára tecer na sua as flôres da gloria d'elles. Não te entristeças; são dias de gala os que nos trazem presentes com que se honraram heroes. Será assim o teu dia. — Mas se precisares de apegar-te ao bordão de Homero, e descer para a rua encostado como Ossian ao hombro da tua Malvina, para pedires aos filhos da tua patria uma esmola, como Milton; antes que t'a neguem, dize-lhes que por unica mercê lhes pedes o auxilio da caridade na tua ultima hora. Seguir-te-hão pelo menos os hypocritas. *Malvina* que os conduza comtigo ao fundo da tua prisão; e lá, postos os teus livros todos na travesseira do teu leito de ferro, e tu no meio d'elles, exora a Deus que te chame, e morre como o Sol, agonisando entre os raios da tua formosura.

Quinta do Ermo. 1861.

1 de Abril. 1862.

Não me enganára. Não podia enganar-me. Não póde illudir-se ninguem que, no mais acerbo pungir de suas atribulações, se refugie com o pensamento no céo, e diga á alma: *resigna-te!* e ao coração: *espera!* — porque resignação é o ante-premio das virtudes celestiaes; e esperar é ter fé, e ter fé é crêr, e crêr é salvar-se a gente em Deus! — *Paciencia e esperança!* era o grito da martyr, mas a martyr, antes de gritar, vira ao clarão de uma estrella o dedo do Senhor!

Cumpre fechar de novo este livro, e archivar aqui um acontecimento que lhe pertence. No dia 16 de Outubro de 1861, na cidade do Porto, no tribunal da Picaria, foram julgados Camillo Castello-Branco, e a ill.ma exc.ma snr.a D. Anna Augusta Placido, accusados por crime de adulterio. O jury deu-lhes absolvição unanime: absolvição reclamada pelo decoro social; absolvição reclamada pela justiça; absolvição reclamada pelos direitos da humanidade; absolvição reclamada por Deus, e pelos homens!

Quando Marcellino de Mattos se levantou para, em defeza de tão santa causa, se guindar com a sua eloquencia ás mais atrevidas cumiadas da inspiração, o tribunal, pelo seu venerando aspecto, pela profunda gravidade dos julgadores, pelo eloquentissimo silencio do auditorio, parecêra, visto pelas lentes da historia, o augusto senado da velha Roma.

Não proferira ainda uma palavra o illustre causidico, mas já se lhe os labios crispavam, e era facil adivinhar n'aquelle tremor convulso, como na superficie encrespada do oceano, imminente tempestade, e temerosa! — Imminente, era; se foi tambem temerosa, que o digam os miseros e desgraçados authores d'aquelle grande escandalo, que espantou o mundo, e que elle depois de os amolgar na sua eloquencia de ferro, rompeu em es-

tilhas, achatou depois com o pavimento, esmigalhou com o pé, e reduziu por fim a lôdo; a lôdo, não a pó, que era perigo, e grande, pegarem-se-lhe elles á sua toga de tribuno honrado!

Agora estava completo o fôro romano! Nem lhe faltava a palavra sublime de Hortensio!

. . . .

Acclamou o jornalismo a victoria.

O brado que eu trouxe á imprensa foi o seguinte, que o *Nacional*, como periodico mais dilecto de Camillo, levantou nas suas primeiras columnas.

« O JULGAMENTO DE CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Abram-se de par em par os áditos da imprensa!

Abram-se, que vem ahi numeroso cortejo de elevadas cathegorias restituir-lhe o que foi sempre d'ella, que o hoje é ainda, que o será sempre — sempre em quanto o espirito se lhe banhar n'um raio d'essa luz que promana do céo, em quanto no pulso lhe viver a força que tinha no bico *a pomba que trouxe o ramo*, para alentar-lhe a penna geradora de lagrimas, — que foi sempre, seu d'ella, filho e pai, irmão e esposo, vassallo e amigo; pasmoso aborto de talento e audacia, que para a engrandecer e elevar ao fastigio da suprema gloria, se não contentou de encarnar em si uma trindade, mas quiz duas!

Abram-se de par em par, e que venham todos, que todos entrem, a chancellar com estas lagrimas, ainda frescas como orvalho de ante-manhã, o millionesimo triumpho contra a millionesima tentativa inutil dos pulguentos e verminosos polilhas do genio, que vão em rastejar de serpes, e como de um a outro dos dous limites oppostos do infinito, enroscar as suas raizes na crista d'aquelle monte onde ha dezoito seculos uma ascendencia mais audaz, não mais barbara, dogmatisou o

humilhamento da virtude, e a presaga fatalidade dos illuminados!

Abram-se de par em par, e abram-se sobre tudo aqui, n'este ponto escolhido do horisonte, d'onde com mais brilho, e com mais dilectos favores da Divindade, tem irradiado em perennes e opulentas catadupas, a luz d'esta constellação que é preciso festejar agora com hymnos de alvorada e de crepusculo; hymnos de alvorada para o festejo da victoria; hymnos de crepusculo para emblema eterno e supremo timbre da agonia!

Mas lavre-se a acta antes de solemnisar a era, e recuemos nós oito seculos no livro d'ouro da nossa historia, para nos ser mais facil diante do painel de um identico milagre o rapido esboço d'este que para emergir ao lume da razão potente, vigoroso, vivaz, e energico, precisa contrastar as convulsões do espirito malquieto ainda como novello de vagas por onde arrastou a cauda temulenta tempestade; o quietismo indeciso do coração atordoado em nevoeiro cerrado de lagrimas e temores; a alma lanhada e sangrando ainda o pús tábido das vergonhas e dos opprobrios; a mesma razão desconfiada de si e embaçada nos remoinhos d'essa vertigem, escorregadia e resvaladiça n'essas lagrimas, quebrada e estalando-se aos bocadinhos no pôtro d'essas affrontas. Oh! longe, longe a sombra d'estes homens para quem a Providencia se esqueceu de inventar um sexo! depressa, depressa, a retemperar nos heroismos da historia a crença vacillante n'este impio esforço com que tentaram baqueal-a no seu tremedal os que renegam a fama augusta das suas tradições cuspindo-lhes o pergaminho dos sellos!

Houve um dia em que um homem portuguez, chamado Egas Moniz, de baraço ao pescoço, e alva rôxa de penitente, foi pedir a sua mulher, e aos seus filhinhos, e aos seus criados, que todos — *de alva rôxa sobre os hombros e baraço no pescoço* — peregrinando

por caminhos de Castella, se fossem, com os pésinhos suando as ultimas gottas do sangue que lhes ficára todo nas urzes dos despenhadeiros, a pedir morte de condemnados ao rei estranho que queria afogar n'elles a sêde d'um odio; a alma do rei prostrou-se rendida aos pés d'aquella familia que mais parecia uma pequena tribu coeva do Christo, e olhou para o baraço e para as rôxas alvas com o amargor de Moysés para as portas de Chanaan!

Houve um dia em que um homem portuguez, chamado Camillo Castello-Branco, vingou até á cella humida e negra de um carcere para exhortar uma senhora, e ao seu filhinho, que era de força imitar aquelle augusto sacrificio, o qual, se não podia ser completo por lhes faltarem os criados, signal poderia ser esse de maior pobreza, não de menos honra. — E, de baraço ao pescoço e alva rôxa, eil-os aqui, no dia solemne do seu julgamento!

Entremos. Copie-se a correr este quadro, que os olhos cegam na lenta contemplação d'elle!

Á esquerda os julgadores;

Aqui mais proximo de nós o juiz;

Adiante os dous causidicos;

No centro elles, o imitador de Egas Moniz, a mãi e o filhinho:

O lugar dos criados devoluto...

Em vez d'estes as eminencias do fôro, e os luminares da imprensa.

Alli ao pé, o medico dos desvalidos, Ferreira, com uma terrivel prophecia de morte, a protestar que aquella familia é mais infeliz, e conseguintemente mais veneranda, que a tribu dos paços de D. Affonso;

Ao pé d'elle o testemunho irrecusavel do tribuno Custodio José Vieira, a mais bella alma do fôro portuguez, a homologar com depoimento de lagrimas o que

a eloquencia habitual do seu genio facundo lhe abafa e suffoca hoje á flôr dos labios!

Silencio!

Desfila a cadeia dos phariseus.

A pedra que ninguem achou para lapidar a samaritana apparece alli por differentes vezes, e em differentes mãos; o Judas que os acaudilha influe-lhes a coragem tibia do lado d'um dos causidicos; — os julgadores silenciosos; o juiz calado; mudos os advogados; os penitentes... de baraço ao pescoço e alva rôxa, com os olhos na lage; o medico palpando em si os suores lentos da febre adusta que o requeima; o tribuno de hontem perguntando á tempestade do céo, que se despedaça em fragor temeroso sobre a abobada, para quem é aquella presciencia de castigo?

E as pedradas dobam-se no ar em confuso remoinho; a funda dos phariseus é inconsutil; o olho de Satanaz do caudilho é implacavel como o espirito da perdição!

Silencio! Os phariseus sahiram. Satanaz sumira o focinho nas cavernas da sua figura informe!

Silencio! Escutem.

O *Accusador* — não o é. Está alli um cavalheiro que chora, não accusa.

O *Defensor*, é o Anjo da Annunciação.

Os *Julgadores*, a pomba da arca.

O *Juiz*, a encarnação da piedade divina.

Uma sentença manda cortar o baraço, rasgar em quatro as duas tunicas, e redimir a atrocidade de uma expiação longa n'um triumpho que ha-de repetir-se d'aqui a *oito seculos*.

« *Estão innocentes* » bradaram todos. Eu quiz procurar na poeira os phariseus e Satanaz, mas a onda israelitica havia já cuspido no portal a espuma que a deshonrava!

Hei-de eu ir levantal-a da areia, e erguer-lhe n'um

livro a estatua eterna do seu opprobrio. Juro-o. Se já aqui não veem os nomes dos negregados insultadores é porque eu tenho de enxugar primeiro estas lagrimas, e receio que me não queimem elles os typos! — porque elles queimam tudo, tudo! eu vi-os hontem chagar ás picaduras uma creatura que tinha por si o ser mulher, e não só mulher, senhora; e não só senhora, esposa; e não só esposa, mãi; e não só mãi, martyr; e não só martyr, christã!

Silencio, silencio, que hoje é dia de festa n'estes arraiaes! levantemos agora o triumpho, e solemnisemol-o.

Agora as homenagens, e cumpril-as já, já, que não vão os phariseus espionar o caminho da nossa romagem para lhe semear rastilho de polvora, que mais uma vez engrandeça o martyrio da virtude honesta, mas galardoando as tredas manhas do vicio pertinaz.

NOTAS.

Nota A.

Lembram-se d'aquellas notas febris, magoadas................. pag. 81

Esta nota é estopadora; é melhor não lerem.

Ha dias publicava eu no capitulo de um romance este bonito palavriado:

....

— Scismar ao som da musica! Sabe a leitora gentil o que isso quer dizer? Scismam ao som da musica aquelles que, como o author d'este livro, se viram desherdados pela natureza da percepção acustica para os segredos e para as maravilhas da arte divina.

Scismar ao som da musica é gostar com os labios d'alma (se a alma tem nariz como o demonstrou Garrett com o *defluxo intellectual*, porque não ha-de ella ter labios, feição inquestionavelmente muito mais bonita e muito mais decente?) é gostar com os labios d'alma, repito, o nectar suavissimo de dulcissimas harmonias que nos chegam ao coração, sem tocarem no ouvido.

E que não pensem os escolhidos da arte que nós os scismadores fomos os menos caridosamente dotados. Não os invejo, pelo menos eu. A nós cá nos fica o telescopio da razão para nos resarcir com premio da Providencia escassa, avultando-nos ao longe as criações, phantasticas mas bellas, da nossa natureza sensitiva.

A nós não nos destôa nunca uma nota mal cadenciada, porque os extasis da audição intima nos trazem a alma por um oceano de harmonias onde ella nem a si mesma se encontra. Entenda-se bem. Não me julguem cumplice de *Théophile Gautier* no desejo de divorciar a musica da poesia para fazer da primeira o holocausto da segunda.

O engenhoso escriptor invoca os nomes de *Victor Hugo*, de *Lamartine*, de *Alexandre Dumas*, de *Mlle Mars* e de *Luiz XV*, para nos convencer, com appellos concernentes a cada uma d'essas existencias, de que o verdadeiro talento

aborrece, é o seu estylo, a linguagem da musica. Não o creio. O author de *Angelo* e de *Raphael* não podiam compensar em despresos a sibylla que tantas vezes lhes segredára ás suas inspirações o colorido harmonico dos seus mais bellos monumentos.

Lamartine desmente *Gautier* n'esta bella estrophe:

Pourquoi m'entraines-tu dans ce torrent sonore,
Comme une feuille sèche enlevée à ses bords?
Pourquoi le cœur pesant s'allège-t'il encore
Au tourbillon joyeux des rapides accords?

e *Victor Hugo* n'estes sentidos versos que eu com magoa separo d'outros mais bellos, todos em reforço da mesma idéa:

Qui de vous n'a cherché le calme dans un chant?
Qui n'a, comme une sœur qui guérit en touchant,
Laissé la mélodie entrer dans sa pensée!
Et, sans heurter des morts la mémoire bercée,
N'a retrouvé le rire et les pleurs á la fois
Parmi les instruments, les flûtes et les voix!

Luiz XV tambem não tinha n'esse menospreço, que se lhe assaca, aquellas arias que a duqueza de Chateauroux lhe cantava no castello de Choisy antes de lêr-lhe a vida da celebre Sorel, que a dama da espirituosa côrte imitou um pouco mais do que era preciso para o governo da casa; nem as posteriores canções que mais tarde no couce das orgias d'esse grande lupanar de *Versailles* lhe entornavam no ouvido indolente os labios, lubricos como os braços desnudados, de Pompadour e de M.me Dubarry, os dous ultimos nomes d'essa longa historia de meretrizes. (Archive-se uma excepção gloriosa. O nome da rainha Leczinska é tanto mais admiravel na altura da sua immaculada pureza, quanto era difficil então o escapar ao naufragio n'esse revolto oceano de embriagados delirios. A historia conserva ainda outra

pagina limpa para uma das damas da côrte. Está n'ella o nome da marqueza *de Flavacourt*). A musica e a poesia são irmãs gemeas, nascem ambas no coração, lá se alimentam juntas, e desterrar uma do berço commum é matar a outra. E já que fallamos na celebre *Pompadour* rebusquemos na amavel côrte dos seus poetas uma opinião irmã da nossa. Cá está o abbade *de Bernis*, sempre condescendente a emittir sentenças sobre pontos de esthetica transcendente; (que santinhos não eram aquelles cardeaes e abbades! — e eram, sim, peccavam tanto como os d'hoje e com menos hypocrisia) diz o gracioso amante da costureirinha da rua da Comedia — que a poesia tira da pintura as imagens e a harmonia da musica.

Ficam pois salvas as minhas intenções. Mas tenho para mim, e com isto filio-me nas convicções de *A. Karr*, que o triumpho mais completo da arte só a alma póde dál-o, e não o ouvido. O pai do imaginoso escriptor, pianista celebre, dizia de si proprio:

« A mim só me contentam o meu orgulho de artista os « enthusiasmos que vem do coração, as lagrimas que fluem « na face, e esse escutar contemplativo que denuncia insu- « lação completa do lugar onde se está. Se toco diante de « muitos espectadores, penhora-me o que vem no fim de « todos comprimentar-me: captiva-me o que chora sem dizer « uma palavra. » —

E ufanava-me eu de ter escripto uma grande cousa!

Os fados atiram commigo a Lisboa, entro na platéa de S. Carlos, apparecem-me de um lado Madame Tedesco, a *signora* Lotti do outro. Puz-me logo em attitude de scismador; em *attitude*, porque a gente na platéa deve estar sempre em perenne gallicismo.

Mas scismava tudo com a *signora* Lotti; com Mme Tedesco... nada.

Doíam as notas da primeira, choravam magoas nos espiritos magnetisados por ella.

Commetti a imprudencia de dizer isto alto a alguns dos

meus amigos, e ahi foi logo o chancearem-me de tôlo, ahi o inquinarem-me de parvo, ignorante, barbaro, e não sei que trovoada de adjectivos desangrados logo do feracissimo vocabulario d'um *dilettanti* bilioso...

E eu a conhecer que elles tinham razão! e elles sem conhecerem que eu a tinha tambem!

Cancei-me por fim de ouvir qualificar *M.*[me] *Tedesco* « modêlo de mestras na execução; e o seu canto extrema divinisação da arte. »

Era-me força defender o meu idolo, e abroquelando-me com elle por detraz de um novo *paradoxo* (lisongeria com que elles baptisavam todas as minhas tolices sobre musica) bradei-lhes: que essa arte, preconisada por elles, se aniquilava aos pés de um vulto como o d'aquella mulher; e que não era sua a culpa, se o genio acanhado dos *Verdis* não se remontára ainda aos milagres da sua voz potentissima...

Os meus amigos destoaram em gargalhadas tão incivis que foram assustar nas frisas a tibia compleição das meninas, e eu continuei a *scismar* aos gritos divinos d'aquella garganta peregrina...

Nota B.

E no auge do exaspero delibera fallar........................ pag. 91

Outros que tambem fallaram: a serpente do paraiso, a jumenta de Balaão, o burro de Apuleio, o carneiro de Frixo, o cavallo de Aquilles, o elephante de Pyrro, e os bois da Sicilia. Avoengos illustres de uma camada que por ahi anda fallando peor do que elles, e negando os timbres da procedencia.

Porque não fallaria tambem a ave Phenix? Do que referem naturalistas e historiadores profanos sabe-se apenas da exquisitice do Passaro, que, em lhe acenando a morte, descia a apparelhar uma fogueira de ramos de arvores odo-

riferas, e, accendendo o lume com o bater das azas, posto sobre elle, se deixava assim consumir. Que pórem nos seus quatro apparecimentos, (quatro, ou quantos foram... Plinio e Tacito que discutam) nos trances d'aquella heroicidade que desbancava a philaucia dos Scevolas, se lhe ouvisse uma palavra, isso nenhum o affirma.

Porque não fallaria a bicha? que rastreia por ahi a arguta perspicacia do leitor? — Disse-me uma vez um homem que ahi corre nas vinhetas dos almanaks, corpo desageitado e repellente, fabricado de industria para a união hypostatica de uma alma que já errava por cá a balar nas cumiadas dos outeiros, em abono da theoria de Origenes sobre a *preexistencia das almas*:

« Não fallou a ave Phenix, porque o Minotauro lhe roubou o pennacho. »

O homem dizia uma tolice, e dizia muitas por causa... do *pennacho*. Nos bons tempos da cavallaria antiga, as princezas sanguinarias provavam o affecto dos cavalleiros exigindo-lhes a cabeça de um gigante. Se o entremettido do Cervantes não amolgasse tão depressa n'um sarcasmo feroz as velhas costumeiras das taes princezas, que boa cabeça ahi não tinha o leitor audaz para conquistar a Dulcinea da sua freguezia! Que cabeça! E' vêr o aspecto soberbo e altaneiro d'aquelles galhardos animaes que lá nos seus ubertosos pastios cevam Flandres e a Normandia; que, até nas abegoarias de lá nem eu sei se caberia esta!

E não são só os almanaks! nem só o pennacho! ainda outra cousa, outra cousa... que não cabe aqui! Outra cousa que forçou o Christo a exclamar do alto da cruz:

Salva me ex ore leonis: et á cornibus unicornium humilitatem meam.

Nota C.

É Mirabeaud no cemiterio de Clamart........................ pag. 108

Allude ao decreto de 1793, em França, que depois de

mandar cobrir a estatua do grande orador da constituinte, como se se tratasse de condemnar a memoria de um parricida, commetteu logo a dous aguazis de policia o villissimo encargo de irem uma noite ao Panthcon, e reconduzirem de lá, embrulhado n'um sacco, o corpo da maior alma que houve no seu seculo, para depois atirarem com tudo á valla dos condemnados, misturando, em sacrilegio de bestas-feras, a urna vazia do mais elevado espirito com a ossada pobre do mais infimo dos scelerados.

A Providencia ás vezes, para vingar os brutos da superioridade intellectual do homem, aterra-os com a pavorosa queda de uma nação de heroes.

Nota D.

A gloria é Duarte Pacheco . . . . pag. 109

Diz assim o bispo de Sylves:

« . . . . *Nec hoc tanto honore contentus Emmanuel, literas ad omnes fermé Christianos Principes dedit, quibus res á Pacieco gestas debitis laudibus illustrabat: ut nomen illius per omnem Christianam Rempublicam cum maxima nominis gloria vagaretur. Sed ut intelligi possit, quam fallaces sint spes humanæ, non erit abs re cognoscere, quod tandem fuerit præmium meritis hominis fortissimi persolutum. Cum Rex intelligeret, Paciecum esse nimis tenuem (quidquid enim habuerat, erat in armis absumptum) neque quidquam ex India præpter egregiam laudem ex bello tam periculoso fortiter et feliciter administrato reportaret, illum præfecit urbi Aethiopiæ, quam S. Georgii nomine nuncupari diximus, unde aurum in Lusitaniam importari solet, ut in ea proœfrectura commodé posset rei familiari prospicere. Sed cum is invidia maxima flagraret, fuit ab inimicis et invidis insimulatus, quod Regem maximo auri pondere fraudasset, multaque scelera et flagitia suscepisset. Rex igitur illum vinctum catenis in Lusitaniam perduci jussit, ubi longo*

tempore carcere inclusus miserrime vixit, usque eo dum re diligentius excussa compertum fuit, crimina illi ab inimicis illata, partim falsa, partim levia fuisse. Tunc igitur vinculis expeditus, et in dignitatem restitutus fuit, sed non illo præmio affectus, quod tam eximiæ virtuti debebatur, adeò, ut vitam in egestate traduceret. »

Nota E.

A gloria é Affonso de Albuquerque. . . . . pag. 109

Temos aberto diante de nós o tomo terceiro da *Vida e feitos d'El-Rei Dom Manoel*, por Jeronymo Osorio. A paginas 253:

« . . . . *Sed in hoc tam felici rerum omnium, ut homines judicare poterant, statu, Albuquercius aut senectute, aut nimio labore confectus, in lentum morbum incidit, qui in dies ingravescebat.* »

A paginas 254:

« *Mira deinde eum cepit cupiditas in India moriendi. Urbem præterea Goam, cujus ipse conditor erat, aspicere, antequam é vita discedere, vehementer optabat.* »

Convido porém a mais particular attenção dos eruditos para este sublime periodo do bispo de Sylves:

« *Oram verò Indiæ prætervectus, navis quædam parva ad navem illius accessit. Illa vehebatur nuncius cum litteris, quas Cide Alles, et quidam Ismaelis Legatus, Dio ad illum scripserant, quibus nunciabant, Lupum Suarium Alvarengam ab Emmanuele missum fuisse, qui illi succederet, et illum (quod eis facinus indignum videbatur) in Lusitaniam revocaret. Quod si is parere nollet, Regum suorum opes offerebant, quibus facillimé tantam á se injuriam propulsaret. Is animum gratum habuit, officium aspernatus est. Et tamen nom mediocri animi perturbatione commotus (intelligebat enim, eam successionem invidorum opera constitutam fuisse) se continere non potuit, quin sublatis in cælum ma-*

nibus exclamaret. Proh Christe sancte, inquit, quo me pacto possum iis molestiis, quæ me circumvallant, expedire? Si Regi satisfactio, in hominum odium incurro: si hominibus consulo, in Regis offensionem incido! Ad aras, ærumnose senex, ad aras, inquam, confugiendum. »

Nota F.

É Cicero assassinado pelo parricida, que elle redimira do cadafalso. pag. 111

Seneca *desculpava* até os parricidas; de theor e geito que Bhurro louvava-o, chorando ao mesmo tempo de ouvil-o. É Tacito quem o affirma. (*Annaés*, livro XIV, pag. 16.) Hoje a philosophia é mais severa, e escrupulisa, como S. Jeronymo, em não sujar os pergaminhos da sua eloquencia devota no pús tabido de theorias esphaceladas. E é bom isto. A gente ouve por ahi uma tal caterva de *Bhurros* a louvarem, e a chorarem de enternecimento ao estropear de qualquer heresia, que se lhes mostrassem, bastava que fosse um *Seneca* de papelão, o espirito de alcorce d'estas creaturas bemfazejas desatava n'um berreiro que nos punha a todos surdos. Para bem de todos chorem, mas não berrem. *Sunt lacrymæ rerum.*

Nota G.

A gloria... que irrisão! . . . . pag. 112

De portuguezes vieram ahi, para cabal prova da apostrophe, os nomes de Herculano, de Garrett, de Camões, de Malhão, de Duarte Pacheco, de Affonso de Albuquerque...

Podiam vir muitos mais, mas o coração dóe-se de historial-os, sobre tudo quando não enxerga no sol do futuro uma luz de novo e mais auspicioso arrebol.

Vai mal aos martyres devotos da sua justa indignação pelo menospreço das reputações litterarias da sua patria.

Eu mesmo já aqui apaguei dous periodos menos respeitosos a uma purpura onde a minha penna quiz instinctivamente vasculhar os germens d'onde desencubaram os maiores odios e insultos feitos, e tão de longe, aos primeiros luminares das letras d'este paiz. Nós somos uns grandes miseraveis, não ha duvida nenhuma. Na Baratária não se offenderiam as eminencias da imprensa e da espada como nós aqui o fazemos.

....

Eis-aqui o que dizem os jornaes portuguezes de hoje, 5 de Julho de 1861:

« *A farda do snr. duque da Terceira foi vendida no lei-*
« *lão do seu espolio por 40$000 reis!* As suas *condecorações*
« *militares* foram tambem tiradas da bôca do pregoeiro por
« 90$000 *reis!* Seguia-se a ESPADA, e já o pregoeiro cami-
« nhava para ella quando foi retirada do leilão. Os paren-
« tes do snr. duque nada arremataram! » — Que sangue é esse que vos corre nas veias, peões por condição? Porque não lavastes ao menos com o dinheiro de *Pedro Gil* a ignominia com que viestes sujar os pergaminhos dos reis, vossos avoengos, na choupana do sardinheiro? *Miseraveis!*

Nota H.

O desgraçado animal morreu da operação do ultimo alifafe. . . . pag. 133

Não se perdeu de todo a especie. O snr. Basilio Alberto, padre mestre da Universidade, em vespera de domingo, é certo vêl-o, pelos algares de Santo Antonio dos Olivaes, safando-se todo lampeiro, com a sua asninha, que pelos modos quer aparentar-se em basofias prima collateral do *chucha-sangrias:* pelidaram assim nas extremas da agonia o burro assassinado na *Batalha.* A *russinha* tem umas orelhas que nem o diabo. É o que desluz um pouco a prosapia da estirpe. Se as abana em tom de correctivo aos *accordãos* da chibatinha do sabio, parece-lhe á gente que é sombra do phe-

nomeno orelhudo uma trouxa de luvas velhas que estrebuxam esganadas na dextra opilada do snr. mestre.

Aquillo, *os dous*, são o vivo demonio. Já as castanheiras do jardim botanico, se os enxergam, dizem logo: — Nada! quando se ajuntam as duas partes d'aquelle todo é desconfiar que ha tramoia...

O centauro passa, e não dá cavaco.

Era de uma vez aquelle velho Sileno, aio e pedagogo do deus da gargalhada... e corriam os mariolas, e o femeaço da tropa, a vêl-o entrar na cidade das cem portas apenas assomava ao longe a cara deslavada do pai da troça montado no seu *asno*...

Nota I.

Perdoem estas interrupções...... este maldito sestro é tambem o lado vulneravel do nosso romancista..................... pag. 143

Este defeito, que eu teimo em chamar virtude, não o perdeu elle nunca, nem já agora, felizmente, o perderá jámais. Em abono do que ahi vai notado corre-nos hoje um periodo do capitulo XII dos « Annos de prosa, » romance que está sahindo em folhetins na *Revolução de Setembro*. (Esta nota é escripta em Fevereiro de 1861).

De industria se traslada aqui esse periodo, não exclusivamente para comprovar a reflexão apontada, se não, e principalmente, para archivar as protervas abjecções com que nas cadêas da Relação do Porto se está hoje offendendo torpissimamente um talento, que em paiz de cafres mereceria attenções e deferencias, para não lembrar, realçando o escandalo, as amenidades que lhe franquearia o alto espirito de uma nação civilisada.

O periodo é este:

— ......

« Padre João dormiu nos coxins macios da sua limpa consciencia; Jorge, apenas o tio se fechou com o breviario,

e adormeceu ao quarto psalmo penitenciario (um egresso repleto de gallinha cozida a rezar um psalmo penitenciario! parece um paradoxo! Tomára eu saber se David compoz aquellas lastimas antes que as caricias de Bethsabé o enfastiassem)!... Estas intercadencias intermittentes hão-de perdoar-m'as os leitores que souberem o que é escrever um romance n'um carcere, onde já não ha carrasco, mas existe o espirito do carrasco identificado a uma cousa que nós cá os assassinos e os salteadores denominamos as *authoridades*, que medram no cêvo do erario, uns chamando-se procuradores do rei, outros carcereiros, outros chaveiros, outros guardas, a mesma familia representando o rei de theor e modo que fazem odiosa a palavra do symbolo que lhes legitima a crueza, a barbaridade que lhes tem ladrilhado o coração, e muitas vezes a infamia que se abona com a justiça, essa divina irmã dos anjos, que os cafres trazem tão nusinha e pustulosa por sobre os esterquilinios d'elles. »

Nota K.

O genio são todos os atrevimentos e audacias de Milton....... pag. 161

A infallibilidade das regras é o sambenito dos espiritos rasteiros e mediocres. Esses vivem amarrados ao preceito escolastico como se os cangassem ao potro. Sentem-se nas trevas, mas consola-os a idéa de que não podem resvalar para mais fundo. Estão livres de cahir, isso os contenta. Para as grandes quedas é preciso o arrojo dos vôos elevados. Não cahem os paralyticos porque vivem na enxerga. Cahiram todos os grandes athletas do genero humano. Homero cahiu antes de todos. Mas os *côxos*, vendo-o remontar-se em prodigiosa arremettida, interrogam de pasmados se o baque fôra voluntario para firmar com prova nova a magnitude da sua força.

Com franqueza. Um homem que passa a sua vida a escrever *methodos* será muito boa pessoa, mas tem o seu ho-

risonte fechado n'um diploma de camarista. Quem póde voar não faz figuras na areia. Nunca se viu author de rhetoricas que fosse eloquente; isto desde Quintiliano até ao snr. padre Cardoso. Só a aguia, para ensinar os filhos a medir o infinito, os toma na aza, e se precipita com elles...

Ponham-me um homem d'esses a regougar sentenças (o verbo era outro...) para Homero, para Platão, para Sóphocles, e Pindaro!!!

Ora Milton era dos taes que se riam muito d'estes sabios d'escabeche que só vivem *á sombra.*

A prova está na bulha que fez em todos os paizes uma pasmosa alluvião de traductores e imitadores que se affrontaram com elle.

Entre os muitos que o traduziram em França avultam os nomes de Louis Racine, do abbade Delille, e de Chateaubriand. Todos tres de mão cheia! Pois não é nada; logo na *invocação* do Paraiso Perdido, onde Milton começou a provar que não escrevera para as outras linguas, incommodando-o pouco que lhe redarguissem que tambem elle não escrevera para a ingleza, d'onde poderia concluir-se, a contento de todos, que o poeta devêra nascer mais tarde, quando as linguas fossem dignas d'elle, os tres insignes interpretes desunham-se por causa do infeliz vate, que não tem culpa.

Racine diz que Delille não presta. Chateaubriand affirma que Racine aguou logo a poesia no setimo verso, e não soube dar toda a elegancia á elegantissima sisura *Sing, heaven ly Muse...*

Não sei se temos alguma versão portugueza. Se não temos é o mesmo; desponta ahi qualquer dia no *Braz Tisana*, e não deixará nada a desejar...

Uma reminiscencia. Recordo-me de ter encontrado na livraria de meu saudoso pai o segundo volume d'uma *traducção em verso!* Uma traducção de Milton, *em verso*, sem eu nunca ter ouvido fallar do author! isto e o pouco cuidado que o primeiro volume tinha merecido a meu pai, fazia-me

scismar. Queria lêr duas linhas, mas não podia. Folheei-o, e fui dar nas ultimas paginas com os nomes dos assignantes! Meu pai tinha assignado... E' uma virtude dos meus doze annos que não esquecerei nunca o não ter lido aquelle livro, eu, que n'aquella idade li o *Carlos Magno*, e o *Cego da fonte de Santa Catharina*, com applauso da snr.ª D. Francisca, mestra de minha irmã, e da menina Libaninha, amiga da mestra.

Poderá ser cousa muito boa, mas não periguem por isso os meus creditos litterarios, porque eu dou a minha palavra de honra que não li uma phrase. Vendi-o em Coimbra ao meu barbeiro, cousa fina em poesias, para provar á Universidade com documento authentico que estivera tisico oito dias! Fazem-se alli estes milagres com cinco tostões, e um pataco de papel sellado.

A respeito de boas traducções fecho a nota dizendo que depois das muitas, e excellentes, que o snr. Antonio Feliciano de Castilho, o prodigioso mestre da nossa lingua, tem depositado no thesouro tão mingoado d'ellas, sem todavia lograr por meio do seu exemplo atravancar os enxurros com que nos empecem esfarrapados traductores de pêcos novellistas, a mais portugueza, a mais completa, a mais vernacula traducção que possuimos hoje é a do *Genio do Christianismo*, pelo snr. Camillo Castello-Branco, ultimamente publicada. O primeiro volume sobre tudo é uma obra acabada.

....

Outra nota. O *genio* ficou mal definido. Mais pomposa, mais desinquieta, e quasi marcial definição: « o genio é o soberano do mundo! » diz o snr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, reitor da Universidade de Coimbra, n'um imaginoso discurso que recitou com bastante graça na sala dos capellos, em domingo gordo.

O qual discurso despontou como um lobinho na testa siliciosa de seu author para me tentar e perder. Foi o caso que eu escrevi a Camillo Castello-Branco para que elle, então redactor do Nacional, me publicasse no folhetim d'aquel-

la folha uma analyse que golpeava o pôdre da cataplasma. O arrasoado apontava mesmo irreverencias á grammatica, que se doía amargamente de vêr impune a reincidencia d'este desentranhado que já por outra vez a abolára de chuçadas convertendo a penna em fueiro. Trata-se d'um livro que o mesmo senhor arrotára um dia, estomagado por uma cabidella de tolices que lhe faziam poeira no craneo. O *tractado de voltarete* é uma parvoice que eu não posso recommendar ao leitor mal pessoado d'ilhargas; anda hoje a correr penas no cavallinho de barbante d'alguns cegos, assim como andará mais tarde a alma do pai nas margens de uma Estygia... de certa cousa que eu cá sei.

Abalroou-se n'este livro a prosapia do *mestre*. Sovéla fatidica que lhe inutilisou os dedos para trabalho mais honesto! — Tem d'estes precalços todos os grandes genios. Maculou Homero os topazios da sua corôa escrevendo a *Batrachomyomachia*, palavra que somma em si todas estas: « combate dos ratos e das rãs ». Ha-de perdoar-nos o *amor proprio* do *mestre* que levantemos ao lado do seu este insignificantissimo nome. Queremos só de passagem apontar n'uma gloria que aproxima as duas celebridades. Disputaram o berço do creador da poesia epica oito cidades:

« Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamina, Chio, Argos, Athenas, Cumes. »

Demandam ainda hoje a primeira enxerga do homem do voltarete oito capitaes:

« Vallongo, Porcalhota, Penajoia, Algodres, Terras de Bouro, Avintes, Bouças, e Tabúa. Já é! »

Viu a luz o folhetim de que fallei acima, e eu fui logo condemnado á escuridão por ter tocado o pomo prohibido.

Pinto queria por força ser *author*, apesar de ter nome de carpinteiro. Devotára harta sciencia á investigação d'uma retirada airosa na presença d'um valete, guarda avançada d'um codilho inexoravel, e o publico rira de lastima.

Hibernou vinte annos, e ao cabo d'este periodo a chrysalida despedaça o casulo; o publico procurava no ar o adejo

da borboleta, mas a bichinha havia cahido, lagarta ainda, n'um algar de lôdo.

Pinto não lográra escrever nada, e na febre da sua ambição impotente pedira a dous discipulos que lhe authorisassem o nome no frontispicio d'umas *sebentas*, que se editaram em papel mais nitido que as do sympathico Neiva, intelligencia pyramidal, para não ser tudo redondo n'aquella monstruosidade de cachaços.

D'esta vez quem riu, mas de nojo, foi um estrangeiro que ahi veio a essa prostituida Universidade, perguntando se n'este paiz não havia tribunal de censura para um professor que chancellava com o seu nome ignorancias e absurdos que lá em Pariz comminariam reprovação ao discipulo de Mittermaier. Estimulára o dito a vaidade fatua do mestre, que já corria em proloquio. Sabia-se que o homem nas conversas de familia era vesado a guindar-se em comparações arriscadas que lhe desnudavam mais a mediocridade ingenita. Não houve alma christã que lhe dissesse o conto da mulher gentia, que achára graça perante o Senhor por se ter comparado a um cachorrinho.

O snr. Basilio Alberto não se contenta com os respeitos que teem festejado na historia humana os grandes vultos d'ella. Isso é baixo e mediocre lá no pensar da sua fatua vaidade d'elle. *Quer ser adorado.* Nasceu tarde o homem. Nos bons tempos da Gentilidade estava-lhe segura uma tripeça ao pé de Saturno, Jupiter, Plutão, Marte, Mercurio, Apollo, Esculapio, Hercules, e de toda aquella canalha. Como seria para galhofa vêr hoje nas pinturas d'aquelle tempo a figura do snr. Basilio com as melenas cozidas ao collo de Ceres, a corcunda sobre o regaço de Juno, os calcanhares nos joelhos de Venus, offerecendo uma pitada a Proserpina, com olhares libidinosos para Diana, e semsaborias gordas para Minerva! O que se perdeu!

Pinto não colheu mais nada nas reboleiras da sua intelligencia brava, mas ha quem diga que *Pinto* é um sabio, o que me não espanta, porque os cananeos adoraram o « deus

mosca », assim como os egypcios o *boi Apis*, *a ibis*, e o *crocodilo*. Mas porque elle tambem o diz quero lêr-lhe aqui os dous versos do livro de Salomão:

« Não sejas sabio a teus proprios olhos; teme a Deus, e « aparta-te do mal:

« pois isto será saude para o teu *embigo* e a regadura dos « teus ossos. » (A respeito d'este *embigo* diz o padre Antonio Pereira cousas muito substanciaes que o leitor póde vêr no lugar competente. E tambem da regadura, e do tutano, e do succo nutriente dos ossos. Tambem parece que se não sabe se este *embigo* é o canal por onde o homem se alimenta no ventre materno, se é parte inferior da alma, e a concupiscencia da carne. Em qualquer das hypotheses o snr. Basilio Alberto deve velar pelo seu *embigo*.)

Vai dar-se uma prova da sabedoria do snr. Basilio. Na carta do meu amigo Levy, já citada n'uma outra nota, ha dez linhas que dizem assim:

« E ainda isto não seria tanto para lamentar se ao menos « aquelles que nas cadeiras recorrem ao direito romano, es- « tivessem ao par da sciencia. Que diria um lente de qual- « quer universidade estrangeira se, visitando a nossa Coim- « bra, *ouvisse a um professor, como eu ouvi em* 1852, *que* « *ainda se ignorava então qual o objecto do 2.° capitulo da* « *lei Aquillia, quando era já conhecido desde* 1816 *depois da* « *descoberta do Gaius de Verona?!* — Pede a justiça te con- « fesse que esta blasphemia em historia de direito não sa- « hiu da bocca de nenhum dos dous lentes de direito roma- « no, mas da de um seu collega. » Essa bôca, vesuvio perenne de maiores sandices, foi a do snr. Basilio Alberto! Porque ignoraria o *omnisciente*, pergunta um espirito travesso, o que modestas creaturas sabiam 36 annos antes? *Tinha-lhe esquecido*...

Não serei eu ainda assim que negue a *Pinto* a *papeleta* de sabio. Pinto vale o melhor de 12 patacos e valerá vinte e quatro se atira nova porção de lixo ao monturo das publicações fedorentas.

Pinto quer absolver a extrema sobriedade da sua escriptura n'uma appellação que o mesmo publico, ainda não cançado de rir, acolhe em cachinadas de jubilo estrepitoso. O nariz de Pinto (é Pinto quem falla) apaga-lhe a luz; cada uma das ventas, mesmo quietas, descreve uma ecliptica que lhe corta na retina os clarões do meio dia. Condensa-lhe mais as sombras a cana do phenomeno, formada de proeminencias convexas que remedam o espinhaço giboso de um camello.

Ha ahi uma magoa profundissima para quem devassar com circumspecção aquelle membro de *Pinto!* Merece duas linhas este nariz. Escora-me no arduo da descriptiva o desenhe d'outro, que foi para o meu biographado o vaticinio d'um dos seus romances. O nariz de mestre *Pinto* é como o nariz de *Marcos Leite*, o qual nariz tinha na base um promontorio, no centro uma protuberancia, na ponta uma recurva como o bico d'um passaro. Entre parentheses. *Marcos Leite* parece assim um nome de bandido. Não, senhores; é nome de homem pacifico onde a musa dos bacamartes não beijou nada... senão o nariz. Beijo impudico. Se lerem o romance *O que fazem mulheres*, a paginas 210, aprendem como sahiu aquelle livro d'estas memorandas ventas, que já não escapam ao necrologio da posteridade galhofeira. Curvem-se ao aspecto imponente d'estes phenomenos. Eu tambem me curvo. Acatemos nos *Pintos* e *Leites* da actualidade a descendencia zoupeira d'aquellas architraves de carne e osso com que já se não atrevia a philaucia dos Newtons. Fecha aqui o incidente.

Ha porém mais saliencias n'este nariz que me coube em sorte. A base jaz enterrada entre os dous olhos, cujas palpebras sabem a franjar a testa como as cerdas d'um javardo. A ponta é grossa e arrebitada como joelho de preta. Não tem cartilagens medias, e possue a actividade d'um mollusco. Umas vezes derreado sobre a direita como as ventas hostis d'um hotentote, outras vezes sobre a esquerda como o nariz d'um canhoto; sempre vermelho como tomate esmagado por

pé de gallego, e espirrando faiscas como fragua incendiada d'alfageme. Adivinha-se pela intumescencia pallida o temperamento lymphatico, e escrofuloso do possuidor do escandalo; assim como n'outra parte do mostrengo denuncia gota o artelho inchado, como as pernas, pelo decubito dos humores.

Mas eu não quero fallar de tudo. A espinha que lhe nasce do cerebro, encolhido debaixo da piamater como uva passa, e que desce pelo espinhaço distribuindo em todas as direcções symetricas uma profusão larga de nervos até cahir no osso sacro, comparada com o lastro d'um saveiro começado: havia ahi inspiração que farte para muita cousa boa, mas o nariz é o centro d'aquella perfeição chineza.

Jesus Christo repelliu do seu altar homens com narizes d'estes. Diz o *livro do Levitico*, cap. XXI; v. 16, 17 e 18:

« Fallou mais o Senhor a Moysés, dizendo:

« Dize isto a Arão: se um homem de qualquer das fami-
« lias da tua raça tiver alguma deformidade, não offerecerá
« os pães ao seu Deus,
« nem se chegará ao ministerio do seu altar: se fôr cego, se
« coxo, se de nariz ou muito pequeno, ou muito grande ou
« torcido... »

Ora o nariz de mestre *Basilio* nem é muito pequeno nem muito grande... mas é *torcido!*

Nas horas ferinas da sua atrabilis, se Pinto espirra pandeando as fossas clasticas, regorgita lá do fundo um assobio que enregela como o do jacaré. De cada uma das fossas desce um tuberculo que seria de primoroso effeito, se não tivesse passado a moda dos orientaes que enfeitavam de pingentes as respectivas ventas. É condemnavel n'um paiz que manda ao estrangeiro estudar a cura do mormo e o unguento da episootia, a incuria dos governos que não elegeram ainda uma commissão para ir escavar alguns aerolithos nas profundezas d'aquelles brejos. Que ha ahi uma tentativa perigosa? Lembrem-se do celebre naturalista, que por amor da sciencia se despenhou na garganta de uma cratera. Mas investi-

guem pelo menos as rarezas da superficie externa d'aquelle absurdo. Que cordilheira de nós é aquillo que faz de um nariz uma pera de sete cotovelos? Digam-me que nome tem esse capricho providencial, que nem é nariz, nem é narigão, nem penca, nem picanço? como hei-de eu chamar áquellas pavorosas ventas em combustão perpetua de secreções moncosas, assim a modo de bichinha de fogo vaporando faúlas? Que dirias tu, Bocage, se pilhasse *este no carão da estanqueira?* Eu bem sei *que se não criam dous prodigios n'um seculo, e que a Providencia como que parece cançada quando deita cá abaixo com um...* pelo menos foi o que ouvi dizer a todos os lentes da Universidade quando se curava de elogiar author allemão nunca lido por suas sapientissimas pessoas. Mas tu, Bocage, dirias, é presumivel, que sobrava ahi nimia elegancia para um pinheirinho de dous annos, sendo ao mesmo tempo para nariz de homem uma hyperbole desastrosa, e para nariz de reitor um pessimo exemplo. Ah! Bocage!

Antes de pôr ponto a tão sordido objecto, quero soprar-lhe os medos ao leitor erudito na historia dos narizes afamados de celebridade carnivora. É sabido que Cirano de Bergerac se retirou vinte vezes do campo do duello onde sempre deixou morto o imprudente que ousára rir-se do seu tambem escandaloso nariz. De prevenção misericordiosa quiz o Senhor amollecer para as tendencias bellicas o animo pacifico de mestre *Pinto;* porque *Pinto* é como Sancho Pança — homem quieto, manso, e socegado: tambem elle dissimula todas as injurias, não porque tenha mulher e filhos, como o escudeiro do *cavalheiro andante,* mas porque tem... medo e costellas. Este *Pinto*, que para reunir todos os nomes bonitos tambem tem *Sousa,* é manhoso como Ulysses, mas amigo do seu amigo como Euryalo; forte como Achilles, mas pio como Enéas; intrepido como Cesar, mas clemente como Trajano; corajoso como *Philopémen,* mas prudente como *Zopiro!* Se a Roma tem no pulso, tem Grecia na cabeça. Façam dous versos d'isso, grudem-lh'os na testa, tem-

tam-lhe na mão a sôga de Thesêo, e mandem-no para a Mancha, para os pardieiros velhos de *D. Quixote.*

Ora note-se. Nas tardes calidas do Agosto a parte mais saliente do aleijado membro, revendo camarinhas encarnadas, reluzentes como o topasio da Etyopia, dizem assombradas testemunhas, que o mesmo é olhar um morango orvalhado quando a manhã vem ainda rompendo na serra. Não é maravilha descer então a mosca, imitando o pica-flôr, a refrescar nas ventas do Pythagoras uma esquirola da aza encalmada. Eis-ahi quando Basilio-o-prudente mostra que sabe tambem ser Alexandre nas occasiões! O animal morre logo entalado nas duas folhas de um cartapacio, onde a furia de Aristoteles o deixa insepulto no meio de mil cadaveres que alastram o chão nauseabundo de mil assassinatos. Perdoe-se esta levissima culpa a quem tantos males tem evitado soffrendo com paciente humildade o insulto e o escarneo da humanidade que não póde ser atabafada entre duas capas de carneira.

Perdoe-se tambem a exiguidade da sciencia escripta d'este homem (salvo o nariz) á vista do aleijão que lhe empana a luz.

E em quanto está aberto o cofre das graças perdoem-me a mim o papel que estraguei com elle.

É bom que se saiba que eu não quero mal ao snr. Basilio Alberto. Aos vinte e dous annos a generosidade ingenita de todo o homem não lhe falsêa os bons instintos, ainda mesmo quando a cerração do infortunio lhe sahe á estrada com o espectaculo repugnante da ancianidade polluida nos marasmos da corrupção senil. As torpezas do velho indultadas pela mocidade, que repelle de si o exemplo, são triumpho que engrandece, mas que não pede gabos, porque vai n'isso alto egoismo se um tenue clarão de luz destacou de relance as joias do premio. Demais o snr. Basilio tem esmagado no embryão tantas vocações illustres, que seria ridiculo o amiserar-me eu quando os outros se calam.

Nero vestia-se de cocheiro para apertar a mão á genta-

lha. O snr. Basilio Alberto não se vestiu, vestiram-no de *Reitor*, expondo-o assim á ignominia publica, sem ao menos poder transigir com ella. Basta-lhe para seu castigo a traição que lhe fizeram.

Quero todavia antes de abrir mão do assumpto, archivar uma verdade triste. *Verdade*, sim, que era eu incapaz de vir dizel-o aqui n'esta tribuna, se o não fôra.

No anno em que eu fui riscado da Universidade, hontem digo, não havia ahi em Coimbra peito de academico onde o nome do snr. Basilio Alberto não soprasse lume de aversões e odios. Sabia-o elle quando no dia em que assignou o accordão infame me mandou circumdar a casa de soldados armados, porque os archeiros do seu conselho lhe insinuaram ao ouvido sujo, que as minhas amisades na academia podiam exaltal-a a perigosos desabrimentos. Transformára-se em carrasco estupido e barbaro *(executor da lei* denomina-se aquelle duende na noite perenne das suas trevas) o que se presentira gotoso e esteril para pai illustrado e humano. Influia terrores e sobresaltos, porque no seu atascado de podridões era impossivel colher para implantar n'outros semente de esperanças e de amores.

Aquelle homem, que tão villãmente desdoura os diplomas de paternidade que lhe confiaram, é ainda hoje o terror de muitas mães, que como a minha tem vertido lagrimas amargas sobre a adversidade de seus filhos. E estas são as que eu lhe não perdoarei nunca. De uma senhora de muito talento, mãi de um academico tambem sequestrado da Universidade por uma odiosa injustiça poucos mezes depois de mim, recebi eu em Lisboa uma carta em estylo eloquente e energico que rematava do theor seguinte:

. . . .

« Não se queixe pois, meu bom amigo. Considere na mi-
« nha dôr, e veja que é duas vezes a sua. Mentiria ao pudor
« do meu sexo se lhe dissesse em termos adequados o odio que
« sinto por este homem, meu verdugo, e seu, e de meu fi-
« lho. Parece-me que, se fosse mãi d'elle, correria ao meio

« das turbas, e pediria, como a mãi do tyranno de Roma, ao « centurião parricida : *Rasga-me este ventre.* »

Creiam que não vão carregadas as tintas no desenho da moral pervertida d'esse homem. Quinze dias antes de me expulsar cobardemente da Universidade, dizia-me elle a mim face a face :

« *Espero muito de si. Hei-de vêl-o breve n'uma distincta* « *carreira honrando com os seus talentos a dupla memoria* « *de seu pai e de seu tio.* »

Que me desminta, se póde, o refalsado hypocrita. Faça-o, aqui lh'o pedimos. Queremos um *post-scriptum* condigno ao libello de infamias com que nos tem honrado essa alma obdurada.

. . . .

Um apologista novato do snr. Basilio Alberto dá-nos a importante novidade de ter este nascido n'uma sexta feira.

Em hora vesga se lembrou o rapaz de nos dizer isto. Agora tudo se explica.

Sexta feira é o dia *sexto*...

. . . .

« E da tarde e da manhã se fez o dia quinto.

« Disse tambem Deus : produza a terra animaes viven- « tes, cada um segundo a sua especie : animaes domesticos, « reptis, e *bestas* da terra, segundo as suas especies. E as- « sim se fez.

« E criou Deus as *bestas* da terra, segundo as suas es- « pecies : os animaes domesticos e todos os reptis da terra, « cada um segundo a sua especie. E viu Deus que isto era « bom.

. . . .

« E da tarde e da manhã se fez o dia sexto.

A Biblia Sagrada, Genesis. *Capitulo* 1.º

E viu Deus que isto era bom. Consola-te n'essa verdade. Ella authorisa-te mesmo a dizeres com o velho Horacio : *Non omnis moriar.*

Não, tu tambem *não morrerás todo.* Nas tuas carnes pô-

dres hão-de apégar as raizes de um espinheiro que sirva de pouso a gralhas e a corvos. A irrisão tambem dá uma immortalidade. Cada truão tem uma estatua que lhe sobrevive.

« E Coimbra folga de possuir-me, » disseste tu. Ainda bem. *Gaudet Verona Catullo. Ergue as mãos*, e sê tu mesmo, pondo isso a geito, o paraphrasta de Ovidio, em desconto dos peccados do vate que talvez ainda hoje os não tenha remido todos.

. . . .

ADDITAMENTO Á 2.ª EDIÇÃO.

Hoje, 23 *de Dezembro de* 1862.

O que eu ha um anno escrevia a paginas 271 era uma verdade tremenda!

O tyranno estupido que fôra *flagello de mães* não m'a escutou, e presumiu-se o primeiro Nero para quem não haveria morte affrontosa!

Atirou hontem com elle á margem a Academia de 1862. É facto da historia modernissima que vós todos conheceis do jornalismo de hontem.

Eis a carta que eu logo dirigi á Academia:

CARTA DE J. C. VIEIRA DE CASTRO

A' ACADEMIA DE COIMBRA.

Academicos de 1862, *meus contemporaneos de hontem e de todo o sempre amigos.*

Á vossa expansão sublime de independencia e de liberdade responde natural e espontaneamente um ecco na Thebaida obscura de uns ignorados valles e outeiros desconhecidos.

Creou Deus, quiz antes de crear a Sabedoria Omnipotente d'este immenso laboratorio dos mundos que até no seu universo de prodigios tivessem as vozes companheiras e confidentes.

— Aos estrondos do seu trovão ensinou dialogos nas quebradas dos montes, e nas caudas das serranias.

— Aos acordes suspirados nas melicas trombetas do orgão o gemido que depois rebôa nas arcarias, na crasta, e nas abobadas.

— Aos trillos plangentes do rouxinol da margem direita a resposta amiga do companheiro que lá vai desferindo vôos e despenhando notas nos sinceiraes do lado opposto.

— Ao canto derradeiro do cysne moribundo reanima dos céos o silvo petulante da aguia que se precipita nos espaços.

— Aos infinitos e indefinidos sons das orchestras da terra responde incessantemente infinita e indefinida a harmonia das espheras. — Ha para tudo um ecco, uma esposa para todo o ser vivente, para cada instancia meiga uma palavra terna. Para tudo. Até para as estrellas do seu firmamento e para os raios esplendentes do sol creou o Senhor novas e.rellas e novos raios no fundo negro dos oceanos!

Aonde se erguerá pois o ecco para responder ao vosso brado de hontem, — de hontem e já hoje da historia? a que coração, a que alma predestinaria Deus a gloria de reproduzir em si as miragens formosissimas de vossas almas e corações?

N'esta Thebaida devia ser. N'esta Thebaida foi. Aqui onde jaz o pacifico e humilde Bruno, que era ainda hontem comvosco companheiro de armas, comvosco socio nas lides, comvosco sonhador de chimeras, comvosco soldado do presente, apostolo do progresso, e propheta do porvir; e com quem vós hoje, inda mal! sois victimas de uma mão de chumbo que ahi enthronisou o absurdo, o despotismo e a tyrannia.

Sobre este mesmo quadrante de pedra onde eu á luz sacrosanta do meu pequenino crucifixo de ouro jurei nunca mais revoltar ao seio escuro d'essa necropole em quanto a vir como estou vendo ha perto de seis annos esphacelada bocado a bocado pelas mãos homicidas de um iconoclasta estupido; sobre este mesmo quadrante, em compensação de esperanças agonisantes e repetidos pavores pelo futuro litterario da minha patria, se me estão agora os olhos e a alma dessedentando nas palavras solemnes, *solemnia verba*, do vosso apostolado de amor, de independencia, de humanidade!

Leio e releio o vosso lemma escripto no estandarte de hontem, e lêl-o e relêl-o é haurir pelos olhos e pelos ouvidos orvalhos de fé e de esperança para o coração, galvanismo e forças para o espirito.

Parabens, meus irmãos; meus camaradas de hontem. Caminhar, caminhar, que o futuro chama por vós, e no futuro todas as mães, todas as familias, que serão como as de hoje, as herdeiras e representantes d'aquella antiga, e apostolica familia da Galilêa!

Amigos, nos escabellos d'essa Universidade deixei eu já por duas vezes o meu lugar devoluto; deixei, não; expulsaram-me elles, e confessaram, á força o confessaram, que eu era refractario contra a tyrannia dos despotas.

N'esse lugar não se estenderam crepes de lucto, porque sahia d'elle um homem obscuro, mas de lucto se vestiu a Justiça, a rainha democratica por excellencia que tem olhos e ouvidos cerrados para futeis vaidades de humanas jerarchias, de lucto traja ainda como se se lhe afigure vêr já quasi transmontada nas sombras aquella aurora tão clara, tão formosa, e de tão auspiciosos orvalhos, que ella vira bafejada ao halito fecundo do seu velho D. Duarte.

A vós, ACADEMICOS, a vós está pedindo aquella augusta soberana a restituição das suas alegrias com a restituição da sua balança e da sua espada. Dai-lhe uma e outra, nobres cavalleiros; espiritos gentis da idade media. Se

lh'o negaes sois duas vezes homicidas, e suicidas duas vezes; homicidas porque a assassinaes a ella, suicidas porque vos mataes a vós; homicidas porque abafaes a posteridade no berço, suicidas por que em vossas almas suffocaes os brios redivivos da vossa ascendencia! Ávante, ACADEMICOS, ávante! E' preciso escutar a deusa, e depôr-lhe nas aras a oblata do seu culto, e que só a vós pertence conquistar!

Ávante, ainda que seja forçoso soterrar a luz no olho do Polyphemo a quem brutalmente vos entregaram, a vós, devotada grei, selvagens cyclopes da familia d'elle.

Pois quê! n'este seculo de reviramentos sociaes, n'esta época em que se não descobre cantinho do mundo sem perennes ebulições de liberalissimo progredir e inventar, n'este cyclo de venturas em que cada dia renasce um Teleski para a Hungria, um Manin para Veneza, e uma esperança e um Redemptor para todos os poros do Universo, n'esta idade, n'esta aurea renascença, só vós, ACADEMICOS de 62, só vós, mocidade herdeira da mocidade de D. Diniz, só vós serieis escravos, só vós os monopolisadores dos anjinhos e gramalheiras que os sultões e os brahmines mandaram quebrar? Não, não, mil vezes não!

Escravo deixai-o ser a elle que a si proprio se appellida tal. *Executor da lei*, diz elle que é. *Executor!* Pois não tinha morrido esta palavra com a inquisição? *Executor!* quem se proclama tal á luz d'este céo do seculo XIX, no meio d'estas maravilhas immensas do christianismo, no mesmo anno, no mesmo dia, e á mesma hora, em que o padre Felix está chovendo catadupas de luz do alto da cadeira de Nobre Dâme, e Victor Hugo, o apostolo do progresso, o grande poeta da humanidade, nos está clamando e repregando lá das sombrias penhas de Hauteville-house a dizer e a clamar: « aprende e instrúe para que não *executes!* »

Deixai, deixai-o ser a elle o escravo unico. *Executor* é o carrasco; *executor* é a besta de carga; *executor* é o asno da nora; *executor* é a machina; *executor* é o laço de

canhamo no triangulo dos patibulos; *executor* é a lamina hervada nas mãos do assassino!

ACADEMICOS! o vosso grito foi nobre, a vossa expansão sublime, e a esta hora, vol-o juro em nome das tradições e da historia de todas as mães do preterito, que não ha ahi no presente coração de mãi que não esteja pulando em alvoroços de alegria pelo vosso audaz, solemne, e christianissimo commettimento.

Foi a favor da causa d'ellas o vosso brado. Não podiam denegar-vos os seus corações o primeiro hymno e a primeira gloria.

Fostes sublimes, porque o vosso grito é irmão e congenere d'aquelle grito que ha 19 seculos acordou o espirito dormente da humanidade! Grito duas vezes sublime, por que sahe de consciencias que apégaram raizes lá por aquellas veigas e vergeis infinitos da Biblia, que remiram com os olhos nunca desfitados do céo, e que trazem sempre as vigilias do premeditar e do recrear na historia do ámanhã!

ACADEMICOS! eu fui expulso da Universidade depois de a obrigar a aceitar da minha mão o talento collossal de Augusto Barjona. Vós estaes hoje a pique de sêl-o tambem porque não soffreastes a indignação castigadora do despota que queria fóra do templo dous luminares que o cegavam a elle.

Todos devemos estar contentes. Da minha semente andam já colhidos pela patria uberrimos e abundantissimos fructos; da vossa outros tão bellos hão-de nascer. Mendonça Cortez será sempre uma erudição esplendida, e uma consciencia purissima; Bernardo de Albuquerque esse será além de tudo isso um talento gigante, e uma intelligencia feracissima. Contentemo-nos todos. A chancella d'estas glorias vem sempre tarde.

ACADEMICOS! vai muito perto o dia em que eu d'aqui vos escutei, (e oh! com que nobre galhardia não fallastes vós!) diante do filho e herdeiro d'aquella corôa que o rêmo de um pescador de Caprera, transformado em espada, collocou

n'um dos primeiros thronos da Europa. Tenho ainda diante de mim as vossas eloquentissimas palavras; vêem todas assignadas por nomes já novos para mim, (duplo gôso á minha phantasia!) e com ellas me agasalho a rebater os gêlos que se infiltram d'estes penhascos onde a minha caverna se encolhe.

E' d'estes heroismos que eu vos peço nova prova, e inspiração nova!

Este momento é tremendo para vós. Estaes diante do futuro. As academias de ámanhã e do dia seguinte são já posteridades no berço; historia sois vós desde hontem, e olhai que nodoas na historia não ha Jordão que as lave.

Ávante, ávante ACADEMICOS de 62!

Ávante era o grito do Salvador do mundo em quanto caminhava por urzes e despenhadeiros para as cumiadas do Calvario!

Ávante deverá ser o vosso grito em quanto não poderdes do alto das varandas do velho edificio de D. João III atirar cá para baixo á geração nova o diploma da sua emancipação. Ávante, ACADEMICOS! Ávante, meus amigos, e adeus!

Quinta do Ermo aos 11 de Dezembro de 1862.

J. C. Vieira de Castro.

Hoje mesmo recebo do academico Guimarães Fonseca a seguinte carta:

« Collega e amigo.

20 de Dezembro.

O meu amigo Anthero do Quental está encarregado pela commissão que felicitou o principe Humberto de responder á carta enviada á commissão. Escuso dizer-lhe que deve ser uma resposta soberba, attendendo á penna d'onde parte. A

ordem d'estes oito dias tem sido a sua obra, meu amigo. Todos se miravam com amor e extasis n'aquelle brado a corações de vinte annos, n'aquellas eloquentissimas palavras, e era nos bilhares, nos botequins, nas ruas mesmo, que se fazia a sua leitura em voz alta a differentes grupos, que ouviam arrebatados.

Eu tenho sido apoquentado com pedidos de cartas, e a tres pessoas desejava servir. Hei-de vêr se o B. d'Albuquerque ainda tem algumas.

O reitor está demitttido, porque pedindo a demissão, dizem, que o governo lh'a aceitou: interinamente está o padre Rodrigues, e espera-se que seja nomeado o V. Ferrer.

O pavoroso B. Pinto ficou desapontado com a retirada da sala dos capellos, com a sua carta, com a opinião de boa gente, hostil deveras, e hoje já é da historia o reitor tyranno.

Vou para a aula do A. Barjona, e posso afiançar-lhe, por ultimo, que o meu amigo ganhou mais sympathias com a sua carta aqui, e em todos, do que as que já tinha por tantos titulos e tão respeitaveis.

Um abraço do de todo o coração amigo

F. G. Fonseca. »

Nota L.

Párem fedelhos inchados, não por vigor de saude, mas por enfermidade de frouxidão . . . . pag. 162

D'estes, que os havia já tambem em tempos de Quintiliano, dizia o principe dos criticos: *Nam tumidos, et corruptos, et tinnulos, et quocumque alio Cacozeliœ genere peccantes, certum habeo, non virium, sed infirmitatis vitio laborare: ut corpora non robore, sed valetudine inflantur.*

D'elles com mais pilheria chasqueava Sóphocles dizendo que eram gente, *que inchava grandes bochechas para assoprar n'um assobio.*

A pesada gravidade d'esta nota chorumenta ha-de apresentar-me na Academia Real das Sciencias, onde terei por collegas os eruditos senhores... psiu!!

Nota M.

Ouçam uma inspiração luminosa . . . . pag. 162

A parte citada verteu-a o author da excellente obra do abbade C. Pinard, *O genio do Catholicismo.*

Nota N.

Era bonito vêl-o o tal Guizot . . . . pag. 164

E' uma criança a aura publica d'este paiz! Dormia ha não sei quantas duzias de annos. Acordaram-na hontem e apontaram-lhe para as sombras dos grandes homens que tinham passado por ella... e ella a resonar. Cuidou a tôla que se lavava do peccado pondo uma venda nos olhos e distribuindo ás rebatinhas diplomas a quem mais apanhasse. Foi uma douda algazarra nos beccos por onde a cega despejava. A villanagem acotovelava-se, tropeçava, e cahia a esbarrar-se com as ventas no *fender* da carroça. Emergiu á superficie um marujo mais robusto, e o seu braço nervudo amarrotou no ar, riscando duas curvas deshonestas, umas fitas encarnadas. Havia ahi um estadista eminente que se rio da tolice, e quiz logo fazer do grumete um bonifrate seu. Pegou-lhe da cinta, ergueu-o no ar, e mostrou-o ás turbas concitando-as á gargalhada. Mas as turbas não perceberam o sarcasmo, e prophetisaram no boneco um phenomeno de intelligencia. No outro dia o grumete era já um arraes com dez moedas no bolso, o preço d'uns touros gallegos. O estadista de dentro do seu gabinete ria a não poder mais. Mas quando a imprensa lhe foi dizer a casa que o rapaz havia de ser

um *ministro elegante e rasgado*, então não pôde com a estralada do riso e morreu.

Era este o orador que Bulhão Pato *saboreava*, e eu com elle.

Como que ouvi que o queriam trazer a este Forum, cujos aditos ahi se teem descerrado para as celebridades applaudidas do nosso paiz. Pois tragam, mas ponham-no bem á vista na varanda; e n'esse dia recolham para dentro todos estes que cá estão. Lá pelo busto dêem-lh'o. E' plasmar gréda que se esperdiça, mas não importa. Se até o NADA teve no *cadaver* a sua memoria! e á alma incredula na estatua de sal?!

A posteridade virá depois pegar d'elle, e de outros, para os baquear, enfeixados, no primeiro Asphaltites de despejos que lhe deparar alguma viella resvaladiça ao desbocado catrapós d'esta idade de ferro.

Esqueceu-me dizer que tambem teve uma estatua o cavallo em que montava D. José!

Nota O.

Com as suas mimosas faces levemente arrugadas na esteira fugace. pag. 196

Sobre a palavra esteira convém trasladar aqui:

« *Esteira*, ou *esteiro* que assim e indifferentemente escre-
« vem, e usam os nossos classicos, é aquelle sulco que os
« navios vão fazendo, e deixando depós si nas aguas, e que
« bom espaço se conserva depois. Maior é talvez o numero
« das pessoas, que sabem a simplicissima razão physica d'es-
« te natural phenomeno, do que o das que o nome portu-
« guez lhe conhecem. »

GARRETT.

Nota P.

E na manhã do dia seguinte a martyr acordou para vêr sobre o travesseiro do seu leito um raio de sol. . . . . pag. 199

Foi preciso que na Relação do Porto se temesse a penna do jornalista para se determinar áquella senhora uma habitação mais commoda que a primeira, que o não era sequer para hyenas!

Nota Q.

E se o teu espirito. . . oscillasse em acreditar se era a *violencia* do mal que se não podia explicar pelo gemido, se era o gemido que fazia augmentar a violencia da chaga. . . . . pag. 206

Allude visivelmente á separação dos interpretes do Sagrado livro no modo de explicarem aquelle verso, que diz assim:

Nunc quoque in amaritudine est sermo meus, et manus plagæ meæ aggravata est super gemitum meum.

Nota R.

Devo dizer-te que eu, senão ficar nú, pelo menos ensandeço. . . pag. 223

Eu tive serios receios de ensandecer no dia em que escrevi esse folhetim, e tenho-os ainda hoje. O leitor havia de comprehender-me se os repellões da fatalidade atirassem comsigo a uma cóva como a minha. Deus ha-de tomar-me em desconto de culpas as dôres que me retalham a alma nos desamparos d'esta solidão, sem refrigerios, sem oasis. A alma do homem sente-se morrer se lhe fallece o alimento espiritual, uma vez provado. De amigos, de familia, de relações chega aqui o ecco, mas não a voz.

Isto sempre, nas compridas tardes de todos os dias, nas interminaveis horas de todas as noites de um inverno intei-

ro, e a chuva a bater nas vidraças, e as nevoas a apertaremse no espirito, é muito triste, e para penhorar a condolencia dos outros. Foi aqui o berço dos meus; a pancada sonora d'esse relogio de parede marcava-lhes a elles tambem as suas horas; as suas tradições gloriosas enfeixou-as Garrett n'um dos primorosos reflexos do seu genio esplendido; isto era tudo, era o bastante, se eu tivesse sessenta annos. Na primavera da vida chega a ser um supplicio. Os anhelos ardentes da gloria, a incerteza do futuro, a vontade contumaz e a duvida a contrastal-a receando-lhe as fraquezas da sua impotencia, são as argolas do annel de ferro.

É a aspiração continua de querer levantar um dia o nome dos seus, e o negro receio de que o braço desfalleça aos impulsos do coração. E depois deve ser o simulacro do inferno a vida assim... Nada! até esta negra cordilheira de montes se eleva, e sobe a recortar-me no céo a minguada porção onde eu possa, como Santo Ignacio, refugiar-me das villezas da terra. Ás vezes tem o céo estrellas para todo o mundo, e não ha nenhuma no meu canto. E, se a gente cede á desesperação intima com o salto espontaneo do corpo, cahe como os Titans, e sente mais cavada um palmo de terra a fundura do seu abysmo. Isto não é poesia, meus amigos. Mas vinha eu a dizer. Ah, já sei; temi ensandecer. Fomentaram-se os meus receios nos tristes exemplos de que a época fôra fecunda.

Entre as victimas houve nomes illustres. O primeiro fôra o do snr. Casal Ribeiro pouco depois de ter herdado s. exc.ª ao seu successor na pasta de ministro muito uteis riquezas do seu felicissimo talento. Na desgraçada lista cahiram tambem os nomes de tres amigos meus: Lopes de Mendonça, o marquez de Castello Melhor, e Miguel d'Andrade Corvo. Conhecem este ultimo? É primo do nosso festejado escriptor Andrade Corvo, e como elle homem de grande talento, e perfeito cavalheiro. Não conheço ninguem com mais direitos á felicidade, e ninguem mais infeliz. M. d'A. Corvo é d'estes homens, cujo corpo lhes não póde com a alma, e por

isso se despedaça em quanto Deus não premeia o espirito que lucta com o intuito de morrer. A. Corvo é o completo fidalgo de *pur sang*, fallando em estylo de Stuchy-Book. Elle e o marquez de Castello Melhor, moço opulento de qualidades e virtudes dignas da sua fidalga jerarchia, eram nos ultimos mezes de 59, em Coimbra, a nossa intima e certa companhia de todas as noites; *nossa*, minha, e dos meus excellentes companheiros e amigos *Northons*. A vida é uma irrisão! escrevo em Fevereiro de 1861, um anno distante d'essa época: eu aqui, enterrado vivo; o marquez de Castello Melhor em Pariz doudo! Corvo n'um quarto de Rilhafoles!... e Thomaz Northon chorando pungitivas lagrimas de saudade sobre o tumulo do nosso querido Arnaldo, que era n'aquelle tempo o enleio de todos nós, tão bem se ajustavam nos 15 annos d'aquella criança os excellentes preceitos de formosa educação com que sua familia o dotára. — Meu querido Thomaz, se este livro te cahir nas mãos, ou romper até o fogão dos teus, que se leiam ahi estas poucas linhas como sincera homenagem á memoria da alma d'aquelle anjo que está no céo pedindo a Deus por ti e por tua mãi.

Hoje depois de almoço o primeiro jornal que abri deu-me a triste nova, e arrancou-me estas lagrimas com que faço aqui a commemoração da minha saudade. Queria fallar-te muito d'elle, da nossa descuidada mocidade (porque tu tambem deves ter envelhecido), dos nossos amigos, das nossas doudices, mas sobre tudo d'elle, da elevação d'aquelle espirito, da candura d'aquella alma, dos seus carinhos, das suas meiguices, d'aquellas angelicas seducções com que elle reprehendia, rindo, as nossas impertinencias. Não posso. Vencem-me as lagrimas...

Quinta do Ermo.

Nota S.

Se lhe disserem mesmo que a menor das injurias foi essa, acredite. pag. 237

Aqui tem uma prova:

CALIX DE AMARGURA.

Geme em ferros ha uns poucos de mezes o nosso amigo Camillo Castello-Branco. Foi elle proprio que veio offerecer os pulsos ás algemas, privando-se do ar, da luz e da liberdade que tão necessarios devem ser á sua imaginação, ao seu temperamento e ao seu caracter, para dar espontanea e resignadamente á lei e á sociedade a satisfação que lhes devesse ou ellas lhe exigissem.

O processo tem seguido seus termos com o proverbial passo ronceiro da nossa justiça. Entretanto aos soffrimentos moraes da victima accumulára-se o soffrimento physico. Além de outros incommodos e enfermidades, o nosso illustre amigo, que a sorte tão obstinada mimosêa com desgostos e revezes successivos, esteve quasi privado da vista.

N'estas circumstancias requereu ao digno juiz Queiroz que lhe concedesse licença para dar ao ar livre os passeios que a medicina lhe aconselhava como necessidade attestada regularmente. Concedeu-a o snr. Queiroz, mas, dada parte ao presidente da Relação, não sabemos que observações ou censura este lhe fizera que determinaram aquelle a retirar a concessão antes de o pobre enfermo encarcerado ter principiado a aproveitar-se d'ella!

De ahi resultou requerer-se de novo, e ser este requerimento remettido com consulta pelo snr. Queiroz ao ministro da justiça, que demorou a resposta dous mezes, durante os quaes o nosso infeliz amigo podia ter cegado e até morrido, não por effeito de molestia, mas pelo da barbaridade com que se lhe negava o que se tem concedido a grandes criminosos! Bem se vê que para o snr. Camillo não ha *opportunidade* como para os Brandões!

Finalmente o snr. Moraes Carvalho mandou que, procedendo-se primeiro a exame por 3 facultativos, se concedesse a licença, mas que no uso d'ella se empregassem taes cautellas e seguranças que convertiam o favor, se o é, em affronta, sendo por isso rejeitado com indignação pelo nosso

amigo, que prefere soffrer a envilecer-se. E assim lá vai continuando o desgraçado a tragar até ás fezes o seu calix de amargura!!!

Isto narra-se, não se commenta.

(Nacional.)

P. T.

FIM.

LIVRARIA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO,

18, RUA DOS CALDEIREIROS, 20

OBRAS COMPLETAS DO CONSELHEIRO BASTOS.

A Virgem da Polonia, 5.ª edição 700
O Medico do Deserto, 2.ª edição 500
Os dous artistas, ou Albano e Virginia, 3.ª edição — 1 vol. 500
Collecção de pensamentos e maximas, 3.ª edição — 2 vol...... 1$000
Meditações ou Discursos religiosos, 8.ª edição — 1 vol...... 500

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Anathema — 1 vol............ 500
Carlota Angela — 1 vol........ 400
Duas horas de leitura......... 400
Filha do Arcediago........... 500
Lagrimas abençoadas (no prelo)
Mysterios de Lisboa — 2 vol.. 1$000
Neta do Arcediago............ 400
Onde está a felicidade?....... 500
O que fazem mulheres......... 500
Scenas da Foz................ 500
Vingança.................... 500
Romance d'um homem rico 500
Scenas contemporaneas — 1 vol. 500
Um homem de brios.......... 500
Espinhos e Flores, drama...... 300
Purgatorio e Paraiso, drama .. 300
Poesia ou dinheiro?.......... 200
Ultimo acto, drama........... 240

Chateaubriand.

O Genio do Christianismo, traduzido por Camillo Castello-Branco — 2 vol. com estampas 1$500

Alexandre Dumas (filho).

Romance d'uma mulher — 3 vol. 700

Arnaldo Gama.

Honra ou Loucura — 1 vol..... 500

A. C. Lousada.

Rua Escura (chronica portuense) — 1 vol.................. 500
Tripeiros (chronica portuense)— 1 vol...................... 300
Na consciencia — 1 vol........ 500

Pedro José da Conceição.

Mysterios do Porto — 2 vol.... 500
Amante e irmã, drama........ 200

A. Cesar Lacerda.

Mysterios Sociaes, comedia.... 400

J. M. Dias Guimarães.

fabricante, drama... 240

J. J. d'Almeida Braga.

Desgraça e Ventura, drama.... 200

A. A. Soares de Passos.

Poesias, 2.ª edição correcta e muito augmentada — 1 vol... 600

J. Pinto Ribeiro Junior.

Lagrimas e Flores, 2.ª edição... 240
Corôas Fluctuantes........... 500

Vieira de Castro.

Uma pagina da Universidade — 1 volume.................. 500

Alexandre Braga.

Vozes d'alma — 1 vol........ 600

Visconde Ponson du Terrail.

A mocidade de Henrique IV — 8 volumes (no prelo).

Eugenio Sue.

Inveja — 3 vol.............. 720
Luxuria — 1 vol.............. 300
Ira — 1 vol.................. 300
Avareza — 1 vol.............. 300
Gula — 1 vol................. 240
Preguiça — 1 vol............. 240
Martim o Engeitado — 6 vol... 1$800